

Marcos Antônio Almeida Campos

**Histórias entrelaçadas:
presença da dança na Escola
de Educação Física da UFMG
(1952-1977)**

**Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2007**

Marcos Antônio Almeida Campos

**Histórias entrelaçadas:
presença da dança na Escola
de Educação Física da UFMG
(1952-1977)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2007

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação

Dissertação intitulada *Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977)*, de autoria de *Marcos Antônio Almeida Campos*, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – Orientador

Profa. Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa – PUC/ MG

Profa. Dra. Maria Cristina Soares de Gouvêa – FaE/ UFMG

Profa. Dra. Andrea Moreno – FaE/ UFMG

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho – FaE/ UFMG (suplente)

Belo Horizonte, 28 de setembro de 2007.

DEDICATÓRIA

A Deus: por tudo e todos em meu caminho...

Ao meu pai e à minha mãe: exemplo, garra e amor...

Às minhas irmãs: carinho, alegria e determinação...

Às minhas sobrinhas: esperança no futuro...

AGRADECIMENTOS

Cada um que contribuiu nesta caminhada, oferecendo um rápido sorriso ou o ombro mais demorado, sabe o quanto sou grato...

Agradeço, em especial, ao Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago, meu orientador e amigo, pelo apoio às minhas aspirações, por entender meu espírito inquieto, pelos conselhos sensatos e repletos de carinho, pela sala e quintal sempre abertos, pela divisão de sonhos e artes, por ser o grande norteador do que pretendo ser num futuro agora não tão distante!

À Profa. Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa, principal responsável pelo início do meu interesse pela pesquisa em Educação, inspiração e exemplo profissional no meu aprendizado como professor. À Profa. Dra. Maria Cristina Soares de Gouvêa, pelas contribuições fundamentais na análise do projeto e pela atenção e paciência com as quais sempre me atendeu, principalmente em tempos de iniciante nos caminhos da pesquisa acadêmica. À Profa. Dra. Andrea Moreno, alguém que me recebeu com especial atenção em tempos difíceis, iluminando pontos obscuros, levando-me a reavaliar posturas e a acreditar novamente em minha pesquisa. Ao Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho, grande exemplo de competência e seriedade, com um considerável toque de humor.

Ao professor e amigo Gustavo Pereira Côrtes, aquele que descortinou a dança em meu caminho. Por meio de sua arte e companheirismo viajei longe, geográfica e profissionalmente. Se hoje sou apaixonado pela dança e pela cultura popular, devo isto principalmente a você!

Aos professores que participaram de minha formação acadêmica e pessoal. Dentre todos destaco José Alfredo Debortoli e Meily Assbú Linhales, corretos em suas opiniões, atenciosos em meio a rotinas atarefadas, chamando-me a sair da superficialidade das relações e produções.

Às professoras Maria Yedda Maurício Ferolla, Vera Soares e Eva Tiomno pelas histórias de vida compartilhadas, pelas horas de descontração e esclarecimento, pelo carinho maternal que me inspiraram muitas vezes.

Meu carinho especial aos funcionários da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, que tanto me auxiliaram e incentivaram, resolvendo problemas, acompanhando de perto a minha caminhada.

Aos colegas do CEMEF e do GEPHE, pela comunhão de conhecimentos e pelos momentos de descontração. Aos colegas de graduação, em especial Mariella, Olívia e Júlia. Aos companheiros de mestrado e doutorado, dos quais destaco Levindo, Daniele, Alessandra, Vivianete, Joana, Maria Aparecida Gerken e Arnaldo Alvarenga.

Às minhas queridas Magda, Paola, Rita, Marileide, Kelly e Eliane, que estiveram ao meu lado em incontáveis momentos de tensão e comédia, que me fizeram sentir parte de grupo sonhador e obstinado, que suportaram comigo todas as provas, textos, trabalhos, mas também que se rejubilaram com os pequenos e grandes avanços.

Ao Grupo Sarandeiros, fonte fundamental de conhecimentos na minha formação pessoal e profissional. Grande palco no qual construí amizades sólidas e essenciais em minha vida. A todos que fizeram e fazem parte desta família instável e instigante, meu carinho e gratidão por tantos momentos felizes.

Também sou grato ao Daniel e ao Paulo, amigos e irmãos, que suportaram juntos tantas angústias e conquistas, aliviando o cotidiano com palavras confortantes e palhaçadas constantes.

Amigos são vários e, por isto, torna-se difícil citar cada um. Contudo, não posso deixar de destacar alguns deles, que seguiram ao meu lado, em meio a conselhos divididos, ávidos por cada novidade, felizes por cada vitória. Neste sentido, chamo à minha memória pessoas como Juliana Bergamini, Vagner, Dani, Flávia, Ana Paula, Ângela, Salomé, Cinara, Gilce, Maria Elisa, Fabiana, Felipe, Lisa, Taiala, Rafael Bittar e principalmente Andréia, que foi e é um verdadeiro anjo na minha vida, amparando-me com sua inquebrantável confiança, tentando tirar pelo menos um sorriso de mim, quando via meu semblante cheio de rugas e meu ombro pesado com tantas atribulações.

À Escola Gaivotas, local de sonhos realizáveis, um exemplo de que a educação de qualidade é possível, o ambiente mais gostoso de se trabalhar, a equipe mais engraçada e criativa da qual fiz parte. Amo vocês!

À minha família, que sempre foi meu porto seguro e minha fonte de energia e alegria, destacando-se Celinho, Nalinho, Juliana e Mirian Nahas, Cida, Wandra, Andreza, Mara, Eusane, Stela, Tatiane, Ernane, Patrícia e meus padrinhos, tios e primos tão queridos.

A tantos amigos de longa caminhada que conhecem outras histórias vividas: Fernando, Eliane, Rodrigo Leite, Marcelo, dentre tantos outros.

Ao CNPq, que proporcionou uma maior tranquilidade durante a realização desta pesquisa.

Por meio de todos e todas que citei, estendo minha profunda gratidão a cada pessoa que fez diferença em minha vida...

RESUMO

Este estudo teve por objetivo a problematização das práticas de dança na formação de professores de Educação Física, nas circunstâncias que envolveram a Escola de Educação Física da UFMG, no período que vai de 1952 a 1977. Justifica-se pela pequena produção sobre a história da dança em instituições superiores de Educação Física e pela possibilidade de discussão acerca da relação do homem com representações que vinculam a dança a uma prática tipicamente feminina. A pesquisa lança luzes sobre a história da Escola de Educação Física da UFMG que, em 1952, inicia suas atividades a partir da fundação de duas instituições que, um ano depois, se fundem, passando a empreender diversas ações na busca de uma maior projeção na capital mineira. Após um período de grande crise financeira, agrega-se à UFMG em 1969, tendo que se submeter a novos critérios de funcionamento, fato que gerou tensão entre professores e universidade. O Jornal *Educação Física*, as Jornadas Internacionais, o curso do PREMEM, a construção da nova sede na Pampulha, os concursos de provimento de professores da rede estadual, são alguns dos temas que fazem a história desta instituição. Em meio a esta história, a dança se apresenta nas práticas de alunas e alunos por intermédio da atuação de professores que buscaram diversificar conteúdos e estratégias de ensino deste conteúdo. Foi tema das disciplinas Ginástica Rítmica, Danças, Rítmica e Recreação, marcando presença em cursos e eventos internos e externos à instituição, apresentando-se em diversos tempos/espços de formação de professores e professoras de Educação Física. A narrativa, dividida em quatro capítulos, apresentou acontecimentos decisivos da história da Escola de Educação Física da UFMG no período tratado, permitindo contextualizar a dança em circunstâncias marcadas por grandes mudanças. Para tanto, foi mobilizado um corpus documental composto por fontes escritas, orais e iconográficas, exigindo um cruzamento de informações, buscando produzir uma versão sobre as várias formas como a dança se inseriu na Escola de Educação Física da UFMG, como também na formação do corpo discente e na prática profissional do corpo docente, nos primeiros 25 anos de existência da instituição.

ABSTRACT

The aim of this study was to discuss the dance practice in the formation of Physical Education professors in the circumstances that had involved the School of Physical Education of the UFMG during the period that goes from 1952 to 1977. It is justified by the small production on the history of the dance in superior institutions of Physical Education and by the possibility of discussing the relationship of the man with representations that shows the dance as a practice typically feminine. This research tells the history of the School of Physical Education of the UFMG that in 1952 began its activities from the foundation of two institutions and one year later got together and started to undertake diverse actions searching for a bigger projection in the capital of Minas Gerais. After a period of great financial crisis it became an institution of the UFMG in 1969 having to submit to new functioning judgments, this fact generated a big tension between professors and university. The periodic *Educação Física*, the *Internacional Journals*, the *PREMEM* course, the construction of the new headquarters in Pampulha and the concourses for state professors are some themes in the history of this institution. In the middle of this the dance appears as a practice for the students through the work of professors to diversify contents and teaching strategies of dance. It was a theme in classes of Rhythmic Gymnastics, Dances, Rhythmic and Recreation appearing in internal and external courses and events of the institution and presenting itself in various periods and spaces of the formation of Physical Education professors. The narrative is divided in four chapters and present important events in the history of the School of Physical Education of the UFMG in that period, allowing to show the context of the dance in circumstances of great changes. So a great amount of documentary sources such as written, oral and iconographic were mobilized, demanding a crossing of information to produce a version of the different ways that the dance was set in the School of Physical Education of the UFMG as well as in the formation of professors and in the professional practice of students in the first 25 years of existence of this institution.

RÉSUMÉ

Cette recherche a eu le but d'étudier les pratiques de danse dans la formation de professeurs d'Éducation Physique dans le contexte où se trouvait l' *Escola de Educação Física de l'UFMG* pendant la période de 1952 à 1977. Elle se justifie par le fait d'avoir une faible production sur l'histoire de la danse dans les institutions d'études supérieures de l'Éducation Physique et aussi par la possibilité de discussion à propos de la relation de l'homme avec les représentations qui véhiculent la danse à une pratique typiquement féminine. Le travail met l'accent sur l'histoire de l' *Escola de Educação Física de l'UFMG* qui commence à fonctionner en 1952, dès la création de deux institutions qui s'unissent une année après en passant à se dédier aux plus diverses actions en quête d'une plus grande projection dans la capitale *mineira*. Après une période de grande crise financière elle se joint à l'UFMG en 1969 où a dû se soumettre à de nouveaux critères de fonctionnement, ce qui a généré des tensions entre les professeurs et l'université. Le journal *Educação Física*, les Journées Internationales, le cours du PREMEN, la construction d'un nouveau bâtiment au Pampulha, les recrutements de professeurs du réseau de l'État, se montrent comme des sujets qui ont composé l'histoire de cette institution. En faisant partie de cette histoire, la danse se donne à voir dans les pratiques d'étudiants et d'étudiantes par le biais de l'action de professeurs qui cherchaient à diversifier des contenus et des stratégies d'enseignement de ce savoir. La danse se trouvera dans les disciplines *Ginástica Rítmica, Danças, Rítmica e Recreação* et aussi dans les cours et événements internes et externes à l'institution, en se faisant présente dans les plusieurs temps/espaces de formation de professeurs d'Éducation Physique. La narrative, divisée sur quatre chapitres, se propose de présenter des événements décisifs dans l'histoire de l' *Escola de Educação Física da UFMG* dans la période considérée, en permettant de contextualiser la danse dans des circonstances marquées par de grands changements. Pour cela il a été mobilisé un corpus de documents composé par des enregistrements écrits, oraux et iconographiques, ce qui a exigé un croisement des informations dans le but de produire une version sur les plus diverses façons dont la danse s'est-elle insérée à l' *Escola de Educação Física de l'UFMG*, dans la formation des étudiant(e)(s) et aussi dans la pratique professionnelle du corps enseignant pendant les premières 25 années d'existence de l'institution.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Documento referente ao processo de fusão da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais (30 de setembro de 1953).....	46
FIGURA 2 – Assinatura do termo de fusão das Escolas.....	47
FIGURA 3 – Convite a Maria Yedda Maurício Ferolla para compor quadro docente da Escola de Educação Física de Minas Gerais (10 de janeiro de 1954).....	50
FIGURA 4 – Banda de percussão: alunas da Escola de Educação Física de Minas Gerais ensinando atividades de ritmo. Rua de Recreio no Campo do América. Data provável: 1958/1959.....	67
FIGURA 5 – Festividade de aniversário da Escola de Educação Física. À frente da turma do 1º ano de 1971, regendo a banda de percussão, a aluna Judith C. Miranda.....	67
FIGURA 6 – Dança do mastro. s/d.....	69
FIGURA 7 – Cena da apresentação da coreografia baseada no poema “E agora José?”, de Carlos Drummond de Andrade, no estádio da Feira de Amostras. s/d.....	70
FIGURA 8 – Folclore e Escola. Jornal “Educação Física” (1958).....	82
FIGURA 9 – Artigos sobre dança no Jornal “Educação Física”. (1958).....	85
FIGURA 10 – Apresentação da “Noite do Folclore” no VIII Festival Universitário de Arte. (1959).....	88
FIGURA 11 – Apresentação de alunas da Escola no VI Festival Universitário de Arte. s/d.....	89
FIGURA 12 e 13 – Apresentação de dança gaúcha no Campo do América. s/d.....	90
FIGURAS 14, 15 e 16 – Aula da professora Zaíde Maciel de Castro na I Jornada de Estudos da Educação Física (1957).....	96-97

FIGURA 17 – 126º aniversário da Polícia Militar. s/d.....	121
FIGURAS 18 e 19 – Cerimônia de inauguração da Reitoria da UFMG (1962).....	122
FIGURA 20 – Dança da Tecelagem. s/d.....	129
FIGURAS 21 e 22 – Dança da Balainha. s/d.....	130
FIGURA 23 – Artigo do jornal “Estado de Minas” (1965).....	139
FIGURA 24 – Apresentação de dança no Ginásio da Escola de Educação Física, na festividade de aniversário da instituição (1971).....	148
FIGURAS 25, 26 E 27 – Imagens da construção da nova sede da Escola de Educação Física, no Campus da UFMG.....	151
FIGURA 28 – Imagem do Plano de Aula de Lydia Rocha de Carvalho Kallás, candidata ao provimento de cadeiras de Educação Física em colégios estaduais (1969).....	153
FIGURA 29 – Prova prática do concurso de provimento de cadeiras de Educação Física em colégios estaduais. s/d.....	174-175
FIGURA 30 – Artigo sobre Curso de Dança Moderna na Escola de Educação Física da UFMG (26 de novembro de 1973).....	183
FIGURA 31 – Encerramento do Curso de Dança Moderna.....	184
FIGURA 32 – Artigo de jornal: Dança das freiras educa também. s/d.....	186

SUMÁRIO

PREPARANDO O ROTEIRO.....	14
1 ENSAIOS DE UMA HISTÓRIA.....	24
1.1 Escola, ginástica e dança.....	24
1.2 Decreto-Lei 1.212/39 e a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.....	29
1.3 Período anterior à formação das Escolas de Educação Física.....	33
2 O INÍCIO DO ENTRELAÇAMENTO.....	39
2.1 A fundação das Escolas de Educação Física em Belo Horizonte.....	42
2.2 A fusão das Escolas: origens diferentes, caminhos comuns.....	44
2.3 Eva Tiomno: protagonista de uma história.....	51
2.4 Aproximações com o cotidiano da dança: práticas e praticantes.....	62
2.5 Pós-fusão das Escolas: busca de visibilidade.....	71
2.6 A Escola de Educação Física prospera e se projeta.....	76
2.6.1 O Jornal “Educação Física”.....	77
2.6.1.1 Jornal “Educação Física”: presença da dança.....	83
2.6.2 Jornada de Estudos da Educação Física: A Escola amplia sua visibilidade	92
2.7 Novos tempos se aproximam.....	98
3 A DANÇA EM MEIO AOS NÓS DA TRAMA.....	100
3.1 Tempos difíceis abalam a Escola de Educação Física de Minas Gerais....	103
3.2 Em tempos de crise, a Escola dança conforme a música.....	116
3.3 O processo de federalização da Escola.....	133
3.4 Fecha-se um ciclo; anunciam-se novas histórias.....	140
4 NOVOS ENREDOS NA HISTÓRIA DA ESCOLA.....	141
4.1 Práticas masculinas de dança: homens em cena.....	143
4.2 A dança no concurso de provimento.....	150
4.3 Escola de Educação Física da UFMG: avanços e permanências.....	155
4.4 O vestibular como campo de disputas.....	158
4.5 Seleção de professores: o elenco colocado à prova.....	166
4.6 Nova sede no campus da UFMG: conquistando novos espaços.....	171
4.7 Tensões no cotidiano da Escola.....	176
4.8 Curso de Dança Moderna: a dança em destaque.....	181
4.9 Completando o elenco.....	185
4.10 Mudanças a caminho.....	188
FECHAM-SE AS CORTINAS, FICAM AS IMPRESSÕES.....	193
REFERÊNCIAS.....	199
FONTES PESQUISADAS.....	203

PREPARANDO O ROTEIRO

Realizar pesquisa sobre uma história da dança na instituição na qual comecei minha formação acadêmica tornou-se um grande desafio desde a confecção de minha monografia. Passando pela Aprendizagem Motora, Psicologia do Esporte, Fisiologia do Exercício, acabei encontrando na História da Educação Física o alicerce para discutir um tema, para mim, extremamente essencial, a partir da minha prática cotidiana como professor de Educação Física e, principalmente, como professor de dança folclórica, tanto em projetos dentro da UFMG, como em escolas públicas e privadas. Ao afirmar isto, não estou desmerecendo as outras áreas de pesquisa; entretanto, o incômodo causado pela imensa dificuldade de inserção da dança como conteúdo realmente significativo na escola, para além do caráter utilitarista, trouxe-me questionamentos de outra ordem, não vinculados às características biológicas e/ou psicológicas da dança.

Ao ver alunos e pais expressarem em suas falas, em suas práticas e, sobretudo, em suas ausências, uma série de conceitos e preconceitos quanto à prática da dança no meio escolar, principalmente na sua execução por parte dos homens, procurei encontrar argumentos que explicassem esta resistência, já que, muitas vezes, estes mesmos alunos e pais dançam em outros ambientes ou eventos, inclusive escolares, sem qualquer restrição ou problema identitário. Com isto, ficava nítida a distinção de duas realidades nas quais a dança pode ser aceita ou não. Por exemplo, dançar em festas não representa tamanha ameaça subjetiva e social; porém, participar de aulas de dança na disciplina Educação Física ou em eventos como festivais escolares já carrega outros elementos que no início de meus estudos fugiam à minha compreensão.

Toda esta problemática pode ser observada não somente nos ensinamentos infantil, fundamental e médio, mas também, e com muita força, no meio universitário. Isto pode nos levar a uma idéia de que existe uma imensa rede de influências que envolvem o imaginário¹ social, no que tange a aceitação da dança como conteúdo

¹ Para Sandra Jatahy PESAVENTO, o imaginário “comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, e construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças

significativo na formação corporal, estética e artística de alunos, estejam eles em quaisquer níveis de escolarização.

Buscar uma melhor compreensão destas e de outras questões, tendo como base as discussões propostas pela produção bibliográfica vinculada à História da Educação Física, um dos ramos da História da Educação, foi o caminho que me propus a seguir, tentando encontrar ancoragens teórico-metodológicas que guiassem meus passos na busca de fontes e personagens que me dessem argumentos para amparar meu objeto de pesquisa – *escrever uma história da dança na Escola de Educação Física da UFMG, no período de 1952 a 1977*.

Assim, esta pesquisa se propõe a acompanhar a presença da dança em um lugar de formação de professores de Educação Física, no caso, a Escola de Educação Física da UFMG; contudo, não deixarei de observar, quando possível, os vestígios da dança em outros ambientes nos quais ela esteve inserida, componentes estes que tiveram relação com o objeto proposto. Acredito que influências externas e internas se entrecruzaram, tornando o processo complexo e rico em representações².

Procurarei enriquecer esta discussão por meio da variação da escala de observação³. Modificar a objetiva significa modificar a *forma* e a *trama* da pesquisa, produzindo *efeitos de conhecimento*, o que nos levaria ao entendimento mais amplo deste contexto histórico, trazendo luz a acontecimentos que, mesmo afastados cronológica e espacialmente, teriam primordial importância no entendimento dos eventos ocorridos na Escola de Educação Física da UFMG, a partir de suas práticas diversificadas de dança, no período que vai de 1952 a 1977.

A escolha da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG como lugar da pesquisa não foi aleatória. Esta instituição possui uma história instigante, na qual personagens e fatos tiveram fundamental importância na história da Educação Física em Minas Gerais e, principalmente, para a cidade de

no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito". (2005, p.43).

² Quando destaco a questão da *representação* da dança relacionada ao gênero, dialogo com o conceito trazido por Sandra Jatahy PESAVENTO (2004, p.41), que afirma que as representações "carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexões".

³ REVEL, 1998.

Belo Horizonte. Sua criação foi relativamente tardia, frente a outras escolas superiores no Brasil. Sua história trouxe elementos fundamentais para a compreensão do processo de afirmação da dança no meio universitário, onde professores e professoras consolidaram suas aspirações, buscaram novas formas de tratar este conteúdo. Nesta pesquisa, será dada maior visibilidade às professoras Maria Yedda Maurício Ferolla e Vera Soares, que trabalharam juntas na maior parte do período pesquisado. Todavia, outras personagens estão presentes na narrativa, cada qual com sua influência: Odette Meirelles, Eva Tiomno, Amita Andrade, Odilon Ferreira Barbosa, dentre outros.

O período escolhido (1952 a 1977) marca, inicialmente, a criação da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais, instituições que se fundiram em 1953, formando a Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEFMG). Esta Escola foi federalizada em 1969, tornando-se Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Na outra ponta, em 1977, a Escola propõe sua terceira reforma curricular, com significativa mudança no quadro de disciplinas, fechando um ciclo de 25 anos no qual a dança passou da ausência aparente para a presença evidente. Além disto, neste mesmo ano, a sede da instituição se transfere para o campus da UFMG, empreendimento que por muito tempo motivou grandes esforços por parte da direção da Escola. A proposta inicial era analisar a história da dança nesta instituição até a década de 90; porém, ao ter contato com as fontes, pude ver o quão ricos eram os dados que poderiam ser colocados à mostra, não só da história da dança na Escola, mas também da história da própria instituição, mostrando alguns elementos que estiveram presentes no cotidiano de professores e alunos, nestes primeiros vinte e cinco anos de funcionamento da Escola.

Foram muitas as fontes analisadas. Algumas só puderam ser acessadas numa fase adiantada da pesquisa. Ao questionar no Colegiado da Escola de Educação Física sobre a existência de documentos referentes aos currículos da instituição, fui levado ao *arquivo morto* da mesma. Apesar de estar em condições não tão favoráveis, pude averiguar que, naquela sala empoeirada e cheia de objetos estranhos (árvores de natal, baldes, materiais de limpeza) havia um verdadeiro

tesouro. São dezenas de caixas contendo documentos sobre boa parte da história da Escola de Educação Física. Por causa do tempo já escasso, não pude olhar o conteúdo de todas. Com isto, analisei a documentação referente ao período a que me propus pesquisar. Entretanto, outras caixas com documentos referentes ao período posterior ao proposto neste estudo estão disponíveis, podendo constituir um programa de pesquisa.

Neste arquivo, pude encontrar referências ao cotidiano vivido pela Escola, passando por ofícios enviados e recebidos pela diretoria e pelos departamentos; documentos referentes às decisões tomadas acerca da federalização da Escola, do curso PREMEM, das provas para provimento de professores das escolas estaduais, da crise pela qual a instituição passou no período de 1964 a 1968; a documentação dos primeiros professores e funcionários; dentre outros. Neste acervo, encontrei temas para diversas pesquisas, que procurarei apontar no desenvolvimento deste estudo.

Juntando-se a estas fontes, analisei diários de classe, programas de ensino, jornais, anais de eventos, fotografias⁴, além de depoimentos orais⁵. Lidar com tantas fontes exigiu um esforço para a realização do entrecruzamento de informações, tentando dar maior fidedignidade à minha versão sobre uma história da dança nesta Escola. Sabe-se que a análise criteriosa do corpus documental é primordial, pois cada fonte pode levar a possíveis certezas, como também a enganos ou opiniões tendenciosas, já que foram produzidas por pessoas que seguiam aspirações e linhas de pensamento muitas vezes conflitantes. Buscar fontes diversificadas pode dar

⁴ As imagens e fotos inseridas na dissertação fazem parte do acervo do Centro de Memória da Educação Física – EEEFTO / UFMG e dos acervos pessoais das professoras Maria Yedda Maurício Ferrola e Vera Soares. A professora Vera Soares foi fundamental na identificação e confirmação de dados de algumas imagens, inclusive daquelas que não contém data precisa.

⁵ De acordo com Jorge Eduardo Aceves LOZANO, “[...] a evidência oral também exige e deve ter a mesma receptividade e os mesmos controles críticos que se aplicam aos artigos de jornal, a um relatório político ou a um documento lavrado em cartório”. (2002, p.24). Devemos atentar também ao fato de que as memórias “[...] revelam, ao mesmo tempo, lembranças coletivas e também interpretações particularizadas. Não podem, portanto ser tomadas como a ‘verdade’ sobre o que narra: representam a percepção de quem narra ou ainda os significados que atribui ao que é narrado.” (GOELLNER et. al., 2005, p.203). Os depoimentos orais das professoras Maria Yedda Maurício Ferrola e Vera Soares serão doados ao Centro de Memória da Educação Física – EEEFTO/UFMG. Quando, na pesquisa, for citado algum depoimento oral que não foi realizado por mim, farei a indicação do autor referido.

maior certeza às afirmações feitas, desde que o exagero não deixe perder, frente a informações desnecessárias, a linha de raciocínio e a lógica da interpretação.

Para lidar com estas fontes, foram necessárias orientações teórico-metodológicas que dessem uma ancoragem segura e centrada para, com isto, ser possível uma leitura mais apurada nas entrelinhas das falas e dos silêncios; e para poder entender melhor este lento processo de busca da afirmação da dança, num local no qual o esporte se apresentava como hegemônico.

A hegemonia de um conteúdo sobre outro, geralmente, está vinculada às relações de poder. Este é o caso do esporte, tendo como viés a sua presença maciça na formação dos currículos de Educação Física, já nas indicações das disciplinas obrigatórias, feitas pelo Decreto-Lei 1.212, de 1939⁶, acentuando-se e chegando ao auge no período ditatorial. Esta grade curricular acabava gerando, de certa forma, uma identidade à área, ajudando a prolongar as relações de poder existentes. Para entender melhor este processo, além de apontar os atos legais que impõem esta identidade, não se pode “negligenciar as relações de poder inscritas nas rotinas e rituais institucionais cotidianos”⁷. Seguindo esta linha de raciocínio, ao identificar esta luta constante por espaço e poder – domínio do *campo estratégico* -, pode-se tentar identificar *ações táticas*⁸ realizadas pelos professores responsáveis pelos conteúdos considerados secundários, na busca por brechas nas quais pudessem se afirmar, por meio da atuação profissional e política de algumas personagens.

No caso da presença da dança na formação de professores e professoras nesta instituição, a circunstância era um pouco mais complicado. A dança sequer aparecia como componente curricular explícito e evidente nos primeiros dez anos de existência da Escola. Sua inserção no curso, como atividade teórico-prática, esteve vinculada à disciplina Ginástica Rítmica, de 1952 a 1962. Seria o mesmo que dizer

⁶ Este Decreto-Lei criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) na Universidade do Brasil, localizada no Rio de Janeiro.

⁷ Antonio Flávio MOREIRA & Tomaz Tadeu da SILVA, 1994, p.29-30.

⁸ A “tática é a arte do fraco [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas vão abrindo na vigilância do poder proprietário [...] É astúcia”. Estratégia estaria ligada ao domínio de um dado espaço, a um “lugar de poder”, “postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio”. Enfim, “a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder”. (CERTEAU, 1994, p.99-102).

que a dança esteve na “zona de sombras”⁹ da Ginástica Rítmica, estando sua visibilidade à sombra desta disciplina. Para compreender isto, tornou-se necessário pesquisar acontecimentos históricos ocorridos em períodos anteriores.

Outra questão importante é a separação das turmas por sexo. De 1952 a 1991, o currículo da Escola de Educação Física da UFMG era diferenciado, sendo que homens e mulheres cursavam algumas disciplinas consideradas *características* ao seu sexo, ficando privados de outras. Durante um longo período, a dança não fez parte da formação dos homens, assim como o Futebol e os Desportos de Ataque e Defesa não foram praticados pelas mulheres.

Isto leva a buscar amparo em outra categoria de análise primordial para a área da História da Educação/Educação Física e da história da dança: o gênero. Esta categoria nos leva a questionar as representações vinculadas às práticas corporais estabelecidas como masculinas e/ou femininas, dando ênfase, neste estudo, às permissões e proibições feitas aos alunos quanto à dança. A partir das discussões trazidas por Joham Scott, Guacira Lopes Louro, dentre outros, pude entender este movimento como um conjunto de “construções sociais” feitas sobre o corpo, o qual adquire uma identidade masculina ou feminina a partir dos símbolos historicamente legitimados pelos indivíduos. Geralmente, estas identidades passam por processos lentos de afirmação e negação das posturas seguidas por indivíduos e grupos sociais. Masculinidades e feminilidades são resignificadas constantemente, a partir de influências provenientes das mais diversas áreas.

Ainda é pequeno o referencial teórico que aborde a relação entre as práticas de dança e as discussões sobre gênero, principalmente a presença/ausência do homem na execução deste conteúdo no meio escolar. Em boa parte desta produção,

⁹ Silvana Vilodre GOELLNER (2005, p.71) constrói uma discussão interessante ao afirmar que a presença da mulher na história da prática esportiva esteve, de certa forma, invisível, motivada por uma hegemonia masculina desejada. Esta invisibilidade das práticas esportivas femininas estaria envolta numa espécie de “zona de sombras”, motivada por uma realidade que se convencionou como estável, na qual o homem seria o sujeito indicado ao esporte e às suas práticas consideradas violentas. Esta “zona de sombras” seria causada por uma narrativa histórica, cinematográfica, iconográfica e documental, referendando esta representação de não-feminilidade de muitas práticas esportivas. Contudo, isto não quer dizer que estas práticas não existiram; muito pelo contrário, estas práticas existiram, somente não tiveram a projeção que mereciam. Enfim, podemos entender que o termo “zona de sombras” indica uma condição na qual uma prática, um sujeito, um fato histórico, dentre outros, estaria invisibilizado por algum elemento mais forte e/ou predominante.

as relações do homem com a dança são pouco aprofundadas, sem discussões consistentes. Apesar da bibliografia apontar a categoria “gênero” como relacional, trabalhos historiográficos fazem uma análise dos aspectos relacionados à mulher, principalmente em pesquisas vinculadas à profissão docente. Portanto, torna-se necessário o investimento em estudos que problematizem a dança escolar masculina, sem deixar de fazer as comparações necessárias com a mulher neste contexto. Identificar dificuldades na relação do homem com a dança na Escola de Educação Física da UFMG, no recorte temporal escolhido, traz ricos questionamentos acerca do embate entre representações que envolveram a dança, sendo esta considerada uma prática tipicamente feminina. Este aspecto se apresenta como uma das justificativas para a realização desta pesquisa.

Outra justificativa é a pequena produção sobre a história da dança em cursos de formação em Educação Física, se comparada com as pesquisas realizadas sobre a influência do esporte neste meio. A partir da busca bibliográfica sobre o assunto, percebi que a área ainda é carente de produções acadêmicas que tragam à tona a história da dança em instituições superiores de Educação Física. Encontrei, por exemplo, trabalhos que têm como objeto de estudo a Educação Física como um todo (com destaque dado à história do esporte), ou a dança em escolas de ensino primário ou secundário, como é o caso da dissertação de Maria Aparecida de Souza Gerken, sobre os festivais de dança no CEFET/MG¹⁰. Também encontrei pesquisas sobre períodos anteriores, que comentam sobre a prática da dança nos grupos escolares do início de século XX, assim como sua presença ou ausência nos programas de ensino vigentes nesta época. Uma das principais referências que trata deste assunto é a dissertação de Elisângela Chaves, sobre a escolarização da dança em Minas Gerais, tendo como fonte a Revista do Ensino, de 1925 a 1937¹¹.

Mesmo assim, encontrei na dissertação de Ana Júlia Pinto Pacheco, que discute a problemática que envolve o gênero e a dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), no Rio de Janeiro¹², uma excelente referência. Alguns fatos ocorridos nesta instituição, no período de 1939 a 1969,

¹⁰ GERKEN, 1999.

¹¹ CHAVES, 2002, 152p.

¹² PACHECO, 1998, 232p.

influenciaram decisivamente nas questões referentes à dança no cenário nacional, já que a ENEFD foi considerada, durante um longo período, a referência para as outras escolas do país.

Outra referência preciosa foi a tese de Eustáquia Salvadora de Sousa¹³, que traçou um amplo panorama do ensino da Educação Física em Belo Horizonte, de 1897 a 1994. A tese lança luzes sobre questões vinculadas ao gênero, trazendo grandes contribuições no que diz respeito à história da Escola de Educação Física da UFMG, fazendo os primeiros apontamentos sobre pesquisas a serem realizadas nesta instituição.

Somadas a estas referências, estão diversas outras indispensáveis para a melhor percepção do tema. Amparado por estes autores e autoras de grande relevância nas áreas da História da Educação, da História da Educação Física e da Sociologia, tive maior tranquilidade no lidar com o meu objeto e, ao mesmo tempo, angústia, frente à grandiosidade do campo teórico a ser desvendado e analisado.

Com estas indicações, apresento como objetivo fundamental desta dissertação a problematização das práticas de dança na formação de professores de Educação Física, nas circunstâncias que envolveram a Escola de Educação Física da UFMG, no período que vai de 1952 a 1977. Tal objeto se desdobra em interesses diversos: pesquisar práticas de dança em diferentes disciplinas curriculares (como a Recreação e a Ginástica Rítmica) e sua paulatina afirmação como disciplina específica do curso de Educação Física da UFMG, acompanhando os movimentos realizados para tanto; investigar a presença da dança nos diversos tempos/espacos de formação dos professores(as) nesta instituição; analisar representações acerca de práticas de dança, discutindo *identidades de gênero* a elas relacionadas.

Para tanto, esta narrativa se organizou em quatro capítulos, buscando uma interligação entre eles. Idas e vindas nos assuntos desenvolvidos nestes capítulos serão recorrentes, na busca do reconhecimento de possíveis rupturas e permanências, tentando traçar, a partir de minha visão, o cotidiano da dança, entrelaçado às várias histórias vividas na Escola de Educação Física da UFMG.

¹³ SOUSA, 1994, 265p.

No primeiro capítulo faço a contextualização do meu objeto de pesquisa, por meio de três tópicos que tratam de circunstâncias históricas anteriores ao recorte temporal proposto. O processo inicial de escolarização da dança, o surgimento da ginástica rítmica no meio escolar, o Decreto-Lei 1.212/39 e a fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos do Rio de Janeiro; estes e tantos outros acontecimentos fazem parte de um encadeamento que levou à fundação das duas escolas superiores de Educação Física na capital mineira em 1952, como também à criação de uma identidade para a dança neste meio.

O segundo, terceiro e quarto capítulos trazem uma versão da história da dança na Escola de Educação Física. Em cada um destes capítulos, apresento um pequeno panorama da dança em Belo Horizonte, já que esta instituição está inserida numa cidade que vivia experiências inéditas na área da arte, em boa parte do período recortado na pesquisa. Cada um destes capítulos está vinculado a um desenho curricular vigente na Escola, assim como a momentos distintos, no que diz respeito a questões financeiras, políticas e sociais.

O segundo capítulo abrange o período de 1952 a 1962, dando destaque à criação da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas; à fusão destas, levando à criação da Escola de Educação Física de Minas Gerais; a busca de projeção da instituição por meio do jornal “Educação Física” e das Jornadas Internacionais de Educação Física. Além disto, as práticas de dança ligadas à disciplina Ginástica Rítmica e a curta e intensa presença de uma professora nesta instituição.

O terceiro capítulo mostra a dança em uma instituição que atravessou uma grave crise. O período de 1962 a 1969 é marcado pela crise da Escola de Educação Física que quase culmina com o seu fechamento, seguido de seu difícil processo de federalização. Apesar disto, as professoras da disciplina Danças diversificaram suas atividades, levando a dança para diferentes locais, participando ativamente da história da instituição, dando novas nuances ao contexto vivido por ela e por suas alunas.

O quarto capítulo traz os homens essa nossa história, de forma efetiva, por meio da disciplina Rítmica. O período de 1969 a 1977 é marcado pela inclusão de

práticas de dança no currículo masculino, fato que confirma uma tendência que vinha sendo anunciada nos períodos anteriores. A Escola de Educação Física torna-se agregada à UFMG, vive intensos embates entre professores e instâncias superiores da universidade, extingue cursos e é palco de outros, promove concursos, constrói uma nova sede; enfim, apresenta um novo panorama no qual alunos e professores respiram tempos de Ditadura, mas também produzem e deixam a ver a dança em vários momentos e eventos, disciplinares ou não.

Nesta pesquisa, pela quantidade de fontes, foi necessário fazer escolhas. Não é meu objetivo esgotar o tema; muito pelo contrário, o panorama que se descortinou para mim, no contato com as fontes, ajudar-me-á a apontar caminhos que poderão ser seguidos por outros pesquisadores, em outros trabalhos. Nesta, pretendo contribuir com uma história da dança da Escola de Educação Física da UFMG. Procuo, com isto, expandir com a área de pesquisa que escolhi para ser uma das âncoras principais de minha carreira acadêmica. Assim, de forma direta, procuro enriquecer as discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE/FaE/UFMG) e no Centro de Memória da Educação Física (CEMEF/EEFFTO/UFMG), dos quais faço parte; assim como para a história da Educação Física em Belo Horizonte e para a história da dança, em especial.

Destacar as áreas da Educação Física e da Dança, assim como o GEPHE e o CEMEF, é destacar a minha história acadêmica e pessoal. É apresentar os locais nos quais construí relações que alimentaram minha ânsia por aprender e ensinar. Esta dissertação é fruto da minha escolha pela Educação Física como área de trabalho; é resultado do meu amor pela dança, alimentado dentro do Grupo Sarandeiros, do qual sou dançarino profissional há sete anos; é produto do investimento de professores e colegas, que tanto me incentivaram neste projeto que se mostrou fascinante. Enfim, é a metáfora de um trabalho coreográfico, na qual os cenários, as personagens, os roteiros, os registros, as imagens, as conquistas e as quedas, as luzes e as sombras se intercalam, se interpenetram, apresentando suas diversas formas de interpretações. Aqui, ofereço a minha versão, apresento minha coreografia...

1 ENSAIOS DE UMA HISTÓRIA

1.1 Escola, ginástica e dança

A dança é prática constitutiva e constituinte da história. Vincula-se às conquistas e negações das expressões do corpo. Vários *corpos históricos*, produzindo vários *dançares*. A dança esteve e está presente em contextos sociais diversos, traduzindo modelos de expressão idealizados, a partir de regras instituídas por grupos distintos, nos diversos campos de atuação. Ela assumiu diferentes identidades, em diferentes tempos históricos, retratando as conquistas e anseios humanos. Como destaca Guacira Lopes Louro, “somos sujeitos de identidades transitórias”¹⁴, sendo que estas identidades podem ser descartadas ou reconstruídas, de acordo com o nível de interesse e as influências externas com as quais estamos envolvidos(as), o que caracteriza a instabilidade e a pluralidade de nossa ação individual e social.

A dança, dentro do conjunto de práticas sociais, deixa de ser somente uma atividade livre do ser humano para tornar-se alvo da atenção do sistema escolar. Inicialmente, esta inclusão ocorreu a partir do chamado Movimento Ginástico Europeu, que abarcou uma série de atividades corporais, muitas delas provenientes de práticas populares tradicionais¹⁵. Os modelos ginásticos vêm para o Brasil como opções na busca da correção e moldagem dos corpos dos antigos súditos imperiais, tornando-os republicanos fortes e higienizados, a partir de uma visão eugênica, propagada no período da Primeira República.

Na modernidade que se tentava implantar no Brasil, buscou-se a adoção de conceitos e comportamentos, espelhados em padrões europeus; e para atingir este objetivo, um novo sistema escolar foi organizado no Brasil, sendo um instrumento capaz de civilizar um povo considerado ignorante e debilitado. Este amplo projeto de

¹⁴ LOURO, 1999.

¹⁵ A dança, assim como exercícios militares de preparação para a guerra, jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima e canto, foram as práticas corporais que serviram de base para a criação da chamada “ginástica científica”, atendendo às suas aspirações de treinamento do exército e disciplina do povo dos países que criaram seus Métodos Ginásticos Nacionais. (SOARES, 2000).

“racionalização do mundo e das relações sociais, objetivados no crescente parcelamento e controle do tempo e das atividades” deveria ser implantado, entre outras ações, a partir da educação das crianças, sendo elas as mensageiras deste novo ideal estético, levando aos lares novos conceitos de civilidade¹⁶. Idealizou-se um ensino público e laico, diferentemente do precário sistema de ensino do período colonial¹⁷.

O ensino primário baseado nos Grupos Escolares trouxe uma série de medidas de caráter amplo implicando, entre outras ações, na construção de prédios próprios, capacitação de professores e inserção de práticas escolares que pudessem forjar cidadãos civilizados¹⁸. Entretanto, esta idealização do cidadão republicano tinha características bem distintas no que se refere aos homens e às mulheres. Esta distinção tangenciava as várias formas de atuação social, os tempos e espaços, e, principalmente, as práticas escolares. Deveria-se buscar atingir os ideais de masculinidade e feminilidade gestados naquele momento, e a escola foi um dos ambientes mais propícios para atingir este fim.

No sistema de ensino normal de Minas Gerais, o primeiro registro oficial da inclusão da prática da dança aparece no Decreto n.4.524 de 21 de fevereiro de 1916¹⁹. Era uma das atividades que no projeto moderno atendia aos preceitos ligados à estética e às definições das técnicas corporais consideradas características para cada gênero, sendo que a dança já seria mais direcionada às meninas e mulheres. Entretanto no decreto não havia qualquer menção que deixasse clara essa distinção de algum termo legal explícito que impedisse os meninos o direito ou oportunidade de vivenciar a dança como prática escolar.

Elisângela Chaves afirma que no intuito de transformar a dança num objeto de ensino a escola acabou por distingui-la da dança presente nos salões e palcos. Buscava-se, sim, a educação corporal por meio de “cortesias”, “posições graciosas”,

¹⁶ FARIA FILHO, 2000, p.33.

¹⁷ VEIGA, 2003.

¹⁸ VEIGA, 2003.

¹⁹ O Decreto n. 4.524 estabelece que o ensino da Ginástica deveria ser ministrado, obrigatoriamente, para ambos os sexos. Outra mudança importante foi a ampliação das práticas corporais escolarizadas, antes restritas à ginástica e às evoluções militares. “Aparecem pela primeira vez na legislação do ensino normal, em Minas Gerais, a ginástica sueca, os jogos, as danças e os brinquedos infantis”. (VAGO, 1997, p.51).

“ritmo”, presentes na dança, seguindo as aspirações modernas por um corpo esteticamente saudável e higienizado²⁰. No entanto, um fato em especial chama a atenção: mesmo sem ter qualquer menção institucional para isto, ocorria de forma sutil a exclusão parcial ou total do gênero masculino. Enquanto que nos salões e palcos a presença do homem podia ser notada, no sistema escolar esta prática era conformada como sendo típica das meninas e mulheres. Demonstrando uma espécie de intencionalidade frente aquilo que se pretendia passar como simbologia e representação frente à sociedade, na dança eram trabalhados movimentos graciosos, que destacassem a delicadeza, a sensibilidade e a harmonia dos gestos, algo não indicado ao gênero masculino já naquela época. Enquanto as meninas, na escola, desenvolviam atividades expressivas, típicas da feminilidade, os meninos eram “treinados” a partir de influências militares, o que era mais indicado ao perfil masculino desejado²¹.

Eustáquia Salvadora de Sousa afirma que, nos anos 20, o modelo liberal de educação condensado no pensamento escolanovista buscou:

[...] assegurar a construção social do masculino e do feminino, até então existente, através de conteúdos de ensino, das normas, dos objetos, do espaço físico, das técnicas e, especialmente, de técnicas do corpo – maneiras de pensar, sentir e agir. (1996. p.32).

Em 1927, a Reforma de Ensino Francisco Campos, nos cursos Primário e Normal, trouxe mudanças significativas nos ideais pensados para o sistema escolar, agora mais preocupado em formar o cidadão disciplinado e, principalmente, “apto a lidar com a maquinaria da indústria”²². Este novo sistema de ensino, que destacou a Educação Física nos currículos, deveria oferecer práticas que incutissem no cidadão os conceitos da eficiência, e para isto, alguns conteúdos foram reformulados ou substituídos.

²⁰ CHAVES, 2002.

²¹ SOUSA, 1994; VAGO, 2002.

²² SOUSA, 1994, p.65.

De acordo com Elisângela Chaves²³, na Reforma do Ensino Primário, a prática da *ginástica rítmica* torna-se oficial, sendo incorporada no Programa de Exercícios Físicos ocorrendo, em contrapartida, a exclusão da dança. A autora evidencia que nesta reforma a dança sequer foi citada novamente, sendo dada toda a visibilidade para a ginástica rítmica. Neste contexto, substituindo-se o termo *dança* por *ginástica rítmica* nos currículos de formação de professores e na legislação de ensino primário oficializou-se, ao meu ver, a exclusão do gênero masculino deste tipo de prática corporal, talvez sendo tolerada apenas para meninos, na fase infantil.

O Decreto n. 8094/1927²⁴ determinava que nos programas de Educação Física a ginástica rítmica seria uma atividade exclusiva das meninas, enquanto que as evoluções militares e os exercícios de braço seriam executados somente pelos meninos.

Estava, pois, evidente que a co-educação na escola primária não alterara as simbologias da mulher – como um ser dotado de fragilidade e emoções – e do homem – como um ser dotado de força e razão -, qualidades estas que, quando da implantação dos exercícios físicos na escola primária mineira, estabeleciam que, enquanto os meninos marchassem ao sol, as meninas executariam suaves movimentos, à sombra. (SOUSA, 1996, p.32).

Os ideais de masculinidade e feminilidade estavam bem definidos, sendo que a própria legislação de ensino incorporaram em suas indicações, as práticas que ajudariam a formar os futuros homens e mulheres que expressariam em seus corpos a força e a virilidade, no caso da educação dos meninos, e a graça e a delicadeza, na educação das meninas.

Práticas, como os jogos, foram sendo incorporadas aos programas de Educação Física. Os jogos acabaram por se tornar mais um “instrumento de diferenciação e hierarquização dos sexos”²⁵. Na disputa de jogos, na competição entre meninos e meninas, acabava-se por ressaltar uma dita inferioridade destas sobre aqueles. Esta inferioridade ficou mais evidente com a adoção do esporte

²³ CHAVES, 2002.

²⁴ MINAS GERAIS. Decreto n 8094/1927, p.1787. Citado por SOUSA (1996, p.32).

²⁵ SOUSA, 1996, p.32.

moderno como prática cada vez mais hegemônica nas aulas de Educação Física, principalmente a partir da década de 30²⁶.

Na hierarquia esportiva, a mulher manteve-se perdedora, porque era um corpo frágil diante do homem. Todavia, era por “natureza” a vencedora nas danças e nas “artes” em geral [...]. O corpo da mulher era, assim, dotado de docilidade e sentimento, qualidades negadas ao homem pela “natureza”. Preconizou-se para os homens o futebol e o judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e os movimentos violentos; para as mulheres, os esforços moderados, a suavidade de gestos e a distância de outros corpos, garantidos pela Ginástica Rítmica e pelo Voleibol. (SOUSA, 1996, p.33).

A ginástica rítmica passa a ser cada vez mais divulgada como um das práticas mais indicadas para o gênero feminino, aliando o trabalho rítmico e musical, assim como a harmonia dos gestos expressivos típicos da dança, à cientificidade e eficiência da ginástica²⁷.

Vale ressaltar que este panorama da Educação Física - que envolve o esporte, a ginástica rítmica, os jogos, dentre outras práticas – não estava circunscrita apenas a Minas Gerais. Inclusive o sistema de ensino mineiro ao longo da história da Educação Física esteve intensamente influenciado por determinações advindas de órgãos federais. Modelos foram propostos, Decretos-Lei foram promulgados, orientações foram divulgadas, no intuito de ditar uma norma a ser seguida no país, indicando um conjunto de práticas consideradas indispensáveis para a formação do cidadão forte, disciplinado, produtivo, apto a trabalhar, obedecendo às obrigações impostas por uma sociedade em vias de industrialização. Que modelos seriam estes? Que instituições ditaram as normas a serem seguidas a partir daqui?

²⁶ Sobre a escolarização do esporte, consultar a tese de Meily Assbú Linhales, intitulada “A escola, o esporte e a ‘energização do caráter’: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006.

²⁷ CHAVES, 2002.

1.2 Decreto-Lei 1.212/39 e a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos

Em 17 de abril de 1939 foi promulgado o Decreto-Lei 1.212 que criou na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD). A ENEFD foi a primeira escola de formação de professores na educação física brasileira ligada a uma universidade e teve uma importância fundamental no desenvolvimento da educação física nacional²⁸.

Vítor Andrade Melo (1996) ao pesquisar sobre a história da ENEFD em sua dissertação, relata sobre a forte influência médico-militar na conformação do quadro docente da ENEFD. Aliás, os militares obtiveram grande prestígio ao se tornarem professores da instituição.

Para os militares, que muitas vezes se confundiam com a estrutura governamental da época, que seriam seus futuros professores, seria o acesso à cátedra, importante principalmente para eles e civis não médicos, já que em sua maioria os médicos já eram reconhecidos catedráticos e/ou professores em faculdades. Aliás, poucos eram os civis que não tinham ligação alguma com os militares, talvez só as duas pioneiras professoras²⁹. Os médicos lá encontrariam mais um campo de atuação e de propagação de seu prestígio, obviamente aliado ao seu interesse pela área em questão. (MELO, 1996, p.47).

A ENEFD se caracterizava por uma certa diferenciação com a estrutura geral da Universidade do Brasil. Apesar de ser um curso direcionado à formação de professores a instituição, não era submetida à Faculdade Nacional de Filosofia, que era a instituição responsável pelos cursos de licenciatura na universidade. Diferentemente dos outros cursos de licenciatura, a Escola de Educação Física e Desportos era vinculada diretamente ao Departamento Nacional de Educação, órgão do Ministério da Educação e da Saúde. Além disto a ENEFD não tinha sede própria, tendo sede administrativa e salas de aulas teóricas no Instituto Nacional dos Surdos

²⁸ MELO, 1996.

²⁹ Uma destas professoras pioneira era Maria Helena Pabst de Sá Earp (Helenita), responsável pela disciplina Ginástica Rítmica, considerada uma grande referência no país, frente aos seus trabalhos com dança moderna e ginástica rítmica.

e aulas práticas nas dependências do Fluminense Futebol Clube. Os dois locais eram muito distantes, o que causava transtornos aos alunos, além de contribuir para a desconexão da Escola do contexto universitário³⁰. (MELO, 1996).

Outras diferenças frente à estrutura da Universidade do Brasil estavam vinculadas à duração do curso e às exigências para ingressar na Escola.

Seus cursos eram realizados em apenas um ou dois anos, ao contrário dos demais, realizados em no mínimo três, peculiaridade somente modificada em 1945, pelo Decreto-Lei 8270 [...]. Também somente era exigido para ingresso na ENEFD o curso secundário fundamental, enquanto para as outras escolas e faculdades, como por exemplo a Faculdade Nacional de Filosofia, o secundário complementar se fazia necessário para ingresso. Isso, além de trazer para o contexto da Universidade e da ENEFD jovens adolescentes extremamente novos, criava um interessante contrasenso, pois permitia que um curso superior tivesse exigências inadequadas, mesmo dentro do contexto da época. (MELO, 1996, p.55-56).

Apesar destas questões, Vítor Melo ressalta a importância da inserção da Educação Física no meio universitário, o que favoreceu a possibilidade de seu reconhecimento como disciplina acadêmica, “trazendo suas discussões para o seio da universidade, adquirindo os hábitos e a lógica universitárias e permitindo aos seus alunos o contato com o mundo acadêmico”. Além disto, a Universidade “contribuiu para que a ENEFD pudesse cumprir sua função de escola padrão nacional”. (1996, p.58)

O Decreto-Lei 1.212/39 trouxe as normas e especificações que serviram de modelo para a ENEFD e para as escolas superiores de Educação Física em todo o país³¹ como podemos confirmar na segunda finalidade apresentada do Artigo 1º:

³⁰ A Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, no início de suas atividades, em 1952, também não possuíam estrutura adequada para a realização de suas aulas. Trataremos sobre este assunto no item 2.1.

³¹ A Escola de Educação Física de Minas Gerais, em sua conformação, seguiu o modelo imposto pelo Decreto-Lei 1.212, tanto nos cursos oferecidos como nas disciplinas ministradas.

Art. 1º Fica criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, que terá por finalidade: a) formar pessoal técnico em educação física e desportos; b) imprimir ao ensino da educação física e dos desportos, em todo o país, unidade teórica e prática; c) difundir, de modo geral, conhecimentos relativos à educação física e aos desportos; d) realizar pesquisas sobre a educação física e os desportos, indicando os métodos mais adequados à sua prática no país.

Foram criados cinco cursos: superior, normal, técnica desportiva, treinamento e massagem, medicina da educação física e desportos. O curso superior teria duração de dois anos e os outros, um ano. Os professores, que ocuparam o cargo de *catedráticos*, eram escolhidos por concurso de títulos e provas. O diretor era escolhido pelo Presidente da República, dentre os professores catedráticos da instituição.

Os currículos dos cursos também seguiam as especificações do Decreto-Lei 1.212, indicando a divisão das turmas de acordo com o sexo e, conseqüentemente, formando currículos distintos para homens e mulheres. Neste período, para as mulheres, o currículo não incluía o Futebol e os Desportos de Ataque e Defesa; para os homens era vedada a prática da Ginástica Rítmica³². Além disto, a Educação Física Geral era distinta, com professores do mesmo sexo da turma para a qual ministraria a disciplina³³. O Decreto-Lei 1.212 determina estes pontos de forma nítida:

Art. 8º - O ensino da ginástica rítmica será ministrado, em todos os cursos, somente às alunas do sexo feminino. Art. 17º - O professor catedrático da segunda cadeira de educação física geral e o professor catedrático de ginástica rítmica, bem como os assistentes de um ou de outro serão do sexo feminino.

³² Na Escola Superior de Educação Física (ESEF), de Porto Alegre, a matrícula na disciplina Ginástica Rítmica/Ginástica Rítmica Desportiva também era vedada aos homens, até o final da década de 70." (GOELLNER et. al., 2005, p.209).

³³ Na Escola Superior de Educação Física (ESEF), no Rio Grande do Sul, o quadro era idêntico. Como afirma Janice Zarpellon MAZO: "As disciplinas de práticas esportivas já eram oferecidas separadamente para as turmas feminina e masculina, sendo ministradas as aulas, respectivamente, por professoras e professores." (2005, p.151-152).

Art.26º - a) No curso superior de educação física e no curso normal de educação física dar aos alunos do sexo masculino e do sexo feminino a aprendizagem da direção da educação física geral, e ainda aos alunos do sexo feminino a aprendizagem da direção da ginástica rítmica;

Outro destaque que deve ser feito está no Artigo 15º, que não permitia que professores com mais de 40 anos lecionassem as disciplinas de cunho prático:

Art. 15º - As cadeiras de ginástica rítmica, de educação física geral, de desportos aquáticos, de desportos terrestres individuais, de desportos terrestres coletivos, e de desportos de ataque e defesa, serão providas mediante contrato, não podendo o professor catedrático ser admitido com idade superior a 35 anos, nem permanecer no exercício da função depois dos 40 anos de idade.

Isto mostra a preocupação central com a questão do rendimento físico, registrada nos dizeres do Decreto-Lei. Porém, este ponto não vigorou, inclusive na própria Escola Nacional de Educação Física e Desportos, instituição modelo naquele período. Em entrevista transcrita na dissertação intitulada “Gênero e Dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos: Fragmentos de uma História”, de Ana Júlia Pinto Pacheco (1998), a professora Helenita³⁴ catedrática de Ginástica Rítmica, afirma que ofertou cursos de especialização na ENEFD até o ano de 1986. Como ela assumiu a disciplina nesta instituição em 1939, podemos perceber que, só de tempo de serviço, ela havia completado 47 anos, muito acima do permitido pelo artigo citado.

O amplo controle sobre os vários aspectos ligados à formação de professores/técnicos especializados e à contratação de professores que atendessem aos pré-requisitos exigidos mostra o quanto o projeto de instalação do curso de Educação Física interessava ao governo estadonovista de Getúlio Vargas. Neste panorama, médicos e militares se firmavam como protagonistas desta história da Educação Física no meio universitário.

³⁴ Maria Helena de Sá Pabst Earp, Helenita, foi professora de Ginástica Rítmica na Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

Como afirma Vítor Melo, a presença dos médicos, paulatinamente, ajudou a orientar os caminhos da ENEFD:

[...] passando a engajá-la em preocupações maiores no que se refere a seu aspecto educacional e sua função no desenvolvimento e divulgação de pesquisas e novos conhecimentos e foi justamente enquanto os médicos estavam na direção que a ENEFD atingiu seu momento de maior *status*, o auge de seu prestígio e de sua penetrabilidade na educação física brasileira. E, porque não dizer, cumpriu melhor suas determinações de *escola padrão*, influenciando pronunciadamente o desenvolvimento de nossa educação física. (1996, p.116-117).

De acordo com o autor, esta presença dos médicos ajudou a suprimir a supremacia da influência militar, modificando o perfil da ENEFD, antes considerada uma “escola civil com características extremamente militarizadas”³⁵. Mesmo assim as duas alas continuavam ditando padrões e dando identidade à área, com forte presença dos desportos; com suas divisões e exclusões de práticas, a partir do sexo; refletindo diretamente na conformação das duas escolas de Educação Física que foram fundadas 13 anos após a promulgação do Decreto-Lei 1.212/39, assunto que será tratado no capítulo 2.

1.3 Período anterior à formação das Escolas de Educação Física

Em 17 de abril de 1939, o Decreto-Lei nº 1.212, que passou a vigorar em todo país, impôs a obrigatoriedade da titulação de profissionais de Educação Física que fossem atuar em todos os níveis de ensino regular:

De acordo com o decreto Federal nº 1.212, para o exercício das funções de professor de Educação Física, nos estabelecimentos oficiais (federais, estaduais e municipais) e particulares de ensino superior, secundário, normal e profissional, em todo o país, é exigida a apresentação de diploma de licenciado em Educação Física, e nos estabelecimentos oficiais e particulares de ensino primário, a apresentação do diploma de normalista especializada em Educação Física.³⁶

³⁵ MELO, 1996, p.62.

³⁶ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.3-4.

A princípio, seria normal uma ação por parte de órgãos responsáveis no sentido de atender a um decreto federal; procurando também suprir uma imensa demanda de profissionais capacitados na área. Daí considerava-se indispensável a abertura de um centro de formação de profissionais em Educação Física, já que em Minas Gerais havia um grande déficit de professores legalmente habilitados até então³⁷. Os poucos que atendiam às exigências do decreto eram aqueles que se dirigiam a outros estados à procura dos cursos superiores de Educação Física já implantados. O principal centro de formação de professores, naquele período, era a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, então capital do país.

Estes recém-formados professores eram absorvidos pela rede de ensino com grande facilidade. A título de exemplo, a professora Maria Yedda Maurício Ferolla, que obteve sua diplomação em 1941 na ENEFD, chegou a trabalhar em cinco escolas públicas e particulares de Belo Horizonte, assim que retornou a esta cidade³⁸.

Até então, na capital mineira, duas instituições se encarregavam de formar especialistas em Educação Física que atuavam no meio escolar. O Instituto de Educação, antiga Escola Normal, oferecia o curso de Educação Física Infantil, destinado exclusivamente à formação da professora normalista. Já o Departamento de Instrução da Polícia Militar (DI), com os cursos de Instrutores e Monitores de Educação Física, segundo o próprio regulamento da instituição, preparava especialistas para a prática da Educação Física policial-militar, nos corpos de tropas:

³⁷ O governo do Estado do Rio Grande do Sul promoveu vários cursos de aperfeiçoamento para diretores, orientadores de ensino, professores de música, de desenho e de Educação Física, no período de 1939 a 1942. Estas ações foram empreendidas no sentido de amenizar o problema de professores habilitados nestas áreas. “Nestes cursos intensivos, os professores recebiam instruções para desenvolver as atividades cívicas nas aulas de canto, poesia e Educação Física. A Educação Física deveria desenvolver a marcha e os jogos, além da preparação das festividades cívicas.” Dentro destas ações empreendidas pelo governo, foi criada a Escola Superior de Educação Física (ESEF), em 1940, suprimindo a primeira instituição formadora de profissionais de Educação Física naquele estado. (MAZO, 2005, p.148).

³⁸ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

[...] o D.I., pelo seu antigo Centro de Educação Física, pode contribuir, em larga escala, para a difusão da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário e para o aprimoramento técnico dos desportistas que procuram as praças de esportes do Estado, preparando professores e técnicos militares para exercerem suas funções educativas também no meio civil.³⁹

Contudo, em Minas Gerais, ainda não funcionava uma escola superior de Educação Física. O Estado, nos dizeres da época, era considerado um:

[...] ótimo celeiro de jogadores para o futebol nacional; que levantaram por onze vezes consecutivas o campeonato brasileiro infanto-juvenil de natação; que contam com integral apóio do Estado e da Igreja; que possuem recursos orçamentários, canalizados para a manutenção dos desportos; que contam com excelente material humano especializado; que possuem mais de duas dezenas de praças de esportes distribuídas pelo Estado, reclamando a presença de técnicos, de professores e de dirigentes administrativos; por que, finalmente, vocês mineiros que têm tudo nas mãos, não possuem ainda [isso antes de 1952] uma Escola de Educação Física?⁴⁰

Neste panorama, interesses políticos se entrecruzaram no sentido de dificultar e, em outros momentos, no sentido de facilitar tal empreitada. Sylvio Raso⁴¹ importante personagem neste cenário, apresentou sua versão bastante interessante sobre fatos ocorridos neste período que culminaram na fundação de duas Escolas de Educação Física em Belo Horizonte, no ano de 1952.

Em 1940, ano seguinte ao Decreto-Lei 1.212, o governador Milton Campos instalou uma comissão para tratar da criação da primeira Escola de Educação Física no Estado. Entretanto, não houve tempo hábil para isto, já que o governador estava no final do mandato. De acordo com o depoimento de Sylvio Raso dois grupos distintos passaram a discutir este assunto alguns anos depois. Porém, um dos grupos começou a “amarrar o processo” já que as pessoas envolvidas neste grupo

³⁹ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.5.

⁴⁰ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.5 e 10.

⁴¹ Sylvio Raso, que é médico, foi professor e diretor da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais (1952). Seu depoimento, incluído na monografia de Roberto Malcher Kanitz Júnior, foi de extrema importância para o entendimento de várias questões sobre a história da Escola de Educação Física da UFMG.

do qual ele não fazia parte, não tinham a formação necessária para compor o quadro funcional da sonhada Escola.

É porque o Ministério exigia que tivesse diploma, uma credencial que eles tinham que fornecer. Esse é o primeiro fator muito importante. Eles seguraram a coisa porque não tinham condições de ser[...]⁴²

De acordo com Sylvio Raso, este grupo era composto por médicos do Hospital Militar e por militares do Departamento de Instrução. Eram amigos do então Governador Juscelino Kubstichek⁴³ e foram enviados ao Espírito Santo para adquirirem diplomas compatíveis à exigência do Ministério da Educação e Cultura. A partir daí o processo para a abertura da Escola do Estado transcorreu sem grandes dificuldades.

Por outro lado, Dom Cabral⁴⁴, Arcebispo de Belo Horizonte, reuniu outro grupo, sendo que Sylvio Raso estava à frente. Dom Cabral vislumbrou a possibilidade de transformar as Faculdades Católicas de Minas Gerais em Universidade a partir da abertura de um novo curso. Tentou agregar a Escola de Medicina do Instituto de Ciências Médicas sem sucesso. Então com ajuda de seu médico particular, Sylvio Raso, começou a empreender uma série de ações para atingir tal fim.

O negócio é o seguinte. Ele precisava [do curso] para fazer a Universidade Católica. Ele tinha a Escola de Direito funcionando, tinha a Escola de Filosofia, precisava de mais uma. Ele tinha uma, mas essa era a Escola de Medicina das Ciências Médicas, que resolveu não ficar. Ele precisava de uma terceira, então ele catou a Educação Física, e falou: "A Educação Física resolve meu problema". Então o interesse era na Universidade, e não na Educação Física. Ele precisava de três. Ele não se incomodava com nada. Ele queria que fizesse depressa o curso, ele não tinha nenhuma preocupação se ia dar certo... a preocupação dele era fazer três Escolas. Ele percebeu então uma coisa engraçada, me chamou lá e falou assim:

⁴² Depoimento de Sylvio Raso a Roberto Malcher Kanitz Júnior. (KANITZ JÚNIOR, 2003, p.81).

⁴³ JK foi eleito governador de Minas Gerais em 1950. Deixou o cargo em 31 de março de 1955 para concorrer à presidência do Brasil. Seu sucessor foi Clóvis Salgado da Gama, seu vice-governador, que esteve no cargo até 31 de janeiro de 1956, sendo substituído, então, por José Francisco Bias Fortes.

⁴⁴ Antônio dos Santos Cabral, Dom Cabral, tornou-se o primeiro Arcebispo de Belo Horizonte, em 1922, permanecendo no cargo até sua morte, ocorrida em 1967.

- _ “Vamos fazer...”
- _ O sr. quer fazer mesmo?
- _ “Ah! Quero”.
- _ Olha, tem uma porção de problemas aí. O Juscelino tem uma Escola que já está funcionando.... O sr. quer mesmo fazer?
- _ “Quero”.⁴⁵

Este relato esclarece os possíveis meandros que podem ter acarretado a fundação da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. Inclusive, de acordo com Sylvio Raso, Dom Cabral investiu o seu próprio dinheiro neste projeto, no intuito de iniciar logo as atividades desta instituição.

Eustáquia Salvadora de Sousa (1996) chama a atenção para o cenário político, religioso e social desta época que contribuiu com este processo no sentido de dar legitimidade à abertura das duas Escolas. De acordo com a autora:

[...] tanto o Estado como a Igreja ressaltavam o papel compensatório e utilitarista que o esporte poderia exercer na formação dos jovens. A Igreja, a meu ver, se interessava pela Educação Física e pelo esporte, porque os concebia como interessantes meios, de educação dos jovens no sentido de, através do corpo, “elevar a alma a Deus”, impregnar valores tidos como essenciais para o mundo do trabalho, para a estruturação da família nos moldes cristãos, enfim, para a manutenção da Igreja Católica como corporação universal. Também o Estado via na Educação Física um instrumento inculcador de valores morais na juventude, tornando-a ajustada e útil à sociedade e, acima de tudo, à Pátria. A “jovem” Belo Horizonte necessitava de uma juventude atlética que se impusesse pela bravura, disciplina, coragem e entusiasmo para se projetar no cenário nacional [...]. (1996, p.154).

Como a própria autora ressalta, o interesse das duas instituições em fundarem ambas as Escolas não ocorreu por acaso. A Educação Física baseada no esporte e na ginástica era o elemento necessário para a formação da mocidade forte e disciplinada numa sociedade em vias de industrialização; além de ajudar a “fortalecer o corpo para vencer os instintos, sem divinizá-lo”⁴⁶, numa forma de resgate dos valores cristãos daqueles jovens que, há muito, vinham se afastando da Igreja.

Contudo, a área da Educação Física não era baseada somente no esporte e na ginástica. Daí a necessidade de pesquisar e questionar os elementos formadores,

⁴⁵ Depoimento de Sylvio Raso a Roberto Malcher Kanitz Júnior. (KANITZ JÚNIOR, 2003, p.71-72).

⁴⁶ SOUSA, 1996, p.153.

excludentes e/ou mantenedores de outras práticas, dentre elas a dança, foco privilegiado desta pesquisa. Neste ambiente no qual o esporte e a ginástica eram apresentados como hegemônicos, onde a dança estava presente? Havia lugar e tempo para esta prática?

2 O INÍCIO DO ENTRELAÇAMENTO

O primeiro momento aqui recortado percorre um período de 10 anos, nos quais a Educação Física obtém expressivo fôlego na capital mineira sem deixar de passar por alguns momentos conturbados. Duas instituições começam a funcionar em Belo Horizonte, em pouco tempo se fundem, buscam sua projeção e reconhecimento. Paralelo a esta realidade acadêmica, cada prática que compôs este curso de formação de professores de Educação Física tinha seu correspondente externo à instituição, sendo que nem sempre esta prática seguia as mesmas aspirações traçadas pelos planos de aula do curso acadêmico.

Torna-se interessante visualizar a dança em outros locais da cidade de Belo Horizonte naquele momento. Arnaldo Alvarenga (2004) relata que a dança, como prática profissional de balé, era quase inexistente em Belo Horizonte até meados da década de 40. Até então, nota-se a sua presença nas danças de salão que animavam os bailes da capital, além de se inscrever em aulas de Educação Física, enriquecendo datas cívicas e festas escolares, tendo nas eminentes figuras de Guiomar Meirelles Becker e Natália Lessa, professoras de ginástica, as maiores incentivadoras.

A partir da vinda do coreógrafo clássico Carlos Leite no final da década de 40, a dança em Belo Horizonte se torna também uma prática voltada para o desenvolvimento artístico-profissional. Esta modalidade de dança vive então um período de lenta germinação e florescimento, seguindo várias outras práticas culturais modernas como o teatro, a música coral e operística, a crítica cinematográfica e literária, dentre outras. Nesta época, além de Carlos Leite, criador do Balé de Minas Gerais, destaca-se a importante figura de Klauss Vianna. Embora tenha se formado bailarino clássico com Carlos Leite, em Belo Horizonte, e Maria Olenewa, em São Paulo, Klauss quebrou os seus padrões de origem tornando-se o criador e incentivador de novas idéias na área da dança.

Klauss vai se opor ao uso da técnica pela técnica, procurando uma busca mais verdadeira da expressividade, não se expondo gratuitamente a um virtuosismo que encanta. Deflagrando uma reflexão cultural, irá instaurar uma prática – e aí ele é pioneiro – ainda não estabelecida, quanto aos fundamentos norteadores da produção de dança no Brasil segundo parâmetros próprios, e, por isso mesmo, capaz de revelar uma substância cultural possível de se expressar também como grande arte. A questão era não apenas fazer, mas também refletir sobre a arte que se faz. (ALVARENGA, 2004. p.167).

De acordo com o autor, este período “foi riquíssimo para a dança, marcado por uma efervescência criativa que aos poucos foi dando forma ao moderno na dança produzida na cidade”⁴⁷. Isto afrontava a *fôrma* que sustentava o ensino da dança clássica tradicional importada, que molda todo o arcabouço técnico oferecido pelo Balé de Minas Gerais dirigido por Carlos Leite.

Klauss Vianna se afirma com um novo e expressivo nome na dança em Belo Horizonte. Com uma proposta inovadora, Klauss se contrapõe aos cânones de seu primeiro professor, instalando os seus próprios, sendo que “através dos quais [pretendeu] aprimorar os métodos de ensino e criação coreográfica não só na dança de Belo Horizonte, mas do Brasil”⁴⁸. Klauss Vianna e Angel Vianna, sua esposa, introduziram outra estética que, embora fundamentada na dança clássica, era reconstruída a partir da busca de uma afirmação cultural nacionalista, de criações baseadas na brasilidade.

Arnaldo Alvarenga (2004) relata que Klauss Vianna desejava ressignificar o classicismo através do seu espírito moderno, dando à dança a compreensão da expressão da subjetividade. Da fundação de sua escola (1958) até 1963, Klauss cria uma série de trabalhos coreográficos⁴⁹ que exploram suas idéias pessoais onde, por exemplo, procurou dialogar com o modernismo literário brasileiro. No balé “O Caso do Vestido”, chegou a não utilizar música, mas sim uma narração realizada por um coro colocado ao lado do palco. Todavia, neste período, não deixou de montar peças do repertório clássico.

⁴⁷ ALVARENGA, 2004, p.168.

⁴⁸ ALVARENGA, 2004, p.171

⁴⁹ Os trabalhos relatados pelo autor foram “Cobra Grande”, “A Neblina de Ouro” (posteriormente denominado “Solidão”), “O Caso do Vestido”, “Composição”, “A Face Lívida”, “Jazz”, “Arabela, a Donzela e o Mito” e “Marília de Dirceu”. (ALVARENGA, 2004, p.171).

Em 1962, Klauss Vianna foi convidado para dar aulas na Bahia, na Escola de Dança da Universidade Federal em Salvador⁵⁰. Isto foi uma grande perda para o cenário da dança na capital mineira; porém, outras produções permaneceram ou surgiram na cidade a partir daí.

Neste período, além do Balé de Minas Gerais e do Balé Klauss Vianna, é fundado em 1960 o Grupo Folclórico “Aruanda”. O grupo trazia como propostas a pesquisa, a preservação e a divulgação de danças e folguedos populares, vindo a representar Minas Gerais e o Brasil em vários festivais nacionais e internacionais. Seu fundador Paulo César Valle era sociólogo, pesquisador e coreógrafo do grupo, sendo responsável pela montagem de grande parte de suas coreografias.⁵¹

O que se pretende aqui é mostrar que Belo Horizonte experimentava práticas inéditas na área da arte, da dança, das produções coreográficas, ou seja, uma crescente visibilidade era dada à dança neste período, por meio de vários vestígios destas práticas na cidade: dança “profissional”, dança “popular”, dança “escolar”.

Entretanto, pelas fontes por mim consultadas, este panorama não parece ter influenciado diretamente as práticas de dança nas nascentes instituições formadoras de professores e professoras de Educação Física, que tinham, dentre suas práticas (femininas, a princípio) a Ginástica Rítmica. Apesar de aparentemente não acontecer este diálogo direto com a cultura da cidade e sim uma forte tendência de obediência ao Decreto-Lei, não podemos negar que o clima da cidade era influenciado pelos novos direcionamentos que a dança seguia no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Mesmo em locais diferentes, com pessoas diferentes, a dança marcou de forma nítida a Escola e a capital mineira, com inspirações bem parecidas, mostrando que ambas se deixavam levar por uma coreografia bem próxima, dançada em palcos diferentes. E nisto a história se mostra entrelaçada, mesmo que seja de forma sutil.

⁵⁰ VIANNA, 2005.

⁵¹ Fonte: www.grupoaruanda.com.br

2.1 A fundação das Escolas de Educação Física em Belo Horizonte

Em 8 de fevereiro de 1952, iniciam-se as atividades da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, apoiando-se no Decreto-Lei 1.212 de 17 de abril de 1939 para orientar sua base de funcionamento. Com o auxílio do Governo do Estado e vinculada à Diretoria de Esportes de Minas Gerais, foi mantida através da verba mensal paga pela Loteria de Minas, tendo sua oficialização garantida pelo decreto n. 31.761, de 12 de novembro de 1952.

O seu corpo docente é o reflexo da vinculação política, das influências institucionais e dos padrões sexistas da época. Na sua maioria, os professores eram pessoas próximas ao Governador Juscelino Kubitschek, do meio militar ou médico⁵², e homens. O diretor Antônio Ubaldo Moreira dos Santos Penna, por exemplo, era amigo de JK e chefe do Serviço de Cirurgia Geral do Hospital Municipal de Belo Horizonte. Entre coronéis, tenentes e médicos militares, as professoras Guiomar Meirelles Becker e Odette Meirelles ocuparam as cadeiras das *disciplinas femininas* - Educação Física Geral Feminina e Ginástica Rítmica⁵³.

No primeiro concurso realizado pela Escola do Estado ingressaram 131 alunos, distribuídos em quatro cursos: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Medicina Especializada e Massagem Especializada⁵⁴. A Escola realizava suas atividades didáticas nas dependências do Minas Tênis Clube.

Simultaneamente a este quadro apresentado, outra instituição começou a dar seus primeiros passos. Em maio de 1952, com o auxílio de Sylvio Raso, dentre outros, Dom Cabral instalou a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, com aula inaugural proferida pelo Major João Barbosa Leite, Diretor da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura (MEC)⁵⁵.

⁵² O quadro de professores da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul, quando fundada em 1940, tinha composição parecida. De acordo com Janice Zarpellon MAZO: "O quadro de professores da ESEF nos primeiros anos era composto majoritariamente por médicos, militares e médico-militares." Esta predominância do meio médico e militar nos quadros de professores destas escolas mostra a grande influência que as tendências disciplinadoras do militarismo e as concepções médico-higienistas tinham na formação dos profissionais de Educação Física, neste período. (2005, p.152-160).

⁵³ KANITZ JÚNIOR, 2003.

⁵⁴ KANITZ JÚNIOR, 2003, p.30.

⁵⁵ SOUSA, 2004, p.119.

Como na Escola do Estado, o quadro de professores era composto por militares, médicos e alguns professores formados na ENEFD. As professoras Nilda Morais Pessarolo e Maria Yedda Maurício Ferolla eram as responsáveis pelas disciplinas Educação Física Geral Feminina e Ginástica Rítmica, respectivamente.

A instituição era coordenada pela Sociedade Mineira de Cultura, presidida por Dom Cabral. Seu currículo se diferenciava da outra Escola apenas pela inclusão da disciplina Cultura Religiosa. Realizava também, suas atividades no Minas Tênis Clube em horários alternados aos solicitados pela Escola do Estado. Sua autorização de funcionamento foi confirmada pelo Decreto Federal n. 32.168, de 29 de janeiro de 1953.

As suas primeiras turmas foram compostas por 42 alunos no Curso Superior e três alunas na Educação Física Infantil. Talvez pelo fato de o curso das Faculdades Católicas ser pago, verificou-se uma menor procura de candidatos às vagas desta instituição. Isto fez com que Dom Cabral decidisse pela gratuidade do curso, tentando evitar um fracasso em seus planos⁵⁶.

Este pequeno número de candidatos se acentuou. A Escola do Estado chegou a realizar dois concursos para preencher as vagas abertas em 1953. Fatos como estes só acirraram as discussões acerca do porquê da abertura de duas Escolas na cidade. Uma das especulações seria um conflito ocorrido entre Dom Cabral e Juscelino Kubitschek, na época da inauguração da Igreja de São Francisco, na Lagoa da Pampulha. Dom Cabral não celebrou a missa de inauguração, considerando a obra uma afronta já que Portinari havia substituído a imagem do lobo, companheiro de São Francisco de Assis, por um cachorro esquelético. Por trás disto, havia um incômodo por parte da Igreja pelo fato de Portinari ser considerado um comunista e pelo fato de JK, então prefeito de Belo Horizonte, ser moderno demais para os padrões da época⁵⁷.

Sylvio Raso, em seu depoimento, afirma que esta possível discórdia não foi o motivo que fez com que Dom Cabral abrisse a Escola das Faculdades Católicas.

⁵⁶ KANITZ JÚNIOR, 2003, p.33.

⁵⁷ KANITZ JÚNIOR, 2003, p.36.

Como dito anteriormente, o motivo estava ligado à necessidade de um terceiro curso para transformar as Faculdades Católicas em Universidade.

A outra [do Estado] não tinha importância, ele queria fazer a dele... Precisava fazer a Universidade Católica. Ele lutou para fazer a Escola de Educação Física não em função das outras, nem nada. Os outros falam que foi por causa de divergências... Nada! Ele não estava nem um pouco preocupado... Ele queria fazer uma Escola para a Universidade, tinha nada que ver com as outras.⁵⁸

Sendo assim, as duas Escolas caminhavam paralelamente, mas com estruturas idênticas. Uma acabou dificultando a existência da outra, o que fica evidente observando a decrescente procura de candidatos em ambas. Mesmo que existissem quaisquer divergências políticas entre os dirigentes das Escolas, uma decisão deveria ser tomada: ou as Escolas uniam esforços, ou uma acabaria derrubando a outra.

2.2 A fusão das Escolas: origens diferentes, caminhos comuns

A fusão dessas duas escolas pode ser compreendida por seus objetivos ocultos: ambos, Igreja e estado viam na Educação Física um meio de socialização sob a égide da moral do trabalho. Além disso, havia razões explícitas para tal fusão: a reduzida demanda aos cursos oferecidos por ambas as instituições e a escassez de recursos financeiros para mantê-las, já que ambas eram gratuitas.⁵⁹

Problemas de ordem financeira, pequena quantidade de alunos inscritos nos vestibulares, brigas internas; vários foram os fatores que se somaram e levaram a uma situação que tornava vital a tomada de decisão que levou as duas Escolas a se fundirem. Possíveis divergências políticas teriam sido deixadas em segundo plano, mesmo porque poderia haver perdas para os dois lados se estas controvérsias fossem evidenciadas neste momento delicado. Sylvio Raso, em sua versão, comenta esta situação:

⁵⁸ KANITZ JÚNIOR, 2003, p.73.

⁵⁹ SOUSA, 1996, p.154.

Porque um [Dom Cabral] achou que a Escola com as outras duas Escolas [direito e filosofia] resolvia, e fazia a Universidade. Mas viu que gastava muito dinheiro, muito complicado, uma estrutura muito difícil. O outro grupo, por outro lado... é um negócio que eu até não tenho nada com isto... eles é que falam, que o outro grupo, que era da Diretoria de Esportes, começou a brigar entre eles. Porque o objetivo deles não era educacional, era fazer a Escola e ter recursos, ganhar dinheiro, aí começaram a brigar. Aparece então um negócio muito engraçado: eles colocaram o Dr. Ubaldo Penna. Dr. Ubaldo Penna era amicíssimo de Juscelino... foi colocado Diretor [...] Ubaldo Penna, naturalmente, pode ter conversado com o Juscelino, falando: “Mexe com Dom Cabral não, hein...” [risos] Se ele queria ser presidente da república, como ele ia criar um problema lá? Então começou a facilitar a fusão...⁶⁰

Os professores Antônio Ubaldo Moreira dos Santos Penna e Sylvio José Raso diretores das Escolas, foram designados para fazerem os ajustes finais da fusão das instituições, a partir de um documento assinado por Dom Cabral e Juscelino Kubitschek, em 30 de setembro de 1953 (FIGURA 1). Esta conjuntura favoreceu a fusão das duas Escolas em 15 de novembro de 1953, sendo denominada, a partir daí, *Escola de Educação Física de Minas Gerais* (FIGURA 2).

A nova Escola passou então a ter uma administração mista sendo mantida com recursos da Diretoria de Esportes do Estado e tendo orientação pedagógica vinculada ao Conselho Diretor da Sociedade Mineira de Cultura. O reconhecimento federal da instituição foi homologado em 13 de abril de 1955.

Homologada a fusão em Parecer de n. 353, da Comissão de Ensino Superior, do Conselho Nacional de Educação, tratou-se de providenciar o devido reconhecimento federal, logo obtido, por ter a Escola, pelo tempo de funcionamento das anteriores, os dois anos exigidos pela lei. [...] O decreto de reconhecimento federal do nosso estabelecimento tomou o n. 37.161, datado de 13 de abril de 1955, sendo publicado no “Diário Oficial” do dia 23 do mesmo mês.⁶¹

⁶⁰ Depoimento de Sylvio Raso a Roberto Malcher Kanitz Júnior. (KANITZ JÚNIOR, 2003, p.75-76).

⁶¹ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.3-4.

Os signatários do presente documento, doutor JUSCELINO KUBITSCHER DE OLIVEIRA, Governador do Estado de Minas Gerais, e DOM ANTONIO DOS SANTOS CABRAL, Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte e Presidente da Sociedade Mineira de Cultura, por terem, em CONVÊNIO de 15 de Setembro de 1953, ajustado a fusão da ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS e da ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS FACULDADES CATÓLICAS DE MINAS GERAIS, conforme prova documental anexa, AUTORIZAM, por êste instrumento, aos senhores doutor ANTONIO UBALDO MOREIRA DOS SANTOS PENA e professor SYLVIO JOSÉ RASO, respectivamente, diretores das escolas acima mencionadas, a praticarem tdo e qualquer ato que se refira à fusão das mesmas escolas, perante qualquer órgão ou autoridade do MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, inclusive estabelecer novos termos de ajuste, para conformar êste à legislação vigente.

Declaram, mais ainda:

1ª - Que a nomeação dos professores para a nova escola, resultante da fusão, caberá, em definitivo, ao Governador do Estado de Minas Gerais, de comum acôrdo com o Presidente da Sociedade Mineira de Cultura, respeitada a legislação vigente;

2ª - A nova escola será mantida pelo Estado de Minas Gerais, através de dotações constantes do plano de verbas anuais da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, órgão criado pelo Decreto-Lei estadual nº 1 765, de 17 de Junho de 1946 e de acôrdo com a alínea "c" do artigo 2º do Decreto-Lei estadual nº 2 054, de 24 de Fevereiro de 1947, por cópias anexas.

Belo Horizonte, 30 de Setembro de 1953.

Juscelino Kubitschek

Dom Antonio dos Santos Cabral

Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte e Presidente da Sociedade Mineira de Cultura

FIGURA 1 - Documento referente ao processo de fusão da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais (30 de setembro de 1953).



FIGURA 2 – Assinatura do termo de fusão das Escolas.⁶²

O currículo da Escola manteve estrutura similar àquele que vigorava na Escola do Estado, sendo incluída a disciplina Cultura Religiosa. O professor desta disciplina seria indicado pelo Conselho Diretor, tendo participação assegurada na Congregação da Escola. Os cursos oferecidos pela nova Escola foram os mesmos previstos pelo Decreto-Lei 1.212: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Técnica Desportiva, Medicina Especializada e Massagem Especializada. Apesar da fusão, que objetivava unificar forças e aumentar a demanda de alunos nos cursos oferecidos, o número de inscrições não foi suficiente em todos.

Amanda Tadeu de Almeida Matos, em sua monografia sobre a formação de professoras no curso de Educação Física Infantil da EEFMG, relata que os cursos Superiores de Educação Física e Educação Física Infantil tiveram nos anos subsequentes à fusão, número suficiente de candidatos para manter suas atividades.

⁶² Ao centro, Dom Cabral. À sua esquerda estão Juscelino Kubistchek, de terno escuro, e Ubaldo Penna, de terno claro.

Os cursos de Medicina Especializada, Massagem Especializada e Técnica Desportiva tiveram funcionamento irregular, sendo que, em alguns anos não foram ofertados.⁶³

A Escola de Educação Física só veio a se tornar oficialmente agregada à Universidade Católica de Minas Gerais em 1958. Em um documento de 8 de setembro de 1961, foram definidos os pontos que orientavam o convênio firmado entre a Escola e a Universidade Católica⁶⁴.

Este convênio merece algumas considerações. A situação da Universidade Católica frente ao acordo era muito confortável, já que não assumiria qualquer compromisso jurídico ou burocrático para com a Escola, exceto a orientação pedagógica. Além disto, receberia uma verba inalienável do Governo para manter este contrato.

4ª- Cabe à Escola de Educação Física de Minas Gerais, esta com personalidade jurídica própria, ampla autonomia técnica, financeira e administrativa, correndo por sua conta exclusiva tôdas as despesas com a sua manutenção e funcionamento, assistindo à Universidade a orientação pedagógica e didática.⁶⁵

Na questão financeira, a Escola de Educação Física ficava à mercê do Governo do Estado⁶⁶. Com isto, o interesse do Governador pela instituição iria pautar os empreendimentos de ordem material da instituição. Veremos à frente que este fator irá influenciar decisivamente no cotidiano da Escola nos anos vindouros.

Voltando o foco de atenção para a fusão da Escola, ressalto a questão do novo quadro docente. Sylvio Raso afirma que houve uma grande briga entre os professores após a fusão para decidir quais deles permaneceriam ou não. Ele

⁶³ O curso de Medicina Especializada foi extinto em 1959 e os cursos de Técnica Desportiva e Massagem Especializada encerraram suas atividades em 1961. Fonte: Quadro estatístico dos exames vestibulares realizados na Escola de Educação Física de Minas Gerais. Coordenação de Ensino, 1967. Arquivo da EEEFTO/UFMG. (MATOS, 2003, p.42-43).

⁶⁴ Arquivo da EEEFTO/UFMG.

⁶⁵ Cláusula 4ª do Convênio firmado entre a EEFMG e a Universidade Católica de Minas Gerais. Arquivo da EEEFTO/UFMG.

⁶⁶ Na cláusula 5ª do Convênio, afirma-se: “À Universidade [Católica] não encapará obrigações assumidas pela Agregada [EEEFMG], bem como esta não responde pelos compromissos assumidos por aquela. Não há qualquer relação de ordem econômica entre as partes contratantes, não podendo qualquer delas exigir prestações de contas”. Arquivo da EEEFTO/UFMG.

comenta sobre alguns problemas ocorridos com os professores Gilson Santana e Carlos Turnen, que não permaneceram na nova Escola.⁶⁷.

Na disciplina Ginástica Rítmica, a professora que ficou com o cargo foi Maria Yedda Maurício Ferolla, egressa da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. Odette Meireles assumiu o cargo de assistente da disciplina.

A partir daqui, proponho-me a apresentar e incluir uma nova personagem nesta história, que, inicialmente, não aparecia nas fontes por mim consultadas. Esta personagem era Eva Tiomno esteve vinculada à Escola de Educação Física do Estado e permaneceu na Escola de Educação Física de Minas Gerais até março de 1955, de acordo com alguns documentos encontrados.

⁶⁷ KANITZ JÚNIOR, 2003, p.76-77.



Belo Horizonte, 10 de janeiro de 1954.

Exma. Sra.

Profª Maria Yedda Vecchio Mauricio Ferola

L. J. C.

I - A Sociedade Mineira de Cultura, pelo presidente de seu Conselho Diretor, cumpre o dever de testemunhar a V.S. os seus agradecimentos pela valiosa colaboração prestada durante as atividades oficiais da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais, de 1º de março de 1952 a 31 de dezembro de 1953.

II - Cabe salientar nesta colaboração a par do correto exercício como catedrática da cadeira de Ginástica Rítmica, no que V.S. correspondeu plenamente à confiança desta Sociedade, o especial empenho de contribuir para uma obra ainda no início.

III - É desejo desta Sociedade assegurar esta contribuição e, prazerosamente, convidar V.S. para integrar o corpo docente, no exercício como catedrática da cadeira de Ginástica Rítmica, na Escola de Educação Física de Minas Gerais, resultante da fusão da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais com a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais.

IV - Espera contar com a mesma dedicação e o mesmo desvelo de V.S. no prosseguimento do trabalho empreendido há dois anos.

V - Desde já, penhorado, agradecemos e apresentamos a V.S. os protestos de nossa elevada estima.

Dr. Antônio de Santa Cruz
 Presidente da Sociedade
 S. de E. F. de Minas Gerais

FIGURA 3 – Convite a Maria Yedda Maurício Ferolla para compor quadro docente da Escola de Educação Física de Minas Gerais (10 de janeiro de 1954).

2.3 Eva Tiomno: protagonista de uma história...

As várias referências consultadas sobre a história da atual Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG até então apontavam para um quadro de professores relativamente uniforme em seus primeiros anos de atividade. Porém ao consultar as fontes, encontrei uma documentação sobre a professora Eva Tiomno, catedrática da Cadeira denominada “Ginástica Rítmica e Danças”, que não havia sido citada em trabalhos de pesquisa que contemplaram a Escola de Educação Física, até o momento. Pertencente, a princípio, ao quadro de professores da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais⁶⁸, iniciou suas atividades em maio de 1952, permanecendo na instituição até 30 de março de 1955, 16 meses após a fusão. As fontes consultadas são os Livros de Atas da EEFMG e um conjunto de documentos encontrados no arquivo da EEEFTO⁶⁹. Além destas fontes, recorrerei às informações recolhidas em contato telefônico feito com a professora Eva Tiomno, realizado no dia 30 de maio de 2007⁷⁰ e uma conversa pelo site de bate-papo virtual *MSN*, no dia 08 de agosto de 2007 às 16 horas⁷¹.

⁶⁸ De acordo com KANITZ JÚNIOR (2003, p.29-30), o quadro de professores da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais era composto pelos seguintes membros: Antônio Ubaldo Moreira dos Santos Penna (diretor), Guiomar Meirelles Becker, Odete Meirelles, Cel. Geraldo Pinto Coelho de Souza, Cel. Ellos Pires de Carvalho, Coronel Milton Gemes, Cel. Pedro Nazaré, Cel. José Pereira da Silva, Cel. Heimar Matos, Cel. Waldir Soares de Souza, Cel. Sebastião Rodrigues, Capitão Albano Augusto Pinto Corrêa Filho, Tenente Adolfo Guilherme, Tenente João Guadalberto da Silva, Major José Meira Júnior, e os médicos Milton Gomes, José Bolívar Drummond, Flávio Neves Azevedo, Aldemir Drummond e Francisco Velos Meimberg. Como se vê, o nome da professora não consta nesta referência.

⁶⁹ Este conjunto de documentos da professora Eva Tiomno foi encontrado juntamente com vários outros conjuntos de documentos que, pelo que parece, trazem a história de muitos dos primeiros funcionários da Escola. Esta documentação se encontra em algumas caixas deste arquivo e parecem pertencer ao controle do setor de pessoal da instituição, naquele período.

⁷⁰ O contato telefônico com a professora Eva Tiomno ocorreu de forma bastante interessante. Como não consegui informações consistentes sobre o paradeiro da professora, o professor Tarcísio e eu resolvemos acessar o site de procura *Google*, no dia 29 de maio de 2007. A partir do sobrenome “Tiomno”, utilizado como palavra-chave, encontramos referência de quatro pessoas que tinham em seu nome completo esta descendência (Alfredo Tiomno Tolmasquim, Maurício Tiomno Tolmasquim, Sílvia Tiomno Tolmasquim e Sueli Tiomno Tolmasquim). Dos quatro, conseguimos e-mails e telefones de Maurício e Alfredo Tiomno. Entrei em contato com ambos, via e-mail, e, no dia seguinte, obtive resposta de Alfredo Tiomno, que me relatou o seguinte: “Realmente eu sou parente dela, apesar de não conhecê-la pessoalmente. Fiz contato com uma prima dela, Sarita Fischberg, que disse que ela está com 81 anos e me passou o telefone [...]”. A partir do telefone que Alfredo Tiomno me passou, no mesmo instante telefonei e fui atendido pela própria professora Eva Tiomno e consegui realizar uma breve conversa com ela. Apesar de surpreso e ansioso com a rapidez dos acontecimentos, neste contato telefônico consegui informações preciosas sobre alguns fatos que as fontes não me

Eva Tiomno formou-se na década de 40, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Logo após, fez um curso de especialização. Solteira, morando na capital federal, foi convidada pelo professor Carlos Turnen para integrar o corpo docente da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais. Ficou responsável pela disciplina Ginástica Rítmica e Dansas durante o período anterior à fusão. Temos dois pontos interessantes neste caso. Em primeiro lugar, na designação da disciplina aparece a palavra “Dansas”, algo até então não encontrado neste período. Em segundo lugar, esta é uma informação que contradiz a vinculação funcional da professora Odette Meireles, ou seja, a mesma não era professora de Ginástica Rítmica nesta instituição. Eva Tiomno relata que indicou Odette Meirelles, sendo a última contratada como pianista da Escola.

A partir dos documentos encontrados e dos relatos da professora, foi possível apurar outros dados sobre a sua história. Antes de vir a Belo Horizonte, Eva Tiomno trabalhava no Rio de Janeiro:

revelaram. Infelizmente, a professora Eva Tiomno não quis realizar um depoimento oral gravado, afirmando que “não queria mais falar no assunto por se sentir muito ressentida com esta história”. Mesmo assim, neste contato, disse não haver qualquer problema em incluir os dados que diziam respeito à sua história na Escola, assim como sua procedência. Atualmente, Eva Tiomno mora em Belo Horizonte.

⁷¹ No dia 06 de agosto de 2007 telefonei novamente para a professora Eva Tiomno para perguntar se ela gostaria de ler a parte da pesquisa que relatava sobre sua história na Escola de Educação Física, para que ela pudesse averiguar se alguma informação estava incorreta ou incompleta. Depois de uma conversa agradável, a professora me passou seu e-mail e contato pelo *MSN*, um site de bate-papo virtual. No mesmo dia enviei o texto para seu e-mail, aguardando sua resposta. Dois dias depois, encontrei-a conectada ao *MSN* e comecei a conversar sobre vários assuntos, dentre os quais aqueles que diziam respeito ao tema da pesquisa. De certa forma, realizei uma entrevista com a professora Eva, já que a mesma respondeu todas as dúvidas que expus. Estava extremamente eufórico e ansioso, já que as informações eram reveladoras e interessantes. Ao fim da conversa perguntei a ela se eu poderia utilizar estes novos dados na minha pesquisa. A professora então respondeu: “Prefiro que não, fica só para você. Se for algo técnico, como coisas da Ginástica Rítmica ou dancinhas, sim”. Confesso que senti uma grande tristeza, porém compreendi que estes acontecimentos fazem parte da minha formação como pesquisador e que devo respeitar o direito da não-divulgação de dados do entrevistado, se o mesmo não permitir. Isto fez com que eu modificasse toda a narrativa sobre sua presença na Escola, já que alguns documentos encontrados no arquivo da Escola passavam informações contrárias ao que a professora me relatou. Ou seja, a história que aqui estou relatando, de certa forma, é influenciada por esta longa conversa com a professora, sem haver divulgação de qualquer informação que comprometa seu pedido.

Quando vim a esta Capital, atendendo ao pedido desta Escola, ressaltai as dificuldades que me trariam o perceber [receber] apenas Cr\$3.000,00, (três mil cruzeiros) honorário de Catedrático, devido as despesas de habitação e viagens que seria obrigada a fazer, para atender interesses de meu serviço no Rio de Janeiro, (condição imposta para minha permanência aqui).⁷²

Após ser resolvida sua vinda, saiu sua autorização de trabalho, por parte do Ministério da Educação e Saúde, sendo expedido o documento em junho de 1952.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

294
1952

Em 23 de junho de

Do Diretor da Divisão de Educação Física
Ao Diretor da Escola de Educação Física do Est. De Minas Gerais
Assunto: concede autorização

Sr. Diretor:

Em resposta ao vosso ofício n.147/52, comunico-vos que, sendo Eva Tiomno licenciada em Educação Física, esta Divisão autoriza a inclusão da aludida professora na cadeira de “Ginástica Rítmica e Dansas”, dessa Escola.

Atenciosas saudações.

Caio Miranda
Diretor

Duas semanas antes da chegada desta autorização de trabalho no dia 9 de junho de 1952, o diretor Ubaldo Penna redige um documento no qual indicou a professora de forma elogiosa, para um curso de especialização em Ginástica Rítmica que seria realizado na França e Suécia, requerendo uma bolsa de estudo à embaixada da França, no Rio de Janeiro:

[...] a referida Professora vem cumprindo com eficiência as exigências do regulamento desta Escola, onde tem pautado o seu trabalho pelo perfeito conhecimento da matéria que se dispôs lecionar. Interessa-nos sobremaneira a sua especialização em Educação Física pelo Método Francês, o qual tem merecido, e com justiça, as referências elogiosas de técnicos renomados no cenário mundial. A nossa apresentada preenche naturalmente as exigências naturais de candidata, já que, à sua competência profissional, alia o entusiasmo, a inteligência e a dedicação.⁷³

⁷² Documento enviado ao Conselho Técnico Administrativo, no dia 14 de abril de 1953. Faz parte do conjunto de documentos da professora Eva Tiomno, encontrado no arquivo da EEEFTO/UFMG.

⁷³ Documento, com a especificação ‘152/52 – LD’, enviado à Madame Jaluëlle Mineur, da Embaixada da França, no dia 9 de junho de 1952.

Madame Jaluëlle Mineur, representante da Embaixada, enviou resposta por meio de um certificado, indicando que Eva Tiomno se propôs a participar do curso referido.

AMBASSADE DE FRANCE AU BRÉSIL
 L'ATTACHÉ CULTUREL RIO DE JANEIRO, le 21 Juillet 1952
 21, RUA ALVARO ALVIM, 17º andar
 Tel. 22-9462
 CERTIFICAT
 L'Attaché Culturel près l'Ambassade de France au Brésil certifie que Melle. Eva TIOMNO a été proposée comme étudiante patronnée pour le cours de Gymnastique Rythmique qu'elle désire suivre à l'Ecole Normale Supérieure d'Education Physique de jeunes filles à partir du 1er. Décembre 1952, pendant l'année universitaire 1952-1953.
 L'Attaché Culturel
 Jaluëlle Mineur

O Diretor Ubaldo Penna, em outro documento dirigido ao Governador Juscelino Kubitschek, faz um pedido de auxílio para a viagem da professora à Europa.

Belo Horizonte, 19 de dezembro de 1952.
 Excelentíssimo Senhor
 Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira
 Digníssimo Governador do Estado de Minas Gerais
CAPITAL
 I - A professora Eva Tiomno, da Cadeira de Ginástica Rítmica e Danças desta Escola, de conformidade com o certificado em cópia anexa, está proposta para fazer curso de especialização em França, a partir de dezembro corrente.
 II - Nessas condições, vimos pedir a Vossa Excelência a fineza de autorizar seja concedida à prof. Eva Tiomno, por conta do Estado, passagem de segunda classe para viagem marítima, Rio a Suécia e vice-versa, com escala de 45 dias em Paris e 45 dias na Suécia, até onde se estenderá o curso de aperfeiçoamento de ginástica rítmica a que nos referimos.
 III - Renovamos, nesta oportunidade, os cumprimentos de elevada estima e consideração.
 Ubaldo Penna
 Diretor

O certificado em cópia anexa citado nesta fonte não estava junto ao documento. Este pedido parece ter sido tardio, já que o mesmo foi expedido no dia 19 de dezembro de 1952, quase cinco meses depois da resposta da Embaixada

Francesa e no mês em que o curso começaria na França. Não encontrei referências, dentre estes documentos, que mostrassem se a professora conseguiu a ajuda por parte do Governo ou se fez o curso proposto.

O ordenado da professora era de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), com um acréscimo de Cr\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros), como ajuda de custo para que a professora pudesse honrar suas despesas em Belo Horizonte.

Ficando resolvido pelo Sr. Diretor que receberia a título de Ajuda de Custa, mais Cr\$1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros); importância essa que deixou de figurar em folha de pagamento, assinando eu, porém, o respectivo recibo.⁷⁴

Eva Tiomno recebeu esta ajuda de custo de agosto a dezembro de 1952. Por decisão do Conselho Técnico Administrativo (C.T.A.) da Escola de Educação Física do Estado, esta ajuda foi suspensa, em reunião ocorrida no dia 7 de novembro de 1952. Nesta reunião, em vista das dificuldades orçamentárias por que passava a Escola, resolveu-se cancelar esta gratificação, como também, dentre outras coisas, dispensar alguns assistentes e funcionários, inclusive “uma das assistentes da cadeira de Ginástica Rítmica e Dansas”⁷⁵. O nome desta assistente que seria dispensada não consta nesta fonte. Eva Tiomno relatou que suas assistentes foram Orita Thomaz Costa⁷⁶ e Odette Meirelles.

Quanto à gratificação da professora, o Conselho afirma “não ter a Escola assumido tal obrigação quando a contratou”. Com isto, envia documento à professora, avisando-a da suspensão:

⁷⁴ Documento datado de 14 de abril de 1953, direcionado aos membros do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Educação Física.

⁷⁵ Livro de Atas do Conselho Técnico Administrativo. E.E.F.M.G., p.20, 7 de novembro de 1952.

⁷⁶ Orita Thomaz Costa foi indicada pela professora Eva Tiomno para exercer o cargo de assistente da Cadeira de Ginástica Rítmica e Dansas, no dia 5 de maio de 1952. Fonte: Pasta de documentos da professora Eva Tiomno, encontrada na arquivo da EEEFTO/UFMG.

11/53-J.A.-

Belo Horizonte, 7 de janeiro de 1953.

Exma. Sra. Professora

Eva Tiomno

Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes

RIO DE JANEIRO

I - De ordem do Senhor Diretor, levamos ao seu conhecimento que no orçamento de 1953, por sugestão do Conselho Técnico Administrativo, foi cancelada a sua gratificação mensal de Cr\$1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros).

II - Renovamos, neste ensejo, os cumprimentos de elevada estima e consideração.

Artur Ferreira Pimenta

Secretário

Todavia, por meio de uma carta entregue ao C.T.A., a requerente apela “para o espírito de justiça dos Srs. Membros deste Conselho”, pedindo para revogar o antigo honorário, “visto ser este, um caso todo especial”. Interessante frisar que, neste documento, cuja data consta como 14 de abril de 1953, a professora relata: “Em dezembro [de 1952], sem nenhuma explicação, tive a surpresa de ver cortada a referida Ajuda de Custa”. Mas o documento 11/53-J.A.-, há pouco citado, poderia refutar tal ignorância do fato.

A partir destas fontes ficam as questões: a professora recebeu ou não este documento? Por que a professora só reclamou do não recebimento de ajuda de custo cerca de quatro meses depois do acontecido?

Pelo que parece, seu pedido de revisão da gratificação surtiu efeito frente ao Conselho Técnico Administrativo, pois nesta mesma carta enviada pela professora em manuscrito, aparecem os seguintes dizeres:

Sr. Diretor,

Em reunião de

1/6/53, o CTA. sugere

o restabelecimento

do pagamento de Cr\$1.500,00, (hum

mil e quinhentos cruzeiros) mensais

à requerente, a título de

ajuda de

custa, a partir de abril p. findo.

À sua consideração

Artur Ferreira Pimenta [assinatura]

Secretário

Logo abaixo consta o carimbo de concessão do pedido feito pelo diretor da Escola, Ubaldo Penna, com data de 9 de junho de 1953. Não pude apurar se este abono foi realmente restabelecido.

Fechando esta questão vale ressaltar um ponto interessante. No dia 3 de novembro de 1952, quatro dias antes da decisão de cortar a ajuda de custo da professora Eva Tiomno e dispensar uma de suas assistentes, está registrada a seguinte pauta no Livro de Atas:

b) Levar ao conhecimento do Sr. Diretor para as providências cabíveis o fato da profa. S. Eva Tiomno ter se afastado da capital sem aviso à Escola por quase um mez [sic], causando sérios transtornos às alunas de sua cadeira. Mormente pelo fato de sua assistente S. Orita Costa também se ter ausentado por vários dias e sem aviso. A seguir foram discutidas várias sugestões que julga o Conselho Técnico Administrativo, deverão ser apresentadas ao Sr. Diretor [...]. Tais sugestões são inspiradas no estudo da situação geral da Escola feito pelos membros do C.T.A.. Com referência a esse assunto ficou decidido que os membros do C.T.A. procurariam o Sr. Diretor para apresentar e esclarecer as sugestões, se possível em reunião conjunta.⁷⁷

Esta pauta talvez possa indicar o motivo da decisão tomada pelo Conselho no dia 7 de novembro de 1952, quanto aos cortes nos vencimentos da professora Eva Tiomno, quatro dias depois. Poderia indicar também que Orita Thomaz Costa seria a possível assistente da Cadeira de 'Ginástica Rítmica e Dansas' que seria dispensada. Mas esta possibilidade perde validade a partir de um documento datado de 08 de maio de 1957, no qual o secretário da Escola, Pedro Antônio Gazire, solicita as seguintes informações à professora Maria Yedda Maurício Ferolla:

Tendo a Secretaria da Escola, verificado faltas contínuas da Assitente desta Cadeira, Profa. Orita Thomaz Costa, pelo presente, solicitamos da prezada professora, informações sôbre as referidas faltas, para as devidas providências.⁷⁸

⁷⁷ Livro de Atas do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais. Dia 3 de novembro de 1952, p.18V-19.

⁷⁸ Este informe faz parte da pasta de documentos da professora Maria Yedda Maurício Ferolla, localizada no arquivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Isto indica que Orita Thomaz Costa ainda permaneceu no quadro de funcionários da então Escola de Educação Física de Minas Gerais, ou seja, não foi a pessoa que poderia ter sido dispensada⁷⁹. A professora Vera Soares relatou que a assistente deixou seu cargo para se casar⁸⁰.

Nos livros de Atas do Conselho Técnico Administrativo ainda são encontrados outros episódios envolvendo a professora Eva Tiomno. Como exemplo, no dia 9 de dezembro de 1952, o Conselho sugeriu que na formatura da turma de alunos daquele ano fosse suprimida a “parte de demonstrações esportivas dos alunos”. Dentre os motivos, destacam-se a pequena freqüência de alunos aos ensaios, “mormente na parte masculina”; além da requisição de “material caro e de demorada confecção para a festa”, por conta das professoras Guiomar Meirelles Becker e Eva Tiomno⁸¹.

Também, na reunião do dia 3 de março de 1953, registrada no Livro de Atas, consta a seguinte citação:

[...] c) não tendo a prof. Eva Tiomno comparecido até hoje para assumir a sua cadeira, nem para fazer as provas de segunda época, o Conselho sugere ao sr. Diretor que se officie á citada professora consultando sobre os motivos que lhe ocorrem para justificar tal atraso.⁸²

Tais episódios deixam transparecer uma certa tensão entre alguns membros da Escola com a professora, já que ocorreram problemas consideráveis em um prazo de menos de um ano.

Eva Tiomno também pediu autorização para ir ao Congresso Eucarístico Nacional, em Belém, de 3 a 30 de agosto de 1953. Mas não há outras referências a respeito.

⁷⁹ Foram encontrados os documentos da funcionária Orita Thomaz Costa no arquivo da EEEFTO/UFMG. Em dois documentos da pasta da funcionária, diz-se que, em 21 de maio de 1957, a Fundação Casa Popular (sobre esta Fundação não encontrei outras referências) pede para Orita Thomaz Costa trabalhar em suas dependências, fato que se concretiza no dia 5 de setembro de 1957. Esta seria outra referência que comprovaria a presença da professora na Escola até o ano de 1957.

⁸⁰ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

⁸¹ Guiomar Meirelles Becker era professora de Ginástica Feminina Moderna, na Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, permanecendo na instituição após a fusão.

⁸² Livro de Atas do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais. Dia 3 de março de 1953, n.9, p.30.

Três dias antes da fusão entre as Escolas, o Conselho Técnico Administrativo envia à professora um documento indeferindo o pedido de aulas suplementares dando como explicação o fato de o tempo estar escasso para tal intento.

Belo Horizonte, 12 de novembro de 1953.

Exma. Sra.
Prof. Eva Tiomno

CAPITAL

I - Levamos a seu conhecimento que o Conselho Técnico Administrativo, em reunião ontem realizada, após examinar detidamente o assunto, não obstante o ofício-circular nº49/53, considerou como sendo praticamente impossível atender seu pedido de aulas suplementares, em virtude de as aulas se encerrarem somente a 15 de novembro e as provas se iniciarem quatro dias depois, isto é, a 19 do citado mês.

II - Renovamos, neste ensejo, os cumprimentos de elevada estima e consideração.

Artur Ferreira Pimenta
Secretário

O conteúdo do documento dá a entender que as atividades da Escola seguiriam normalmente, apesar da fusão iminente. Fica a dúvida quanto ao conteúdo do “ofício-circular nº49/53”, que poderia estar vinculado à fusão das duas Escolas. Todavia, não podemos afirmar se a professora (ou todos os professores) tinha conhecimento de tal fusão que ocorreria no dia 15 de novembro de 1953.

No período entre a fusão da Escola e a demissão da professora só foi encontrado um documento de 10 de setembro de 1954, com a referência 175/54-UC*, comentando sobre um ofício do Departamento de Instrução da Força Policial, solicitando “providências no sentido de resolver o assunto”. Porém, não há qualquer outro dado ou fonte que deixe nítida a natureza destas providências.

Em 30 de março de 1955, o Conselho Técnico Administrativo emite o documento:

55/55

Belo Horizonte, 30 de março de 1955

Exma. Sra.

D. Eva Tiomno

CAPITAL

Tendo o Conselho Técnico Administrativo da Escola, no orçamento do corrente ano, extinguido a função⁸³ na qual está incluída a prezada senhora, lamentamos ter que dispensar a sua valiosa colaboração.

Solicitamos pois, o seu comparecimento á [sic] Tezouraria da Escola, para o devido ajuste de contas.

Nesta oportunidade, renovamos os nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS

Depois disto, Eva Tiomno reclama na Justiça do Trabalho alguns direitos que ela julgava ter. No dia 7 de junho de 1955, é remetido o documento “99/55-J.A.-”, comunicando à professora que estaria à sua disposição, na Tesouraria da Escola, “um cheque de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros), referente ao saldo de seus vencimentos”.

Um mês depois a Escola recebe a notificação nº 795/95, da 3ª Junta de Conciliação e Julgamento, da Justiça do Trabalho, tendo como assunto uma reclamação apresentada por Eva Tiomno. Pede-se para comparecer à Junta às 13 horas do dia 27 de julho de 1955 para audiência referente aos vencimentos que a requerente diz estar em falta.

No Termo de Reclamação “Proc.JCJ.nº 692/55”, encontram-se os seguintes dados:

Entrada: Em maio de 1952

Saída: 30 de março de 1955

Salário: Cr\$ 3.000,00

Pagamento: mensal

Alega a recte., que quer haver do recdo., aviso prévio, indenização, férias, diferença de salário, mais um mês de ordenado, assim sendo pleiteia nessa Justiça.

⁸³ No período da fusão entre as Escolas, como afirmado no item 2.2, a professora Maria Yedda Maurício Ferolla assumiu a disciplina Ginástica Rítmica. Com isto, a ocupação de Eva Tiomno, neste período intermediário, continua sendo uma incógnita. Inclusive, a professora Maria Yedda, em depoimento oral, afirma que não se recordava de Eva Tiomno, que só tinha ouvido falar dela. Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

Aviso prévio.....	Cr\$ 3.000,00
Indenização.....	Cr\$ 9.000,00
Férias.....	Cr\$ 6.000,00
Diferença de salário.....	Cr\$ 6.000,00
Hum mês de ordenado.....	<u>Cr\$ 5.000,00</u>
	Cr\$29.000,00
Total da presente reclamação.....	Cr\$29.000,00

(Vinte e nove mil cruzeiros)
Eva Tiomno
Reclamante

Em 27 de julho de 1955, Sylvio Raso dá procuração ao advogado Marcelo J. Linhares pra representar a Escola no caso de Eva Tiomno. Em outro documento, afirma-se que Pedro Antonio Gazire, secretário da Escola, iria representá-lo na Junta, neste caso.

O último documento encontrado na pasta da professora é um ofício que, ao que se entende, fala do não-cumprimento da sentença por parte da Escola de Educação Física, no caso dos vencimentos requisitados pela professora. A Escola teria entrado com um recurso e também não teria depositado o valor estipulado pela condenação.

Ofc. Nº 1.562/55

Belo Horizonte – Minas Gerais

Em 21 de novembro de 1955

Senhor:

No processo JCJ-692/55, entre partes: Eva Tiomno e Escola de Educação Física de M.G. e Universidade Católica de M.G. (Escola de Educação Física), consta o r. [respectivo] despacho que transcrevo: “J. Não recebo o recurso, embora tempestivo, eis que a parte recorrente não depositou a importância da condenação. Intime-se. Em 18-11-55. V. de Mello”.

Saudações.

Chefe da Secretaria

Escola de Educação Física de M. Gerais

Av. do Contorno, 8476

N/CAPITAL

Isto mostra que a saída da professora tornou-se conturbada para ambas as partes. Depois disto, ela retornou ao Rio de Janeiro, casou-se e trabalhou com natação, outra área com a qual se identificava, depois que ficou viúva.

Baseando-se em todo este panorama rico de acontecimentos singulares na vida desta professora e na história desta instituição, indago sobre a ausência da professora Eva Tiomno no trabalho de Eustáquia Salvadora de Sousa (1994) e na monografia de Roberto Malcher Kanitz Júnior (2003), já que ambas as pesquisas tratam, entre outras questões, do quadro de professores da Escola neste período. Os dois trabalhos citam os primeiros professores das instituições, mas não figura o nome de Eva Tiomno. Inclusive, em nota, SOUSA (1994, p.119) aponta que, no Parecer n.30, do Conselho Nacional de Educação – MEC, de 1952, consta o nome de Odette Meirelles como professora de Ginástica Rítmica na Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais.

Além disto, fica a questão da permanência da professora Eva Tiomno na Escola de Educação Física de Minas Gerais até março de 1955, ou seja, 14 meses após a fusão. No contato telefônico e na conversa pelo bate-papo, a professora não soube me dar quaisquer informações, alegando não ter lembranças deste período.

Acredito que a ausência da professora nas pesquisas já concluídas evidencia que, por mais que se estude o mesmo tema na História da Educação, sempre é possível achar novas nuances, novos personagens, ou mesmo novas opiniões sobre os mesmos fatos, a partir de outros referenciais e enfoques críticos utilizados. Considero o caso desta professora de extrema importância, demonstrando que novas fontes podem ajudar a trazer histórias singulares que podem ter influenciado decisivamente no cotidiano de uma instituição, mesmo que por um curto período de tempo.

2.4 Aproximações com o cotidiano da dança: práticas e praticantes

Além de Eva Tiomno, alguns docentes estiveram direta ou indiretamente envolvidos com a dança na Escola de Educação Física de Minas Gerais. Esta presença, mesmo que sombreada, era perceptível na disciplina Ginástica Rítmica, de forma central, e nas práticas de recreação⁸⁴. Quanto à Ginástica Rítmica, passarei a

⁸⁴ Sobre as práticas de recreação na Escola de Educação Física de Minas Gerais, de 1952 a 1970, ler “Uma história da recreação (1952-1970): constituição inicial da disciplina na Escola de Educação

citar, constantemente, as professoras Maria Yedda Maurício Ferolla⁸⁵, Odette Meirelles e Vera Soares.

Estas três professoras construíram os primeiros pilares para a afirmação da dança dentro do cotidiano da Escola. É importante ressaltar a importância do caráter subjetivo das professoras. Suas escolhas foram primordiais na conformação de uma história da dança na Escola, influenciando vários contextos que serão apresentados nesta pesquisa⁸⁶.

Neste período, Maria Yedda era a principal responsável pela disciplina Ginástica Rítmica. Para ministrar suas aulas, a professora contava com a ajuda de duas assistentes e uma pianista. Suas assistentes eram Odette Meirelles, que trabalhava a parte rítmica das aulas; e Vera Soares, que auxiliava na parte de dança. Neste período, Heloísa Martins foi contratada como pianista, fazendo parceria com Odette Meirelles⁸⁷. Vera Soares foi aluna de Eva Tiomno na Escola de Educação Física de Minas Gerais e, após a fusão, concluiu o aprendizado da Ginástica Rítmica com Maria Yedda. Logo após completar o curso, foi chamada para substituir Orita Thomaz Costa, graças ao seu bom desempenho, sendo que, algumas vezes, auxiliava a professora Guiomar Meirelles Becker em montagens e apresentações de Ginástica Feminina Moderna, algo que causava ciúmes em Maria Yedda⁸⁸.

Física de Minas Gerais”, de Marina Guedes COSTA E SILVA. (2005). Sobre a dança vinculada às práticas de recreação, falaremos no item 4.8.

⁸⁵ A partir daqui, passarei a citar a professora Maria Yedda Maurício Ferolla somente como “Maria Yedda”.

⁸⁶ A autora Anna Maria Salgado CALDEIRA afirma que o aspecto subjetivo do professor está intimamente ligado às suas escolhas, dentro da sua atuação profissional. Estas escolhas seriam o “resultado da influência de aspectos mais amplos, como os processos culturais, econômicos, sociais e políticos” Daí a importância de estudar as histórias de vida e as trajetórias profissionais de professores, “como forma de conceber o professor como ator e de captar a dimensão subjetiva de sua formação”. (2001, p.94).

⁸⁷ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

⁸⁸ Todos os dados foram retirados de uma entrevista com a professora Vera Soares, realizada no dia 5 de julho de 2007. Esta entrevista permitiu uma melhor visão do cotidiano vivido pelas professoras, além de dar uma maior segurança no trato com os dados que as fontes me mostraram. A professora Vera Soares, a princípio, afirmou estar receosa pela sua memória falha, porém, aos poucos, foi descortinando vários acontecimentos que enriqueceram bastante a história da dança na Escola. Vale ressaltar que esta entrevista ocorreu tardiamente por impossibilidades várias, muitas vezes causadas por impossibilidade da professora. Contudo, a insistência cuidadosa permitiu a realização do depoimento oral, num momento de grande satisfação, onde pude me divertir bastante com o bom humor e a delicadeza da professora, que se mostrou extremamente solícita e preocupada com a qualidade das informações, mostrando-me documentos e fotos desta época.

A disciplina Ginástica Rítmica, neste período, era marcada pela predominância da dança moderna, além de algumas danças folclóricas e interpretativas. Essa disciplina estava presente em todos os cursos que a Escola oferecia, sendo que as alunas freqüentavam as mesmas aulas. As aulas eram realizadas em uma sala ou em um salão, utilizando geralmente o piano como recurso didático para a execução das tarefas propostas pelas professoras.

As aulas duravam cerca de 45 minutos, sendo obrigatório o uso de malha preta durante as mesmas. Os materiais utilizados eram pandeiros, chocalhos, atabaque, dentre outros. Apesar da curiosidade, os homens tinham acesso muito restrito a estas aulas, evitando, assim, a inibição e dispersão das alunas.

As alunas adquiriam noções gerais sobre rítmica e dança, por meio de aulas teóricas e práticas⁸⁹. Eva Tiomno e Maria Yedda apresentavam grandes similaridades nos conteúdos trabalhados, talvez pela formação adquirida na mesma instituição, a Escola de Educação Física e Desportos (ENEFD). Como afirmado anteriormente, a dança moderna e suas várias técnicas tinham uma centralidade evidente, sendo complementada pelos vários exercícios ligados à área da rítmica, além de trabalhos com banda de percussão⁹⁰.

Os dados sobre o trabalho de Eva Tiomno são mais escassos, mas mostram sua preocupação com a questão expressiva. Os vários conteúdos cobrados em sua prova de segunda época eram complementados com a proposta de se realizar uma “expressão a escolha do aluno”. Vera Soares afirma inclusive que Eva Tiomno tinha como característica principal o virtuosismo e a expressão, além de ser uma mulher muito bonita e excelente dançarina. Por ter sido aluna de Eva Tiomno, relatou sobre suas aulas, além de seus métodos de avaliação.

⁸⁹ A partir daqui, utilizarei como fontes seis documentos. Um destes documentos, não-datado, é o único que encontrei sobre os conteúdos trabalhados por Eva Tiomno, contendo os pontos para as provas de segunda época do curso de Medicina Especializada em Educação Física e Desportos. Os outros cinco são de Maria Yedda, sendo que quatro contém pontos para 2ª prova parcial da disciplina Ginástica Rítmica (um de 1954, dois de 1955 e um de 1956; destes, um de 1955 era do curso de Medicina Especializada e os outros três eram do Curso Superior) e o outro contém a relação da matéria lecionada para a turma da 1ª série do Curso Superior de Educação Física, de março a junho de 1958.

⁹⁰ Eva Tiomno, em seu relato por bate-papo virtual, afirmou que ensinou o trabalho com banda de percussão para Odette Meirelles já que, segundo a professora, ninguém em Minas Gerais sabia que “tinha essa matéria ligada à dança”.

A Eva só dava dança moderna, sabe? Eram danças bruscas, rolava no chão, punha e era um espetáculo. E a gente atrás, o que ela fazia a gente fazia junto, sabe? As provas dela, ela dava, mandava a gente escolher a música e era individual. [...] Então aí gente já combinava com a pianista o que nós íamos dançar. A minha casa ficava assim de gente, de colega pra poder eu ajudar, colaborar, sabe? Então tinha uma que chamava Linda, maravilhosa, morena de olhos azuis. Não sabia nada assim de dança, sabe, completamente sem ritmo. Então arranjei uma música, acho que era de Bethoven, [...] e ela parecia uma louca. Ela tinha o cabelo comprido, aí eu falei assim: amarra seu cabelo, depois você arreventa o cabelo, uma transloucada, né! [risos] [...] é porque ela não sabia fazer coisas bonitinhas, sabe? [...] então ela fez, tirou dez e eu tirei um nove [risos].⁹¹

Os conteúdos propostos por Eva Tiomno baseavam-se nas várias movimentações possíveis para o corpo, passando pelos estudos de transferência do peso do corpo, educativos de saltos e giros, movimentos balanceados, equilíbrios, movimentos especiais de flexibilidade, além de danças regionais e folclóricas, que não foram especificadas. Nota-se uma preocupação com o trabalho com as várias partes do corpo e com as formas de se expressar com o movimento destas partes. Quanto à parte rítmica, aparecem dois pontos onde se cobram deslocamentos rítmicos, caminhando normalmente e em meia ponta.

Eva Tiomno afirmou que sua experiência profissional era proveniente da técnica clássica, aprendida nas aulas de balé no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e da dança moderna ensinada pela professora Helenita, na ENEFD. A professora relata que “gostava realmente da dança moderna” e que Helenita e sua assistente Dorinha eram maravilhosas e muito queridas pelas alunas⁹². Apesar da preferência pela dança moderna, Eva Tiomno também ensinou algumas danças folclóricas como samba, maracatu, frevo, gafieira e danças gaúchas.

Os documentos que mostram os conteúdos trabalhados por Maria Yedda na década de 50 demonstram sua característica mais forte. De acordo com Vera Soares, Maria Yedda era uma professora muito competente, com uma ênfase muito grande na parte técnica da dança. Em seus planos de aula e provas fica muito nítida a questão técnica, onde os movimentos eram criteriosamente detalhados:

⁹¹ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

⁹² Depoimento da professora Eva Tiomno, 08 de agosto de 2007, pelo bate-papo virtual MSN.

Correndo, saltar com flexão da perna da frente e extensão da perna de trás, batendo ponta do pé na perna contrária.
Cruzar os braços com movimentos leves no plano horizontal em frente, no plano frontal em cima e em baixo; passo de valsa.
Valsando 3 tempos cruzar os braços com movimentos leves em frente que vão se ampliando e no 4º tempo flexão do tronco, cruzando com movimentos leves em baixo.
Elevação do braço esquerdo á frente no plano sagital e de lado no plano frontal acentuando ombro⁹³.

Estas citações são freqüentes nas fontes. Há uma preocupação apurada com a nomenclatura e as definições dos movimentos. Embora o aspecto prático da dança tenha presença forte, a teoria está presente entre os conteúdos da disciplina. Estudos sobre a história do balé, a dança moderna e personagens importantes no mundo da dança e da música ditavam a tônica das discussões teóricas. Personalidades como Isadora Duncan, Rudolf Laban e Chopin foram temas das avaliações da Ginástica Rítmica.

As partes musical e rítmica já aparecem nos documentos com mais clareza, algo não observado na fonte sobre o trabalho de Eva Tiomno. Trabalhos com compassos binário, ternário e quaternário; interpretação de trechos musicais; corridas rítmicas com batidas de palmas; exercícios rítmicos de contagem. Neste trabalho incluía-se a preparação e execução de músicas para a montagem do que a professora designava *banda de percussão* ou *banda rítmica*. A regência de banda rítmica e de coral era muito valorizada. Neste tema, as alunas aprendiam a realizar a interpretação de músicas, a confeccionar instrumentos musicais, faziam treinamentos de coral e tinham noções gerais de regência musical. Algumas músicas eram trabalhadas nos chamados “exercícios rítmicos”: “sapo Jururu”; “cae, cae, balão”; “passa, passa, gavião”; “ciranda, cirandinha”; “primavera”; “na Bahia tem”; “a machadinha”; “o sino da igreja”; “samba lelê”; “o relógio”; “o carrilhão”.

⁹³ Estes são quatro exemplos de movimentos cobrados na prova parcial do 2º semestre de 1954, no Curso Superior de Educação Física, pela professora Maria Yedda.



FIGURA 4 – Banda de percussão: alunas da Escola de Educação Física de Minas Gerais ensinando atividades de ritmo. Rua de Recreio no Campo do América. Data provável: 1958/1959.



FIGURA 5 – Festividade de aniversário da Escola de Educação Física. À frente da turma do 1º ano de 1971, regendo a banda de percussão, a aluna Judith C. Miranda.

Ainda sobre a banda de percussão, as alunas aprendiam a tocar os instrumentos da banda de percussão geralmente composta por pandeiro, triângulo e outros instrumentos que eram construídos por elas. Eram escolhidas músicas para serem orquestradas e interpretadas.

[...]Rítmo: -

Apresentação dos instrumentos da “Banda de Percussão”. Como tocá-los. Abreviatura dos mesmos.

[...] Orquestração da música “ O carrilhão”. Interpretação com palmas de acôrdo com a orquestração. Recordação dos pontos teóricos dados. Valôres das notas. Ponto de aumento. Quiálteras.

[...] Banda de percussão. Aprendizagem por intuição. Musica: “Onda vem, onda vae”. Formação de frases musicais pondo em prática os valôres das notas no compasso quaternário.⁹⁴

No que diz respeito à dança, vários elementos eram exercitados com as alunas. Saltitos, quedas, exercícios de flexibilidade, deslocamentos diversos, planos e direções, giros, posições, elevações, dentre outros. Estes vários elementos diziam respeito a uma base de dança que se pensava em passar para as alunas. Além desta base, outros estilos de dança eram desenvolvidos. Tanto Maria Yedda quanto Vera Soares, em seus depoimentos, ressaltaram um trabalho realizado a partir do poema “E agora, José?” de Carlos Drummond de Andrade. Esta coreografia inspirada na obra do poeta mineiro, de acordo com as professoras, foi extremamente elogiada, inclusive se tornando notícia na imprensa.

Outro estilo de dança que começa a aparecer cada vez mais nos documentos é a dança regional ou folclórica. Como relatado anteriormente, Eva Tiomno trabalhava com este tipo de dança, porém não pude apurar quais danças regionais a professora contemplou. No caso das aulas de Maria Yedda, algumas danças nacionais e internacionais já apareceram nos primeiros anos de atuação na Escola. Como exemplos, aparecem as danças: Quadrilhe de Sisteron, em 1954; Tarantella e Minueto, em 1955; Choth de carreirinha (dança gaúcha), em 1958. Outras danças

⁹⁴ Estes dados foram retirados do documento “Relação da matéria lecionada do período”. Este documento diz respeito aos elementos trabalhados na Ginástica Rítmica no primeiro semestre de 1958, no Curso Superior de Educação Física.

folclóricas devem ter sido trabalhadas, porém as fontes e os depoimentos das professoras não me permitem afirmar.

Vera Soares relatou que a professora Guiomar Meirelles Becker, responsável pela disciplina Ginástica Feminina Moderna, também realizava pesquisas e trabalhos com dança. A Figura 6, traz a imagem de uma apresentação da Dança do Mastro, pesquisada pela professora Guiomar em Ouro Preto. Inclusive, a professora Vera comenta que Guiomar Meirelles Becker convidou um morador da cidade para ensinar a música à pianista Amita Andrade, que a transformou em partitura. A roupa com a qual as alunas estão vestidas nesta figura foi confeccionada pela professora Guiomar e era utilizada também em apresentações de Ginástica Feminina Moderna.



FIGURA 6 – Dança do mastro. s/d.

Esta foi apenas uma aproximação inicial com este estilo de dança, sendo que o mesmo foi ganhando um espaço cada vez mais expressivo nas práticas de dança, dentro das disciplinas que trabalhavam o conteúdo abordado nesta pesquisa⁹⁵.

Estes aspectos ligados às práticas de dança neste período dizem respeito aos poucos documentos encontrados e analisados. Ainda neste e nos próximos dois capítulos falarei sobre outras práticas e conteúdos de dança, assim que eu avançar no período pesquisado e as fontes me permitirem.

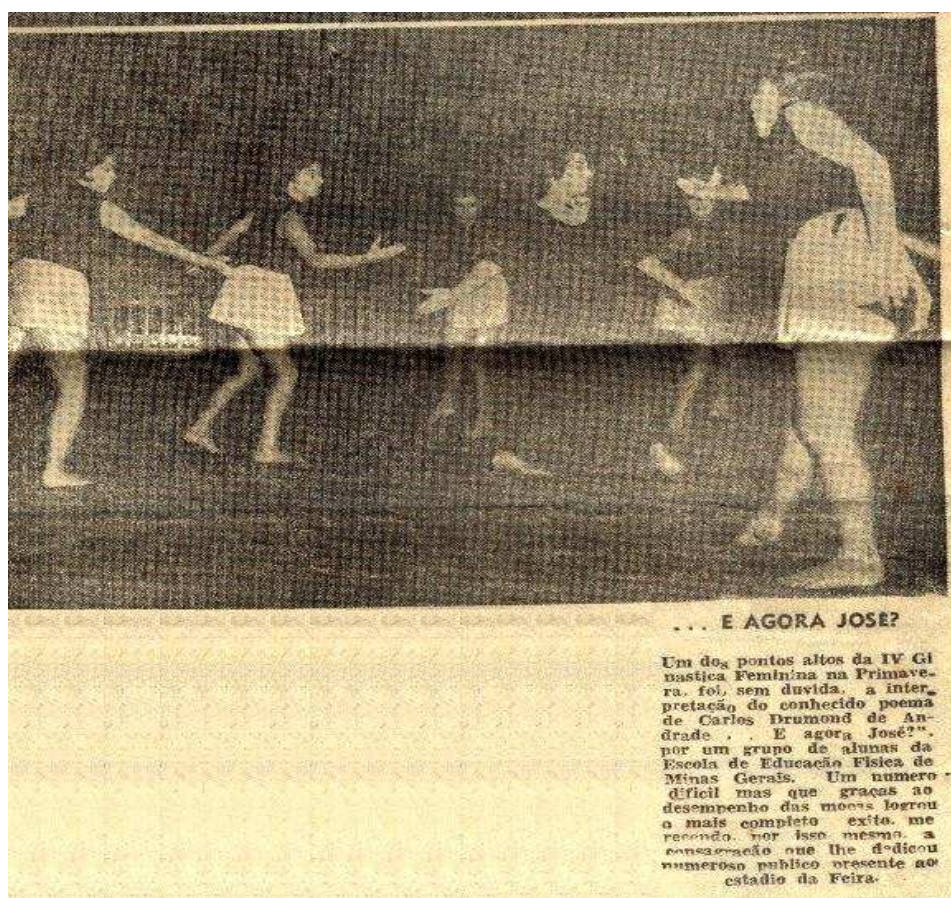


FIGURA 7 – Cena da apresentação da coreografia baseada no poema “E agora José?”, de Carlos Drummond de Andrade, no estádio da Feira de Amostras.⁹⁶ s/d.

⁹⁵ Falaremos mais sobre este assunto no capítulo 3.

⁹⁶ De acordo com a professora Vera Soares, o estádio da Feira de Amostras funcionava onde hoje está localizada a Rodoviária de Belo Horizonte, sendo que várias coreografias montadas pelas alunas e professoras foram apresentadas neste local. Este recorte de jornal pertence ao arquivo pessoal da professora Maria Yedda Maurício Ferolla.

2.5 Pós-fusão das Escolas: busca de visibilidade

Voltando a escala de observação para a história da instituição a partir da fusão, a Escola de Educação Física de Minas Gerais passa a empreender uma série de ações no sentido de se firmar frente à sociedade belorizontina e mineira. Alguns percalços ocorreram neste ínterim, mostrando que o caminho não foi nada tranquilo.

As professoras formadas no curso de Educação Física Infantil, por exemplo, tiveram problemas para trabalharem em escolas. Amanda Matos⁹⁷ relata que, na Ata da Congregação da Escola de 23 de junho de 1955, o professor Francisco Veloso Meimberg pede providências no sentido de amparar as professoras de Educação Física Infantil formadas pela EEFMG que não estavam sendo contratadas pela Secretaria de Educação, sendo dada a preferência às professoras provenientes do Instituto de Educação. A autora afirma que este fato ocorreu, provavelmente, porque a Escola de Educação Física de Minas Gerais conseguiu o reconhecimento como escola de ensino superior, por parte do Governo Federal e do Conselho Nacional de Educação, tardiamente⁹⁸. Apesar do reconhecimento ter acontecido depois de um ano e meio da fusão, os cursos continuaram sendo ofertados normalmente; porém, isto não garantia, neste período, a certeza da inserção das professoras nas escolas estaduais.

Dom Cabral teve atuação destacada na busca de visibilidade da Escola, utilizando a imprensa para convencer a população das novas e modernas concepções que a Igreja tinha sobre as questões do corpo, utilizando a Educação Física como importante veículo de divulgação dos novos ideais do esporte cristão para o povo, principalmente para a mocidade.

No jornal “O Diário”, de 16 de março de 1954, foi veiculado o artigo “Também o esporte aproxima o homem de Deus - A sólida base moral e espiritual da Escola de Educação Física de Minas Gerais, fruto da fusão de duas iniciativas generosas e progressistas”. Esta reportagem traça um amplo quadro das representações que

⁹⁷ MATOS, 2003, p.47-48.

⁹⁸ O reconhecimento oficial ocorreu por decreto federal, no dia 13 de abril de 1955, dois meses antes do fato relatado. Fonte: Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano II, n.3, novembro de 1958, p.3.

influenciavam a instituição, assim como a relação Educação Física - Igreja Católica, naquele período.

O artigo mostra a idéia de um espanto que a sociedade belorizontina teve ao ver abrir na cidade uma Escola Católica de Educação Física. Este espanto teria sido substituído pela incredulidade e ceticismo, por boa parte da sociedade “recatada e austera” desta cidade. Logo, esta era “uma obra de pioneirismo e, como tal, teria de encontrar obstáculos sem conta, a hostilidade gratuita, a incompreensão”. Entretanto, uma campanha de grande envergadura foi deflagrada por Dom Cabral, “com seu admirável espírito empreendedor e o largo descortínio”, para orientar a todos quanto à importância da prática esportiva sob a égide moral trazida pelos preceitos cristãos.

Não se cogitava de estimular a prática do esporte em bases desvirtuadas, mas justamente restabelecer a obediência rigorosa aos princípios da educação física, combater os efeitos maléficos das doutrinas nocivas e orientá-la em um sentido de absoluto respeito à moral.⁹⁹

Para maior embasamento de tal afirmação, Dom Cabral apresenta instruções advindas do Papa Pio XII, nas quais o último situa o desporto e a ginástica frente à consciência religiosa e moral, nas mais diferentes classes e camadas sociais. Para ratificar suas pretensões, Dom Cabral apresenta falas proferidas pelo Papa no Congresso Científico Italiano de Desporto e Educação Física, em novembro de 1952, quando falou a 800 professores de Educação Física e médicos desportivos:

“Baseai portanto a vossa alegria na prática correta da ginástica e do desporto. Levai mesmo para o meio do povo a sua benéfica corrente para que prospere cada vez mais a saúde física e psíquica e certifiquem os corpos ao serviço do espírito: sobretudo, enfim, não esqueçais, no meio da agitada e inebriante atividade gímnico-desportiva, aquilo que na vida vale mais do que todo o resto: a alma, a consciência, e no vértice supremo, Deus.”

⁹⁹ Também o esporte aproxima o homem de - A sólida base moral e espiritual da Escola de Educação Física de Minas Gerais, fruto da fusão de duas iniciativas generosas e progressistas. O Diário, 16 de março de 1954.

“O esporte é uma escola de lealdade, de coragem, de domínio da vontade, de resolução, de fraternidade universal, todas, virtudes naturais – mas que fornece às virtudes sobrenaturais um fundamento sólido e preparam-nas para suportar sem fraqueza o peso da responsabilidade mais grave.”

As colocações do Papa, citadas por Dom Cabral, tornaram-se uma estratégia usada para convencer uma sociedade conservadora e predominantemente católica quanto à inclusão do esporte na prática cotidiana do indivíduo. Para isto, era necessária uma Escola de Educação Física que funcionasse a partir do “acurado exame das condições em que se deve orientar as atividades letivas”, tanto teóricas, quanto práticas. Com a chancela da Igreja e o apoio do Governador do Estado, a nova Escola de Educação Física estaria transformando em realidade uma das mais antigas reivindicações dos desportistas mineiros, sem ferir as tradições culturais mineiras. Mesmo com a valorização das questões do corpo atravessando o discurso proferido no artigo, destaca-se uma última advertência do Papa Pio XII, situando a atividade deste corpo como uma busca do aperfeiçoamento das qualidades físicas a favor do aperfeiçoamento moral do indivíduo, aproximando-o de Deus.

“O desporto e a ginástica têm como fim próximo educar, desenvolver e fortificar o corpo, sob o ponto de vista estático e dinâmico; como fim mais remoto, a utilização, por parte da alma, do corpo assim preparado para o desenvolvimento da vida interior ou exterior da pessoa; como fim ainda mais profundo, contribuir para a sua perfeição; por último, como fim supremo do homem em geral, e comum a todas as formas de atividade humana, aproximar o homem de Deus”.

Nestes primeiros anos, a Escola também foi alvo de acusações de fraudes. No início de 1956, o deputado estadual Milton Sales udenista, levou à Comissão de Inquérito do Estado uma denúncia de fraude no livro de assinatura de presença dos professores. O deputado acusa um dos professores de não ter ministrado suas aulas e, mesmo assim, teria recebido seus vencimentos. Numa primeira visita ao estabelecimento, uma comissão havia verificado que, no livro de registro de professores, estas aulas teriam sido proferidas pelo assistente.

Constatando a contradição, passou o deputado Milton Sales a examinar atentamente as assinaturas. Segundo informou á reportagem estas lhe pareceram suspeitas, pois, apesar de figurarem como terem sido lançadas em épocas diferentes, desde o início do ano letivo até o final do mesmo, haviam sido feitas com tinta absolutamente igual e uniforme, afigurando-se-lhe como fresca e com talhe de letra muito uniforme. Julga o deputado que, para esconder a irregularidade constatada na primeira visita, foi providenciada, ás pressas, a confecção do referido livro, assim como a aposição das assinaturas.¹⁰⁰

A partir daí, o deputado pleiteou que a Polícia Técnica analisasse o referido livro, para confirmar suas suspeitas. Apoiou-se em depoimentos, “em caráter particular”, nos quais membros dos corpos docente e discente teriam confirmado o ocorrido. A partir daí o deputado Felício dos Santos fez o deferimento da denúncia. O parlamentar afirmou, ainda, que estava de posse de um ofício, enviado à Diretoria de Esportes (D.E.), dirigido ao Governador do Estado:

[...] pedindo providências enérgicas, no sentido de ser compelida a direção da Escola de Educação Física a prestar suas contas, sem as quais não poderia a D. E. apresentar para os devidos efeitos, a sua documentação ao Tribunal de Contas.

Este ofício teria sido feito depois de inúmeras tentativas junto à direção da Escola de Educação Física todas em vão. Como a mesma teria protelado todos os pedidos de esclarecimento, no sentido de levar a direção da Escola a prestar contas junto ao Tribunal de Contas, a saída teria sido realizar a denúncia.

Após um mês, na Folha de Minas, na sessão chamada “Grão de Pimenta”, foi editada uma reportagem sobre a entrada de dois candidatos cegos no curso superior de massagem.

Concluíram ambos o colégio no Instituto São Rafael e encaminharam-se para uma especialização que inesperadamente se abriu à sua capacidade. Tivemos oportunidade de presenciar algumas das provas a que se submeteram esses dois jovens cegos na Escola de Educação Física. Não lhes foi concedido nenhum privilégio ou facilidade, a não ser aqueles perfeitamente explicáveis para a sua condição de cegos. Fizeram corridas de fundo, saltaram em altura, pularam à distância,

¹⁰⁰ Perícia técnica em livro da Escola de Educação Física. Jornal Diário da Tarde, 23/02/1956.

praticaram ginástica, barra e paralela e disputaram cinqüenta metros na piscina. Tudo isso realizaram os dois cegos com a maior naturalidade, mas com uma convicção impressionante. Eram dois seres absolutamente normais que se encontravam em meio a dezenas de candidatos, moços e moças, disputando um lugar nos diversos cursos daquele estabelecimento. Bem humorados, brincalhões, sem demonstrar qualquer complexo decorrente da cegueira, esses dois jovens se sentiram inesperadamente atraídos por uma atividade cujo desempenho requer paciência, habilidade e uma cultura altamente especializada. Trabalharão com as mãos, mais exatamente com a ponta dos dedos, que são os olhos dos cegos. Nas outras matérias constantes do exame de admissão, impressionaram eles pelo índice elevado de preparo que revelaram das disciplinas do curso ginásial. Estavam mesmo muito acima da maioria dos concorrentes e companheiros de bancos. Aí então se revelou em sua plenitude a segurança, o vigor e a intensidade de sua vida intelectual.¹⁰¹

A princípio, esta reportagem poderia parecer o relato de um fato interessante na história da instituição, entretanto, este acontecimento se tornou uma estratégia para tentar desfazer uma possível má-impressão deixada pela reportagem anteriormente citada. Na seqüência da escrita, o autor “Malagueta”, tendenciosamente favorável à Escola, começa a utilizar este caso para defender a boa imagem da Escola, com seu “alto padrão de ensino”, que a destacaria entre as primeiras do país por admitir jovens cegos em seu corpo discente, abrindo novas perspectivas de ensino especializado em seus diversos cursos. Isto seria possível por vários motivos, dentre eles “a sua organização, a eficiência dos seus métodos de ensino, a alta categoria do seu corpo de professores e as instalações modelares em que funciona”. Aconselhavam os seus “detratores e adversários deliberados” a escutarem a opinião dos dois jovens, que encontraram “imediato rumo à sua vocação” graças à Escola, algo que não seria possível a eles em tempos anteriores, o que os condenaria “à frustração irremediável”.

A partir destas argumentações, a Escola teria mostrado que a melhor atitude a ser tomada era a de verificar a verdadeira situação do estabelecimento, ao invés de tentar atingi-la com uma “campanha de má fé e de incompreensão, tanto mais lamentável quanto se inspirou no propósito de atingir determinadas pessoas do seu corpo diretivo e docente”. Para ratificar esta estratégia em prol da melhor imagem da instituição, o autor do artigo afirma:

¹⁰¹ Folha de Minas, Sessão: Grão de Pimenta. Autor: Malagueta (pseudônimo). 22-3-1956.

A Escola de Educação Física do Estado está com as portas abertas para todos quantos queiram verificar seu funcionamento e organização. Foi essa a reação dos seus diretores em face das acusações apressadas que lhe foram feitas. Mas, coincidindo elas com a matrícula dos cegos, advertem como no Evangelho a esses acusadores de língua má e fácil: o pior cego é aquele que não quer ver...

Não apurei o desfecho deste caso porque as fontes às quais tive acesso não me permitiram outras considerações. Porém não poderia deixar passar este fato, já que o mesmo dá uma idéia do cotidiano, muitas vezes complexo, vivido pelas personagens desta história que estava começando a se delinear na Escola. Este acontecimento pode nos apontar, entretanto, uma divisão política, uma constante luta de interesses. De um lado, tendo como um dos personagens o deputado Milton Sales, a oposição busca encontrar brechas que pudessem gerar discussões e acusações, maculando a imagem daqueles que estavam no poder. Do outro lado, dentre outras instituições vinculadas ao Governo, a Escola de Educação Física, que utilizou seus *feitos exemplares* para poder esconder possíveis favorecimentos a professores. A dificuldade do parlamentar talvez pode ser explicada pela força política que a Escola estava conquistando a cada dia, principalmente com a entrada do governador Bias Fortes¹⁰² no poder, fato que fez com que a instituição vivesse momentos de grande prosperidade. Que momentos foram estes?

2.6 A Escola de Educação Física prospera e se projeta.

Na busca pela ampliação de seu campo de influência, tanto em Belo Horizonte como fora dela, a Escola de Educação Física de Minas Gerais ganha um importante aliado. O governador Bias Fortes, com amplo interesse político na instituição, passou a incentivar uma série de ações que aumentaram a visibilidade e a influência da Escola. Em 1957, surgem dois empreendimentos de grande vulto neste intento: o “Jornal Educação Física” e a “Jornada de Estudos de Educação Física”, ambos patrocinados por recursos provenientes do Estado, e tratados a seguir.

¹⁰² José Francisco Bias Fortes foi governador de Minas Gerais, de 31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961.

2.6.1 O Jornal “Educação Física”

O Jornal Educação Física foi o órgão responsável pela divulgação de informações relativas à vida da Escola, contendo preciosas fontes sobre assuntos diversos. Foram apenas quatro edições¹⁰³, contendo fotos, artigos, planos de aula, orientações, mensagens direcionadas à sociedade e aos membros da área. Sua intenção era ressaltar os feitos da instituição, como também valorizar a Educação Física e seus benefícios sociais.

O então Diretor da Escola, José Guerra Pinto Coelho, acentua, logo em sua primeira página, o objetivo do Jornal:

Rasgar novos e promissores horizontes para aqueles que se entregam, com fé e com idealismo a essa faina fecunda [...] O novo jornal ampliará mais ainda o âmbito de influência da Escola de Educação Física. Levará a tóda parte um éco e um documentário, sempre vivo e palpitante, das suas atividades e do seu desenvolvimento.¹⁰⁴

A exaltação dada ao informativo fica evidente em suas palavras, o que demonstra sua satisfação pelo feito tão esperado, mostrando ser o Jornal uma verdadeira vitrine da Escola, esta verdadeira “oficina fecunda de Fé e de Civismo, onde se forjam os caracteres e se planam os corpos nas práticas e nos exercícios de uma ginástica racional e sadia”¹⁰⁵.

Em suas quatro edições¹⁰⁶, vários artigos mostraram a história do surgimento da Escola, numa espécie de apanhado das lutas travadas para atingir a realização do “velho sonho dos educadores mineiros”. Este sonho vinha como consequência de

¹⁰³ A 1ª edição foi editada em outubro de 1957; a 2ª edição, em janeiro de 1958; a 3ª edição, em novembro de 1958; a 4ª edição, em outubro de 1959.

¹⁰⁴ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.1.

¹⁰⁵ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.1.

¹⁰⁶ As quatro edições do Jornal “Educação Física” contém uma enorme variedade de informações sobre a história da Escola, seus professores, os conteúdos ensinados, eventos diversos, mas também as tendências e assuntos vinculados à área de Educação Física como um todo, neste período. Esta fonte merece uma pesquisa mais apurada, abrindo caminhos para novos estudos ou enriquecendo outros que tratem dos temas acima indicados.

um grave problema vivido pela área, que passava por uma imensa escassez de profissionais habilitados para trabalhar nas escolas do Estado.

Segundo dados estatísticos recentes, Minas Gerais dispõe de pequeno número de professores legalmente habilitados em Educação Física, motivo por que ocorrem razões das mais ponderáveis para assinalar as imediatas vantagens que advirão para todos que se diplomarem nos primeiros anos de atividades da Escola de Educação Física de Minas Gerais, cujos cursos funcionam sob regime de gratuidade.¹⁰⁷

Com isto, a Escola tinha como missão formar os “futuros professores que [contribuiriam] para formar no seio de nosso povo aquela geração casta e forte de que o Brasil tanto precisa para bem cumprir a missão histórica que a Providência lhe reservou”.

Com esta incumbência divina e patriótica, a Escola foi apresentando suas ações, centradas no ideal de formar uma juventude forte e ordeira. O próprio Jornal refletia estas ações, por meio das práticas que ganhavam maior visibilidade em suas páginas. O destaque dado ao esporte e à ginástica refletia o currículo da Escola. No Jornal, os professores encontravam espaço para expor seus ideais, concepções, além de apresentarem planos de aulas e atividades indicadas às crianças e jovens, orientando professores sobre as novas tendências da área.

Um dos artigos mais emblemáticos foi redigido pelo Tenente Albano Augusto Pinto Corrêa Filho, professor da Cadeira de Desportos de Ataque e Defesa. O artigo, intitulado “Disciplina – Alicerce de uma geração vigorosa”¹⁰⁸ mostra algumas concepções e questionamentos que circulavam no período, além de imprimir o tom que vigorava na formação dos futuros profissionais que iriam educar a juventude brasileira.

As considerações feitas pelo Tenente mostram a sua preocupação com a “mentalidade de descansados, de encosto, de falta de disciplina e de desrespeito às leis e às autoridades constituídas” da população brasileira, e que poderia se refletir

¹⁰⁷ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.3-4.

¹⁰⁸ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.2, janeiro de 1958, p.4.

nos professores de Educação Física, tornando-se “necessário, sobretudo, que nos disciplinemos primeiro e que nos sujeitemos aos regulamentos vigentes, pois só assim poderemos ter o controle de nossos atos e só assim nos colocaremos em condições de dirigir amanhã”.

Apesar de ser um militar, insiste que a sua exigência pela disciplina dos alunos não é motivada por uma militarização da Escola, mas sim por respeito à profissão, já que “quem não sabe obedecer, muito menos saberá dirigir, fazendo-se respeitar”. E, para ilustrar suas idéias, utiliza-se da história do judô e do povo japonês, como verdadeiros exemplos da virtude e do amor à Pátria. Vale ressaltar um trecho do artigo:

Podem os alunos ver quanto de benefício pode trazer para um povo, um esporte praticado com o pensamento voltado para a virtude e amor à Pátria. Todos conhecem ou já ouviram falar da sobriedade, de coragem e do espírito de sacrifício dessa nobre gente, os fundadores do Judô, o povo japonês, de onde saíram os “kamicazes” arremessando seus aviões sobre os navios inimigos. Homens que souberam tirar do esporte tão nobres sentimentos e fizeram de sua prática um meio de desenvolver o amor e o espírito de sacrifício ao mais elevado grau, tudo abandonando, inclusive a própria vida, quando está em jogo o bem de sua pátria.

Possuímos essa coragem? Na hora do perigo, teremos essa dedicação?

Sim, se nos prepararmos desde pequeninos e dentro desse trabalho psicológico de idealismo e de culto nacional.

A partir deste exemplo de “sobriedade” destes “tão nobres sentimentos”, deste “espírito de sacrifício ao mais elevado grau”, o Tenente procurou inculcar os seus ideais, demonstrando sua imensa preocupação com influências nefastas que poderiam aniquilar a nação brasileira, que poderia se tornar “fácil presa do comunismo, dos bebedores de coca-cola, dos mastigadores de chicletes de bola ou dos dançarinos de ‘rock and roll’”. É interessante destacar que o Tenente, dentre as práticas condenáveis, destaca a dança do “rock and roll”, um dos ícones da nova forma de se expressar da juventude naquele período.

Este artigo apresenta diversos conceitos e preconceitos frente às práticas danosas de uma juventude influenciada por padrões de comportamento importados. Seria melhor se espelhar nos “kamikazes” japoneses do que seguir os modismos da

época. E nada melhor do que o esporte para fazer com que a juventude se tornasse sadia, moral e fisicamente.

Além desta vertente militarista presente na Escola, outra esteve presente no Jornal: a religiosa. Em “Religião e Esporte”, artigo do Padre Carlos José Gonçalves, professor de Cultura Religiosa na Escola, podemos ver a preocupação em vincular a prática esportiva à esfera do religioso, imprimindo uma conformação moral ao discurso escrito.

A Moral tem uma palavra a dizer sobre o esporte e, em última análise, o Dogma. Que ninguém veja como uma louvável curiosidade, o papa falando de esporte e educação física. Ele tinha de falar disto também! [...] No entanto, Religião é algo de inseparável do homem todo, de todas as horas dos homens, dos seus dias e suas noites, dos seus trabalhos, alegria, diversões e tristezas. Religião é inerente ao ser homem. Pelo fato de pertencer à natureza humana, tem uma obrigação inelutável de ser religioso. Anti-religioso é anti-humano.

Entendendo o esporte como uma prática humana, e tendo a concepção de que toda prática humana deve ser pautada numa consciência religiosa, nada mais indicado do que fazer com que o esporte fosse uma atividade moralmente indicada, orientando o “HOMEM PARA DEUS em todos os campos de ação”. Não era objetivo transformar o esporte em algo especificamente religioso, mas também não poderia esquecer que a base cristã estaria no alicerce de toda ação humana.

Outra evidência interessante, denotada no Jornal¹⁰⁹, é a presença de freiras nas Jornadas de Educação Física, reforçando ainda mais o vínculo da Igreja com os assuntos ligados à formação da juventude, por meio da Educação Física. Indagada sobre o evento, uma das religiosas assim se expressou:

_ [...] As aulas foram excelentes sob todos os pontos de vista. O ambiente era ótimo, e, embora, fosse um lugar estranho à vida religiosa, nada houve que ferisse a moral; aqui reinou o maior respeito e fui tratada com extrema delicadeza._ Temos um corpo, não somos só espírito, como os anjos – respondeu-nos. Esse corpo foi também criado por Deus e deve atingir a sua perfeição. Daí a necessidade da Educação Física, que atinge não apenas a matéria

¹⁰⁹ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.6.

de que somos feitos, pois forma também os hábitos morais, sociais e artísticos. A Escola de Educação Física de Minas Gerais tem um espírito verdadeiramente cristão e é por isso mesmo um meio sadio que nada tem de inconveniente nem mesmo para uma religiosa.

Outros artigos poderiam ser apreciados neste estudo, todavia destacarei, a partir daqui, àqueles que trouxeram temas referentes à Dança ou assuntos afins. Diferentemente dos esportes, em nenhum momento a dança é mostrada como prática direcionada à juventude e, muito menos, ao homem, como acontece com o esporte. Neste período, estive vinculado à formação da criança ou da professora de Educação Física que, na maioria das vezes, iria trabalhar com a infância ou com a educação física feminina, nos sistemas oficiais de ensino.

Apesar de não tratar especificamente da Dança, o artigo “Folclore e Escola”¹¹⁰, da professora Zaíde Maciel de Castro¹¹¹, traz uma explanação sobre as manifestações populares, caracterizando-as como uma forma de educação construída no seio do povo. Esta educação construída nas tradições populares coexistiria com a educação oficial, uma não excluiria a outra. Entretanto, mostra uma certa superioridade da educação escolar frente à educação popular. Diz-se de um objetivo no qual estas coexistentes formas de educação ajudariam na integração das camadas mais excluídas, “utilizando os métodos e processos populares [...] depois de enobrecidos com a ajuda das conquistas mais legítimas da ciência da educação”.

Este “enobrecimento” imposto pela legítima ciência da educação fez com que o conhecimento proveniente do folclore fosse visto como menor. Isto fica mais nítido quando a professora afirma:

“[...] ganharia a escola, com a eliminação dos desníveis entre os alunos, como já acontece com o aproveitamento das canções de roda e dos brinquedos cantados em geral, e provavelmente também o folclore, pela melhor categorização de sua forma e do seu conteúdo, pela maior difusão das suas qualidades nacionais e humanas”.

¹¹⁰ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.2, janeiro de 1958, p.10.

¹¹¹ A professora pertencia ao Conselho Nacional de Folclore. Também ministrou o curso “Atividades Rítmicas e Danças Folclóricas Brasileiras” na primeira Jornada de Estudos da Educação Física, em 1957. Ainda abordarei este assunto.

Ou seja, assim como as canções de roda e os brinquedos cantados já haviam sido aproveitados, outros conhecimentos do folclore poderiam estar a serviço da nivelção dos alunos. Portanto, ao categorizar a forma e o conteúdo dos elementos folclóricos, estes ficariam mais aprazíveis ao sistema formal de ensino.

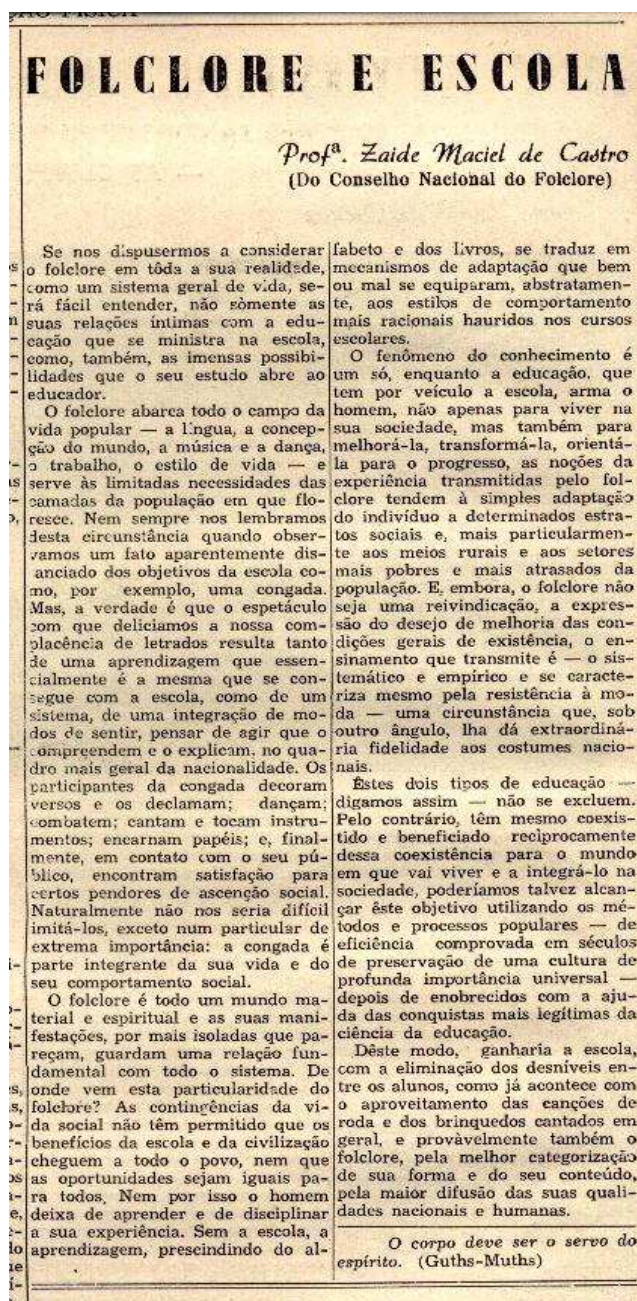


FIGURA 8 – Folclore e Escola. Jornal “Educação Física” (1958)

A consideração deste artigo, aqui, é motivada pelo fato de que, ao se falar dos elementos do folclore, de certa forma, construiu-se uma ligação com o próximo artigo, colocado na página posterior do Jornal, que será o primeiro a ser analisado a seguir.

2.6.1.1 Jornal “Educação Física”: presença da dança

Mesmo com uma importância numérica inferior, os artigos que trazem a dança como tema são de fundamental importância no que diz respeito às informações sobre as concepções e práticas daquele período. Analisar estes artigos ajuda a reforçar o quanto a dança, como prática ensinada na Escola, estava presente na formação das professoras, apesar de não figurar explicitamente no currículo oficial da instituição.

O artigo intitulado “A Função Educativa da Dança”¹¹², de Hilda Nelly de Oliveira¹¹³, faz uma abordagem sobre as possibilidades educativas da Dança, especialmente a dança folclórica, direcionada ao trabalho com crianças. Sendo a autora uma professora de Colégio, é possível depreender que desejasse atingir o professorado de Educação Física. Ela defende a utilização das danças folclóricas, acentuando o que considerava “valores físicos” e “valores morais” destas.

Valores físicos:

- 1º- Dançando, a criança aumenta a flexibilidade, a agilidade e o equilíbrio.
- 2º- Harmoniza as atitudes e o movimento, bem como a execução rítmica em todas as formas de locomoção.
- 3º- Desenvolve o aparelho cinestésico e o sentido auditivo.
- 4º- Adquire boa coordenação muscular. A criança, sem percebê-lo, pratica uma verdadeira ginástica, quer saltando, saltitando ou deslizando, e cada vez se educa mais, dentro de um ambiente alegre e agradável.

¹¹² Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.2, janeiro de 1958, p.11.

¹¹³ Hilda Nelly de Oliveira era professora do Colégio Tiradentes, diplomada na E.E.F.M.G. Também foi contratada pela E.E.F.M.G. como desenhista, de 02 de outubro de 1957 a 12 de agosto de 1963, com um salário de CR\$3000,00. Fonte: Arquivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Valores morais:

1º- A criança adquire poder de concentração e atenção.

2º- Socializa-se mais depressa.

3º- Desenvolve o sentido estético, adquirindo idéia de beleza e de ordem.

4º- Adquire espontaneidade de atitudes corretas e boas maneiras.

5º- Desenvolve o ritmo, aprendendo a aplicá-lo na vida.

6º- Desenvolve a atenção.

7º- Adquire o espírito de disciplina e cooperação.

Estes valores carregam uma série de representações sobre o papel que a dança deveria desempenhar na educação da criança. A dança folclórica foi citada como elemento de instrução para que a criança saiba sobre seu povo e outros povos; contudo, o que ficou nítido neste momento foi o caráter utilitarista da atividade, na medida em que desenvolveria o corpo e a moral infantil, ficando a questão de sua identidade como um elemento secundário.

Há uma relativa desvalorização da capacidade da criança, quando se afirma que a mesma, ao dançar, “*sem percebê-lo*, pratica uma verdadeira ginástica”. Além disto, esta citação também reforça a vinculação existente entre a dança e a ginástica, já comentada no Capítulo 1. Nota-se a importância da questão estética, da disciplina, da ordem, das boas maneiras, que seriam aprendidas de forma “espontânea”.

Com esses valores, segundo a autora, “A dança age, enfim, de u’a maneira total sôbre a criança, educando-a, tornando-a capaz de produzir com sua autoconfiança, conjuntos belos e harmoniosos, de emoção pura e natural”. Porém, que emoção pura e natural é esta?

Em seqüência, publica-se o artigo “Atividades Rítmicas Educativas”¹¹⁴, de Maria Yedda Maurício Ferolla, então professora de Ginástica Rítmica da EEFMG. Este artigo é uma apresentação dos conteúdos trabalhados em sua cadeira.

¹¹⁴ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.2, janeiro de 1958, p.11.

A Função Educativa da Dança Atividades Rítmicas Educacionais

Hilda Nelly de Oliveira

Professora do Colégio Tiradentes-Diplomada pela E. E. F. M. G.

Maria Yedda Mauricio Ferolla

Professora da Cadeira de Ginástica Rítmica da E. E. F. M. G.

A dança é uma atividade artística, chegando alguns a considerá-la subsidiária da música. Porém, como as demais atividades artísticas, é independente, possuindo a sua própria vida e meios peculiares de se demonstrar. Já existia nos tempos primitivos, quando a música se manifestava apenas pelo ritmo orgânico, que levava os povos a dançarem, ansiosos de se comunicarem e de interpretar os mais variados sentimentos, tais como guerra, amor, aspectos da natureza, etc.

Ainda hoje isto se observa nas tribos selvagens, onde, inconscientemente, nasceu o hábito de dançar em ocasiões solenes, como expressão de alegria ou de regozijo pelos sacrifícios, surgindo a dança do próprio instinto natural, que dá o sentimento e a emoção pura. A dança passou então a ser um meio de expressão não só do belo, como também da verdade.



O folclore nada mais é do que a apresentação da vida e costumes de um povo, através da dança, do canto, dos brinquedos cantados, das rodas, etc.

Uma das características essenciais do folclore é a tradição; são os hábitos e costumes que passam de gerações a gerações através de suas diversas modalidades.

Por meio das danças folclóricas, os alunos não somente se instruem quanto à vida, quer de seu povo, quer de outros povos, mas também se educam, alcançando uma série de valores individuais que podem ser classificados em dois grandes grupos: Físicos e Morais.

Valores físicos:

1.º — Dançando, a criança aumenta a flexibilidade, a agilidade e o equilíbrio.

2.º — Harmoniza as atitudes e o movimento, bem como a execução rítmica em todas as formas de locomoção.

3.º — Desenvolve o aparelho cinestésico e o sentido auditivo.

4.º — Adquire boa coordenação muscular. A criança, sem percebê-lo, pratica uma verdadeira ginástica, quer saltando, saltitando ou deslizando, e cada vez se educa mais, dentro de um ambiente alegre e agradável.

Valores morais:

1.º — A criança adquire poder de concentração e atenção.

2.º — Socializa-se mais depressa.

3.º — Desenvolve o sentido estético, adquirindo idéia de beleza e de ordem.

4.º — Adquire espontaneidade de atitudes corretas e boas maneiras.

5.º — Desenvolve o ritmo, aprendendo a aplicá-lo na vida.

6.º — Desenvolve a atenção.

7.º — Adquire o espírito de disciplina e de cooperação.

Através das danças, a sociabilidade da criança se torna mais fácil, porque ela entra em contato com a sociedade, com a vida em conjunto, convive com outras crianças em ambientes diferentes. Algumas são mais tímidas e demoram mais a ambientar-se.

O canto, o conjunto, o trabalho de cooperação, oferecem margens mais amplas para o desenvolvimento da criança.

O ritmo tem a sua ação através do canto, da dança, das palmas, das batidas de pé.

A dança age, enfim, de uma maneira total sobre a criança, educando-a, tornando-a capaz de produzir com sua auto-confiança, conjuntos belos e harmoniosos, de emoção pura e natural.

Segundo Platão, a educação é um processo de integridade total, cuja finalidade é dar ao corpo e à alma toda a beleza e a perfeição de que são capazes.

AS ATIVIDADES...

(Conclusão da pág. 10)

PRAÇA DE ESPORTES

— Pode-se comprovar o interesse da direção do meu Colégio pela Educação Física, diante das providências tomadas no sentido de dotar o estabelecimento de uma praça de esportes moderna e completa. Já conseguiu do sr. prefeito a conclusão das obras do nosso educandário, que contará em 1958 com piscina, campo gramado para ginástica, pista de corridas, caixas de saltos, área coberta para jogos de salão, vestiários etc., além do material necessário.

Também o Departamento de Educação Física terá uma sala especial para as suas aulas — conclui o nosso entrevistado.

O movimento é a base de toda e qualquer atividade. A concepção do movimento e que ele tem vida, tem um princípio e tem um fim — este princípio é a sua preparação, e este fim é o seu término.

Rudolf Laban estudou os movimentos mais simples e elementares do nosso corpo e de seus estudos resultou a teoria do movimento natural aplicado à dança moderna.

A descontração muscular é necessária, porque, como afirma Laban, algumas pessoas são tipicamente contraídas, tornando-se necessário habituá-las a se descontraírem, movimentando-se com ritmo, harmonia e continuidade.

Laban também deu muito importância ao ritmo, achando que este deve ser despertado e desenvolvido em todos nós. Daí classificá-lo da seguinte forma: ritmo físico, ritmo emocional e ritmo dinâmico.

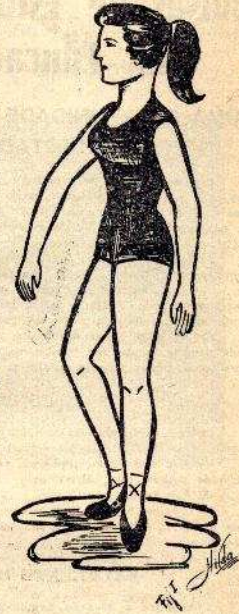
O ritmo físico é o movimento propriamente dito.

O ritmo emocional depende de nossa sensibilidade, da nossa formação psíquica.

Baseado no ritmo emocional e no ritmo físico, Rudolf Laban concebeu o ritmo dinâmico ou seja, o movimento contínuo, expressivo, como base dança natural.

O papel fundamental da "Ginástica Rítmica" é justamente desenvolver o ritmo físico, educar o ritmo emocional e dar às alunas conhecimentos indispensáveis do ritmo musical.

A dança é uma arte que deve ser cultivada com carinho, pois, traz o nosso sentimento — ela é a expressão espontânea do homem, é o sentimento, é o ritmo emocional, é o nosso eu, é o aprimoramento, é a estética do movimento.



A Cadeira de Ginástica Rítmica, regida na Escola de Educação Física de Minas Gerais, visa objetivos educacionais e artísticos. Ministramos conhecimentos básicos gerais e práticos, educamos o sentido rítmico através da iniciação musical e do conjunto de percussão, desenvolvemos a expressão, a interpretação, a auto-criação, como preparação e estudo das danças educacionais.

Realmente, não nos limitamos apenas ao ensino da Ginástica Rítmica propriamente dita. Vamos além dessa esfera, vamos até as danças educacionais, como sejam, Danças Folclóricas, Regionais, Moderna, Lírica e Dramática, abrangendo e incluindo-se no nosso programa, todas as atividades rítmicas educacionais.

Daí a idéia de que esta Cadeira não deveria ter a designação de "Ginástica Rítmica" e, sim, um nome mais amplo como, por exemplo, "Danças Educacionais" ou "Atividades Rítmicas Educacionais".

As mães fortes são as que fazem os povos fortes. E de toda necessidade a educação física das meninas para desenvolver o santuário da maternidade. (Thandièrre)



"A dança é o ritmo dos gestos e das atitudes, o verso é o ritmo das palavras, e a música é o ritmo do som".

Além de influir no físico, dando ao corpo grande movimentação, é um meio de expansão do espírito e dá ao indivíduo o senso estético, a beleza, a força, fatores importantes para a vida e para a arte.

FIGURA 9 – Artigos sobre dança no Jornal "Educação Física". (1958)

Baseando em teorias de Rudolf Laban, a autora fala da importância da teoria do movimento natural aplicado à dança moderna, no intuito de educar as “pessoas tipicamente contraídas [...] movimentando-se com ritmo, harmonia e continuidade”.

Partindo então do trabalho rítmico, a Ginástica Rítmica aparece como um instrumento importante, tendo o papel de “desenvolver o ritmo físico, educar o ritmo emocional e dar às *alunas*¹¹⁵ conhecimentos indispensáveis do ritmo musical”.

Nota-se que a autora indica a qual gênero esta atividade estava indicada, já que a Ginástica, ainda neste período, era indicada às mulheres. Como complemento ao destaque dado aos temas ligados ao ritmo e também à vinculação da atividade à figura feminina, o artigo mostra dois desenhos, de autoria de Hilda Nelly de Oliveira. No primeiro, aparecem vários instrumentos usados nas aulas da professora Maria Yedda, como pandeiros e chocalhos¹¹⁶. No segundo, temos a imagem de uma mulher usando malha preta e sapatilha de dança, numa alusão à vestimenta típica das aulas práticas de Ginástica Rítmica. Esta imagem também ajuda a reforçar a representação que vincula à prática da Ginástica Rítmica e da Dança, neste período, à figura feminina.

Mostrando o quanto a disciplina Ginástica Rítmica traduzia a dança, a autora começa a apresentar as vantagens de sua prática, retomando, inclusive, alguns elementos presentes no artigo anterior:

A dança é [...] a expressão espontânea do homem, é o sentimento, é o ritmo emocional, é o nosso eu, é o aprimoramento, é a estética do movimento. [...] Além de influir no físico, dando ao corpo grande movimentação, é um meio de expansão do espírito e dá ao indivíduo o senso estético, a beleza, a força, fatores importantes para a vida e para a arte.

Nos três últimos parágrafos, foi dada uma visão global dos conteúdos da Ginástica Rítmica, finalizando com uma proposta interessante para nosso estudo.

¹¹⁵ Grifo do autor.

¹¹⁶ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

A cadeira de Ginástica Rítmica, regida na Escola de Educação Física de Minas Gerais, visa objetivos educacionais e artísticos. Ministramos conhecimentos básicos gerais e práticos, educamos o sentido rítmico através da iniciação musical e do conjunto de percussão, desenvolvemos a expressão, a interpretação, a auto-criação, como preparação e estudo das danças educacionais.

Realmente, não nos limitamos apenas ao ensino da Ginástica Rítmica propriamente [sic] dita. Vamos além dessa esfera, vamos até as danças educacionais, como sejam, Danças Folclóricas, Regionais, Moderna, Lírica e Dramática, abrangendo e incluindo-se no nosso programa, tôdas as atividades rítmicas educacionais.

Daí a idéia de que esta Cadeira não deveria ter a designação de “Ginástica Rítmica” e, sim, um nome mais amplo como, por exemplo, “Danças Educacionais” ou “Atividades Rítmicas Educacionais”.

Vários elementos constantes nesta citação serão retomados nos capítulos 3 e 4, por meio das fontes às quais tivemos acesso, como diários de classe e provas aplicadas às alunas de Ginástica Rítmica, neste período; assim como na discussão que faremos sobre as mudanças curriculares que ocorreram na instituição, influenciando diretamente a visibilidade que a Dança obteve em períodos posteriores.

Na 4ª edição do Jornal no artigo “Medalha de Ouro para a ‘Noite do Folclore’ do Diretório Acadêmico”¹¹⁷, comenta-se sobre a participação de 70 “alunos” vinculados ao Diretório Acadêmico da Escola, que foram orientados por Maria Yedda, Odette Meirelles, Vera Soares e Heloísa Martins (FIGURA 10). Este grupo participou do VIII Festival Universitário da Arte, entre os dias 30 de agosto e 08 de setembro, com uma seqüência coreográfica chamada “Noite do Folclore”¹¹⁸. A coreografia ganhou o prêmio máximo do Festival, motivo de grande orgulho para os participantes e para a Escola.

A foto inserida no artigo dá uma primeira impressão de que há homens dançando neste evento. Entretanto, no depoimento oral, a professora Maria Yedda, apesar de inicialmente indecisa, afirma que os homens não participaram desta atividade. Isto pode ser confirmado por uma declaração do acervo pessoal da professora, de 22 de outubro de 1970, na qual o diretor da época, José Guerra Pinto

¹¹⁷ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano III, n.4, outubro de 1959, p.5.

¹¹⁸ Esta seqüência coreográfica foi montada por professoras Maria Yedda, Odete Meireles, Vera Soares e Heloísa Martins.

Coelho, afirma que a professora participou do Festival com “suas alunas”¹¹⁹. Neste documento não há referência quanto ao local de realização destes festivais. Outras informações encontradas sobre os eventos em questão, nos arquivos pesquisados nesta pesquisa, vêm de um recorte de jornal não-datado, do acervo pessoal da professora Maria Yedda (FIGURA 11). Neste artigo afirma-se que o VI Festival Universitário de Arte, ocorrido no Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte, foi patrocinado pela União Estadual de Estudantes e contou com a presença de numerosos grupos artísticos acadêmicos do país, dentre eles o *Conjunto Folclórico da Escola de Educação Física*. Na foto do artigo, nota-se uma cena da dança da Balainha.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Medalha de Ouro para a “Noite do Folclóre” do Diretório Acadêmico

Destacada participação dos alunos da E.E.F.M.G. no VIII Festival Universitário de Arte - Aplausos do público foram o melhor juri

A participação do Diretório Acadêmico da E. E. F. M. G. no VIII Festival Universitário de Arte traduziu-se em retumbante sucesso. As demonstrações da «Noite do Folclóre», dia 3 último, no Teatro Francisco Nunes, arrancaram demorados aplausos da platéia, que se entusiasmou com a precisão da coreografia dos números realizados pelos alunos da Escola. O programa cumprido dividiu-se em duas partes, assim organizadas:

Primeira

<p>1 — rancheira — coreografia das alunas do 2º ano</p> <p>2 — adaptação da ginástica rítmica ao ritmo brasileiro — coreografia das alunas do 2º ano</p> <p>3 — balaio — dança estilizada — coreografia das alunas do curso de educação física infantil</p> <p>4 — seqüência de danças folclóricas gaúchas.</p>	<p>2 — acalento — coreografia — Lia Bastian</p> <p>3 — pregão da ostra — coreografia — prof. Vera Soares e al. Neide Eliane Barbosa</p> <p>4 — boi bumbá — batuque amazônico — Waldemar Henrique — interpretação pela banda de percussão — prof. Odette Meirelles.</p>	<p>ta a primeira vez que o Diretório Acadêmico da E. E. F. M. G. recebeu tão alta distinção, desde que vem participando regularmente dos festivais. Os 70 alunos que se exibiram no Teatro Francisco Nunes foram orientados pelas professoras Maria Ieda Maurício Ferola, Odette Meirelles, Vera Soares e Heloísa Martins.</p>
---	--	--

MEDALHA DE OURO

A comissão julgadora do VIII Festival Universitário de Arte não vacilou em conferir à «Noite do Folclóre» a medalha de ouro, prêmio máximo instituído. Foi es-



FIGURA 10 – Apresentação da “Noite do Folclóre” no VIII Festival Universitário de Arte. (1959)

¹¹⁹ Neste documento, que faz parte do acervo pessoal da professora Maria Yedda, consta que suas alunas participaram do IV, VI, VII e VIII Festivais Universitários de Arte.



FIGURA 11 – Apresentação de alunas da Escola no VI Festival Universitário de Arte. s/d.

Quanto à ausência de homens em atividades de dança nesta época, outras evidências são importantes para melhor compreensão. No depoimento, as professoras Maria Yedda e Vera Soares afirmaram que, quando era necessária a representação da figura masculina em alguma coreografia, as mulheres se caracterizavam de forma que parecessem homens¹²⁰.

¹²⁰ Este fato ocorreu até 1968. A partir daí, a disciplina Rítmica foi incluída no currículo masculino, obrigando-os a freqüentarem aulas de Dança. Tratarei deste assunto no item 4.1.



FIGURAS 12 e 13 – Apresentação de dança gaúcha no Campo do América. s/d.

Outro ponto importante a ser destacado é a presença marcante da dança folclórica brasileira, já neste período, ganhando espaço frente à dança moderna na montagem da coreografia apresentada no evento. Esta presença crescente da dança folclórica no programa da disciplina ainda será abordada nesta pesquisa.

Outra evidência da presença da dança no Jornal está no artigo “Vamos Levantar ao Interior a Educação Física Moderna”¹²¹, no qual o professor Odilon Barbosa¹²² relata sobre a realização de uma pequena jornada de lazer na cidade mineira de Januária, em 1958, que teve como objetivo divulgar os métodos mais modernos e eficientes da Educação Física na época. Dentre as atividades realizadas, foram ensinadas algumas danças folclóricas para os alunos do Colégio e da Escola Técnica da cidade, como também para futuras professoras da Escola Normal.

Ensinei-lhes muitas das danças folclóricas brasileiras e austríacas que aprendemos na I Jornada de Educação Física. Foram momentos inesquecíveis, durante os quais, com a mocidade de Januária e ainda com outras pessoas a sociedade local, pois as nossas reuniões atraíam sempre numerosos assistentes, pude reviver as famosas danças do pèzinho, da rosa amarela, o Valentim, Mata-ti-ta-rei, etc.¹²³

Apesar de marcar presença nos informativos, a dança tem uma participação pouco expressiva em face do total de matérias das quatro edições. Isto pode apontar o grau de importância que a Dança tinha frente aos esportes e à ginástica, nesta época. Mesmo assim, os elementos apresentados nestes artigos são de fundamental utilidade no entendimento do panorama construído nesta instituição.

¹²¹ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano II, n.3, novembro de 1958, p.10.

¹²² O professor Odilon Ferreira Barbosa, juntamente com a professora Nella Testa Taranto, foram responsáveis pela disciplina Recreação, na Escola de Educação Física de Minas Gerais. Sobre o assunto, consultar a monografia de Maria Guedes Costa e Silva, que relata sobre as práticas de recreação na instituição, no período 1952 a 1977. Tratarei da atuação de Odilon Ferraz Barbosa como professor da Escola no item 4.8.

¹²³ Esta citação é um bom exemplo de *apropriação* feita pelo professor Odilon Barbosa, a partir de um conteúdo aprendido na I Jornada de Estudos da Educação Física. (CARVALHO, 1998).

2.6.2 Jornada de Estudos da Educação Física: A Escola amplia sua visibilidade

Com o objetivo de ampliar a inserção da Escola na sociedade belorizontina e mineira, foi realizada, de 12 a 20 de agosto de 1957, a I Jornada de Estudos de Educação Física, com o apoio da Diretoria de Esportes do Estado e da Associação dos Ex-Alunos da EEFMG. Um grande evento com a realização de aulas, conferências, cursos e demonstrações; contando com a presença de professores do Brasil e do exterior. O objetivo anunciado foi o de “proporcionar aos professores e às pessoas interessadas oportunidade para atualizar, ampliar e aperfeiçoar seus conhecimentos, do ponto de vista técnico, pedagógico e científico”¹²⁴. Foram realizadas, ainda, outras quatro edições da Jornada de Estudos, a partir de então designada Jornada Internacional de Educação Física.

Segundo o jornal “Educação Física” e os anais da II e da V Jornada Internacional de Educação Física¹²⁵, no que diz respeito a assuntos ligados à área de dança, ocorreram os seguintes cursos:

- **I Jornada de Estudos** (12 a 20 de agosto de 1957): Atividades Rítmicas e Danças Folclóricas Brasileiras - Zaíde Maciel de Castro;
- **II Jornada Internacional** (22 de julho a 02 de agosto de 1958): Danças Folclóricas da Iugoslávia – Ivan Varga; Danças Gaúchas – sem autor; Danças Folclóricas do Chile – Juana Munizaga; Dança Moderna – Helenita Sá Earp, Glória Marcos Dias e Myda Sala Pacheco;
- **III Jornada Internacional** (17 de julho a 02 de agosto de 1959): Danças Regionais do Rio Grande do Sul - João Carlos Paixão Côrtes;
- **IV Jornada Internacional** (18 a 30 de julho de 1960): Ginástica Rítmica – Lia Bastian Meyer;
- **V Jornada Internacional** (15 a 28 de julho de 1962): Ginástica Primária e Danças Folclóricas - Consuelo de Carvalho de Freitas Pinto.

¹²⁴ Jornada de Estudos de Educação Física. Estado de Minas: Coleção Professor Herbert de Almeida Dutra, 04-08-1957.

¹²⁵ Todos os documentos se encontram no Centro de Memória da Educação Física da EEEFTO (CEMEF).

Os anais da II e da V Jornada Internacional de Educação Física são ricos em informações sobre várias áreas, sendo uma fonte que precisa ser analisada, merecendo estudos aprofundados. No que diz respeito à dança e afins, os anais trazem planos de aula, ensinando danças, brinquedos cantados, exercícios rítmicos, apresentando desenhos dos movimentos e partituras das músicas utilizadas. Nota-se a presença de várias danças internacionais, e quanto às nacionais, as que mais foram ensinadas foram as danças gaúchas.

O curso de Ginástica Rítmica, ministrado por Lia Bastian Meyer, por exemplo, era dividido em temas infantis, exercícios de expressão, aulas de relaxamento e danças internacionais. Dentre outros, o tema infantil “A mamãezinha”, dirigido a turmas de jardim, 1º e 2º anos, era indicado para “homenagear a mamãe no dia das mães”, onde a “criança, com uma flôr na mão, aproxima-se da mãe e lhe oferece a florzinha”. Isto mostra uma certa representação sobre infância, onde a fala, expressa em palavras no diminutivo¹²⁶, denota a qual público se direcionavam as atividades.

Em uma apostila sobre a cultura gauchesca¹²⁷ contendo diversas informações sobre indumentárias típicas, instrumentos musicais, costumes, danças, discografia, dentre outros, encontramos alguns ditados populares intitulados “máximas campestres”, que demonstram alguns dos pensamentos vinculados à imagem da mulher na linguagem popular gaúcha, porém disseminado num ambiente de ensino superior:

¹²⁶ Em vários momentos, nas apostilas da professora Lia Bastian Meyer, nota-se a presença de expressões como “palminha”, “voltinha”, “florzinha”, “passinhos”, “agradecer com o meneio da cabecinha”, reforçando uma linguagem bem característica àquela usada com crianças, reforçando a forma como as pessoas geralmente tratam a criança quando realizam trabalhos com elas, reforçando a representação que vincula o universo infantil, sua linguagem, seus gestos, a algo menor.

¹²⁷ Esta apostila está anexada à documentação doada por Eustáquia Salvadora de Sousa ao Centro de Memória da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Compõe uma pasta na qual estão apostilas de alguns cursos ministrados na II e na III Jornadas Internacional de Educação Física, na então Escola de Educação Física de Minas Gerais. Na apostila em questão, que contém 12 páginas, não encontramos nome, referência ao autor ou qualquer outra informação que possa elucidar sua procedência.

Mulher, cachaça e bolacha em qualquer canto se acha.
 Sem geito [sic] como moça fazendo ronda em baile.
 Falso que nem idade de mulher.
 Desorganizado que nem estância de viúva.
 Mulher sardenta e cavalo passarinho, alerta companheiro.
 Mulher é bicho falador como caturrita de madrugada.
 Afiado que nem língua de comadre em fandango.

Apesar destes ditados, na mesma apostila, na página 5, encontramos uma citação que se revela contraditória à citação anterior:

As Danças Gauchescas caracterizam-se, principalmente, por dois aspectos: O respeito à mulher e a teatralidade do dançarino [...].

Este respeito à mulher, expresso na dança gaúcha, estaria vinculado a uma visão romântica apresentada nas coreografias típicas do folclore riosulgrandense, onde o homem, viril e galanteador, se exhibe para a prenda, delicada e bem-vestida, numa caracterização adequada à imagem vinculada ao homem e à mulher, ou seja, as identidades de gênero¹²⁸.

Pensando a dança como uma prática presente em vários âmbitos da vida social de *homens e mulheres*, torna-se realmente instigante a construção de um

¹²⁸ Pensar na categoria “gênero” é pensar em uma categoria “relacional”, ou seja, não é conveniente analisar as questões ligadas ao universo feminino sem relacioná-lo ao universo masculino, e vice-versa. É também mutável, diferenciando-se de acordo com o tempo histórico e/ou o contexto sócio-cultural analisado. (SCOTT, 1990; LOURO, 1992; GARCIA, 1998). Para SCOTT (1990), a definição da categoria gênero vai além da simples diferenciação entre corpos anatomicamente distintos, sexuados, partindo de uma visão essencialmente biologista. Segundo a autora, o termo gênero é utilizado como uma maneira de designar as “construções sociais” feitas sobre este corpo, o qual adquire uma identidade masculina ou feminina a partir dos símbolos historicamente construídos e legitimados pelos indivíduos. São empreendidas diversas práticas sociais que buscam a criação e/ou manutenção de gestos, gostos, hábitos, posturas, que consolidem a lógica masculina, utilizando-se da persuasão e coerção, sutil ou declarada, para atingir este fim. (LOURO, 1992; LOURO, 1995; BOURDIEU, 2003). Há um intenso investimento por meio das instituições (família, igreja, escola), através de normas e práticas, na intenção de construir e reforçar as representações aceitas ou impróprias, para homens e mulheres. No que diz respeito à masculinidade, procura-se forjar o controle dos impulsos e arrebatamentos, a contenção na expressão de seus sentimentos, características das mulheres; também se investem em atividades que trabalham os signos visíveis de força, almejando, com isto, um “ideal impossível de virilidade”, através de jogos de violência que ajudam a burlar a identidade masculina, principalmente os esportes de luta. (LOURO, 1999; BOURDIEU, 2003). Meninas e mulheres que se envolvem com estas atividades podem ser taxadas de masculinas, sendo, muitas vezes, ainda hoje, indicadas a elas as atividades de pouco contato físico, como também modalidades artísticas e expressivas; enfim, aquilo que remeta à beleza, elegância e sensibilidade, como a dança, por exemplo.

imaginário que vincula a sua prática, na escola, como algo tipicamente feminino. As discussões acerca da categoria “gênero” nos ajudam a compreender todo este processo que culminou na exclusão das turmas masculinas das aulas de Ginástica Rítmica. Concebida como uma disciplina que trabalhava com práticas femininas, a Ginástica Rítmica ajudou a reforçar as representações e (pré)conceitos construídos há longa data. Como se tratava da formação de professores e professoras de Educação Física que iriam atuar no meio escolar, toda esta questão acaba por se propagar, gerando reflexos na vivência prática em sala. Isto pode ter causado resistências ou dificuldades de alguns professores em trabalhar o conteúdo dança em suas aulas, tanto pelas questões de não-aceitação como também pela falta de recursos e conhecimentos específicos, que só seriam adquiridos se tivessem cursado alguma disciplina que tratasse da dança em sua formação.

Talvez este tenha sido o motivo para a inclusão de cursos de dança nas Jornadas promovidas pela Escola. Mesmo que somente mulheres praticassem a dança em sua formação acadêmica, encontramos indícios evidentes da participação de homens nas aulas. No jornal “Educação Física” encontramos trechos de artigos que relatam sobre apresentações feitas em homenagem ao governador Bias Fortes e a Dom Cabral¹²⁹.

As demonstrações foram encerradas com alguns números de dança folclóricas brasileiras, sob a direção da profa. Zaíde Maciel de Castro e com a participação de membros da Jornada. Nos intervalos dessa última parte, o prof. Gerhard Schimidt, com um grupo de rapazes e moças, apresentou algumas danças características de seu país, a Áustria¹³⁰.

Outra fonte importante é uma foto do curso de Atividades Rítmicas e Danças Folclóricas Brasileiras da professora Zaíde Maciel de Castro, na qual podemos visualizar vários homens participando ativamente da aula, além de outros que estavam sentados, como expectadores (FIGURAS 14, 15 e 16). Além disto, como

¹²⁹ Esta homenagem ao governador Bias Fortes foi realizada nos jardins do Palácio da Liberdade. Já a homenagem a Dom Cabral foi feita em um sítio, nas vizinhanças de Venda Nova, no qual o Arcebispo Dom Cabral se encontrava em estado de convalescença.

¹³⁰ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano I, n.1, outubro de 1957, p.2.

citado anteriormente, o professor Odilon Barbosa afirmou em um dos artigos do jornal que havia aprendido danças folclóricas brasileiras e austríacas na I Jornada.





FIGURAS 14, 15 e 16: Aula da professora Zaíde Maciel de Castro na I Jornada de Estudos da Educação Física (1957).¹³¹

No curso de Danças Folclóricas da Iugoslávia, do professor Ivan Varga, na II Jornada Internacional, algumas danças eram direcionadas ao público masculino¹³². Acredito, também, que nas outras Jornadas tenha havido a participação de homens nos cursos de dança. Isto deixa evidente, ao meu ver, que a dança era um conteúdo que interessava também aos homens, assim como o futebol poderia ser um tema que interessava às mulheres.

Eustáquia Salvadora de Sousa destaca a imensa dificuldade que as mulheres tinham em dar aulas de futebol para as crianças, quando atuavam profissionalmente em escolas. Isto ocorria, já que as mesmas eram excluídas, dentro do currículo da Escola, da disciplina de futebol. Para superar esta dificuldade, as mesmas tinham que fazer cursos à parte¹³³. Se as mulheres buscavam formação específica em futebol para suprir uma demanda vinda de sua prática nas escolas, talvez os homens

¹³¹ Arquivo audiovisual do Centro de Memória da Educação Física – EEFETO/UFMG.

¹³² Anais da II Jornada Internacional de Educação Física, em 1958.

¹³³ MATOS, 2003.

estivessem passando pela mesma situação no que se refere a outras práticas, inclusive a dança. Isto poderia explicar a presença masculina num curso de dança, como este que ocorreu na I Jornada de Estudos. Mesmo que o interesse masculino tenha surgido por pura curiosidade, este fato já seria uma ruptura nos padrões idealizados no início do século XX, quando se procurou vincular as práticas de dança somente ao feminino. Ou seja, dançar também era interessante para o homem, inclusive numa escola superior de formação de professores e professoras de Educação Física.

2.7 Novos tempos se aproximam...

Dentro de sua proposta de divulgação da Escola de Educação Física e dos conteúdos em voga na área, neste período histórico, as Jornadas vinham atingindo seus objetivos. Vários professores de reconhecida competência deram cursos; a Igreja, por meio da participação de freiras nos eventos, marcou presença, aprovando a ação; os jornais noticiaram os eventos; diversos alunos participaram ativamente das atividades. Com tantos pontos positivos sendo ressaltados nestes eventos, seria esperada a continuidade deste evento; contudo, a sua interrupção, em 1962, causa um certo estranhamento. O que teria causado a suspensão das Jornadas?

Além disto, o currículo do curso passou por novas mudanças, pelo menos em relação à dança. Apesar desta mudança ser relativamente simples, merece várias considerações, frente às fontes por mim consultadas. Somando-se a este fato, várias mudanças estruturais ocorridas na Escola de Educação Física de Minas Gerais, no ano de 1962, levam-me a fechar um primeiro momento, iniciando-se outro mais conturbado.

É importante, até aqui, ressaltar que não se pode reduzir a compreensão de uma instituição escolar ao seu programa de ensino. Se assim fosse, diríamos que os cursos da Escola de Educação Física de Minas Gerais, neste período, não ofereciam a prática da dança. Contudo, a dança esteve presente, expressando-se na disciplina Ginástica Rítmica, no Jornal “Educação Física”, nas Jornadas Internacionais, nas

vidas e nas atuações profissionais de Eva Tiomno, Maria Yedda, Vera Soares, Odette Meirelles e Guiomar Meirelles Becker; enfim, a dança saiu da *zona de sombra*¹³⁴ e saltou aos olhos, por meio de fontes encontradas, produzidas e aqui mobilizadas.

Na seqüência, um outro momento na história da Escola e, principalmente, na história da dança em seus tempos e espaços. A partir daqui, as histórias se entrelaçam num enredo mais complicado, impondo limites aos personagens, mas não os impedindo de construir suas práticas. Como a dança esteve presente neste cenário em mudança?

¹³⁴ (GOELLNER, 2005, p.71).

3 A DANÇA EM MEIO AOS NÓS DA TRAMA

Após Klauss Vianna se mudar para a Bahia, parece que a dança em Belo Horizonte perdeu parte de seu vigor do período anterior. A única referência que se tem da dança na capital mineira é a continuidade dos trabalhos de Carlos Leite¹³⁵. Um novo estímulo apareceu com a abertura da “Escola de Dança Moderna Marilene Martins”, em 1969. Este assunto será abordado no próximo capítulo.

O período de grandes investimentos na Escola de Educação Física, relatado no capítulo anterior, parecia estar numa caminhada ascendente. Na primeira página da 4ª edição do informativo “Educação Física”, temos o artigo: *“Integral Apoio do Governo às Obras da Nova Sede da Escola de Educação Física”*. Neste artigo, afirma-se que o Governo do Estado tinha a intenção de construir a nova sede da Escola próxima ao Parque da Gameleira. Em outro artigo desta edição do Jornal, comenta-se sobre uma mensagem que o Governador enviou à Assembléia Legislativa, com referência à Escola de Educação Física de Minas Gerais, na qual são dadas informações sobre a situação da instituição no ano de 1959.

Por força de convênio firmado entre o Comando Geral da Polícia Militar e a Diretoria desse estabelecimento, funciona a Escola de Educação Física, em caráter provisório, no Departamento de Instrução.¹³⁶ Mantida por subvenção estadual, oriunda da Loteria do Estado, a Escola assegurou o funcionamento dos diversos cursos que mantém, apresentando a matrícula total o expressivo número de 112 alunos, distribuídos da seguinte maneira: 49 na 1ª, 34 na 2ª e 9 na 3ª série do Curso Superior de Educação Física; 14 no Curso de Educação Física Infantil e 2 no Curso de Medicina Especializada.

¹³⁵ Não encontrei outras pesquisas que pudessem elucidar novas produções na área da dança em Belo Horizonte, exceto a pesquisa de Arnaldo Alvarenga.

¹³⁶ Departamento de Instrução da Polícia Militar, localizado no bairro da Gameleira, em Belo Horizonte.

Além do apoio ao Jornal “Educação Física” e às Jornadas Internacionais¹³⁷, o Governo concedeu bolsas de estudos aos alunos de cidades do interior de Minas, assim como incentivou a abertura da “Casa da Universitária”:

Bolsas de Estudo – Aos alunos do interior do Estado concedeu o Governo bolsas de estudos, cumprindo-nos assinalar que, adotada a medida, diversas professoras dos estabelecimentos de ensino oficiais puderam frequentar os Cursos de Educação Física.¹³⁸

Durante os anos de 1960 e 1961, contando, ainda, a Escola de Educação Física de Minas Gerais com recursos financeiros, criou ela a “Casa da Universitária”, com o objetivo de dar às alunas bolsistas acomodações e proteção adequadas, casa essa que esteve sob a supervisão direta da Direção da escola e que trouxe reais benefícios às suas pensionistas.¹³⁹

No início da década de 60, a Escola continuava sendo objeto de crítica de cidadãos contrários à instituição. No jornal “O Diário” de 11 de abril de 1961, o jornalista Malagueta, em sua seção “Grão de Pimenta”, utilizou um fato favorável à Escola para provocar aqueles a quem chamou de “adversários embuçados, mas renitentes e obstinados”¹⁴⁰. Relatou sobre o caso de dois alunos formados na Escola de Educação Física de Minas Gerais e que foram classificados em primeiro e segundo lugares em um concurso de seleção para professores do Centro Educacional de Brasília.

O êxito desses dois ex-alunos em Brasília vem a calhar, porque coincide com nova onda contra a Escola, uma insidiosa e subterrânea articulação de intrigas visando à sua desmoralização e à dos seus responsáveis para, com isso, empolgá-la e afeiçoá-la às ambições de um pequeno grupo de oportunistas.

Este “grupo de oportunistas” seria formado por professores que haviam sido excluídos da Escola no período da sua fusão, em 1953. De acordo com o autor, a

¹³⁷ Vale ressaltar que a V Jornada Internacional de Educação Física ocorreu em julho de 1962.

¹³⁸ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano III, n.4, outubro de 1959, p.7.

¹³⁹ Of. 138/64 – Arquivo EEFFTO/UFMG.

¹⁴⁰ O Diário – seção Grão de Pimenta. Autor: Malagueta, 11 de abril de 1961.

partir deste fato, este grupo viria insistentemente promovendo ações no sentido de desmoralizar a instituição e seus professores.

Contra ela investe sempre que encontra “ensanchar oportunosa” um grupo de pessoas bastante conhecidas nos círculos ligados à Escola, nos quais não puderam introduzir-se por razões de vária ordem. Não nos devemos esquecer de que a Escola de Educação Física de Minas Gerais resultou de convênio entre uma instituição católica que funcionava sob a égide do arcebispado e uma escola congênere oficial. Mas prevaleceram no acordo os rigores morais e a ortodoxia na seleção dos mestres que a escola católica adotava. Por isso nem todos os candidatos a cadeiras ou cargos na Escola de Educação Física puderam ter acesso ali e também por isso postaram-se a rosnar do lado de fora, de quando em vez investindo contra ela.

Para reforçar ainda mais uma boa imagem da Escola, o autor chega a afirmar que a mesma era considerada por técnicos, professores, educadores, ex-alunos, desportistas e estudiosos do assunto, um local de excelente categoria, podendo ser colocada em diversos aspectos como “acima da própria Escola Nacional de Educação Física que é tida como padrão”.¹⁴¹

No final do artigo, ratifica-se o descrédito às ações dos opositores, por ser a Escola assistida espiritualmente pelo Arcebispado e materialmente pelo Governo, além do seu prestígio e do alto padrão moral e intelectual dos seus mestres. Interessante ressaltar que depois das breves palavras sobre os ex-alunos vitoriosos no concurso em Brasília (motivo inicial da escrita do artigo) os mesmos não foram sequer lembrados no resto do texto, ficando à sombra da defesa feita à instituição.

Em 4 de junho de 1961, no “Jornal Estado de Minas”, é veiculada a notícia sobre a liberação de verbas para 50 bolsas de estudo que seriam ofertadas a alunos de várias cidades do interior de Minas Gerais, para que os mesmos pudessem fazer o curso em Belo Horizonte:

¹⁴¹ Esta citação se refere à Escola Nacional de Educação Física e Desportos – ENEFD.

Com a aprovação do orçamento da Escola de Educação Física de Minas Gerais, que contem uma verba destinada a Bolsas de Estudo, o governador Magalhães Pinto possibilitou a 50 candidatos do interior do Estado a efetuarem matrículas na Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Esses alunos, uma vez formados, deverão voltar para suas cidades de origem, aonde permanecerão pelo prazo mínimo de dois anos, a fim de proporcionarem à sua comunidade oportunidade de se beneficiar dos conhecimentos profissionais que o governo do Estado lhes possibilitou adquirir, tudo de acordo com a cláusula quarta do contrato de trabalho celebrado entre o aluno bolsista e a Escola.

O não cumprimento desse dispositivo implicará em indenização à Escola da importância equivalente ao valor da bolsa recebida.¹⁴²

A princípio, a concessão das bolsas feita pelo Governo do Estado mostraria uma continuidade do apoio político que a Escola vinha recebendo desde o mandato de Bias Fortes. Já como novo governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto¹⁴³, ao enviar verbas destinadas às bolsas dos 50 novos alunos do curso de Educação Física, estaria injetando recursos para a continuidade dos “bons trabalhos” da instituição. Todavia, este contexto mudou radicalmente.

Paralelo a este panorama que traçarei, a dança ganha novos contornos nesta versão apresentada. A partir de uma mudança curricular, algumas novas questões envolveram as práticas de dança. Além disto, novas fontes trouxeram informações que enriqueceram nosso entendimento do cotidiano vivido pelos nossos personagens. O cotejamento das fontes com a produção bibliográfica produzida sobre meu objeto de pesquisa trouxe novas revelações que lançaram luzes sobre a trama complicada que envolveu a Escola de Educação Física de Minas Gerais durante sete anos, ajudando-me a construir o panorama no qual a dança marcou presença.

3.1 Tempos difíceis abalam a Escola de Educação Física de Minas Gerais

Na década de 60, a Escola se encontra em uma situação embaraçosa, numa difícil caminhada rumo a total decadência de recursos, sem condições para continuar

¹⁴² Bolsas de Estudo para 50 alunos em Educação Física. Estado de Minas, 4 de junho de 1961.

¹⁴³ José de Magalhães Pinto foi fundador da UDN (União Democrática Nacional) e governador de Minas Gerais de 1961 a 1966. Neste período, fundou o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.

seus planos de crescimento. Vítima do descaso das autoridades? Alvo de “forças ocultas”?¹⁴⁴ Muitos interesses políticos e atos de sacrifício fizeram parte de uma década intensa e atribulada na história desta instituição.¹⁴⁵

De acordo com Sylvio Raso, os problemas entre o governo de Magalhães Pinto e a Escola surgiram a partir de questões políticas:

[...] Mas na realidade, a UDN é que tomou conta do governo... Até amigos meus... Eles achavam que tínhamos feito trabalho para o Tancredo Neves, e em parte tínhamos feito também... Canalizei muita coisa para ele [Tancredo]. Eu mesmo inaugurei uma praça de esporte em Muzambinho, em Manhuaçu, com intenção de ajudar o Tancredo. Ele não foi eleito, o Bias Fortes não teve este sucesso todo [...] Uma vez conversando com o Dr. Bias eu falei:- O senhor... vai ter o Magalhães aí...- [Bias] “Não, eu já conversei com ele, vai ter nada não, vai ser tudo bem, tal...”Coisa nenhuma! [risos] Lá em Barbacena nós fizemos um ginásio, tem até o meu nome gravado na praça de esportes de lá. Quando nós viramos as costas, derrubaram tudo! [...] Então, lutaram contra tudo que havia sido feito pelo Bias... Tancredo perdeu.... Eles então fizeram ‘terra rapada’. Na Diretoria, mesmo, acabaram com a Diretoria toda¹⁴⁶, não criaram mais nada. Tentaram fazer uma Jornada, depois não fizeram mais, e muitas outras coisas, porque não tinha força.[...] Eles fizeram uma política contra, e criaram estes aspectos todos aí. Isso era a falta de prestígio do outro. E a Escola sofreu, porque não tinha dinheiro para nada. O pessoal para funcionar aqui foi uma luta.¹⁴⁷

¹⁴⁴ Apóio-me no artigo do Jornal Estado de Minas, de 21 de janeiro de 1967, intitulado “Federalização da Educação Física é Difícil: Forças Ocultas Impedem Dinamização da Escola”.

¹⁴⁵ Para apresentar a história da crise da Escola foi primordial a consulta a duas pastas, com vários documentos e recortes de jornais. Uma das pastas faz parte do acervo pessoal do professor Herbert de Almeida Dutra, doada ao Centro de Memória da EEEFTO/UFMG. A outra pasta, provavelmente organizada pelo mesmo professor, foi encontrada no arquivo da Escola. Ressalto isto porque o interesse pessoal do professor, organizando estas pastas, fez com que as mesmas se transformassem em valiosa fonte de consulta para minha pesquisa. Isto me fez refletir sobre a importância do cuidado com os documentos que produzimos hoje, guardando-os ou não. Dependendo da forma como lidamos com os mesmos, poderemos facilitar bastante o trabalho dos pesquisadores do futuro.

¹⁴⁶ A Diretoria de Esportes não foi fechada. O sentido que Sylvio Raso quis imprimir foi o de que os membros da antiga Diretoria foram retirados de lá, sendo a mesma dirigida por outros membros. Fonte: Alunos continuam a campanha para salvar Escola de Educação Física. Estado de Minas, 30 de setembro de 1964.

¹⁴⁷ Depoimento de Sylvio Raso a Roberto Malcher Kanitz Júnior. (KANITZ JÚNIOR, 2003, p.94-95).

Novamente, alguns políticos da UDN¹⁴⁸ (União Democrática Nacional) investem forças contrárias à Escola. Basta relembrar o caso do udenista Milton Sales que em 1956 acusou um professor da Escola de não ter ministrado aulas e fraudado o livro de assinaturas, recebendo, porém, os seus vencimentos normalmente. O caso agora se tornou mais grave, atingindo o funcionamento da Escola como um todo, e não apenas este ou aquele membro da instituição.

De acordo com a imprensa mineira, a crise começa em maio de 1961¹⁴⁹. O professor Herbert de Almeida Dutra¹⁵⁰ afirma:

Na época a congregação se reunia e elegia o diretor da escola e depois mandava o nome para o Estado, que o nomeava. Atitude que não agradava muito aos governadores, principalmente a Magalhães Pinto, que queria ter participação na escolha do nome e em represália começou a cortar as verbas da Escola.¹⁵¹

Esta situação pode ter sido a causa do hiato de dois anos entre a IV e V Jornadas Internacionais de Educação Física. As outras Jornadas ocorreram com diferença de um ano entre uma e outra¹⁵². Também pode explicar a interrupção das mesmas, já que os eventos necessitavam do patrocínio do Governo do Estado para poderem ocorrer.

Aos poucos, os recursos da Escola foram diminuindo e uma série de suas atividades foi se extinguindo. Em um relatório, informa-se que por falta de recursos, a Escola deixou de publicar o Jornal “Educação Física” e não promoveu outras

¹⁴⁸ A UDN foi um partido político brasileiro, de orientação liberal, fundado em 7 de abril de 1945, frontalmente opositor às políticas e à figura de Getúlio Vargas. Era um partido forte em Minas Gerais, que teve dois representantes no Governo do Estado: Milton Campos (1947) e Magalhães Pinto (1960). Seu principal rival era o PSD (Partido Social Democrata).

¹⁴⁹ Em 7 de novembro de 1965, o jornal Diário da Tarde publicou um artigo intitulado “A Escola que ia fechar”, de Nilza Helena, no qual é relatado que os professores, a partir de maio de 1961, ficaram um ano sem receber seus vencimentos. Interessante frisar que as bolsas concedidas aos 50 candidatos do interior do Estado foram liberadas em junho do mesmo ano. Outro artigo do jornal Estado de Minas, de 5 de setembro de 1965, intitulado “Diretor explica as dificuldades da Escola de Educação Física”, afirma que a Escola “só teria condições de voltar à normalidade depois de receber as verbas que não estão sendo pagas regularmente, desde 1961”. No ano de 1965, o Diretor da Escola era Herbert de Almeida Dutra.

¹⁵⁰ Herbert de Almeida Dutra foi diretor da Escola de Educação Física de Minas Gerais no período de 1963 a 1969. Fonte: Of. 206/71.

¹⁵¹ Escola de Educação Física e UFMG, 20 anos depois. Jornal de Casa, 1989.

¹⁵² A IV Jornada ocorreu no período de 18 a 30 de julho de 1960; a V Jornada, de 15 a 28 de julho de 1962.

Jornadas de Educação Física, fechando a Casa da Universitária e cortando as 50 bolsas de estudo ofertadas aos alunos do interior do Estado. Esta última ação teria ocorrido em 1963.¹⁵³

Como em uma curva descendente, a Escola de Educação Física entra em grave crise financeira, não conseguindo honrar suas obrigações. Aos professores, funcionários e alunos faltou toda espécie de recursos para continuar as atividades normais. A situação ficou tão grave que os professores começaram a dispor de seus vencimentos para que os recursos fossem destinados aos funcionários e à compra de materiais para a Escola, como relata a professora Maria Yedda:

Olha, realmente era lamentável. Foi lamentável. [...] os jornais publicavam diariamente esse, esse tema que a Escola estava fechando. E, foi um trabalho muito grande por parte dos professores, da própria Escola, pra ver se conseguia [...] ir em frente. E fomos em frente através da cooperação dos professores. A gente não recebia nenhum ordenado, e dava aula. [...] deixávamos para a manutenção da Escola.¹⁵⁴

Como uma espécie de garantia futura de recebimentos dos ordenados, o General Olavo Amaro da Silveira, diretor da Escola¹⁵⁵, propôs entregar aos professores um recibo ao invés do pagamento. Este recibo foi uma espécie de promissória que seria trocada pelo pagamento do salário assim que a situação se normalizasse. Este fato se tornou motivo de brincadeiras entre os professores, que passaram a designar este recibo de “generaleta”¹⁵⁶, já que era emitido pelo General Olavo. Esta foi uma das ações mais extremas na tentativa de evitar a falência da Escola.

¹⁵³ Este relatório está anexo ao Ofício 138/64. Este ofício, enviado ao Presidente dos Estados Unidos da América do Norte será retomado a seguir.

¹⁵⁴ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹⁵⁵ O general Olavo Amaro da Silveira foi diretor da Escola de Educação Física de Minas Gerais no período de 1960 a 1962.

¹⁵⁶ A princípio, este dado se torna intrigante, já que três professores (Sylvio Raso, Maria Yedda e Vera Soares) citaram o caso da generaleta, atribuindo o fato ao general Olavo. Como o general esteve no cargo até 1962, podemos levantar duas hipóteses: ou a crise financeira já atingiu a Escola em 1962, de tal forma que, neste ano, o general já começou a dar os recibos aos professores; ou, em períodos posteriores, o general ficou responsável pelo pagamento dos professores. Quanto a estas hipóteses, não encontrei dados que pudessem confirmar ou refutar as hipóteses.

Nós não recebíamos vencimento e recebíamos, para uma garantia, vamos dizer, muito amigável, uma papeleta, que eles chamavam, que era uma generaleta. Generaleta era porque, na ocasião, o Diretor era o General Olavo, e ele então nos dava uma generaleta dizendo que, em vez de dar a remuneração do mês, dava uma generaleta para a manutenção da Escola. Então a Escola esteve na fase em que os jornais noticiavam: - “A Escola de Educação Física vai fechar, vai acabar”.[...] Uma promessa, como de fato, depois, foram repondo. Mas a brincadeira em torno disto é que era uma generaleta, porque era um documento que nós recebíamos em vez de recebermos o ordenado [...].¹⁵⁷

A professora Vera Soares comenta sobre o caso, porém afirma que não receberam os valores referentes às “generaletas”. Este fato também foi relatado por Sylvio Raso:

Acontece em pleno governo Magalhães Pinto... Aquilo foi uma coisa horrorosa. [...] Ele [Magalhães] não queria nada com a Escola, coisa nenhuma... Não deu dinheiro nenhum, nem nada. E a Escola pra manter, como o Diretor era um general, deu o nome “generaleta”. Ele fez uns papeizinhos assim: “Você tem direito a receber da Escola...” Mas não pagava também não, porque ele [a Escola] não tinha dinheiro. E funcionou muito tempo a base disto. Tanto que a gente reunia lá pra poder pagar os bedeus, o povo que não tinha o que comer. Na época do governo Magalhães Pinto.[...] A gente não ganhava nada, e ainda tinha que ajudar os outros.¹⁵⁸

Os professores não recebiam o ordenado da Escola de Educação Física, porém, trabalhavam em outros locais. Muitos eram técnicos reconhecidos nacional e internacionalmente¹⁵⁹. A professora Maria Yedda, por exemplo, também trabalhava no Colégio Municipal. A professora Vera Soares trabalhava na Secretaria Estadual de Administração e depois se tornou professora de Educação Física numa escola estadual antes de ser professora exclusiva da Escola¹⁶⁰.

Em 1964, ano do golpe militar no Brasil, a crise chega às capas dos jornais. Esta foi a tática usada pelos membros da Escola para tentar conseguir reverter o problema. Em 29 de setembro de 1964, o governador Magalhães Pinto recebeu uma

¹⁵⁷ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹⁵⁸ Depoimento de Sylvio Raso a Roberto Malcher Kanitz Júnior. (KANITZ JÚNIOR, 2003, p.89).

¹⁵⁹ SOUSA, 1994, p.129.

¹⁶⁰ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

comissão de alunos da Escola, fato noticiado pelo “Jornal Estado de Minas”¹⁶¹. Neste encontro ocorrido no Palácio da Liberdade, o governador se mostrou *surpreso* com o quadro apresentado pelos alunos, afirmando que só naquele momento tinha tomado conhecimento da questão.

O quadro traçado pela comissão de alunos mostrava que a Diretoria de Esportes não enviava verbas para a Escola, apesar do diretor da Escola já ter se reunido várias vezes com auxiliares do governo, sem nenhum resultados. Alguns dias antes, o Jornal “Correio da Manhã” de 18 de setembro de 1964, noticiou que o orçamento da Escola de Educação Física, no valor de 51 milhões de cruzeiros, havia sido enviado ao governador; mas, a verba não havia sido liberada. A Escola chegou a encerrar suas atividades temporariamente na tentativa de que a notícia repercutisse no Governo, para que, assim, o mesmo tomasse uma providência imediata.

Neste período, a Pontifícia Universidade Católica também passava por dificuldades financeiras.

Depois de construir a sua sede na Gameleira, essa escola entrou em crise e não pôde ser socorrida pela Universidade, que também carece de verbas e somente se mantém em funcionamento graças ao idealismo dos seus professores e alunos. A crise só não atingiu ainda a Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade Mineira de Direito.¹⁶²

A Escola de Educação Física entrou numa situação na qual não sabia mais a quem recorrer. Uma das saídas encontradas por Herbert de Almeida Dutra foi pedir auxílio ao governo norte-americano. Em um ofício enviado ao presidente dos Estados Unidos Lyndon Johnson, o diretor da Escola pede para que a Escola de Educação Física de Minas Gerais seja socorrida.

¹⁶¹ Alunos continuam a campanha para salvar Escola de Educação Física. Estado de Minas, 30 de setembro de 1964. Fonte: Acervo do Centro de Memória da Educação Física – CEMEF/EEFFTO.

¹⁶² BH: Fechou Escola de Educação Física. Correio da Manhã, 18 de setembro de 1964.

Dentro do plano de ajuda à América Latina, traçado pelo Governo de Vossa Excelência, situa-se a educação como um dos seus mais importantes objetivos, já tendo o nosso País recebido grandes subsídios em favor da formação de seu povo, através dessa colaboração americana.

[...]

Nesses últimos anos, tem sido tão escassa a verba dotada à Escola que a mesma vem sendo forçada a diminuir grandemente suas atividades educacionais, com sérios prejuízos para a formação da infância e juventude.[...] Como temos constatado o soerguimento de muitos educandários brasileiros, graças à ajuda do povo americano, apelamos para Vossa Excelência, para que se digne determinar seja esta Escola incluída entre as beneficiadas pelo Plano Educacional de auxílio à América do Sul. Firmados nesta certeza de colaboração e boa vontade de Vossa Excelência, externamos-lhe, em nosso nome e no da infância e juventude brasileiras que se beneficiarão com mais esta prova de solidariedade humana, o nosso profundo agradecimento e os protestos de nossa elevada estima e distinta consideração.¹⁶³

Como complemento ao ofício, o diretor da Escola anexou um relatório sobre a história da Escola até aquela data, falando de seus cursos, currículo, atividades extracurriculares e comentários sobre a repercussão das ações da Escola para a sociedade mineira e para o Brasil. Também constam as atividades que tinham sido interrompidas pela falta de recursos, dentre elas o Jornal Educação Física e a Casa da Universitária. No fim do relatório, são relatadas as necessidades da Escola.

Suas instalações são precárias e provisórias, além de ineficientes, não só com relação ao prédio onde são ministradas as aulas teóricas, como também com relação às dependências para práticas educativas, muitas delas inexistentes, até.

Solicita, pois esta Escola valiosa ajuda de Vossa Excelência, a fim de obter êste mínimo necessário e urgente que, especificado, é o seguinte:

CONSTRUÇÃO DAS INSTALAÇÕES:-

Campo de Futebol

Pista de Atletismo

Ginásio

APARELHAGEM:

Médico-biométrica

Equipamento esportivo

Material didático especializado

Aparelhos áudio-visuais.

¹⁶³ Of. 138/64. Arquivo da EEEFTO/UFMG.

Ao que parece, o ofício não surtiu efeito ou não chegou às mãos do presidente Lyndon Johnson. No dia 16 de dezembro de 1964, Herbert Dutra envia outro ofício a Lincoln Gordon, embaixador no Brasil dos Estados Unidos da América do Norte. Neste ofício, o diretor solicita ao embaixador que o mesmo interceda junto ao governo norte-americano “para que o mesmo dê despacho favorável ao ofício que esta Escola de Educação Física dirigiu à Sua Excelência, solicitando ajuda a este educandário”¹⁶⁴. Não foi encontrado nenhum documento que contivesse alguma possível resposta a estes pedidos.

O mesmo ofício enviado ao Governo dos Estados Unidos, ao que parece, foi encaminhado à Fundação Rockefeller (The Rockefeller Foundation). Encontrei, nos arquivos da EEFETO, uma carta do Diretor Assistente da fundação, R. W. Richardson Jr., que afirma que a mesma não era capaz de ajudar a instituição. Afirma também, que a Fundação Rockefeller tinha responsabilidades com certas atividades no Brasil; porém, não poderia auxiliar a Escola naquele momento:

I regret to inform you that the Foundation is not able to assist with the several constructions which you have indicated as being particularly necessary at this time, nor in providing the apparatus of a medico-biometric nature, the sports equipment, teaching materials, and audio-visual aids which you have outlined in your request. A grant for support of this equipment and these constructions falls considerably outside the range of our current program interests. I am enclosing a brief statement of our purpose and program which shows the nature of our present work. Our commitments to this program are such that, unfortunately, we do not have funds available to meet the needs for construction and equipment which you request.¹⁶⁵

Outra iniciativa do diretor da Escola foi enviar ofício ao presidente do Brasil, Humberto de Alencar Castelo Branco, pedindo que ele “se digne interceder” junto ao Governo do Estado para que sejam destinados os recursos financeiros a que a Escola tinha direito. Afirma, no ofício, que seria “grandemente lamentável que por

¹⁶⁴ Of.172/64.

¹⁶⁵ Esta carta foi expedida no dia 10 de setembro de 1964, seis dias antes do ofício que o diretor Herbert Dutra redigiu e mandou para o presidente dos Estados Unidos. Isto indica que, antes da carta ao presidente, o diretor da Escola mandou outra carta para a Fundação Rockefeller, possivelmente nos mesmo moldes, já que a resposta contém dados que aparecem também no relatório enviado ao presidente dos Estados Unidos.

razões de ordem financeira esta Escola não pudesse continuar a sua elevada tarefa educativa”.¹⁶⁶

Assim sendo, em nome dessa Diretoria, no dos professores e alunos, dirijo-me a Vossa Excelência, certo de que não ficarão sem ressonância os nossos apelos.

Os apelos ao presidente ao que parece, também ficaram sem ressonância. Em setembro de 1965, a Escola passa pelo momento mais difícil, a falta de recursos chega ao seu extremo. No dia 2 de setembro, os funcionários decidiram paralisar suas atividades. No dia seguinte, os alunos aderem ao movimento. Na seção “Grão de Pimenta” do Jornal “O Diário”, relata-se:

Não se trata de uma greve nem de movimento subversivo. Apenas uma atitude de solidariedade e de protesto, enquanto não aparecem as providências do Govêrno do Estado no sentido de restabelecer as condições mínimas para o funcionamento dos cursos. A diretoria de Esportes, através do seu Presidente Natalino Triginelli, afirma que tudo o que foi estabelecido em acordo a Escola já recebeu. Deve ter sido muito pouco, pois nem giz havia ontem. Os salários continuam em atraso e o material didático desapareceu. Os empregados mais humildes, que vivem dêsse emprego, não têm mais crédito nos armazéns e estão se valendo da caridade de amigos.¹⁶⁷

Malagueta, escritor do artigo, comenta que o governador Magalhães Pinto estaria desinformado da real situação da Escola. Para inteirar-se da realidade, deveria ir até o local para ver o abandono e descaso daqueles que deveriam valorizar as ações da instituição, referindo-se à Diretoria de Esportes. Por fim, tece um comentário que mostra uma ambigüidade deste cenário esportivo mineiro.

Seria incrível que no momento exato em que o Sr. Magalhães Pinto recebe as honras merecidas de dar o Estádio da Pampulha aos mineiros, uma Escola se feche por falta de recursos.¹⁶⁸

¹⁶⁶ Of. 171/64.

¹⁶⁷ Seção “Grão de Pimenta”. O Diário, 4 de setembro de 1965.

¹⁶⁸ O Estádio da Pampulha, primeiro nome dado ao hoje apelidado Mineirão, foi inaugurado na mesma semana em que a Escola paralisou suas atividades. Atualmente, o Mineirão é denominado Estádio Governador Magalhães Pinto.

A notícia do fechamento da Escola continuou sendo matéria para artigos de jornais. Em 5 de setembro, no jornal Estado de Minas, o diretor da Escola, ao comentar sobre a situação dos funcionários, afirma:

Êstes alegavam que não tinham mais condição de continuar trabalhando, não só pelo não recebimento de seus vencimentos em atraso, como também porque não havia qualquer perspectiva de um acêrto nos próximos dias, já que a Secretaria da Fazenda informara que sòmente a Diretoria de Esportes de Minas Gerais poderia socorrer a Escola de Educação Física. O presidente do referido órgão, todavia, afirmou que não há verba para tal.¹⁶⁹

No dia 06 de setembro, a Congregação se reuniu com o objetivo de tomar alguma posição quanto a esta situação. Na ata desta reunião fica ainda mais clara toda a luta para evitar a paralisação das atividades.

Ao lado dêstes acontecimentos a direção já vinha redobrando os contactos e providências com as autoridades e pessoas ligadas ao assunto, com o fim de conseguir normalizar a situação, tendo porém tôdas resultado negativo.¹⁷⁰

Após ampla discussão, decidiu-se por uma paralisação completa das atividades, pela imensa falta de recursos financeiros e didáticos. Seria feita uma comunicação ao governador sobre “os acontecimentos e a imperiosa necessidade de paralisação das aulas se não fossem providos os recursos financeiros necessários”¹⁷¹.

Talvez pela repercussão do fechamento da Escola, o Governo prometeu enviar recursos para a Escola. Com isto, as atividades foram retomadas no dia 10 de setembro. Todavia, este paliativo não durou muito tempo. Apesar das promessas, a Associação de Ex-Alunos, dirigida pelo professor Odilon Barbosa, tentava angariar fundos para a compra de material didático e pagamento dos salários atrasados dos

¹⁶⁹ Diretor explica as dificuldades da Escola de Educação Física. Estado de Minas, 5 de setembro de 1965.

¹⁷⁰ Cf. Ata da Congregação n. 3. Dia 06 de setembro de 1965, p.7b.

¹⁷¹ Cf. Ata da Congregação n. 3. Dia 06 de setembro de 1965, p.8b.

funcionários. Em reportagem ao Diário da Tarde¹⁷², Odilon Barbosa relata que professores e ex-alunos se mostraram dispostos a contribuir com 10 ou 20 mil cruzeiros¹⁷³. Com isto, procurava evitar que a Escola interrompesse suas atividades definitivamente. Uma alternativa encontrada pelo Diretório Acadêmico foi enviar uma carta a várias entidades estudantis de Minas Gerais e de outros Estados. Eis o conteúdo da carta:

Senhor presidente do Diretório Acadêmico:

Mais uma vez a Escola de Educação Física vem apelar para o alto espírito de solidariedade dos colegas de outros educandários de Ensino Superior de Educação Física, no sentido de promoverem, junto às autoridades de Minas Gerais e federais, imprensa, rádio e televisão movimentos em favor da superação das crises por que vem passando nosso estabelecimento, há vários anos, em virtude da permanente indiferença do governo mineiro pelos seus significativos objetivos educacionais. Em consequência do alto espírito idealístico da Direção, Corpos Docente e Administrativo da Escola de Educação Física de Minas Gerais, vem a mesma funcionando nos últimos anos, dando, porém, aos seus alunos, apenas o mínimo necessário de formação e instrução, pois não lhe é possível realizar plenamente seus planos de desenvolvimento e aperfeiçoamento do Ensino de educação Física, exclusivamente por falta de recursos que lhe são devido pelo governo do Estado.

Como seus alunos, hipotecamos à Escola a vossa solidariedade, e por isso iniciamos mais uma campanha de clamor público, a fim de que não vejamos Minas Gerais diminuída nos seus esforços de educação popular, em virtude do fechamento possível de uma Escola que já tem garantido seu patrimônio MORAL, CULTURAL E PROFISSIONAL.

Colegas, contamos com vocês. Saudações Universitárias.

Já em 1966, em um artigo direto e revelador, o escritor Malagueta apresenta a continuidade dos problemas da Escola:

¹⁷² Abnegação tenta sobrevivência da Escola de Educação Física. Diário da Tarde, 19 de setembro de 1965.

¹⁷³ Na Escola Superior de Educação Física, no Rio Grande do Sul, a situação era muito parecida: “[...] o dinheiro para a aquisição de recursos materiais oriundos do governo estadual deixava a desejar. Muitas vezes, os próprios funcionários tinham que juntar um pouco de dinheiro de cada um para comprar equipamentos e utensílios básicos para o funcionamento da Escola”. (NUNES & NETO, 2005, p.183).

Todos os anos repete-se o drama da Escola de Educação Física. Verbas insuficientes, precariedade das instalações, falta de material didático, excesso de candidatos aprovados e que não conseguem matrícula. *É um estabelecimento do qual se pode dizer que vive de teimoso.* E também do idealismo de seu corpo docente, mal pago e com os salários em atraso [sic] permanente. Agora, dezenas de alunas, a maioria procedentes do interior, estão correndo as secretarias e solicitando empenhos de toda ordem a fim de que lhes dêem condições mínimas para estudar. O Secretário da Educação recebeu o grupo delas e prometeu examinar a situação da Escola. A situação é muito simples: *pobreza total.* E que só pode ser minorada construindo-se com urgência novas salas de aulas e fornecendo o material didático indispensável. Planos há muitos, planos, projetos, promessas. Só que nunca são executados. É difícil compreender como se dispensa tão pouco apreço a uma escola de tal importância para a formação da juventude. A verdade é que os governantes não mostraram até hoje sensibilidade bastante para captar e sentir a influência e significação da Escola de Educação Física do Estado. *Sua mão é habitualmente generosa para subvencionar clubes particulares, muitos deles de grãfinos, sem outra finalidade que a da recreação de grupos sociais privilegiados.* Quando se trata, porém, de uma instituição séria e respeitável como essa, tornam-se os governos cheios de escrúpulos e zêlos com o dinheiro público. E a Escola fica sempre a mendigar e implorar que a amparem. Já está na hora de resolver os seus problemas de modo definitivo. E de modo que ela não morra.¹⁷⁴

Novamente, em 12 de setembro de 1966, a Escola suspende suas atividades, já que, dentre outros fatores, os professores e funcionários não recebiam seus salários há quatro meses¹⁷⁵. Deve ser ressaltado que, desde fevereiro do mesmo ano, o governador do Estado era Israel Pinheiro. Houve uma promessa por parte do novo governador e do Secretário da Fazenda, Jôfre Gonçalves de Souza de pagamento da verba para a Escola.

Apesar desta promessa, em 5 de agosto de 1967, o artigo intitulado “Educação sem verba”, do Estado de Minas, relata:

¹⁷⁴ Este artigo foi editado nos jornais Estado de Minas e O Diário, no dia 22 de fevereiro de 1966. Grifos do autor.

¹⁷⁵ Por falta de condições materiais, Escola de Educação Física suspende suas atividades. Estado de Minas, 13 de setembro de 1966.

Não é possível que essa situação continue. Mais uma vez, a Escola de Educação Física está ameaçada de fechamento e, além disso, os professores vêm na greve o único argumento para forçar o pagamento de seus salários atrasados. Que o Governo de Minas está em situação difícil, todos sabem. Portanto, melhor seria que o Ministério da Educação e Cultura decidisse, já, a federalização da Escola. Num momento em que o Brasil ficou tão por baixo no atletismo e nos esportes amadores em geral, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, não seria pedir muito que se resolvesse esse drama antigo de uma Escola de Educação Física que, volta e meia ameaça morrer.¹⁷⁶

É inegável o quão complicado foi para a Escola de Educação Física todo este turbilhão de dificuldades¹⁷⁷. Entretanto, apesar do abandono por parte do poder público, alunos e professores se mantiveram firmes em sua luta pela sobrevivência. Além do apoio da imprensa, outras formas de atuação foram importantes, no sentido de chamar a atenção da população mineira para a existência e importância da Escola na educação de crianças e jovens. Numa espécie de campanha em prol da maior visibilidade da Escola no interior do Estado, foram realizadas “Ruas de Recreio”, nas quais os professores e alunos desenvolviam dinâmicas, divulgando as atividades da instituição. Outro objetivo era o de incentivar a vinda de candidatos do interior para Belo Horizonte, para cursarem Educação Física na referida instituição. Dentre estas atividades, um grupo de alunas apresentava composições coreográficas para a população¹⁷⁸.

¹⁷⁶ A seguir, apresentarei os dados referentes à federalização.

¹⁷⁷ Não só a Escola de Educação Física de Minas Gerais passou dificuldades financeiras neste período. Janice Zarpellon Mazo relata que a Escola Superior de Educação Física (ESEF), no Rio Grande do Sul, sofria com a falta de recursos: “A ESEF, apesar de contar com uma grande área física, não possuía espaços adequados para as práticas esportivas e nem salas de aula suficientes para as atividades teóricas. Os problemas de infra-estrutura, inclusive, dificultavam a promoção de eventos que a Escola procurava realizar para afirmar-se no cenário esportivo e educacional do Estado do Rio Grande do Sul.” (2005, p.157).

¹⁷⁸ A professora Maria Yedda possui, em seu acervo particular, alguns atestados de participação em eventos ocorridos no interior de Minas Gerais, nos quais participaram suas alunas.

Nós tínhamos ali naquele, naquela parte de comparecimento, de entusiasmo, e, pelo contrário, fazíamos aquilo que podíamos e não podíamos, inclusive uma verdadeira propaganda da Escola de Educação Física nas cidades vizinhas. Então íamos com o grupo de dança, íamos com o grupo de dança, com a parte coreográfica já treinada e aplicada nas aulas e nas demonstrações. Fomos em Formiga, fomos em Itajubá.¹⁷⁹

Neste panorama traçado, uma aspiração foi ganhando força. O último artigo aqui relatado¹⁸⁰ traz um elemento que gerou grandes esforços por parte dos membros da Escola, no intuito de resolver definitivamente a situação caótica pela qual a instituição passava: a *federalização*. Tratarei deste assunto no item 3.3.

3.2 Em tempos de crise, a Escola dança conforme a música...

Mesmo enfraquecida pela falta generalizada de recursos, a Escola viveu momentos importantes em seu cotidiano. Este capítulo não tem a intenção, somente, de mostrar a história da Escola de Educação Física de Minas Gerais, neste período confuso. Tenta ver, também, como e onde a dança se inseriu, seja no currículo ou na sua prática cotidiana, interna ou externa.

O primeiro ponto a ser considerado diz respeito ao currículo da Escola. No início da década de 60, durante a IV Reunião de Diretores de Educação Física, promovida pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura, foram discutidos vários assuntos relativos ao ensino da Educação Física em escolas superiores¹⁸¹. Dentre as sugestões, foram propostas mudanças no quadro de disciplinas e nos cursos oferecidos pelas instituições, inclusive a Escola de Educação Física de Minas Gerais:

¹⁷⁹ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹⁸⁰ Educação sem verba. Estado de Minas, 5 de agosto de 1967.

¹⁸¹ MATOS, 2003.

Assim, em 1962, a Escola de Educação Física de Minas Gerais passa a oferecer os seguintes cursos: 1) Curso de Graduação – Curso de Educação Física; 2) Curso de Pós-graduação – Curso de Bacharel em Educação Física e Desportos; Cursos de Especialização: a) Medicina Desportiva; b) Curso de Educação Física Infantil; c) Curso de Recreação. [...] os cursos de Técnica Desportiva e de Massagem deixaram de existir¹⁸².

Eustáquia Salvadora de Sousa também relata este fato:

Cumprindo determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961, o Conselho Federal de Educação aprovou, em 1962, o primeiro currículo mínimo do Curso Superior de Educação Física, estabelecendo um elenco de matérias obrigatórias e, determinando, ao mesmo tempo, que delas poder-se-iam excluir aquelas que fossem 'inadequadas ao sexo do estudante'¹⁸³.

A partir deste fato, pude identificar algumas mudanças significativas, no que diz respeito à dança. Amanda Matos mostra que no novo currículo do curso de Educação Física Infantil, aprovado pela Congregação da Escola em 28 de maio de 1962¹⁸⁴, deixa de constar a disciplina *Ginástica Rítmica*, sendo a mesma substituída por *Danças Educativas*¹⁸⁵. Além disto, relata que foram incluídas, pela primeira vez, as disciplinas Recreação, Pedagogia e Desportos Recreativos, sendo retiradas, concomitantemente, a Cinesiologia, a Metodologia da Educação Física e a Educação Física Feminina. De acordo com a autora, esta seria uma tentativa de aproximar o currículo com as discussões e práticas específicas da Educação Física Infantil¹⁸⁶.

Ao verificar alguns diários de classe da disciplina Danças do curso de Educação Física Infantil, pude perceber que os conteúdos trabalhados com as alunas eram basicamente os mesmos que aqueles ofertados no Curso Superior¹⁸⁷. Questionadas sobre isto, as professoras Vera Soares e Maria Yedda afirmaram que

¹⁸² MATOS, 2003, p.53-54.

¹⁸³ Esta citação feita pela autora é baseada no texto do Parecer n.298, de 17 de novembro de 1962, promulgado pelo Conselho Federal de Educação, órgão do Ministério da Educação e da Cultura. (SOUSA, 1994, p.147).

¹⁸⁴ Ata da Congregação n.2, 28 de maio de 1962, p.40.

¹⁸⁵ MATOS, 2003, p.54-55.

¹⁸⁶ A mudança de designação da disciplina, de Ginástica Rítmica para Danças, também ocorreu no Curso Superior.

¹⁸⁷ O curso de graduação de Educação Física continuou a ser denominado como Curso Superior de Educação Física, nos diários de classe.

não havia grandes mudanças nos conteúdos, sendo feitas apenas algumas modificações:

Olha, eu só trabalhava no superior, sabe, mas eu dava aula para as meninas do infantil [...] E eu dava o mesmo tipo de aula que eu dava para os meus alunos. [...] acredito que sejam as mesmas, talvez com a continuidade mais fraca [...].¹⁸⁸

Não, a gente programava mais para o curso infantil mais esta parte folclórica, mas não era somente a parte folclórica não. Dávamos dança moderna, e uma aula completa. Mas, especificamente dentro do setor de dança folclórica, para que elas pudessem aplicar junto às crianças de uma maneira bem educativa. E também esta parte rítmica foi muito aproveitada pelas alunas do curso Infantil para aplicar com essas crianças.¹⁸⁹

A modificação ocorrida na grade curricular dos cursos na Escola de Educação Física, citada por Amanda Matos, também foi relatada por Eustáquia Salvadora de Sousa:

Analisando a adoção desse currículo mínimo no Curso Superior da EEFMG, observo que ele não alterou a estrutura curricular até então vigente, mas criou denominação diferente para algumas disciplinas e acrescentou Pedagogia, Recreação e Danças aos currículos masculino e feminino.¹⁹⁰

Retorno a este ponto porque esta citação merece algumas considerações. A autora, ao dizer que as disciplinas, dentre elas Danças, passaram a fazer parte dos currículos masculino e feminino, baseou-se nos dizeres do Parecer n.298, de 17 de novembro de 1962. Porém, em nenhuma fonte consultada eu pude confirmar esta informação, no que diz respeito às turmas masculinas. Acessando os arquivos da Seção de Ensino da Escola, encontrei diversos diários da disciplina Danças, entretanto, em nenhum deles, constava que esta havia sido ministrada aos homens, de 1962 a 1968¹⁹¹. Em seus relatos, as professoras Maria Yedda e Vera Soares

¹⁸⁸ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹⁸⁹ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹⁹⁰ SOUSA, 1994, p.174.

¹⁹¹ Vale ressaltar que, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, a disciplina Ginástica Rítmica permaneceu na grade curricular, até 1968. (PACHECO, 1998).

afirmaram que os homens tiveram contato com as práticas de dança, dentro do currículo, somente a partir da mudança curricular de 1969, com a entrada da disciplina Rítmica na grade masculina¹⁹².

Ou seja, as novas fontes mobilizadas apontam para outra realidade. Quando a autora anteriormente citada fez considerações sobre esta suposta inovação curricular em 1962, baseou-se no que as fontes permitiram a ela, naquele momento. Contudo, esta inovação só veio a acontecer, realmente, sete anos depois¹⁹³.

Durante a crise que a Escola viveu neste período, foram várias as ações empreendidas pelos professores, funcionários, direção e alunos, que começaram um intenso movimento para evitar o fechamento da instituição. Uma das alternativas, relatada pela professora Maria Yedda, foi a divulgação do curso em outras cidades. Eram realizadas ruas de recreio em cidades do interior, que se tornavam verdadeiras propagandas para a Escola, tendo como objetivo chamar a atenção da juventude interiorana. Ao empreender estas atividades, os professores procuravam sensibilizar os jovens, no sentido de fazê-los se interessar pela área, ou seja, buscar novos candidatos aos cursos ofertados pela Escola. Com isto, o prestígio da Escola aumentaria, podendo sensibilizar o Governo do Estado.

Um exemplo desta tática era a apresentação das alunas da disciplina Danças nestes e em outros eventos em cidades vizinha, como citado anteriormente. Este “grupo de dança” era formado por alunas escolhidas no quadro discente da Escola de Educação Física. A cada semestre, elas montavam coreografias que eram apresentadas em festivais, na Escola. A partir disto, eram convidadas a se apresentar em eventos diversos, inclusive nestas excursões para outras cidades.

Íamos com o grupo de dança, com a parte coreográfica já treinada e aplicada nas aulas e nas demonstrações. Fomos em Formiga [...] Dolores do Indaiá, Itajubá, Pará de Minas. [...] Nós fazíamos sabe como? Fazíamos o seguinte. Marcava prova para as alunas, dentro daquele tema que a gente queria. [...] E, assim, por exemplo, dava um tema como saltos. Então a coreografia toda girava em torno de saltos. A dança toda era desenvolvida nesses temas. E isso em prova. Aulas de provas. A nossa prova [...] era uma verdadeira, um

¹⁹² Trataremos deste assunto no capítulo 4.

¹⁹³ Afirmando isto, até que outra fonte possa refutar minhas considerações, que foram baseadas nas fontes a que tive acesso.

espetáculo, porque na hora que dizia que era prova de dança, aquele salão da Escola, “viche”, é porque você não chegou a conhecer, era lá na Gameleira; e enchia, e até os serventes, tudo funcionava em torno do “hoje é dia da prova de Dança”. Elas se vestiam, se preparavam. [...] Malha, porque a malha era o uso obrigatório. [...] E, então, aquilo, o salão parecia um espetáculo, a apresentação. E nós, então, aproveitávamos essas coreografias feitas em função da nota da prova, em função do trabalho das alunas, em função do nosso trabalho, que desenvolvia na aula e que aplicava na prática, então nós levávamos para essas cidades, como Ouro Preto, essas todas que nós já citamos. Então, a parte coreográfica era feita pelas alunas que já recebiam essa nota como prova prática do mês. Foi um trabalho, com isto, era uma verdadeira atração para a Escola de Educação Física que estava fecha não fecha, por falta de recursos.¹⁹⁴

Além de apresentarem os trabalhos em eventos de divulgação da Escola¹⁹⁵, as alunas foram convidadas para se apresentarem em diversos locais, o que dava grande visibilidade às práticas de dança produzidas na Escola neste período¹⁹⁶. Citarei, a seguir, os eventos apurados na pesquisa, nos quais a Escola esteve presente, dentro e fora da instituição¹⁹⁷.

- 126º aniversário da Polícia Militar, no Ginásio do Departamento de Instrução, em agosto de 1957.
- IV, VI, VII e VIII Festivais Universitários de Arte, sendo que no último, ocorrido do dia 30 de agosto ao dia 8 de setembro de 1959, as alunas da Escola de Educação Física de Minas Gerais receberam, como prêmio ao primeiro lugar de classificação, uma medalha de ouro.¹⁹⁸
- Festival de Ginástica e Danças Folclóricas, promovido pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e da Cultura, realizado no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, no dia 22 de outubro de 1960.

¹⁹⁴ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹⁹⁵ Torna-se primordial afirmar que estes fatos foram baseados na fala da professora Maria Yedda. Não encontrei, dentre as fontes pesquisadas, algum documento que atestasse, nitidamente, a ida das alunas a estas cidades, com o objetivo de divulgar os trabalhos da Escola.

¹⁹⁶ Cito estes eventos, baseado nos documentos que fazem parte do acervo pessoal da professora Maria Yedda.

¹⁹⁷ Alguns eventos ocorreram em datas anteriores à tratada neste capítulo. Mesmo assim, preferi colocá-las neste item para manter unidade no assunto abordado, não tratando o mesmo assunto em dois capítulos diferentes.

¹⁹⁸ Sobre o Festival Universitário de Arte, retornar ao item 2.6.1.1

- Demonstração de danças na solenidade de inauguração da sede da Escola de Educação Física de Minas Gerais, na Gameleira, em 19 de novembro de 1960.
- Apresentação na inauguração da Reitoria da UFMG, em outubro de 1962.
- Apresentação na TV Itacolomi, em 1963.
- Apresentações de dança, com as alunas da Escola, em Itaúna, Divinópolis e Pitangui, em 1968.



FIGURA 17 – 126º aniversário da Polícia Militar.¹⁹⁹ s/d.

¹⁹⁹ À esquerda, a professora Vera Soares; à direita, a aluna Leda Nogueira. Arquivo pessoal da professora Vera Soares.



FIGURAS 18 e 19 – Cerimônia de inauguração da Reitoria da UFMG (1962)

Quanto a estas apresentações, alguns fatos interessantes foram relatados. Vera Soares e Maria Yedda citaram a apresentação na inauguração na Reitoria como uma das mais engraçadas, fato que guardaram com muito apreço em suas memórias:

Doutor Flávio²⁰⁰ me convidou para fazer uma coreografia para apresentar na festa de abertura. Puseram cortinas novas, flores. Houve um acidente. Nós estávamos ensaiando quando houve um curto circuito, pegou fogo nas cortinas belíssimas de veludo. Foi engraçado, imediatamente eles trocaram, né. Eu sei que nós fizemos um trabalho lá, eu achei que ficou muito bonito para o nosso nível, né? Que nós não éramos nem bailarinas, éramos meras alunas. E, dona Amita²⁰¹ que tocou nesse dia para nós.²⁰²

Estes trabalhos apresentados, como afirmado anteriormente, eram produzidos pelas alunas, como resultado dos conteúdos aprendidos em aulas. Estes trabalhos eram utilizados como forma de avaliação das disciplinas ministradas pelas professoras, sendo esta avaliação pautada, na maioria das vezes, em trabalhos práticos. A exceção estava nas provas sobre ritmo e nas pesquisas que as alunas realizavam sobre personagens célebres da área da dança.

As alunas também eram avaliadas por meio de aulas que deveriam ministrar para a turma, dentro de temas diversos. A diferença é que o trabalho era individual para as alunas do Curso Superior e feito em duplas, no Curso Infantil. Entre os temas, podemos citar: banda de percussão, orquestração de músicas, ritmo, dança moderna, grupo folclórico, regência, dentre outros²⁰³.

²⁰⁰ Em seu depoimento, a professora Vera Soares não se lembrou de outros dados sobre o professor Flávio Couto. Somente ficou a recordação de seu nome, já que ele foi o responsável pelo convite para a apresentação no evento.

²⁰¹ Amita Andrade foi pianista da Escola e assistente das professoras Maria Yedda e Vera Soares. Ela substituiu Heloisa Martins nesta função, ocupando o cargo até 1976. No dia 13 de outubro de 1976, a pianista se encaminhava para a Escola quando foi atropelada, às 6:25 horas, na Avenida Amazonas, esquina com Avenida Silva Lobo, sendo encaminhada ao Pronto Socorro de Belo Horizonte. No dia seguinte, Amita faleceu, em decorrência dos ferimentos sofridos. Atualmente, a sala da dança da EEEFTO a homenageia, sendo denominada "Sala de Dança Amita Andrade". Após o seu falecimento, o cargo foi ocupado por Eva das Mercês. Fontes: Of. 444/76, 14 de outubro de 1976; Of. 451/76, 14 de outubro de 1976; Of. 452/76, 18 de outubro de 1976; depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁰² Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁰³ Diários de Classe da disciplina Danças – Seção de Ensino da EEEFTO/UFMG.

Os diários de classe das disciplinas ministradas pelas professoras trazem uma série de informações que auxiliam no entendimento do cotidiano vivido, dando-nos uma visão dos conteúdos teóricos e práticos, além do progressivo desenvolvimento da área, na formação das professoras de Educação Física neste período²⁰⁴.

Nos registros de um programa de ensino da disciplina Danças, o escalão de aulas estava assim organizado: “três aulas por semana assim distribuídas: duas de dança e uma de ritmo”²⁰⁵. As aulas duravam cerca de 45 minutos e eram realizadas em uma sala ou em um salão, utilizando geralmente o piano como recurso didático para a execução das tarefas propostas pelas professoras. Era obrigatório o uso de malha preta durante as mesmas. Os materiais utilizados eram pandeiros, chocalhos, atabaque, dentre outros.

A análise das fontes permite avaliar o quanto as professoras diversificaram os conteúdos e ampliaram as discussões, se confrontarmos estes novos dados com o que já apresentamos no item 2.4, que tratou do contexto da disciplina Ginástica Rítmica.

As professoras mantiveram as pesquisas biográficas de dançarinos, musicistas e autores célebres. Além disto, os alunos²⁰⁶ participavam de aulas teórico-

²⁰⁴ Apesar de avançar no recorte histórico, farei as discussões sobre o conteúdo dos diários de classe tomando por base os diários de 1967 a 1975. Prefiro ampliar meu foco de visão para não pulverizar as discussões que pretendo trazer à tona nesta fase da narrativa. Alguns temas específicos, que utilizam referências destes diários poderão ser tratados em outros pontos da dissertação, quando assim julgar necessário. Vale ressaltar que não utilizarei como referência os diários de 1976 e 1977 por causa da mudança dos arquivos da Seção de Ensino da EEEFTO. Quando recolhi informações sobre os diários, na escrita da monografia, pesquisei fontes que abrangiam o período de 1952 a 1975, ano da aposentadoria da professora Maria Yedda. Quando decidi ampliar o recorte temporal, na pesquisa de mestrado, para 1977, averigüei que todas as caixas que continham os diários de classe da Escola haviam sido transferidos para outra sala. Isto fez com que eu resolvesse não utilizar estas fontes, já que a atual sala dos arquivos está em completa desordem, inviabilizando a procura dos referidos diários. Apesar disto, as informações que recolhi permitem-me realizar as considerações necessárias sobre o assunto, não se configurando uma perda significativa à fidedignidade da minha pesquisa. Além dos diários, também utilizarei alguns programas de ensino deste período, relatórios anuais de atividades, os depoimentos das professoras Maria Yedda e Vera Soares e a minha monografia de graduação.

²⁰⁵ Fonte: Programa de Ensino da Cadeira de Danças, do Curso de Educação Física Infantil, 1969.

Arquivo da Seção de Ensino da EEEFTO/UFMG.

²⁰⁶ Em alguns pontos aqui apresentados, os conteúdos eram ensinados também às turmas masculinas, na disciplina Rítmica, incluída no currículo da Escola, a partir de 1969. Quando, no texto, for feita a menção a “alunos”, há a indicação de que o conteúdo era trabalhado com ambos os gêneros. Quando mencionar “alunas”, o conteúdo era ministrado somente às mulheres. No capítulo 4, farei considerações sobre as particularidades da prática de dança por parte dos homens, o que não cabe neste item.

práticas sobre planos e direções, estudo do ritmo, elementos da música, compassos musicais, princípios do estudo da forma, história da dança, fundamentos educacionais e didáticos da dança. Os trabalhos teóricos eram um “complemento à nota”²⁰⁷. Para os trabalhos finais apresentados nas provas de dança, os alunos deveriam pesquisar sobre o tema escolhido, montar o figurino e entregar uma parte escrita. Tudo isto mostra a preocupação em fundamentar teoricamente os trabalhos feitos pelos alunos.

O trabalho corporal era bem desenvolvido e baseado nos elementos das danças clássica e moderna²⁰⁸. Trabalhavam com exercícios de desenvolvimento da flexibilidade total do corpo. Além disto, desenvolvia-se a noção geral dos vários tipos de movimento (total, parcial, ligado, cortado, contraído, dilatado), exercícios na barra, como também elementos como giros, saltos, quedas, movimento balanceado, deslocamentos, bases de apoio, posições, elevações, saltitos, marcha, dentre outros.

A professora Odete Meireles era a principal responsável pelo trabalho rítmico e percussivo. Este trabalho, como afirmado anteriormente, tomava cerca de um terço das aulas das disciplinas²⁰⁹.

A Rítmica tinha três temas principais: o ritmo, a música e a regência²¹⁰.

O conteúdo *ritmo* era o mais extenso, ocupando a maior parte das aulas, com uma boa divisão entre parte teórica e parte prática. Procurava-se, por meio de exercícios variados, desenvolver o sentido rítmico geral, preparando os alunos para o trabalho musical e de regência; tanto que era o primeiro tema a ser desenvolvido nas disciplinas.

E a parte da Odete, ela dava música para nós. Tinha a bandinha e eu me lembro que eu era do triângulo, detestava ser do triângulo, queria ser do prato, de uma coisa mais forte. Mas ela me deu o triângulo, tive que ficar com o triângulo. Então a gente fazia prova direitinho ali. Ela que tocava pra nós durante as aulas.²¹¹

²⁰⁷ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁰⁸ Os elementos das danças clássica e moderna praticamente não eram desenvolvidos com as turmas masculinas. Ainda abordarei esta questão no capítulo 4.

²⁰⁹ Até 1975, os registros dos diários não indicam mudanças significativas quanto à parte rítmica.

²¹⁰ O trabalho com a música e a regência já foi relatado no item 2.4.

²¹¹ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

Dentro do estudo do ritmo, destacam-se os tópicos: manifestações do ritmo (no universo, no homem, nos objetos, nas artes, na música); compassos rítmicos: binário, ternário, quaternário; batidas de palmas e pés; jogos rítmicos; memória rítmica; exercícios rítmicos com instrumentos; contagens rítmicas, orais e mentais; intensidade melódica; dentre outros.

Neste contexto, no entanto, a dança era o tema central, sendo o conteúdo que obteve o maior avanço no decorrer do recorte temporal aqui estudado. Graças ao interesse das professoras na procura de maiores conhecimentos na área, as práticas de dança se diversificaram, com destaque para a dança folclórica.

No início de seu trabalho, a professora Maria Yedda ainda estava fortemente influenciada pela dança moderna, talvez motivada pela sua formação na ENEFD²¹². Também aparecem trabalhos baseados em danças interpretativas e coreografias montadas a partir de temas variados. Entre estes temas estão músicas conhecidas (Aquarela do Brasil, por exemplo), danças populares (samba, frevo, balainha), e até poesias (E agora, José? – Carlos Drummond de Andrade), como já relatado anteriormente. Dentre os conteúdos, podemos ainda citar o trabalho de autocriação, improvisação e iniciação expressiva da dança.

As danças folclóricas, nacionais e internacionais, cada vez mais, foram adquirindo espaço, dentre as práticas propostas para as disciplinas. Este crescimento foi motivado pelo imenso interesse por este estilo de dança, muito bem aceita nas escolas²¹³.

Foram analisados alguns planos de ensino propostos entre 1952 e 1969, e quase todos os diários de classe das disciplinas Danças e Rítmica, entre 1967 e

²¹² Maria Yedda formou-se na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, em 1941. Foi uma das primeiras formandas da instituição. A professora Maria Helena Pabst de Sá Earp (Helenita) foi sua professora de Ginástica Rítmica. Neste período, a professora Helenita desenvolvia um extenso trabalho com dança moderna, sendo reconhecida nacional e internacionalmente, chegando a levar seu grupo de dança, formado por alunos e alunas da ENEFD, para os Estados Unidos. Além disto, ministrou cursos em todos o país, tendo como tema principal a dança moderna. (PACHECO, 1998). Maria Yedda relatou sobre a importância da professora Helenita em sua formação, sendo a principal referência utilizada por ela nos seus primeiros anos de trabalho.

²¹³ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

1975, dos cursos Superior, Infantil e PREMEM²¹⁴. Nestes diários estão registradas as seguintes danças²¹⁵:

1967 – Superior e Infantil

Vira, Pelicon, A Rosa (Portugal), Mamãezinha, Rilo (RS), Chimarrita (RS), Maxixe, Xaxado (PB), Tecelagem, Os passarinhos (dança interpretativa), Roda Viva (coreografia), Aroeira (coreografia), Araruna (RN), Quadrilha Caipira, Quadrilha Americana (Estados Unidos), Tarantela (Itália), El Gato (Argentina), El Cuando (Chile), El Triunfo (Argentina), El Baleicito (Argentina), Chacareira Drible (Argentina), As Peneiras (coreografia).

1968 – Superior e Infantil

Dança das Fitas, Polca da Evinha (coreografia), Chotes de Duas Damas (RS), Ás de Ouro (Escandinávia), Saudemos o Gustavo, Maçanico (RS), Polca Infantil.

1969 - Infantil

Dança Espanhola, Coelhozinho da Páscoa (dança interpretativa), Balainha (PR), Oh Sim, Marionete, Rosa Amarela, Eu Te Vejo.

1970 - Superior

Samba (RJ), Baianas, Dança do Fogo, Czardas (cigana), Patinadores (coreografia), Mexicana (coreografia), Húngaras, Let Kiss (dança moderna).

²¹⁴ Sobre a disciplina Rítmica e o curso do PREMEM, abordarei no capítulo 4.

²¹⁵ Foram listadas as danças diferentes que surgiram em cada ano. Várias danças aparecem em praticamente todos os diários, como, por exemplo, a dança portuguesa “A Rosa”. Fonte: Diários de Classe das disciplinas Danças e Rítmica dos Cursos Superior, Educação Física Infantil e PREMEM, nos anos entre 1967 e 1975 (1º semestre). Seção de Ensino da EEEFTO/UFMG e Centro de Memória da Educação Física da EEEFTO/UFMG.

1971 – Superior e Infantil

Bate Pé, Bumba-meu-boi (MA), Lenhadores (desafio), Dança Azul (coreografia), Palhaços (coreografia), A Ratoeira, Chula Portuguesa (Portugal), Balaio (RS), Mineirinha, Dança das Saias Largas (Áustria), Chotes Carreirinho (RS), Pantoli (Dinamarca), Chora Sabiá (Diamantina), Renda de Bico.

1972 - Superior

Cana Verde (RS), Pezinho (RS), Dança Colombiana, Galinha com Crista (Dinamarca).

1972/1973 - PREMEN

O Anu (RS), Quero Bem (folclórica), Inhazinha (folclórica), Sunny (Estados Unidos), O Chapéu (SP), Caranguejo (RS), Chotes da Meninada, Moçambique (MG), Cateretê (GO), Rolinha (RS), Kujaviak (Polônia), Capim da Seajôa (Nordeste), Batuque, Rancheira (RS), Chimarrita Balão (RS), Ciranda (Portugal), Lavadeira (Portugal), O Lenhador (Áustria), Recortado Paulista (SP), Dança das Violetas, Fadinho Rodopiado, La Refalona (Chile), Ja San Sirota (Yugoslávia).

1973 - Superior

Tatu (RS)

1974 - Superior

Maculelê

1975 – Superior/1º Semestre

Sete Passos (Alemanha), Passarinho Preto (Romênia), Tenton Montain Stamp (Estados Unidos), Pate Cake Polka (Estados Unidos), Roseira (RS), Engenho Novo, Ciranda (Nordeste).



FIGURA 20 – Dança da Tecelagem.²¹⁶ s/d.

²¹⁶ Recorte de Jornal do arquivo pessoal da professora Maria Yedda Mauricio Ferolla. A professora não se recordou do evento no qual esta foto foi registrada.



FIGURAS 21 e 22 – Dança da Balainha. s/d.

Houve uma imensa preocupação, por parte das professoras, em trazer, cada vez mais, os conhecimentos referentes à dança, que eram adquiridos nos cursos que sempre freqüentavam²¹⁷. Foram mais de cem danças diferentes, de vários estilos, registradas no período estudado. E isto, conseqüentemente, motivava a prática dos alunos:

Então, trazia muita, uma programação bem extensa, que a gente poderia pôr em prática, imediato, e mudava o esquema da gente, daquela rotina. Então, trazia uma novidade, as próprias alunas sentiam aquilo. O prazer, em que a aula ficava assim um pouco diferente.²¹⁸

A forma de avaliação, utilizada pelas professoras Maria Yedda e Vera Soares, estava pautada, na maioria das vezes, em trabalhos práticos. As alunas também eram avaliadas por meio de aulas que deveriam ministrar para a turma, dentro de temas diversos. Entre os temas, podemos citar: banda de percussão, orquestração de músicas, ritmo, dança moderna, grupo folclórico, regência, entre outros.

Os alunos realizavam trabalhos e provas de “estágio”, sobre temas da área (dança folclórica, ritmo), sendo feitos em grupo ou individualmente. Entretanto, não foram encontradas maiores informações sobre o assunto.

Além disto, os alunos deviam realizar montagens coreográficas que deveriam ser apresentadas, por meio de uma prova, juntamente com um trabalho teórico. Nesta prova, se formava uma banca examinadora responsável pela avaliação dos trabalhos.

Elas apresentavam, formavam grupos para apresentar aquele trabalho. Então, aquele trabalho, tinha um grupo que apresentava em forma de dança e em forma escrita. Apresentava, e era dada uma nota para o grupo. Nesta nota, tínhamos a parte prática e a parte propriamente teórica.²¹⁹

²¹⁷ As professoras comentaram sobre vários cursos que fizeram no Rio de Janeiro, Santos, Argentina, Estados Unidos, além dos cursos realizados nas Jornadas de Educação Física citadas no item 2.6.2.

²¹⁸ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²¹⁹ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

Estas montagens coreográficas, individuais ou em grupo, eram diferentes para cada grupo. Os alunos tinham que pesquisar sobre o tema proposto, inclusive música e figurino. Algumas aulas eram destinadas para a preparação destes trabalhos.

A prova final, com o tempo, começou a se transformar em um evento de grande interesse para todos na Escola. Passou a ser considerado um verdadeiro espetáculo, onde alunos, professores e funcionários lotavam o salão no qual a prova era realizada. Myrian Ferolla²²⁰, filha da professora Maria Yedda, assim como Vera Soares, afirmam:

Eu me recordo que na época que eu devia ter uns 10 anos, 9 anos, eu freqüentava essas tais provas de Dança. E eu fazia questão de ir porque era um espetáculo. E os alunos, normalmente, iam caracterizados. As alunas, lindíssimas, cada uma mais bonita que a outra. A imagem que eu tenho da minha infância, ligada à Escola de Educação Física, é sempre esta.

Naquela época a Escola era por todo sofisticada. Por exemplo, nos dias de prova, ela exigia, Dona Yedda, que nós fôssemos bem distintas de luva. Ela era exigente.²²¹

Havia uma grande preocupação por parte das alunas com a apresentação destes trabalhos. Cuidados com figurino, maquiagem e acessórios. Tudo isto fazia com que estas provas fossem atrativas para alunos, professores e funcionários.

Estas montagens coreográficas eram aproveitadas nas apresentações que eram realizadas em viagens, festas, festivais ou eventos ocorridos dentro ou fora da Escola de Educação Física, como já relatado anteriormente.

²²⁰ Myrian Ferolla estava presente na entrevista realizada com a professora Maria Yedda, relatando, entre outros fatos, suas impressões quanto às provas de dança, que sempre freqüentava. Também ajudou a elucidar alguns fatos referentes à vida pessoal e profissional de sua mãe.

²²¹ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

3.3 O processo de federalização da Escola

Paralelo a este processo difícil pelo qual a Escola passava, algumas ações foram empreendidas no intuito de levar a instituição à condição de escola vinculada a uma universidade, no caso, a Universidade Federal de Minas Gerais.

Sobre este processo, o primeiro registro encontrado é um documento de 8 de março de 1963²²², no qual pede-se ao presidente da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, Ricardo Carvalho, que encaminhe ao governador os estudos preliminares elaborados por uma comissão, quanto à “possibilidade de federalização e conseqüente integração como unidade da Universidade de Minas Gerais” da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Esta comissão teria aprovado, por unanimidade, a indicação e necessitava da aquiescência do governador Magalhães Pinto. O documento é assinado pelo professor membro da Comissão de Federalização, Luiz Afonso Teixeira de Vasconcelos e Almeida, e pelo aluno membro da Comissão e representante do Diretório Acadêmico, Osvaldo Magalhães.

Dentre os documentos encontrados nos arquivos consultados, não achei algum que falasse da federalização, de 1964 a 1966. Em janeiro de 1967, o Estado de Minas lançou uma série de seis reportagens sobre a Escola de Educação Física de Minas Gerais. A quinta e a sexta reportagens tocaram no tema da federalização. A quinta reportagem traz um relato que pode lançar luzes sobre o caso.

Com o título “Federalização Da Educação Física é Difícil: Forças Ocultas Impedem Dinamização da Escola”, o artigo afirma que professores e alunos estariam revoltados com os entraves colocados para o processo de federalização. Em novembro de 1966, a direção da Escola teria avisado ao Diretório Acadêmico que:

Os documentos necessários ao pedido de federalização ao governo federal estavam prontos, contando com pareceres favoráveis de D. João de Resende Costa e do próprio governador Israel Pinheiro. A notícia foi publicada no órgão oficial dos alunos, sendo recebida com entusiasmo no corpo discente, que não vê, de fato, outra saída pra a sobrevivência digna da escola.²²³

²²² Arquivo da EEFFTO/UFMG.

²²³ Federalização Da Educação Física é Difícil: Forças Ocultas Impedem Dinamização da Escola. Estado de Minas, 21 de janeiro de 1967.

Mesmo assim, de acordo com o artigo, a oposição era formada “por professores catedráticos que não dão aulas há vários anos”; “por autoridades governamentais vaidosas, mas que, há muito, nada ajudam”, e “por mestres do grupo militar que aspiram o encampamento do estabelecimento pela Polícia”. Este grupo de militares, do corpo docente da Escola, estaria reivindicando que a mesma fosse agregada à milícia, passando a ser denominada Escola de Educação Física da Polícia Militar de Minas Gerais. No entanto, ao não conseguirem o despacho por parte do governo estadual, não estariam colaborando com a direção e com os alunos, no intento de que a Escola fosse federalizada. Inclusive, comenta-se que, se os militares atingissem seu ideal, vários alunos abandonariam a instituição, “inclusive as moças, que jamais teriam a liberdade necessária para cumprir suas tarefas”.

Para dar um tom mais forte à questão, relatam as várias dificuldades financeiras, técnicas e funcionais do estabelecimento. Dentre outras coisas:

Afirmam, quando reparam bem as instalações da casa, a praça de esportes, vestiários e salas de aula, que se entristecem, chegando ao desânimo. Riem a valer, diariamente, a todo instante, quando passam pelo ‘pombal’ (nome dado a uma casa de madeira construída pelo governo estadual em 1966) para servir de sala de aula.

Na sexta edição da série de reportagens sobre a Escola²²⁴, o reitor da Pontifícia Universidade Católica, Dom Serafim Fernandes, disse que não conhecia a real situação da Escola e que iria tomar providência junto ao diretor, Herbert Dutra, no sentido de minorar os problemas que estavam afligindo a instituição. Também afirmou estar solidário à causa da federalização, apesar de lamentar tal iniciativa.

“Transferirei chorando, com o coração partido, ao govêrno federal os direitos que a Universidade Católica de Minas Gerais tem sobre a Escola de Educação Física. Antes, porém, lutarei com vocês e a diretoria do estabelecimento pela sua permanência na instituição que dirijo”.²²⁵

²²⁴ D. Serafim não quer mas admite federalização da Escola. Estado de Minas, 28 de janeiro de 1967.

²²⁵ Palavras dirigidas por Dom Serafim Fernandes aos alunos, na visita que os mesmos fizeram a ele no Palácio Cristo Rei, acompanhados pela equipe de reportagem do Estado de Minas.

No mesmo artigo, Dom Serafim afirma que Herbert Dutra estaria tentando resolver o problema, juntamente com o deputado Pedro Aleixo. Em 15 de abril de 1968, Herbert enviou a Pedro Aleixo, então vice-presidente da República, o ofício 91/68. Apesar de extenso, considero de extrema importância a transcrição completa deste documento, já que o mesmo apresenta o processo transcorrido até esta data:

Ofício nº 91/68

Em 15 de abril de 1968

Prezado Senhor:

A Escola de Educação Física de Minas Gerais vem, de longa data, pleiteando junto às autoridades competentes, a sua federalização, uma vez que vê nesta medida a única solução para seu problema de sobrevivência.

Neste sentido, organizou processo contendo todos os dados necessários para justificar o pedido, o qual foi encaminhado ao Senhor Presidente da República Mal. Arthur da Costa e Silva, com o Ofício 60/67 de 3-4-67, e entregue em mãos de Sr. Ministro da Educação, em julho de 1967.

O primeiro processo acima citado, foi extraviado no Ministério da Educação e Cultura, tendo esta Escola, preparado novo "dossier", o qual foi protocolado naquele Ministério sob número 64 116/67, de 16-10-67.

Quando da instalação do Governo Federal, nesta Capital, esta Direção e o Magnífico Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, receberam do Sr. Ministro da Educação Dr. Tarso Dutra a promessa de dar andamento ao processo de federalização, e ao mesmo tempo, estudar medidas no sentido de prover o educandário de recursos financeiros suficientes para funcionar no ano de 1968, para o que solicitou o encaminhamento àquela Ministério de levantamento contendo a discriminação das verbas necessárias ao seu funcionamento no ano de 1968.

Este educandário atendeu a esta solicitação e encaminhou àquela autoridade, o Orçamento para 1968, com o Ofício nº 318/67 de 8/11/67, no qual ficou ressaltado o patrimônio desta Escola e sua influência nos meios culturais do nosso estado, nos seus 15 anos de existência, como justificativa para que fosse garantida sua sobrevivência.

A Congregação da Escola por resolução em reunião, houve por bem solicitar a federalização, também no âmbito estadual, assinando uma proposição dirigida ao Magnífico Reitor da Universidade Federal Prof. Dr. Gerson de Brito Melo Bóson, solicitando seu pronunciamento favorável à integração da Escola naquela Universidade, pedido este estudado e aprovado pelo Conselho universitário, em 15 de março de 1968, o qual condicionou a aprovação à distribuição de verbas suficientes à sua manutenção. Assim, ao encaminhar a cópia de todos os expedientes citados, levo até a V.Excia. o veemente apêlo do Corpo Docente, Discente e Administrativo, desta Escola, no sentido

de interferir, com o grande prestígio que goza nas altas esferas da administração federal, na solução favorável e rápida dos referidos processos, o que, tenho certeza, poderá obter, pois é do conhecimento geral que V.Excia. não nega sua colaboração às causas justas e patrióticas.

Na oportunidade desejo antecipar-lhe agradecimento e reiterar a V.Excia. meus protestos de alta estima e distinta consideração.

Herbert de Almeida Dutra

DIRETOR

Ao Exmo.Sr.

Dr. Pedro Aleixo

D.D. Vice Presidente da República

Brasília – DF

Outro ofício com os mesmos dizeres foi enviado a Abílio Machado, do Gabinete Civil da Presidência da República²²⁶. Inclusive, Sylvio Raso cita os nomes de Abílio Machado e Tarso Dutra em seu depoimento, quando relatou sobre a federalização da Escola:

[...] o processo da federalização já estava adiantado. Nós ajudamos muito, principalmente através do Abílio Machado Filho, que era meu amigo dos tempos de Escola do Exército, e ele tinha força no Governo, e saiu a federalização. Saiu a nossa e saiu a do Rio Grande do Sul, porque o Ministro da Educação Tarso “não sei o quê...” o Rio Grande do Sul também tinha interesse em federalizar, e federalizou.²²⁷

Entretanto, até este processo se concretizar, devemos nos atentar para o cenário político no Brasil, ampliando nossa escala de interpretação. Cássio Felipe Tejada Nunes & Vicente Molina Neto (2005) relatam que, a partir da década de 50, o Brasil passou a firmar acordos de intercâmbio de conhecimento. Este acordo foi instituído entre o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e USAID (United States Agency for International Development). Este acordo MEC-USAID usou como justificativa para suas ações a necessidade de que a educação acompanhasse o ritmo de desenvolvimento no Brasil.

Este acordo era criticado pelos movimentos estudantis que, mesmo na clandestinidade, protestavam contra estas ações. Todavia, por meio da Comissão

²²⁶ Ofício nº 92/67, 15 de abril de 1968. Arquivo da EEEFTO/UFMG.

²²⁷ Depoimento de Sylvio Raso a Roberto Malcher Kanitz Júnior. (KANITZ JÚNIOR, 2003, p.89-90).

Meira Matos e de órgãos de repressão como o DOPS e o DOI-CODI, a UNE e os movimentos estudantis brasileiros foram desmobilizados.

Desde 1966, vários estudos já vinham sendo feitos no sentido de implementar uma ampla reforma universitária no Brasil. Com a repressão aos estudantes, o Governo pôde implantar uma série de iniciativas, através da aprovação da Lei 5540/68, votada em caráter de urgência pelo Congresso Nacional.

Entre as inovações dessa Reforma, estavam os exames vestibulares classificatórios, a instituição do sistema de créditos e matrícula por disciplina, a organização semestral, flexibilidade na organização curricular, extinção da cátedra (substituída pelo sistema departamental), reestruturação administrativa, perda de autonomia e controle externo das Faculdades, instituição de programas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), e outros, e ainda tinha o caráter implícito de manter sob controle as atividades políticas dos estudantes, contestadores do governo que deveriam ser controlados para a manutenção do regime que vigorava desde 1964.²²⁸

Toda esta série de atividades teria, dentre outras coisas, contribuído para a desmobilização das organizações estudantis. Outra ação importante para o controle e disciplina dos estudantes universitários foi a inclusão, no rol de atividades, da Organização Social e Política Brasileira (OSPB)²²⁹, além da obrigatoriedade da Educação Física para alunos do ensino superior²³⁰.

Neste conjunto de medidas, o esporte teve um papel preponderante no redirecionamento do tempo e da energia dos estudantes. Ao invés de lutarem contra o Governo, melhor seria lutar por títulos para sua escola, para sua universidade, para seu país. Foram incentivados os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) e os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs). Com isto, o papel da Educação Física no controle das atividades dos estudantes se tornou central. Era necessário ampliar o número de

²²⁸ NUNES & NETO, 2005, p.171-172.

²²⁹ “[...] a exclusão da Filosofia do rol das disciplinas obrigatórias dos currículos de 2º grau e a inclusão da Educação Moral e Cívica no 2º e 3º graus – neste último, com o nome de Organização Social e Política Brasileira, OSPB – paralelamente à da Educação Física [...] não pode ser visto como medidas díspares, como se tivessem sido tomadas aleatoriamente. Compõem [...] um conjunto de medidas adotadas, que refletiam a opção [...] pela negação da Filosofia, enquanto teoricamente dotada de conteúdo potencialmente gerador de posturas constituídas de criticidade”. (CASTELLANI FILHO, 1991, p.123-124).

²³⁰ Com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, a Educação Física tornou-se obrigatória nos ensinos primário e médio. (NUNES & NETO, 2005).

professores e, para isto, deveriam ser criadas novos institutos de formação inicial, assim com a federalização das escolas já existentes²³¹.

Voltando nossa escala para a Escola de Educação Física de Minas Gerais, o diretor Herbert Dutra continua buscando formas de concretizar a federalização da Escola. Em 1º de abril de 1969, Herbert envia ao presidente Marechal Arthur da Costa e Silva um ofício para “solicitar medidas de proporcionar ao educandário a condição de Escola Federal”²³². No ofício, o diretor relata que vinha lutando pela federalização desde 21 de janeiro de 1967; e faz, então, uma transcrição do processo:

- 1) iniciou-se o processo com ofício nº 60/67 de 3-4-67, assinado pelo Magnífico Reitor da Universidade Católica de Minas Gerais e esta Direção solicitando a Vossa Excelência a federalização contendo dados estatísticos e outras informações sobre o estabelecimento;
- 2) ofício nº 566-67 de 30-5-67 do Senhor Governador do Estado recomendando a medida e encaminhando o processo;
- 3) parecer favorável do Conselho Estadual de Educação;
- 4) parecer favorável do Conselho Nacional de Desportos;
- 5) manifestação do Conselho Universitário da UFMG favorável à integração da Escola na Universidade Federal de Minas Gerais, incluindo o atendimento à diligência determinada pelo Conselho Federal de Educação;
- 6) parecer do Conselho Federal de Educação nº 651 de 10-10-68, favorável à integração da Escola na Universidade Federal, condicionada à solução do problema de recursos financeiros.

Herbert Dutra, então, apela para que o presidente seja favorável à federalização, afirmando o quanto isto seria positivo tanto para a instituição quanto para a infância e a juventude, que seriam mais bem assistidas no processo de formação de professores especializados, mais capacitados para o desempenho de tal função.

Finalmente, em 21 de novembro de 1969, por meio do Decreto-Lei nº 997, a Escola de Educação Física de Minas Gerais é agregada à Universidade Federal de Minas Gerais. O mesmo decreto integrou a Escola de Serviço Social de Natal à Universidade Federal de Natal, e a Escola Superior de Educação Física de Porto

²³¹ NUNES & NETO, 2005.

²³² Ofício 127/69.

Alegre à Universidade Federal do Rio Grande do Sul²³³. Este fato corrobora o interesse que o Governo Federal tinha no fortalecimento da área, a partir da sua inserção efetiva no meio universitário.

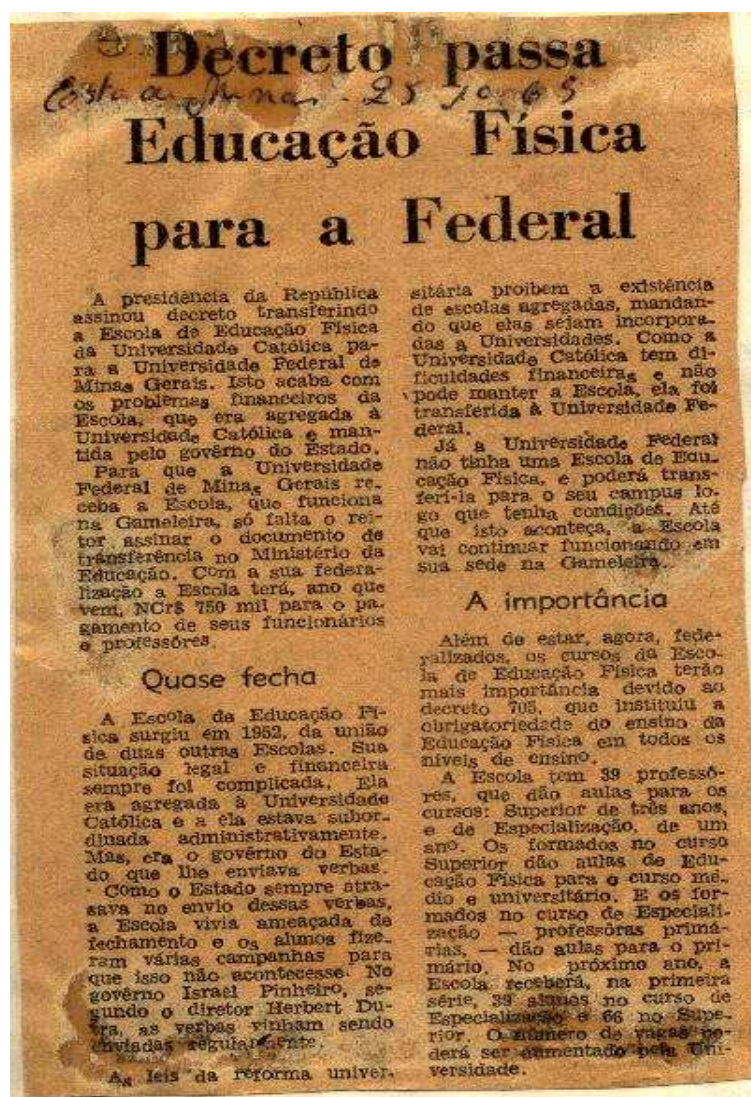


FIGURA 23 – Artigo do jornal “Estado de Minas” (1965)²³⁴

²³³ MAZO, 2005, p.174.

²³⁴ Coleção do professor Herbert de Almeida Dutra. Arquivo do Centro de Memória da Educação Física – EEEFTO/UFMG.

3.4 Fecha-se um ciclo; anunciam-se novas histórias...

Como vimos, para terem êxito neste período conturbado pelo qual a Escola passou, os personagens desta narrativa empreenderam grandes esforços, obtendo, finalmente, êxito em suas aspirações. Vários sacrifícios individuais e conjuntos, entrelaçando-se em um ideal comum.

Também vimos que, apesar dos imensos problemas ocorridos, a dança obteve grande avanço e maior visibilidade, dentro e fora da Escola. As várias fontes disponíveis permitiram uma melhor visão dos elementos que compuseram o cotidiano de professoras e alunas, transitando num ambiente no qual os recursos eram escassos, mas o idealismo e a perseverança eram grandes. A dança, por meio de suas praticantes, pôde contribuir neste processo de transição, marcando a história da instituição e a memória de suas professoras, comprovado pelos seus relatos.

A integração à UFMG trouxe grandes mudanças ao cotidiano da instituição. A partir daí, que mudanças ocorreram na Escola de Educação Física da UFMG?

4 NOVOS ENREDOS NA HISTÓRIA DA ESCOLA

Se o período anterior ainda apresenta poucas informações sobre o panorama vivido pela dança em Belo Horizonte, o momento tratado a seguir traz acontecimentos importantes, sendo que alguns se prolongam até hoje.

Em 1969, a Escola de Dança Moderna Marilene Martins é aberta, núcleo embrionário do Trans-Forma: Centro de Dança Contemporânea²³⁵. Marilene Martins foi discípula de Carlos Leite e Klauss Vianna, participando de seus respectivos Balés. Após suas excursões à Bahia e ao Rio de Janeiro, para aprimorar seus conhecimentos, retorna a Belo Horizonte, abrindo sua escola da dança.

Visando oferecer uma verdadeira formação artística no campo da dança, havia na escola cursos de dança moderna que abrangiam faixas etárias desde os 3 anos até a maioridade. [...] Inseriam-se além das aulas técnicas, outras disciplinas como o Estudo do Espaço, Estudo da Forma, Rítmica, Composição, improvisação e Coreografia em Grupo, bem como técnicas acessórias, como Jaz, Belly Dance e a dança Afro. Contava, também, com uma biblioteca especializada em dança, arte universal e cultura brasileira; uma discoteca com música erudita e popular (moderna e folclórica) e uma ampla área de convivência.²³⁶

Arnaldo ALVARENGA (2004) afirma que a escola de Marilene Martins era pioneira na introdução de novos métodos de dança, por meio do convite feito a professores externos. Isto dava uma gama de conhecimentos diversificada para os alunos, enriquecendo a qualidade criativa e expressiva, produzindo várias formas de incorporação e utilização dos trabalhos técnicos já realizados na escola. Marilene Martins se interessava em recuperar valores focados na brasilidade, usando temáticas brasileira nas coreografias e dando preferência a músicas que valorizassem a produção nacional, tanto no acompanhamento das aulas, como nas montagens coreográficas.

²³⁵ ALVARENGA, 2004.

²³⁶ ALVARENGA, 2004, p.172-173.

O Trans-Forma Grupo Experimental de Dança é o resultado de seu trabalho, apresentando sua primeira obra em 1971²³⁷. Esteve em palcos e espaços alternativos, como palanques, ruas, pátios, dentre outros. Tentou levar sua arte no MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), para a Polícia Militar, para estudantes e em fábricas. Enfrentou públicos que os estranharam, mas se transformaram em referência na área da dança na capital mineira.

Neste período, também destaco a criação da Companhia de Dança do Palácio das Artes, em 1971. Fundada por Carlos Leite, a Companhia dedicou-se, durante vários anos, a montagens de peças de repertório erudito e óperas. Depois, já conduzida por Cristina Machado, passou a diversificar seus trabalhos, sendo reconhecida nacionalmente como uma grande companhia de dança no país²³⁸.

Além disto, em 1975, surge o Grupo Corpo, sob a coordenação da família Pederneiras. Seu primeiro espetáculo, Maria Maria, foi coreografado pelo argentino Oscar Araiz, com trilha sonora de Milton Nascimento, obteve grande sucesso na capital mineira, viajando o Brasil e mais 14 países, sendo dançado de 1976 a 1982. A partir de 1981, Rodrigo Pederneiras assume a criação coreográfica, assinando todas as produções do Grupo desde então, experimentando vários estilos, criando um estilo próprio para o Grupo. Atualmente, o Grupo Corpo é uma das maiores companhias de dança contemporânea do Brasil e, talvez, a mais conhecida no mundo, tendo realizado diversas turnês internacionais.²³⁹

Belo Horizonte vê nascer três grandes escolas da dança, com propostas distintas, contribuindo para dar nova visibilidade a esta prática, diversificando as produções, atingindo novos públicos. Enquanto isto, a Escola de Educação Física de Minas Gerais também vive novos tempos. Em sua transição, o ensino da dança também se diversifica e atinge novos públicos. Isto trouxe discussões e mudanças na compreensão sobre a sua prática. É este panorama que me proponho a discutir neste capítulo.

²³⁷ Dentre as obras do Trans-Forma Grupo Experimental de Dança destacaram-se “Rythmetron”, “Suíte de Danças”, “Missa Breve”, “Bola na Área”, “Terreno Baldio”, “Escolha do Sonho”, “A Casa da Infância”, “Ravel” e “Vidros Moídos, coração de Nélon”. (ALVARENGA, 2004, p.175).

²³⁸ Fonte: www.palaciodasartes.com.br

²³⁹ Fonte: www.grupocorpo.com.br

4.1 Práticas masculinas de dança: homens em cena...

A presença de práticas de dança na instituição agora denominada Escola de Educação Física da UFMG vive um outro momento. Uma mudança marcante é a inclusão da dança na formação obrigatória dos homens nesta instituição.

As disciplinas Ginástica Rítmica e Danças determinaram o território no qual a dança deveria caminhar, marcando somente a formação de professoras, personagens indicadas para o ensino e a execução de movimentos delicados, num período no qual o conteúdo, direcionado aos homens, não era vista com bom olhos nos meios acadêmicos. Enquanto nos palcos, salões, festas populares, ou seja, na maioria dos espaços de convivência social, a dança estava presente de forma nítida, no meio escolar persistia o tabu e os impedimentos de ordem sexista, criando uma identidade ao professor e à professora, cada qual com essa ou aquela prática, repassando aos alunos e à sociedade o que se queria afirmar como padrão de movimentos, masculino e feminino.

Mesmo com a presença de homens em alguns eventos ocorridos na Escola, os mesmos estiveram envolvidos com a dança em momentos esporádicos, em eventos que não conformavam uma prática contínua e/ou disciplinar, onde pudessem realizar uma formação em dança, podendo incluí-la, nas aulas de Educação Física, assim como o esporte, a ginástica, dentre outros.

Quando pensamos que nas aulas masculinas de Educação Física não se trabalhava a dança, em parte é porque os profissionais não tinham a oportunidade de vivenciá-la na formação dentro dos cursos universitários. O esporte e a ginástica tiveram destaque em suas aulas porque eram legitimadas pelo currículo universitário. Porém, o desenvolvimento de uma disciplina, em meio a forças favoráveis e contrárias às suas mudanças, produz novos padrões e normas.

Uma análise mais cuidadosa nos revela que há uma variação na forma e no conteúdo de uma disciplina em diferentes épocas. O estudo histórico das formas assumidas por uma disciplina, desde sua emergência e no curso de sua evolução, possibilita compreender os fatores que atuam na definição da prática curricular.²⁴⁰

²⁴⁰ SANTOS & PARAÍSO, 1996, p.36.

Entre participar de pequenos cursos de dança e estar obrigado, pelo currículo, a vivenciar a dança havia uma grande diferença. Quebrar esta barreira tornava-se algo difícil. Esta mudança não seria apenas no currículo, mas em toda uma representação que vinculava a dança, no meio escolar, à mulher. Era com se qualquer manifestação semelhante ao modo feminino trouxesse risco à imagem do homem viril, gerando uma ameaça ao seu referencial de poder, demonstrando fraqueza e inferioridade, algo não aceito numa cultura tipicamente patriarcal²⁴¹. “Tudo o que se aproxima da idéia de não masculino passa a corresponder à idéia de feminino e, conseqüentemente, a ser desqualificado”²⁴².

É como se existisse uma *ética*, uma maneira de se servir do corpo, numa naturalização dos princípios antagônicos da identidade masculina e feminina, criando um *habitus viril* (não-feminino) e um *habitus feminino* (não-masculino), num processo de produção de corpos socialmente diferenciados do gênero oposto.²⁴³ A ação de um grupo de professores da ENEFD foi primordial para mudar esta realidade que dificultava a prática masculina da dança no meio escolar, a partir do currículo dos cursos superiores de Educação Física no Brasil.

Na Reforma Universitária de 1968, foi formada uma comissão dirigida por Maria Lenk, diretora da ENEFD naquele período. Esta comissão deveria discutir as mudanças necessárias e viáveis para os cursos de Educação Física. Dentre os aspectos debatidos, foi dado destaque à equivalência entre as cadeiras masculinas e femininas, na busca de um currículo mais próximo para ambos os sexos. A dança foi introduzida oficialmente e com caráter obrigatório em ambos os currículos dos cursos de Educação Física em meio a uma discussão polêmica. Esta inclusão tornou-se viável a partir da disciplina denominada Rítmica. Ana Júlia Pinto Pacheco, em entrevista realizada com Alfredo Gomes Faria Júnior, participante deste processo de mudança curricular, destacou o seguinte trecho do depoimento:

²⁴¹ MUSZKAT, 1998.

²⁴² VILLELA, 1998, p.133.

²⁴³ BOURDIEU, 2003.

Quando nós introduzimos esse assunto, Maria Lenk [diretora da ENEFD/UFRJ na época] se empolgou e apoiou a causa, só que ela propôs um artifício que na época foi aceito. Já se achava que o homem deveria participar das aulas de dança, mas havia o receio que isto pudesse vir a ser um novo estopim dos “bolsões” reacionários, sexistas e machistas contra a mudança curricular, que se pretendia que trouxesse alguns avanços. Então, a discussão foi a seguinte: qualquer atividade humana e motora precisa de ritmo, pois você precisa de ritmo para nadar, para correr, para andar, o ritmo é fundamental para o professor de educação física no seu trabalho. Assim, no lugar dessa disciplina, que seria Dança, e vamos introduzir a Rítmica. Era uma forma de mascarar a dança para permitir que os homens entrassem e participassem dessa nova perspectiva, mas não era a ginástica rítmica desportiva. O que entrou no currículo de 69 foi a Rítmica, que significa dança, estando claro para todos nós, que estávamos nessa comissão, que seria dança. [...] nós conseguimos que fosse introduzida, no currículo mínimo de todas as Escolas de Educação Física através da Resolução de 69, a Rítmica.²⁴⁴

Como esperado, a Escola de Educação Física da UFMG seguiu a resolução proposta por esta comissão, que produziu o Parecer 894/69, e incluiu a disciplina Rítmica no currículo masculino e substituiu o nome Danças no currículo feminino, a partir de 1969. Feita a mudança, observaremos os reflexos disto no cotidiano da Escola, passando a apresentar a presença do homem em práticas de dança, a partir de suas práticas disciplinares²⁴⁵.

No currículo masculino a Rítmica estava presente somente no primeiro ano, por meio da disciplina Rítmica I, ofertada apenas no primeiro semestre do curso; no feminino, a disciplina estava prevista nos três anos do curso, dividida em até cinco unidades.

A inclusão da Rítmica no currículo masculino foi um avanço considerável, mas esta imensa diferença quantitativa em relação ao currículo feminino demonstra que ainda havia um grande obstáculo a ser vencido para que homens e mulheres tivessem os mesmos direitos no que se refere à prática da dança, em suas várias possibilidades de aplicações no meio escolar.

²⁴⁴ PACHECO, 1998, p.157.

²⁴⁵ Somente encontrei fontes e relatos de práticas de dança por parte dos homens fora das atividades da disciplina Rítmica a partir do ano de 1980, com a criação do Grupo Sarandeio. Já que este estudo se propõe a apresentar a história das práticas de dança até o ano de 1977, este tema ficará para próximas pesquisas.

As aulas com as turmas masculinas eram ministradas separadamente. Neste período, não havia a junção de turmas ou aulas mistas²⁴⁶. Na disciplina Rítmica, os conteúdos ministrados aos homens e às mulheres tinham similaridades. Todavia, enquanto as mulheres aprendiam os movimentos tipicamente femininos, os homens realizavam aqueles que reafirmassem sua virilidade e masculinidade. Ao serem questionadas sobre as danças que eram trabalhadas com os homens, as professoras Maria Yedda e Vera Soares comentaram:

Tinham as danças com batidas de pé. Tinha uma dança também com batidas de bastões. De modo que tinha uma parte, assim mais específica da parte masculina. Na parte masculina, eram as danças, principalmente, dentro da parte folclórica.²⁴⁷

O trabalho deles era mais masculinizado mesmo, né? Às vezes, fazia alguma coisa, depois eu passei a fazer folclore com eles [...] Tinha vários que dançavam muito bem, então quando começou o folclore foi uma maravilha [...]²⁴⁸

Eustáquia Salvadora de Sousa afirma que as danças ministradas ao público masculino vieram “intensificar a adoção de gestos entendidos como viris, necessários à reafirmação da imagem de um homem forte e audacioso”²⁴⁹. Mesmo assim, os alunos não deixavam de ser alvo de críticas e comentários maledicentes de professores e outros alunos. Sobre os problemas com o preconceito à prática de dança por parte dos homens, Vera Soares relata casos em que os seus alunos eram motivo de *chacota*:

Tínhamos aula na sala de dança [...] Todos os dias os professores de judô iam na aula e diziam: “Que gracinha!”. Então o que eu fiz, eu passei, fazíamos de frente para cá [para a porta], então botei eles de costas, sabe? Eu ficava de frente e aí eu falava: “Ô professor, não faz isso não! Está atrapalhando minha aula e eles já têm vergonha, né, de fazer aula”. Porque no Brasil homem não dança assim, né. Então ele parou a brincadeira. Mas vinham outros também e faziam *chacota*. Entre eles mesmos [...]²⁵⁰

²⁴⁶ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁴⁷ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁴⁸ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁴⁹ SOUSA, 1994, p.147.

²⁵⁰ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

Lidar com movimentos considerados tipicamente femininos no meio acadêmico, algo novo naquele período, tornou-se constrangedor a princípio. De certa forma, representava conviver com representações antes observadas, não praticadas, contrário ao ideal de masculinidade e seu gestual característico para aquele momento, pelo menos para os personagens que viveram esta transição e se viram desenvolvendo atividades que somente as mulheres eram obrigadas a fazer. A idéia de masculinidade vem de um certo receio do feminino, construído numa perspectiva relacional, ou seja, “construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade”. (BOURDIEU, 2003, p.67). Estar com outros homens, vivenciando movimentos anteriormente considerados femininos, sendo visto por outros homens, não foi aceito por todos. Vera Soares comenta que alguns alunos se recusaram a fazer aulas, sendo que nas aulas práticas preferiam ler jornais.

A situação não era tão complicada porque, na disciplina Rítmica, outros conteúdos eram trabalhados. A parte teórica e os exercícios rítmicos ocupavam boa parte do programa masculino. Não encontrei evidência de trabalhos com dança moderna ou interpretativa. Inclusive, em todas a iconografia consultada, que diz respeito ao período recortado, não encontramos homens participando de apresentações. Como exemplo, nas festividades do aniversário da Escola em 1971 foi feita uma apresentação de dança de pares; porém, como explicitado no capítulo 2, as mulheres se vestiam de homens para a apresentação de coreografias em eventos diversos (FIGURA 24). Se os alunos já vinham participando de atividades de dança no currículo obrigatório, por que ainda não participavam de apresentações públicas? Este fator pode nos indicar a existência de dificuldades na inclusão dos homens nestas atividades. Não encontrei fotos que denunciassem a presença de alunos em montagens coreográficas apresentadas fora da disciplina.



FIGURA 24 – Apresentação de dança no Ginásio da Escola de Educação Física, na festividade de aniversário da instituição (1971)

Aos poucos, a dança folclórica foi sendo desenvolvida e mais bem aceita pelas turmas masculinas. Nos diários, foram encontradas as seguintes danças, sendo que algumas delas não constavam nos diários femininos: A Rosa (Portugal), Tecelagem, Saudemos o Gustavo, Polca Infantil, Balainha (PR), Bate Pé, Bumba-meu-boi (MA), Lenhadores (desafio), A Ratoeira, Chula Portuguesa (Portugal), Balaio (RS), Mineirinha, Dança das Saias Largas (Áustria), Chotes Carreirinho (RS), Pantoli (Dinamarca), Renda de Bico, Cana Verde (RS), Pezinho (RS), Galinha com Crista (Dinamarca), Tatu (RS), Maculelê, Sete Passos (Alemanha), Passarinho Preto (Romênia), Tenton Montain Stamp (Estados Unidos), Pate Cake Polka (Estados Unidos).

Como podemos perceber, as danças folclóricas nacionais e internacionais eram privilegiadas no programa de ensino das professoras, como relatado

anteriormente. Não pude apurar maiores detalhes sobre a prática destas danças por parte dos homens. A professora Maria Yedda deu grande destaque às danças gaúchas, sendo que estas sempre estavam presentes nos diários, enquanto que as outras apareciam esporadicamente.

Apesar de algumas dificuldades no trabalho com os homens, Maria Yedda não deixou de elogiá-los em alguns aspectos, principalmente na freqüência às aulas. A professora era rígida na cobrança de freqüência, a ponto de alguns alunos serem reprovados na disciplina. Mesmo os homens praticando a dança na Escola há pouco tempo, fato que poderia denotar algum desinteresse ou indisciplina significativa por parte de alguns deles, Maria Yedda afirma que teve problemas maiores com as alunas neste quesito:

Eu até, pra falar francamente, eu tive casos de perda de freqüência não foi, até não me lembro, acho que não de rapazes, mas tive infreqüência de moças, a ponto de criar um probleminha, e tudo mais, sabe como é que é, entre aluno e professora. Às vezes acontece, na hora da prova, [...] a pessoa estava inteiramente sem preparo. E eu me lembro que eu falei, reclamei da falta de preparo dela, e houve uma reação assim meio brusca. Eu agi, assim, com uma diplomacia muito..., a ponto da Odette Meirelles, que ficava na banca, falou comigo: - “Ah, eu teria tido outra atitude”.²⁵¹

Não encontrei outros registros ou fontes que pudessem enriquecer o debate sobre esta mudança significativa no cotidiano da Escola. Apesar disto, a inclusão da disciplina Rítmica no currículo masculino merece atenção. Torna-se necessário pesquisar períodos posteriores ao proposto nesta pesquisa, para podermos discutir os avanços e as permanências, que representações foram produzidas, que novas formas de lidar com a dança foram criadas a partir desta mudança. Outro tema interessante de pesquisa é a forma com que os homens se apropriaram da dança em suas aulas, depois de se tornarem professores, nas diversas redes de ensino. Indagar-se se, a partir desta mudança curricular, os professores formandos na Escola de Educação Física passaram a incluir ou avançar no ensino da dança no

²⁵¹ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF

meio escolar? No caso daqueles que incluíram, quais resistências foram observadas ou quais vitórias foram alcançadas?

Este momento na história da Escola é rica em mudanças. Apesar de significativa, a inclusão da dança no currículo masculino foi apenas mais uma diferença na história desta instituição, a partir de 1969.

4.2 A dança no concurso de provimento

Alguns meses antes da federalização, os professores da Escola se preparavam para formar bancas de seleção de diversos concursos para provimento de *cadeiras* de Educação Física em colégios estaduais.

Em julho de 1969, a lista dos nomes dos candidatos às cadeiras, juntamente com o nome da escola à qual concorria a vaga, foi enviada ao jornal oficial “Minas Gerais” por meio de ofício, no qual constava que os regulamentos dos concursos e exames de seleção haviam sido publicados no mesmo jornal, em 18 de março de 1969.²⁵² Era uma extensa lista de cidades²⁵³, cada qual com um colégio estadual destacado. Em alguns colégios, até então, havia apenas um candidato à vaga ofertada; em outros, encontravam-se cinco candidatos, dos dois sexos. Alguns professores se candidataram em diferentes cidades²⁵⁴.

Ainda diretor da Escola, Herbert de Almeida Dutra solicita ao reitor do Colégio Estadual Central de Minas Gerais a autorização para a utilização das dependências da instituição para a realização das provas práticas do concurso, assim como a preparação de turmas de alunos para tal fim²⁵⁵. O pedido, feito dois dias antes da realização das provas, foi atendido pelo professor Mário de Oliveira, reitor do Colégio.

²⁵² Ofício nº 245/69, de 10 de julho de 1969.

²⁵³ Brumadinho, Campo Belo, Matozinhos, Nova Lima, Itaúna, Alvinópolis, Caxambu, Dolores do Indaiá, Montes Claros, Monte Santo de Minas, Paracatu, Ressaquinha, Inhapim, Lagoa Santa, Piraúba, Baldim, Barbacena, Rio Acima, Santos Dumond, Ituiutaba, Três Corações, Tupaciguara, Caeté, Esmeraldas, Nova Era, Rio Novo, Divinópolis, Itajubá, Pará de Minas, Santa Luzia, Vespasiano, Lambari e Lavras. Fonte: Ofício nº 245/69, de 10 de julho de 1969.

²⁵⁴ Duval Ferreira Filho concorreu às vagas dos colégios de Brumadinho, Vespasiano e Itaúna; Ivany de Moura Bonfim, às de Matozinhos, Caeté e Caxambu; Lydia Rocha de Carvalho Kallas, às de Montes Claros, Itajubá e Lagoa Santa; Madalena Araújo, às de Piraúba, Baldim, Barbacena, Rio Acima e Santos Dumond; dentre outros exemplos.

²⁵⁵ Of. 277/69, de 12 de agosto de 1969.

No arquivo da EEEFTO/UFMG foram encontradas duas caixas nas quais se encontravam uma série de pastas de documentos sobre os concursos realizados. São provas, planos de ensino, anotações dos professores; enfim, uma grande quantidade de fontes, nas quais pode-se fazer considerações sobre os conhecimentos que circulavam na área, naquele período. Esta documentação merece uma pesquisa apurada, podendo ampliar as discussões sobre as concepções teóricas e as práticas comuns da época. Além disto, revela especificamente o tipo de ensino ministrado na Escola de Educação Física, já que a maioria dos candidatos era formada na própria instituição. A partir das informações colhidas nestes documentos, tentarei montar um panorama do processo.



FIGURA 29 – Prova prática do concurso de provimento de *cadeiras* de Educação Física em colégios estaduais. s/d.²⁵⁶

As bancas de seleção eram formadas pelos professores da Escola. A seleção era composta pelo julgamento de títulos, prova escrita aberta, prova escrita fechada, plano de aulas e prova prática. A cada um dos itens era atribuída uma nota de zero a

²⁵⁶ As provas para provimento de cadeiras de Educação Física ocorreram de 1969 a 1971. Arquivo do Centro de Memória da Educação Física – EEEFTO/UFMG.

dez, sendo feita a média geral final. Focalizarei, a partir daqui, as provas que trazem a dança como tema.

No concurso para a cidade de Itajubá, para o Colégio Estadual Major João Pereira, encontrei alguns documentos sobre a seleção da candidata Lydia Rocha de Carvalho Kallás. Apesar de não constar qualquer fonte sobre sua prova prática, a documentação desta candidata foi a mais completa dentre as pastas analisadas. No julgamento de títulos, ela obteve nota 8.9; e na prova fechada, com questões onde deveria atribuir os conceitos *certo* e *errado*, obteve nota 8.

Na prova aberta, a candidata respondeu à seguinte questão: “Conceituação atual dos objetivos da Educação Física. Novas perspectivas para a Educação Física do Brasil em face da eliminação do limite de idade”. Na sua resposta, a candidata enfatizou os aspectos biológicos do gasto energético, resultantes do exercício em diferentes situações (para a lactante, no jardim de infância), porém não teria desenvolvido bem o que a questão pedia. Esta prova foi avaliada por Pedro ad-Víncula e Sylvio Raso, que atribuíram a nota 6. Em sua considerações, os professores ressaltaram os seguintes pontos:

Pontos positivos:

- 1- Demonstrou algum conhecimento sobre BIOQUÍMICA
- 2- Passou de leve sobre a educação física “integral” do lactante, no jardim da infância, no curso normal.
- 3- Apresentação de experiência própria e reações das alunas à corrida.
- 4- Capacidade de emitir opinião

Pontos negativos:

- 1- Fugiu do assunto
- 2- Deixou de focalizar a “conceituação atual dos Objetivos da E. Física”
- 3- Embora bem exposto deixou o tema – idade + 18 anos
- 4- Deixou de desenvolver o item b²⁵⁷
- 5- Escreveu sobre o que quiz e não sobre o que fora pedido.²⁵⁸

O seu plano de aula foi analisado pelos professores José Guerra Pinto Coelho, Marluce Guimarães Gomes e Guiomar Meirelles Becker, obtendo a nota 9. Este plano de aulas tinha o tema “Atividades Recreativas”, tendo o objetivo principal

²⁵⁷ O item b diz respeito à segunda parte da questão.

²⁵⁸ Estas considerações feitas pelos professores estavam manuscritas na prova da candidata.

a aprendizagem da dança folclórica. Mesmo desenvolvendo este tema, os três professores avaliadores não eram responsáveis pelas disciplinas ligadas ao tema, ou seja, Danças e Recreação²⁵⁹.

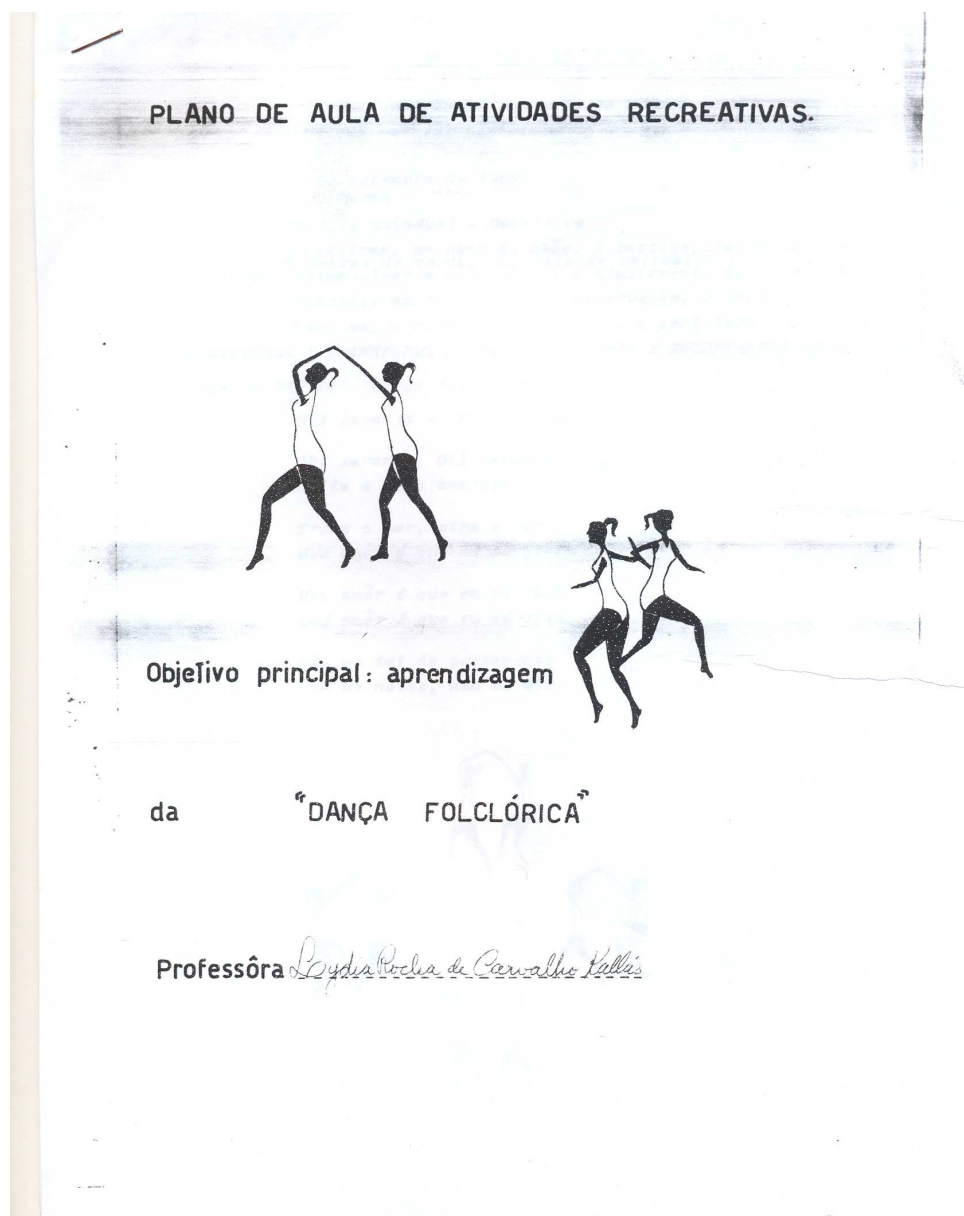


FIGURA 28 – Imagem do Plano de Aula de Lydia Rocha de Carvalho Kallás, candidata ao provimento de *cadeiras* de Educação Física em colégios estaduais (1969)

²⁵⁹ Neste período, a disciplina Danças era ministrada por Maria Yedda e Vera Soares. Já a disciplina Recreação era ministrada por Odilon Ferraz Barbosa e Nella Testa Taranto.

O plano de aulas denota capricho da candidata, com uma boa clareza na descrição das atividades. Além disto, trazia ilustrações dos movimentos, dos materiais e das posições que a turma deveria se colocar na execução dos exercícios propostos. Apesar de as atividades serem direcionadas a turmas mistas, vale destacar que o plano trazia ilustrações com figuras feminina vestidas de colant, vestimenta típica para práticas de ginástica e dança neste período.

O plano era dividido em três partes. Na primeira, propôs-se a dança folclórica *Oh! Laranja*, de Minas Gerais, colocando-se a letra da música, a partitura musical e o desenvolvimento da atividade. Esta foi a única dança folclórica trabalhada no plano, apesar do mesmo ter o objetivo principal a aprendizagem deste conteúdo, como afirmado anteriormente. A segunda parte do plano de aula é composta por quatro pequenos jogos e brinquedos cantados²⁶⁰. Na terceira parte é proposto um trabalho de canto em coro, com a música *O sapo*. Na documentação da candidata estava anotada numa folha à parte a seguinte avaliação: “Conclusão: Prova de julgamentos complexo que poderia ser traduzida em grau para o número 6 (seis)”. Não havia qualquer outro dado que deixasse clara a avaliação final, ou seja, se a professora havia sido aprovada ou não no concurso.

No ofício 245/69, no qual constam os nomes dos candidatos às vagas dos colégios estaduais mineiros, encontram-se os nomes de três candidatos à vaga de professor de Educação Física do Colégio Estadual João XXIII, também em Itajubá. Estes candidatos eram João Batista S. Fagundes, José Rocha de Carvalho e, novamente, Lydia Rocha de Carvalho Kallás.

Para tentar obter informações sobre a possível aprovação de algum destes candidatos no concurso para os dois colégios citados anteriormente, entrei em contato com as respectivas instituições. A secretária da atual Escola Estadual Major João Pereira me informou que o professor José Rocha de Carvalho fez parte do seu quadro docente durante anos, estando aposentado há alguns anos. Não soube dar informação sobre a professora Lydia. Na Escola Estadual João XXIII, obtive a mesma resposta quanto à professora. Então, entrei em contato com a Secretaria

²⁶⁰ Esta parte foi composta pelos pequenos jogos *Herói do pano de chão* e *Ladrão de faixas*, pelo brinquedo cantado *Quando as moças e rapazes vão á feira passear* e por um jogo de iniciação ao *Volibol*.

Regional de Educação de Itajubá que me informou, por e-mail, que a professora Lydia nunca havia trabalhado em qualquer escola de sua jurisdição, sendo que sua atuação ocorreu na Secretaria Regional de Ensino de Pouso Alegre²⁶¹. Dentre os documentos encontrados no arquivo da EEEFTO/UFMG, não encontrei fonte sobre concursos ligados a algum colégio estadual desta cidade.

Outros dois concursos de provimento de professores foram realizados pela Escola de Educação Física. Em 1970, foi feito concurso para as cidades de Rio Novo, Congonhas do Campo, Itaúna, Rio Acima e Coronel Fabriciano. Em 1971, as cidades atendidas foram Bicas, Lagoa Santa, Baldim, Paraisópolis, Estrela do Sul, Santa Juliana e Alpercata.

4.3 Escola de Educação Física da UFMG: avanços e permanências

O advento de novos tempos para a Escola de Educação Física, a partir de sua federalização, trouxe várias mudanças para esta instituição. A Escola deveria se adaptar às especificações da UFMG, o que influenciou diretamente seu cotidiano. Os cursos, o currículo, a permanência dos professores, dentre outros aspectos, foram reformulados, causando alguns problemas neste período.

Amanda Matos (2003) relata que houve a necessidade de reestruturar os dois cursos oferecidos²⁶² – Superior em Educação Física e Educação Física Infantil. Entretanto, o curso de Educação Física Infantil não conseguiu se afirmar, frente às exigências da Universidade. Tentou-se transformá-lo em curso de especialização, o que não foi possível, já que a UFMG tinha uma política diferente quanto ao oferecimento deste tipo de curso. A autora afirma que isto teria causado a extinção

²⁶¹ O e-mail foi enviado, no dia 31 de julho de 2007, por Cátia Emiliana Paes, da Divisão de Recursos Humanos da Secretaria Regional de Educação de Itajubá. Foi consultado o sistema do PRODEMGE para se obter as informações sobre a professora Lydia Rocha de Carvalho Kallás.

²⁶² Em ofício, o diretor da Escola, Pedro ad-Víncula Veado Filho, respondendo a outro ofício enviado pelo Institut Supérieur D. Education Physique, sediado em Liège/Bélgica, relata que a instituição tinha a intenção – que não se concretizou - de retomar seus cursos assim que estivessem em sua nova sede: “Em face das deficiências materiais de nossa atual sede, não nos tem sido possível pôr em funcionamento os cursos de Medicina Especializada em Educação Física e Desportos, de Técnica Desportiva, de Massagem, de Fisioterapia e outros ligados à especialidade, todos já devidamente autorizados pelas autoridades federais do ensino. Esses cursos voltarão a funcionar logo estejamos na nova sede”. Fonte: Of. 206/71, 7 de maio de 1971.

da oferta da Educação Física Infantil, sendo encontrado o último registro de sua existência em meados de 1971²⁶³.

No mesmo ano, a Escola de Educação Física da UFMG recebeu a incumbência de organizar um curso de curta duração para a formação de professores da área, que iriam trabalhar no 1º ciclo de ensino médio, mais especificamente para os ginásios polivalentes do PREMEM - Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio²⁶⁴.

Três anos após a promulgação do Decreto, a Escola de Educação Física começa a preparar o seu curso. Assim como no currículo da Escola, o curso do PREMEM formulou uma grade de disciplinas para as turmas masculinas e outra para as femininas. As partes biológica e pedagógica são idênticas para ambos os públicos; a diferença está nos conteúdos de caráter prático. Judô e futebol só foram oferecidos aos homens; Recreação tinha uma carga maior para as mulheres (60 horas para homens e 70 horas para mulheres); Rítmica era superiormente maior para as mulheres (20 horas para homens e 130 horas para as mulheres)²⁶⁵. As outras disciplinas tinham a carga horária igual. Vemos aqui uma nítida distinção das práticas que estariam vinculadas a cada sexo, sendo que parte dos conhecimentos era negada a um grupo, por questões sexistas.

A direção da Escola, por meio do ofício 19/71, tentou resguardar o interesse futuro de seus alunos regulares. Os cursos do PREMEM, como dito anteriormente, direcionavam-se à formação de pessoal para trabalharem nas escolas polivalentes, mas, apesar disso, o diretor Pedro ad-Víncula pede, no documento, que os alunos que cursariam o último ano do Curso Superior de Educação Física tivessem a

²⁶³ “A última informação que encontrei sobre o Curso de Educação Física Infantil, data do dia 09 de Dezembro de 1971 em uma Ata de Reunião da Congregação da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, em que os professores presentes discutiam sobre a possibilidade do curso passar a ser oferecido em período integral, o que o transformaria em um curso de seis meses e não mais de um ano.” (MATOS, 2003, p.66).

²⁶⁴ O PREMEM foi criado durante o governo do presidente Artur da Costa e Silva, por meio do Decreto nº 63.914, de 26 de dezembro de 1968, que destinava recursos financeiros para a preparação de recursos humanos necessários ao desenvolvimento do programa. O PREMEM visava o aprimoramento do ensino médio, a partir do aumento do número de escolas polivalentes no país. O seu objetivo, de acordo com o Art. 1º do Decreto, era “incentivar o desenvolvimento quantitativo, a transformação estrutural e o aperfeiçoamento do ensino médio” e, para isto, deveria promover, juntamente com os Estados, a implementação de planos elaborados para este fim, sob a supervisão do Ministério da Educação e da Cultura.

²⁶⁵ Of; nº 19/71, 25 de janeiro de 1971.

permissão de candidatarem-se às vagas oferecidas pelos ginásios do PREMEM. Para isto, enquanto completassem o curso regular, poderiam ser “devidamente instruídos e treinados, por meio de cursos paralelos, sobretudo de formação pedagógica, para as atividades específicas dos ginásios polivalentes”²⁶⁶. Seria feito um inquérito prévio, por ocasião das matrículas daquele ano (15 a 25 de fevereiro de 1971), para saber qual a quantidade de alunos interessados, sendo exigido dos mesmos, a partir daí, o compromisso em prestar serviços ao PREMEM, depois de formados²⁶⁷. Este pedido seria uma espécie de contrapartida que poderia ser oferecido pelo programa do PREMEM. Embora a direção da Escola aspirasse um total de 1600 horas para o curso do PREMEM, o curso de licenciatura de curta duração ofereceu um currículo de 1360 horas.

Quanto à presença da dança, a diferença vinculou-se à divisão dos conteúdos entre as três professoras, sendo que Odette Meirelles ficou responsável pela parte rítmica e musical, e Maria Yedda e Vera Soares lecionaram a parte de Dança, cada qual com sua turma. Esta divisão ficou bastante clara, tanto que os diários, diferente de todos os outros cursos, eram registrados com o nome de cada professora, como citado anteriormente. Vale ressaltar que, nos diários do PREMEM, várias danças foram incluídas, dentre todas que foram ensinadas neste período²⁶⁸.

No final do primeiro ano do curso do PREMEM na Escola, chegou-se à conclusão de que o número de profissionais ainda era insuficiente para suprir a demanda:

Apezar [sic] de todas as tentativas anteriores, das quais a Escola também participou, não se conseguiram os professores em número suficiente para preenchimento de todas as vagas existentes nas escolas já instaladas e nas que se instalarão ainda este ano e em princípio de 1973.²⁶⁹

²⁶⁶ Of. Nº 19/71, 25 de janeiro de 1971.

²⁶⁷ Não encontrei qualquer documento ou fonte que pudesse me mostrar se o pedido foi aceito.

²⁶⁸ As danças trabalhadas no curso PREMEM foi listadas no item 3.2.

²⁶⁹ Cf. Ata da Congregação n. 3. Dia 06 de junho de 1972, p.64-64b.

Talvez este seja o motivo que levou o curso a durar mais um ano, finalizando suas atividades em 1973²⁷⁰. Mesmo com uma curta duração na história da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, o curso do PREMEM deixou suas marcas na história da Escola. Um elemento que não pude apurar foi o processo seletivo para os candidatos ao curso, já que as fontes encontradas não tinham esta informação. Entretanto, sobre o processo seletivo dos alunos dos cursos regulares da instituição há uma boa quantidade de informações. Muitos fatos interessantes foram motivo de grandes discussões e luta de interesses, como poderemos conferir a seguir.

4.4 O vestibular como campo de disputas

Na década de 70, os exames vestibulares da Escola de Educação Física foram motivo de discussões, numa grande disputa de forças entre a direção da Escola e o Conselho de Graduação da UFMG. Um exemplo rico deste embate é a questão do número de vagas destinadas aos homens e às mulheres nos vestibulares. Eustáquia Salvadora de Sousa (1994) trouxe contribuições importantes sobre este fato, que pude comprovar em alguns documentos encontrados nos arquivos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Nos concursos realizados para o preenchimento de vagas em escolas municipais e estaduais, o número de professoras graduadas era sempre maior do que de professores²⁷¹. Este desequilíbrio, causado pela percentual maior de mulheres nos cursos superiores de Educação Física, passou a preocupar a direção da Escola de Educação Física da UFMG, que passou a pleitear a mudança nos critérios de entradas de alunos e alunas no curso.

A alternativa encontrada foi solicitar à Coordenação de Ensino da UFMG a revisão das vagas destinadas a cada público. Neste período, a Escola de Educação Física abria cem novas vagas a cada vestibular, sem distinção de sexo. Com a constante supremacia numérica das mulheres nos vestibulares, a saída encontrada

²⁷⁰ Fonte: Diários de Classe do Arquivo da Seção de Ensino da EEEFTO/UFMG.

²⁷¹ SOUSA, 1994, p.191.

pela direção foi a de conformar o ingresso, a cada concurso, de 50 homens e 50 mulheres²⁷².

De acordo com SOUSA (1994), o pedido tinha por base três argumentos: as diferenças biológicas entre os sexos (cada prática deve ser sistematizada a partir do desenvolvimento corporal e da evolução mental ou cultural do sujeito, variando entre os sexos), as normas esportivas nacionais e internacionais (as leis que regem os esportes olímpicos respeitam as características biológicas de cada sexo), além das questões administrativas da Escola (contratação de professores e abertura de duas turmas de mulheres, a cada semestre, por causa do desequilíbrio numérico entre os sexos).

Em ofício enviado ao reitor Marcello de Vasconcellos Coelho, o diretor Pedro ad-Víncula Veado Filho, ao discorrer sobre o concurso de habilitação ao curso de Educação Física, faz as seguintes considerações:

Dadas as exigências de ordem biológica e a natureza das atividades próprias, os currículos dos Cursos de educação Física são diferentes para cada sexo. Algumas disciplinas, como é o caso das de Futebol e de Judô, só existem para as turmas masculinas, enquanto outras, como a de Danças têm cargas horárias diferentes. A Ginástica Feminina, obviamente, só é ministrada para as moças.

[...] O próprio Decreto-lei 69.450, de 1.11.71, que regulamentou a prática de Educação Física em todos os níveis do ensino, recomenda a composição de turmas do mesmo sexo, 'preferencialmente selecionados por nível de aptidão física'. Daí a impossibilidade de se formarem turmas mistas e conseqüentemente, a necessidade de se fixar o número de vagas para cada sexo, a exemplo do que faz a Universidade Federal do Rio de Janeiro, isto é, metade das vagas totais para cada um dos dois sexos.²⁷³

²⁷² Sobre esta separação de turmas a partir do sexo, Eustáquia Salvadora de Sousa traz as seguintes considerações: "As reflexões sobre esses argumentos, conduzindo-me ao passado, fizeram-me fixar no fato de homens e mulheres, em Belo Horizonte, desde o início desse século, virem sendo separados para as aulas de Exercícios Físicos, cujos conteúdos sequer caracterizam-se como competitivos. Dessa maneira, não seria o esporte moderno o causador de tal separação e suas normas estarem, apenas, legalizando e reforçando valores, anteriormente instalados". (1994, p.181-182).

²⁷³ OF.nº 332/73, 18 de setembro de 1973.

Mesmo utilizando o exemplo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, o diretor não conseguiu atingir o seu objetivo. Em 1976, o novo diretor da Escola, Ellos Pires de Carvalho, amparado pelo coordenador do Colegiado do curso de Educação Física, professor José Pereira da Silva, enviou ofícios à professora Elvira Maria Pereira de Melo, diretora da Secretaria de Ensino da Universidade Federal de Minas Gerais, reclamando o atendimento do pedido de divisão de vagas²⁷⁴. Em 7 de maio de 1976, recomendou-se à diretora Elvira Melo a separação das vagas, sendo o pedido negado. Novamente, em 1º de junho de 1977, o professor José Pereira da Silva indica a divisão dos candidatos por sexo.

Volto [...] a insistir que as 100 vagas do vestibular sejam solicitadas separadamente: 50 para homens e 50 para mulheres.

Desde 1975 vimos pleiteando da alta direção da UFMG esta medida, sem lograr uma compreensão nítida do problema pelos órgãos envolvidos, Creio que, afastados do campo da Educação Física, não chegam a entender a necessidade lógica e prática desta medida.

A alegação da negativa dos órgãos superiores é a de que isto seria mais uma discriminação. Na realidade, misturar campos específicos de magistério, desequilibrar o conteúdo das turmas masculinas e femininas, causar ônus à Universidade pela possível contratação de professores para atender ao desdobramento das classes, salvo melhor juízo, é o que deve ser considerado discriminação, pois cria dificuldades didáticas e administrativas, afastando possibilidades iguais de sistematização e aproveitamento de setores legalmente específicos.

Neste segundo semestre, por exemplo, fruto dessa persistente e injustificada negativa, teremos 38 alunas e apenas 12 alunos. É lógico que iremos constituir duas turmas femininas dada a grande incidência de aulas práticas (180).

Como se vê, a persistir a tendência de aprovação no vestibular (menos homens e mais mulheres) estamos comprometendo o futuro mercado de trabalho nacional, por uma simples falta de visão preventiva.²⁷⁵

O pedido de vagas para o vestibular de 1978 passou pelo Conselho de Graduação da UFMG, recebendo o parecer nº 059/77, feito pela relatora Vanessa Guimarães Marri. Este parecer tratava dos pedidos de vagas para todas as unidades

²⁷⁴ Ofício enviado pelo professor José Pereira da Silva, coordenador do Colegiado do curso de Educação Física, a Ellos Pires de Carvalho, no dia 1º de junho de 1977.

²⁷⁵ Documento interno, do coordenador do Colegiado José Pereira da Silva, direcionado ao diretor Ellos Pires de Carvalho, em 1º de junho de 1977.

da UFMG, sendo que os cursos de Educação Física e Medicina foram os únicos que trouxeram mudanças nos seus pedidos²⁷⁶. A relatora, a partir dos pressupostos apresentados, considerou o pedido razoável, colocando-se favorável à divisão das vagas por sexo, por considerar a conformação curricular do curso como construtor de dois campos específicos de trabalho²⁷⁷. Inclusive, em suas colocações, a relatora indica que fossem ofertadas 50 vagas para o curso de *Educação Física Masculina* e 50 vagas para o curso de *Educação Física Feminina*.

No dia 8 de agosto de 1977, o Conselho de Graduação aprovou o parecer da relatora, porém com uma ressalva:

Aprovado o quadro de vagas para o concurso Vestibular de 1978, conforme a proposta da relatora, exceto para o Curso de Educação Física, para o qual foram aprovadas 100 (cem) vagas, sem discriminação – masculino 50 vagas, feminino 50 vagas.

Esta citação está manuscrita no Parecer 059/77, sendo que o termo “sem discriminação” foi circulado, talvez fazendo menção às reclamações feitas em documentos anteriores. A decisão do Conselho de Graduação foi aprovada pela Coordenação de Ensino e Pesquisa, em sessão do dia 26 de agosto de 1977, fechando, a princípio, esta questão neste ano. Entretanto, no dia 20 de setembro de 1977, o diretor da Escola envia nova ofício à diretora Elvira Melo, onde reforça o pedido para o que o vestibular de 1978 fosse dividido por sexo e não apenas por pontos obtidos.

A classificação apenas por pontos obtidos, sem se atentar para o sexo do candidato, cria problemas na formação das turmas, prejudica os esportes coletivos, que, às vezes, diferem de um para o outro sexo, e aumenta consideravelmente a ‘carga horária’, além de outros

²⁷⁶ No caso do curso de Medicina, solicitou-se que o número de vagas fosse reduzido pela metade, ou seja, de 320 para 160 vagas. Isto seria motivado pela falta geral de recursos financeiros e espaços físicos, além do reduzido número de enfermeiros no Hospital das Clínicas. O pedido de redução foi negado, sendo decidido que seriam tentadas todas as possibilidades de melhorias, aumentando os recursos financeiros e humanos.

²⁷⁷ Além deste ponto, a relatora ressaltou que “a imprevisibilidade do resultado do vestibular impedia a composição equilibrada do corpo docente, acarretando, muitas vezes, a contratação mais ou menos improvisada de professores para fazer frente a um número excessivo de alunos de um determinado sexo”. Fonte: Parecer Cons. Grad. 059/77.

problemas disciplinares e administrativos, só sentidos por quem tem a responsabilidade da execução dos objetivos propostos.²⁷⁸

A direção da Escola de Educação Física sempre recorria ao esporte como tema para justificar seu pedido. Isto mostra uma imagem que vincula este conteúdo de forma diferente para ambos os gêneros, fato que se reflete diretamente no currículo do curso. Os caracteres biológicos, muito utilizados como razão para diferenciação entre o *esporte masculino* e o *esporte feminino*, camuflam os pressupostos socioculturais que alicerçam as representações do que era, neste período, aceito e indicado a um e a outro gênero²⁷⁹.

Este fato influenciava, inclusive, os testes de aptidão física, presentes no vestibular da Escola. Se aos homens eram pedidas a força e a resistência, às mulheres pedia-se delicadeza e fragilidade. Nos testes de aptidão física temos, de forma nítida, esta diferenciação era feita em alguns dos testes que eram aplicadas aos dois públicos²⁸⁰.

SEXO MASCULINO

- 1) Corrida de velocidade (**60m**)
- 2) Corrida de resistência (**800m**)
- 3) Salto em altura
- 4) Salto em distância
- 5) **Subida em corda**
- 6) Natação (deslocar-se, flutuando, na distância de 12,5m, em qualquer estilo)

²⁷⁸ Ofício nº 486/77, de 20 de setembro de 1977.

²⁷⁹ Grande parte dos questionamentos da participação da mulher em algumas práticas esportivas está vinculada a representações do esporte como algo tipicamente masculino, por meio de símbolos como a virilidade, agressividade, risco, potência, vigor físico, ao contrário da mulher, que sempre esteve ligada à imagem da delicadeza, fragilidade, flexibilidade, dentre outros. Além disso, no que diz respeito ao esporte, “vários preconceitos e estereótipos ainda cercam a prática das mulheres em determinadas modalidades, em especial quando ressaltam a associação de sua imagem à homossexualidade ou aos perigos que a exercitação física excessiva pode gerar para sua saúde reprodutiva, isto é, para a futura maternidade”. (GOELLNER, 2005, p.72).

²⁸⁰ Estes dados foram encontrados em um documento encontrado no arquivo da EEEFTO, tendo o título “Vestibular Único de 1971”, sendo direcionado aos candidatos ao Curso Superior de Educação Física. Neste documento diz-se que os candidatos aprovados nos testes do concurso vestibular único deveriam, ainda, passar pelas provas de aptidão física, de caráter eliminatório. Em outro documento, sobre o exame vestibular para o Curso Infantil de 1971, encontram-se informações sobre provas teóricas, que se baseavam em conhecimentos gerais sobre Psicologia, Biologia e Didática, além da prova específica de Português. Para completar a seleção, os alunos deveriam passar por exames médicos e apresentar os resultados de exames de abreugrafia (chapa radiográfica dos pulmões, para diagnóstico de tuberculose), urina, fezes, VDRL (sífilis), Machado-Guerreiro (como era conhecida a Doença de Chagas, neste período) e vacinação anti-variólica, feita por autoridade sanitária.

- 7) Exercícios abdominais (deitado em decúbito dorsal, mãos à nuca, elevar o tronco até a posição vertical - número de repetições em 30 segundos)
- 8) Rolamento para frente
- 9) Trave de equilíbrio (percorrer uma trave de equilíbrio de 0,10 m de largura, à altura de 1 m, fazer meia volta e retornar ao ponto de partida.

SEXO FEMININO

- 1) Corrida de velocidade (**50m**)
- 2) Corrida de resistência (**400m**)
- 3) Salto em altura
- 4) Salto em distância
- 5) **Ritmo (reconhecimento de compassos de músicas de dança e exercícios rítmicos)**
- 6) Natação (deslocar-se, flutuando, na distância de 12,5m, em qualquer estilo)
- 7) Exercícios abdominais (deitada em decúbito dorsal, mãos à nuca, elevar o tronco até a posição vertical - número de repetições em 30 segundos)
- 8) Rolamento para frente
- 9) Trave de equilíbrio (percorrer uma trave de equilíbrio de 0,10 m de largura, à altura de 1 m, fazer meia volta e retornar ao ponto de partida.²⁸¹

SOUSA (1994) evidenciou esta questão da atribuição de qualidades diferenciadas por sexo nas provas de aptidão física dos vestibulares da Escola de Educação Física da UFMG. A aplicação de provas diferentes em um vestibular único, sem distinção de vagas para homens e mulheres, causava problemas, já que poderia acontecer alguma injustiça, motivado pelo fato de a tabela de classificação ser construída em conjunto. A autora afirma que este discurso de injustiça dos critérios camuflava “uma preocupação especial com a injustiça para com os homens, reforçando, mais ainda, a dominação masculina”. Ou seja, o critério de seleção conjunta poderia estar prejudicando os homens, já que o desequilíbrio numérico na entrada de novos alunos pesava negativamente para a ala masculina.

As provas de aptidão física não eram questionadas somente neste sentido. Em 1971, a Comissão de Vestibular da UFMG decidiu extinguir as provas de aptidão física da Educação Física. Em reação, o diretor Pedro ad-Víncula enviou ofício ao reitor, mostrando-se surpreso e desapontado com o fato. Surpreso, porque o assunto

²⁸¹ Grifos meus.

não foi debatido com a Escola; desapontado, porque isto significava a retirada do recurso que dava à Escola a oportunidade de selecionar os alunos em condições de realizar todas as atividades do curso, mantendo o “magnífico conceito” de que goza a instituição em todo o país²⁸².

De acordo com o documento, a Comissão julgou desnecessária a prova de aptidão física, indicando a aplicação do exame médico somente. Além disto, decidiu que este exame médico deveria ser realizado por uma comissão da universidade e não por membros da Escola. O contra-argumento do diretor pautou-se no fato de que somente o exame de aptidão poderia demonstrar a real capacidade dos candidatos para as diversas atividades que iriam desenvolver durante o curso, algo que não poderia ser dimensionado no exame médico apenas. Além disto, o exame médico da universidade havia aprovado candidatos que foram reprovados pelos exames médicos aplicados na Escola, já que os avaliadores médicos da instituição eram pessoas capazes de interpretar as reais necessidades da área, por terem formação específica para tal. Apesar do problema, verificou-se a permanência dos testes de aptidão, já que os mesmos se mantiveram presentes nos anos vindouros.

Em outro documento do “dossiê”, o diretor Pedro ad-Víncula faz uma proposta ao professor Adônis Martins Moreira, da Secretaria da Coordenação de Ensino e Pesquisa, vinculada à Reitoria da UFMG:

Relativamente à seleção dos candidatos para as duas entradas (março e agosto), propomos o critério do grau de aptidão física, avaliado no exame médico funcional, visando compor turmas homogêneas, requisito indispensável na execução de atividades físicas e desportivas. Os 50 mais bem dotados fisicamente (25 de cada sexo) formariam as duas turmas da primeira entrada. Os restantes desenvolveriam na própria Escola, durante o primeiro semestre letivo, atividades práticas, numa espécie de recuperação, aqui apenas física, o que os colocaria em condições de comporem as duas turmas da segunda entrada, também homogêneas e bem preparadas fisicamente.²⁸³

²⁸² OF. Nº 572/71, 3 de novembro de 1971.

²⁸³ Este documento, que faz parte do dossiê, é datado de 25 de setembro de 1973. Nota-se, novamente, a indicação da divisão de vagas para homens e mulheres, em igualdade numérica, ou seja, 50 vagas para os homens e 50 vagas para as mulheres.

Na página seis do dossiê foram citados alguns itens do Edital Vestibular. Dentre eles, estavam as atividades que avaliavam a aptidão física dos candidatos, dentro do Exame Médico-Biométrico:

- a) Índice Ponderal compatível com a prática das atividades físicas próprias dos cursos
- b) Capacidade de Consumo de Oxigênio, pelo 'Teste do Cooper' ou por 'Teste Cicloergométrico'
- c) Velocidade (corrida de 50 metros)
- d) Força muscular (elevação do corpo em barra fixa) (somente para candidatos do sexo masculino)
- e) Impulsão vertical (salto em altura com impulso)
- f) Impulsão horizontal (salto em distância com impulso)
- g) Ritmo (reconhecimento de compassos binários, ternário e quaternário)
- h) Comportamento do organismo em meio líquido (natação: flutuação e deslocamento mínimo de 12,5m)

Nota-se que os testes, frente àqueles aplicados em 1971, já haviam se modificado. A única diferença entre candidatos e candidatas estava na execução do exercício de força muscular. Importante destacar, para este estudo, a presença do teste de "Ritmo", que passou a ser executado, também, pelos homens²⁸⁴.

Em 16 de outubro de 1973, o diretor Pedro ad-Víncula envia ofício ao Coronel Eric Tinoco Marques, diretor geral do Departamento de Educação Física e Desportos do MEC (DED/MEC), no qual pede para que o órgão do Governo interfira, juntamente à Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG, no sentido de modificar a decisão de se retirar os testes de aptidão física, a partir de 1974.

Em vista do fracasso de nossas tentativas, só vemos uma possibilidade de solução atual ou pelo menos futura para o problema em pauta: a intervenção do Departamento de Educação Física e Desportos, com sua autoridade de órgão especializado, junto aos setores do Ministério da Educação e Cultura que fixam a sistemática dos concursos vestibulares, no sentido de ser incluída a exigência da aptidão específica para o ingresso nos Cursos de Educação Física e sua verificação obrigatória através de testes médico-biométricos especializados.

²⁸⁴ No próximo capítulo, faremos considerações sobre os currículos que vigoraram na Escola, no período proposto pela pesquisa. Para efeito de entendimento deste ponto ressaltado no texto, a disciplina Rítmica passou a fazer parte do currículo masculino da Escola, a partir de 1969. Talvez isto tenha influenciado a inclusão do teste de ritmo na avaliação dos candidatos do sexo masculino, no decorrer da década de 70.

Privou-nos a Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG de uma condição fundamental para um melhor rendimento do curso: a organização de turmas homogêneas do ponto de vista da aptidão física e bem preparados para as suas atividades específicas. Temos a impressão de que outras escolas vivem o mesmo problema e uma solução superior viria ao encontro do desejo e de interesse de todas, unificando as normas em âmbito nacional.²⁸⁵

O pedido a este órgão superior mostra que a Coordenação de Ensino se mostrava, de certa forma, contrária à permanência dos testes em seu vestibular. Não encontrei qualquer documento que respondesse ao pedido; entretanto, os testes de aptidão se mantiveram na UFMG, para os candidatos ao curso de Educação Física.

Os questionamentos feitos pela cúpula da UFMG frente aos assuntos que diziam respeito à Escola de Educação Física não se restringiram aos casos até agora relatados. Assim como os candidatos aos cursos da Escola passaram por avaliações conturbadas, os professores também tiveram problemas para se enquadrarem nos termos exigidos pela universidade.

4.5 Seleção de professores: o elenco colocado à prova

Quando a Escola de Educação Física de Minas Gerais foi federalizada, várias questões legais ficaram pendentes, sendo resolvidas ao longo de alguns anos. A incorporação dos professores desta instituição dentro do Quadro Único de Pessoal da UFMG gerou um longo processo que perdurou até 1973²⁸⁶. A principal questão levantada foi o *equivoco* no enquadramento de 14 professores²⁸⁷ da Escola como professores adjuntos, ao invés de serem enquadrados como titulares, o que causou grande surpresa nos envolvidos²⁸⁸. A partir deste fato, começou um longo processo, a partir do pedido de revisão desta situação. Vale ressaltar que o pedido inicial de

²⁸⁵ OF. Nº 379/73, 16 de outubro de 1973. É um dos documentos que compõem o dossiê aqui citado.

²⁸⁶ Foi encontrado, no arquivo da EEEFTO, um conjunto de documentos referentes ao processo de classificação de professores. Alguns documentos estão incompletos, mas, mesmo assim, oferecem importantes dados sobre o caso. Tentarei, utilizando este conjunto de fontes, construir o caminho percorrido pelos personagens, a partir deste fato ocorrido na instituição.

²⁸⁷ Os professores eram: Albano Augusto Pinto Corrêa, Ellos Pires de Carvalho, Francisco Veloso Meinberg, Guiomar Meirelles Becker, Jacy Roiz Pereira, Jair Roiz Pereira, José Guerra Pinto Coelho, Maria Yedda Maurício Ferolla, Olavo Amaro da Silveira, Sílvio José Raso, Padre Carlos José Gonçalves, Herbert de Almeida Dutra, Pedro ad-Víncula Veado Filho e Adolpho Guilherme.

²⁸⁸ Alisson Pereira Guimarães. Conselho Universitário. Parecer, 18 de setembro de 1972, p.1.

revisão estava vinculado ao caso dos 14 professores que não foram enquadrados como titulares. A situação dos outros professores não foi citada no pedido²⁸⁹.

Em 23 de abril de 1971, o reitor designou o professor Amaro Xisto de Queiroz para “proceder o estudo preliminar sôbre critérios de aproveitamento do pessoal docente da Escola de Educação Física”²⁹⁰. O professor Amaro Xisto de Queiroz, então, elaborou um parecer, com 73 laudas, no qual concluía que os 14 professores deveriam ser enquadrados como titulares, argumentando que:

A exemplo do que ocorreu quando da implantação da Lei nº 971, de 16 de dezembro de 1949, que federalizou a Universidade Federal de Minas Gerais, devem os Professores da Escola de Educação Física ser enquadrados no Quadro Único do Pessoal da UFMG, nas classes da carreira do magistério correspondentes ao status de que gozavam na Universidade Católica de Minas Gerais [...].²⁹¹

O parecerista afirma que, neste caso, o processo não se enquadrava num “processo normal de admissão de professôres, mas de aproveitamento de docentes, em efetivo exercício, com titularidade condizente à época para provimento do cargo de Professor Titular”²⁹².

Em 26 de novembro de 1971, o relator Wilton Cardoso reforça a indicação do parecerista Xisto Amaro de Queiroz, afirmando que o Conselho de Graduação não disporia de condições que o autorizassem a “julgar de modo diferente do ilustre Relator o mérito ou a ‘alta qualificação’ dos professores”. A partir daí, o relator Wilton Cardoso indica o encaminhamento do parecer, para que fosse apreciado pela Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG.

O parecer é enviado à Consultoria Jurídica da UFMG, sendo o documento analisado por Celso Agrícola Barbi. A Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG pede à Consultoria que examinasse três pontos:

²⁸⁹ Em todos os documentos analisados, é pedida a revisão da situação dos 14 professores, requerendo o título de Professor Titular. Em nenhum momento é feito o pedido para que todos os professores subam de cargo, ou seja, que os professores enquadrados com assistentes se tornassem adjuntos e que os auxiliares de ensino se tornassem professores assistentes.

²⁹⁰ Parecer nº 037/71, 26 de novembro de 1971.

²⁹¹ Parecer de Xisto Amaro de Queiroz, 16 de agosto de 1971, p.72.

²⁹² Parecer de Xisto Amaro de Queiroz, 16 de agosto de 1971, p.72.

- 1 - qual a autoridade competente para proceder ao enquadramento daquele pessoal;
- 2 - se a Universidade está obrigada a aceitar a situação dos docentes na Escola incorporada;
- 3 - se esses docentes poderão integrar o Quadro Único de Pessoal da UFMG.²⁹³

O parecerista, ao analisar cada um dos itens requeridos, confrontando-os com a legislação da UFMG, com o Decreto-Lei que incorporou a Escola de Educação Física à UFMG e com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), chegou a conclusões preocupantes para os professores.

Quanto à primeira questão, Celso Barbi afirma que o órgão competente para a possível incorporação dos professores deveria ser o Conselho Universitário. O Decreto-Lei 997/69 não definiu princípios e regras sobre a situação do quadro de professores das entidades incorporadas. Apesar de ser a Reitoria o órgão máximo da universidade, tendo autonomia para resolver qualquer questão referente à Escola incorporada, é um órgão executivo, devendo-se procurar, então, outro com competência específica para promover a incorporação da Escola e de seu pessoal.

No que diz respeito ao segundo ponto, o parecer apresenta o pedido dos professores para que seja mantida a situação existente na Escola, antes da federalização, ou seja, que os 14 professores fossem mantidos como titulares. Para isto, invocaram a Lei 971/49, que federalizou a Universidade de Minas Gerais. A direção da Escola de Educação Física acreditava que, nesta lei, havia argumentos legais que permitiam tal intento. Porém, Celso Barbi, além de indicar a observação de leis contemporâneas e não as leis antigas, mostra que a Lei 971/49 não possuía normas que garantiam todas os cargos existentes. O parecerista afirma que os requerentes não atentaram para os detalhes e para as normas de aplicação prática da lei. Para ilustrar tal situação, cita o seguinte exemplo:

²⁹³ Celso Agrícola Barbi. Faculdade de Direito. Parecer, 18 de maio de 1972, p.1.

[...] Na Faculdade de Direito, apesar de haverem sido criados cargos de Professor Catedrático em número igual ao existente anteriormente, somente foram aproveitados nos novos cargos os que haviam sido aprovados em concurso específico para o cargo e já estavam regularmente investidos na Cátedra. Os docentes-livres em exercício das cátedras, apesar de estas estarem vagas, não foram providos nelas, tendo sido abertos concursos posteriormente à federalização, sem nenhuma preferência para aqueles.²⁹⁴

Ou seja, os professores da Escola se colocaram numa situação ainda mais complicada, ao contrário do que imaginaram. A Lei 971/49 também abria brechas para perderem o posto desejado. Apesar disto, Celso Barbi aponta que, para o aproveitamento do pessoal, deveria-se observar os títulos e o tempo de magistério de cada docente. Isto ficaria a critério da UFMG, observando as especificações da CLT.

O terceiro item foi considerado o mais fácil, sendo que o parecerista indicou a observação da CLT, já que o Decreto-Lei foi omissivo quanto à questão do quadro docente, não criando nem autorizando a criação de cargos na carreira de magistério para neles serem enquadrados os professores da escola incorporada.

Como podemos observar, o parecer de Celso Barbi complicou enormemente a situação dos professores da Escola, mostrando que o caminho a ser percorrido ainda seria difícil.

Em 28 de maio de 1973, os professores se manifestam quanto ao caso, por meio de uma carta, assinada por todos, na qual expressam apreensão e “desencantada perplexidade”:

É melancólico, Senhor Diretor, que, após três anos de paciente expectativa, se chegue a tal e tão decepcionante resultado. Por isso – e conhecendo como conhecemos a elevada qualificação dos ilustres membros da egrégia Coordenação de Ensino e Pesquisa, bem como a altitude, a lucidez e descortino que sempre caracterizaram as decisões desse alto Colegiado, - ousamos esperar que o referido parecer seja revisto na sua conclusão e se faça justiça à Escola de Educação Física.

Afinal, a Escola se integrou, por força de Decreto-Lei do Governo federal, na Universidade Federal de Minas Gerais, mas não tem

²⁹⁴ Celso Agrícola Barbi. Faculdade de Direito. Parecer, 18 de maio de 1972, p.4.

merecido, até agora, no que diz respeito ao processo em tela, o tratamento que seria de se esperar. Não há dúvida de que a integração referida representou a almejada solução para uma série de problemas, principalmente de ordem financeira, que afligiam, desde muitos anos, este estabelecimento de ensino superior até então agregado à UCMG, e veio a ser a concretização de um antigo e acalentado anseio dos seus diretores, professores e alunos; mas, por outro lado, é sabido que não chegamos à Universidade Federal de mãos vazias. De fato, veio conosco um patrimônio de valor inestimável, representado não só na ordem pedagógica, pelo elevado padrão de ensino que, durante cerca de 18 anos, vinha sendo ministrado na Escola e já lhe valera o merecido conceito de que desfrutava no panorama educacional do País [...].²⁹⁵

Os professores afirmaram que o atraso no processo prejudicava ainda mais a Escola, já que a mesma estava impedida de constituir e estruturar sua Congregação. Ressaltaram que, dentre os professores que aspiravam o cargo de titulares, haviam nove titulados em Medicina e quatro qualificados em disciplinas de natureza pedagógica. Solicitavam, enfim, que o diretor levasse diretamente este apelo ao reitor, para que o mesmo pudesse se empenhar em atender os “altos interesses da Escola de Educação Física e da UFMG”.

Finalmente, em 2 de outubro de 1973, o caso foi julgado em uma reunião ordinária do Conselho Universitário²⁹⁶. Dentre outras deliberações, a pauta tratou do enquadramento do pessoal docente da Escola. O tema é apresentado como sendo de natureza complexa, necessitando de uma solução definitiva, frente aos transtornos causados na instituição. Outra questão era que a sede da Escola estava em fase de construção, em face do plano de expansão da Educação Física no país, tornando-se fundamental o enquadramento de seus professores.

Vários membros do Conselho se manifestaram quanto ao caso, dentre eles Amaro Xisto de Queiroz e Wilton Cardoso, que fizeram parte do processo. Dentre outras, houve uma discussão importante entre os professores Amaro Queiroz e José Israel Vargas, que questionou vários pontos deste enquadramento dos professores. Um dos pontos levantados dizia respeito ao processo de contratação dos

²⁹⁵ Fonte: Carta enviada ao diretor da Escola, Pedro ad-Víncula Veado Filho, de 28 de maio de 1973.

²⁹⁶ Dentre os documentos da pasta sobre a classificação dos professores, há um documento no qual constam as deliberações da “Reunião Ordinária do Conselho Universitário realizada em 02 de outubro de 1973”. Este documento tem o formato de uma ata.

professores pela Universidade Católica. Somente dois eram concursados, os outros apenas a titularidade reconhecida pelo Conselho Nacional de Educação.

O reitor, então, manifestou-se dizendo que a universidade não poderia protelar a questão, pedindo uma solução para a matéria. A professora Jandira Batista de Assunção observou que outras Escolas foram incorporadas à UFMG por meio de critérios mais rígidos. Após todos os questionamentos, abriu-se a votação, sendo a matéria aprovada pelo plenário, com doze votos contra e três abstenções. O número de votos favoráveis não consta no documento.

No fim do demorado processo, todos os professores acabaram sendo beneficiados. No pedido inicial como relatado no início deste tópico, apenas os 14 professores enquadrados como adjuntos requereram o cargo de professores titulares. Entretanto, com a decisão do Conselho Universitário, todos os professores foram agraciados com cargos superiores àqueles que haviam sido provisoriamente registrados no Quadro Único de Pessoal da UFMG. Ou seja, readquiriram o patamar que ocupavam quando eram professores da Universidade Católica de Minas Gerais²⁹⁷. Com a resolução do problema foi composta a Congregação da Escola²⁹⁸.

4.6 Nova sede no campus da UFMG: conquistando novos espaços

Depois de desenvolver suas atividades no Minas Tênis Clube, Colégio Marconi e Departamento de Instrução da Polícia Militar, a escola pleiteava a possibilidade de construir uma nova sede no campus da UFMG, no campus da Pampulha. O desejo de se transferir para o campus da UFMG pode ter se intensificado por causa da inauguração do Centro Esportivo Universitário da UFMG

²⁹⁷ Professores titulares: Adolfo Guilherme, Albano Augusto Pinto Corrêa, Ellos Pires de Carvalho, Francisco Veloso Meinberg, Guiomar Meirelles Becker, Jacy Roiz Pereira, Jair Rodrigues Pereira, José Guerra Pinto Coelho, **Maria Yedda Maurício Ferolla**, Olavo Amaro da Silveira, Sílvio José Raso, Herbert de Almeida Dutra e Pedro ad-Víncula Veado Filho. Professores adjuntos: Abdo Arges Kalil, Almir Wildhagen Figueira, João Gualberto da Silva, Jomar Cunha Malafaya Figueiredo, José Pereira da Silva, Luiz Afonso Teixeira de Vasconcellos e Almeida, Márcia Duarte Assumpção, Marluce Guimarães Gomes, Nella Testa Taranto, **Odette Meirelles**, Paulo Pinto Coelho de Vasconcellos, Pedro Nazareth e **Vera Soares**. Professores assistentes: Élcio Guimarães Paulinelli, Lincoln Raso e Odilon Ferraz Barbosa. Auxiliares de ensino: Reginaldo Gomes Dias e Therezinha Ribeiro da Silva. Fonte: Guido A. de Caux. Carta enviada ao reitor, no dia 3 de outubro de 1973. Grifos do autor.

²⁹⁸ O termo de posse da nova Congregação da Escola foi assinado no dia 13 de novembro de 1973.

(CEU)²⁹⁹, ao lado do Mineirão. Ter uma sede no campus significava, dentre outros fatores, estar próximo ao CEU, o que facilitaria a função de orientação técnica por parte dos professores da Escola.

No “campus” da Universidade Federal de Minas Gerais já foi inaugurado o “Conjunto Esportivo Universitário”, [...] no qual mais de 5 mil estudantes poderão simultaneamente praticar as mais variadas modalidades atlético-desportivas.

Esse parque esportivo será vinculado à Escola de Educação Física e funcionará sob a orientação técnica de nossos professores.

Os alunos deste estabelecimento terão assim um extraordinário campo de aprendizado prático durante todo o curso de graduação³⁰⁰.

No período em que se realizaram os cursos do PREMEM, a direção da Escola pediu, como contrapartida, recursos financeiros para a instituição³⁰¹. Afirmou que a Escola, recém-incorporada à UFMG, ainda lutava com sérias deficiências de recursos materiais.

[...] Contamos, este ano, já com 352 alunos nos Cursos Superior de Educação Física e de Educação Física Infantil, embora nossas instalações, salas de aulas, praça de esportes e dependências administrativas não comportem um corpo discente tão numeroso.

No momento, estamos visando e é nossa meta prioritária, a construção de uma nova sede, no “campus” da UFMG, com fundadas esperanças de que, em 1972, já possamos nos transferir para lá³⁰².

Contudo, se o PREMEM nos proporcionar os recursos de que carecemos, no momento e que não são de muito vulto, teremos condições de realizar o curso proposto.

Como argumento de convencimento, afirmou-se que a Escola contava com “a colaboração entusiasta e competente e com o idealismo” do corpo docente, exaltando a longa experiência e competência do mesmo no ensino da Educação

²⁹⁹ O Centro Esportivo Universitário (CEU) é um órgão suplementar da Reitoria da UFMG e foi inaugurado no dia 08 de março de 1971. O Governo do Estado se encarregou da sua construção, em razão de um convênio firmado com a UFMG. Conta como uma área de 191 mil metros quadrados, tendo uma excelente estrutura para práticas esportivas e de lazer. Dentre outros recursos, possui piscina olímpica, quatro vestiários, quadras de vôlei, basquete, peteca, tênis, campos de futebol e pista de atletismo. Fonte: www.ufmg.br/ceu.html

³⁰⁰ Of. 206/71, 7 de maio de 1971.

³⁰¹ Of. Nº 19/71, 25 de janeiro de 1971.

³⁰² A construção da nova sede da Escola de Educação Física da UFMG foi concluída em 1977. Discutirei este assunto ainda neste capítulo.

Física. Apesar disto, ao que parece, este pedido não foi atendido. De acordo com ofício enviado ao Brigadeiro Jerônimo Baptista Bastos, presidente do conselho Nacional de Desportos, até junho de 1973 havia sido concluída a estrutura da primeira etapa do prédio, que acomodaria as salas de aulas, laboratórios, biblioteca e administração. A rapidez da conclusão da obra dependia de verbas provenientes do Departamento de Educação Física e Desportos do MEC e “de outras, que, porventura, pudermos obter”, como afirmava o diretor Pedro ad-Víncula³⁰³. Ainda segundo o ofício, a demora na conclusão da construção dificultava os planos da instituição:

[...] a falta de condições materiais da Escola não permitem a realização senão do Curso de Licenciatura de Educação Física e, por uma contingência do momento, do Curso de curta Duração para o PREMEM. Estamos com uma população estudantil superior à capacidade de nossas instalações tanto didáticas como desportivas. Para as matrículas iniciais, só oferecemos 100 vagas, sendo que neste ano, inscreveram-se no vestibular único da UFMG, para o Curso de Educação Física, 646 candidatos.

Com o término das obras, pretendia-se aumentar, então, o número de vagas para o curso de licenciatura e a criação de novos cursos, como os de Técnica Desportiva, Medicina Desportiva, além da abertura do curso de Bacharelado em Educação Física e Esportes³⁰⁴.

Após quatro anos, no dia 12 de dezembro de 1977, é inaugurada a nova sede da Escola de Educação da UFMG, com uma área construída de 12 mil metros quadrados:

A Universidade Federal de Minas Gerais está concluindo as obras da nova Escola de Educação Física, no Campus Universitário, a maior e mais completa da América Latina. Foram mais de cinco anos de esforços e de trabalho incessante, com gastos superiores a Cr\$10.000.000,00, para não falarmos nas lutas pela consecução de verbas, nos desgostos dos técnicos e de todo o pessoal envolvido e outros problemas inerentes a qualquer obra congênera.³⁰⁵

³⁰³ Of. Nº 214/73, 19 de junho de 1973.

³⁰⁴ Of. Nº 214/73.

³⁰⁵ Of. Nº 657/77, 15 de dezembro de 1977.

No período da transferência das atividades da Escola para a nova sede ocorreram fortes chuvas, que “serviram para testar de maneira prática e infofismável a segurança e o bom acabamento das instalações”³⁰⁶. Foram constatados apenas dois vazamentos na cobertura das salas de musculação e de ginástica olímpica feminina, problemas para os quais pediu-se auxílio a Íris Chalfun, prefeito da Cidade Universitária da UFMG.

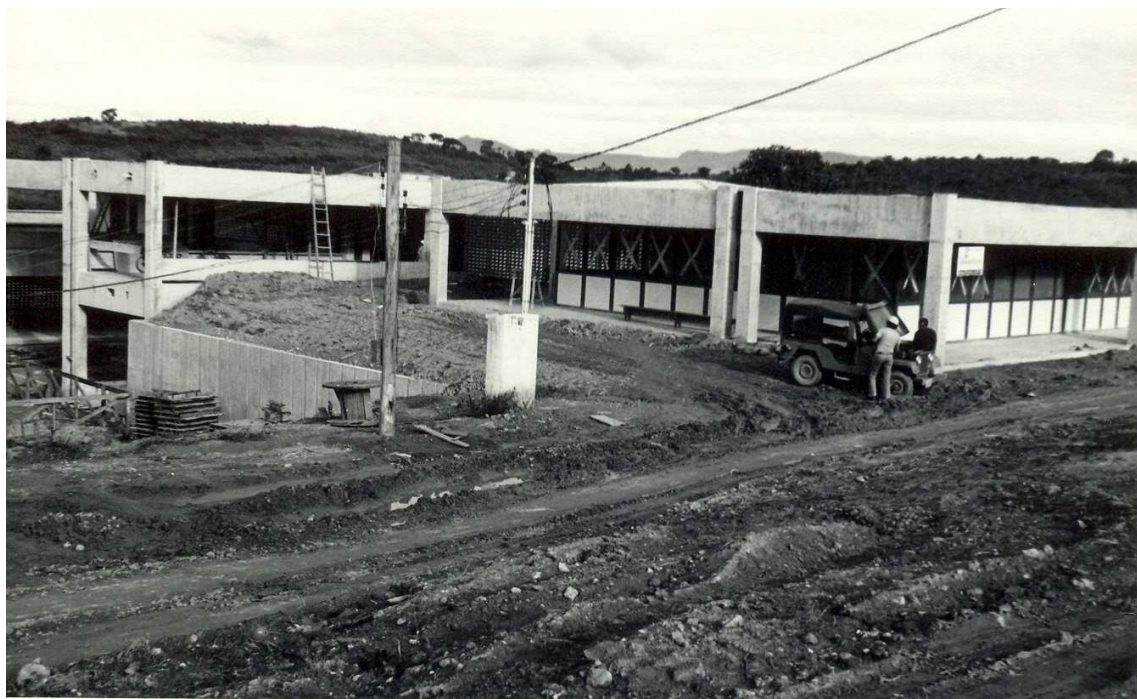
Um mês antes, outro fato foi motivo de preocupação do diretor da Escola, Ellos Pires de Carvalho. Um ofício foi enviado ao reitor Eduardo Osório Casalpino, comunicando-o sobre a invasão ocorrida nas obras da Escola, no dia 12 de novembro de 1977.

[...] elementos estranhos penetraram nesta Unidade apesar da ronda normal, conforme se pode verificar pelo relógio próprio da vigilância. Foram “visitados” o salão “B”, destinado a Danças Rítmicas, e um depósito de material para limpeza geral e uso diário. Nada tendo encontrado que lhes fosse de interesse, os “visitantes noturnos” não causaram maiores prejuízos, salvo o conserto de uma porta e de uma pequena parte de telhado.³⁰⁷



³⁰⁶ Ofício nº 650/77, 13 de dezembro de 1977.

³⁰⁷ Ofício nº 593/77, 13 de novembro de 1977.



FIGURAS 25, 26 e 27 – Imagens da construção da nova sede da Escola de Educação Física, no Campus da UFMG

A construção da sede não foi a única preocupação pela qual a Escola passou neste período; outros contratempos perpassaram o cotidiano da instituição. As relações entre professores, assim como entre alunos e instituição nem sempre foram cordiais...

4.7 Tensões no cotidiano da Escola

Em tempos de ditadura, e tendo a Escola um quadro docente com alguns militares, seria de se esperar que o clima da Escola fosse baseado num comportamento disciplinado por parte dos alunos.

Havia, sim, muita alegria e tudo mais, mas muita disciplina, muita disciplina mesmo. [...] Havia muita alegria, disciplina, e horários, cumprimento de horários, cumprimento de chegada de professor [...] uma disciplina perfeita. Nunca houve abuso nessa parte, de maneira alguma. Pelo contrário. Sempre houve muita ordem, muita ordem. Tanto da parte dos professores, como da parte dos alunos. Muita cooperação e muita compreensão.³⁰⁸

Além de Maria Yedda, a professora Vera Soares afirmou que a disciplina era muito rígida neste período. Toda segunda-feira era hasteada a bandeira, com a presença de professores e alunos. Inclusive, a professora comentou sobre uma aluna que, durante o hasteamento, acendeu um cigarro. Isto teria causado um enorme incômodo em todos.

Os alunos eram observados, sendo que suas posturas dentro da instituição deveriam ser concordantes com regras que mantinham a ordem do estabelecimento. Qualquer situação que desagradasse a algum membro da Escola era imediatamente relatada. Para ilustrar esta realidade, vejamos o ofício 554/71³⁰⁹:

³⁰⁸ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

³⁰⁹ Of. 544/71, de 5 de outubro de 1971.

Belo Horizonte, 5 de outubro de 1971.

Senhor Diretor,

Levo ao vosso conhecimento que o aluno Afonso Carlos de Menezes Pimenta, do 2º ano Masculino, compareceu ao saguão desta Escola apenas de calção, no que foi solicitado pela funcionária Iva Carmo de Brito que voltasse imediatamente.

Este não atendeu a solicitação e ao mesmo tempo achou por direito desacatá-la assim como a todos os que a êle se dirigiram.

Saudações,

Ermelinda Lúcia de Moraes Miranda

Exmo. Sr.

Dr. Pedro ad-Víncula Veado Filho

DD Diretor da Escola de Educação Física da UFMG

CAPITAL

Não eram apenas os alunos que deveriam seguir as regras da instituição. Havia pressão para que os professores também caminhassem de acordo com as normas que se faziam impostas, mas nem sempre aceitas.

Vera Soares, ao comentar sobre o “clima tenso” entre o quadro docente e a direção da Escola, faz alguns relatos que elucidam bem o cotidiano interno da Escola.

[...] eu mesma, uma vez, o que me aconteceu? Houve uma votação na Escola para escolher o diretor, e eu não votei nessa pessoa que ele queria que a gente votasse. Era ótima pessoa, gostava dele particularmente muito, mas como administrador eu achava que ele não ia dar certo. [...] e então todos os dias eu era chamada na hora que terminava a aula, eu era chamada na hora da diretoria para me perguntar porque eu não votei no fulano. [...] eles descobriram não sei como, devem ter uns métodos que eu não sei [...] Todos os dias eu passava na sala do Padre Carlos³¹⁰ [...] e falava assim: “Padre Carlos, tô indo pra novena”. Aí sentava lá na frente e conversava, e ele me perguntava: “Por que você não votou no fulano?” “Como é que você sabe que eu não votei?” [...] fez isso mais de uma semana comigo, sabe? [...] Todos os dias eu era chamada e eram as mesmas perguntas. [...] Bem, num belo dia eu cheguei lá, a mesa dele tava cheia de rosas, né? Eu falei: “Uma beleza que o senhor hoje está com essa mesa maravilhosa.” “Trouxe pra você”. Falei: “Para mim?” “Foi, pra você, essa aqui foi plantada por minha filha”. Uma filha dele que havia falecido e eu fui ao enterro, fui ao velório, sabe? E me deu o buquê de rosas lindo. Depois acabou nunca mais me incomodou.³¹¹

³¹⁰ Padre Carlos José Gonçalves foi professor de Cultura Religiosa na Escola de Educação Física de Minas Gerais, até sua federalização. Depois ficou responsável pela disciplina Estudo dos Problemas Brasileiros.

³¹¹ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

A professora, introspectiva, não quis revelar o nome das pessoas envolvidas neste caso. Ainda comentou que a votação era secreta; porém, os professores que votaram contra o candidato preferido pela diretoria foram questionados sobre tal questão. Esta, porém, não foi a única situação difícil pela qual a professora passou na Escola, no período ditatorial.

[...] me lembro de um dia que surgiu um processo que me puseram como relatora que eu não tinha nada a ver com ele, que não era sobre dança. E eu estava dando aula de dança, eu estava na posição ajoelhada no chão, dando aula. E eu tinha feito umas perguntas pra eles responderem, os professores contrários, né, que não queriam uma situação [...] então, é, ela jogou o papel no meu rosto, as alunas levantaram, ficaram todas de pé [...] levantei peguei o papel, pus em cima do piano. Dona Anita ficou pasma, sabe? Ficou pasma. Mas peguei o papel depois, era o papel que eu havia mandado pra pessoa concordar ou não concordar [...] queria fazer assim uma pesquisa [...] com cada professor que eram quatro [...] saber a situação de cada um deles [...] Aí a diretora do departamento mandou me chamar e falou comigo: “Hoje, às duas horas, três horas, sei lá, você vai me encontrar lá em casa com fulano e fulano”. Falei: “Ué, para que?” “Pra nós te ajudarmos a relatar isso aí”. Falei: “Não [...] se foi mandado pra mim, foi dirigido a mim, eu vou fazer. Como eu achar que der, apesar de não ser da minha área, vou fazer, né.” Mas fiquei arrasada, vim pra casa e falei comigo: “Como é que eu vou fazer isso?” Aí fui lá telefonei para o Padre Carlos, pedi opinião dele [...] Aí ele falou: “Vem cá”. Aí eu fui. Ele não falou nada. Só falava: “O que que você acha?” Eu lia algum trecho do que eu tinha escrito. “O que que você acha disso? O que que você está pensando?” Aí eu falava, e aí ele falava: “Então escreva”. Cada pergunta eu lia, um texto pequenininho, fiz um relatório pequeno. Bem, aí foi o dia da coisa, né, fomos todos os professores da Escola lá dentro. O Padre falou assim: “Você não abra a boca nem que te chame de nome feio”. Pra ficar calada, né? E aí começou, e a chefe de departamento não quis assumir a direção. Chamou o diretor da escola pra assumir. [...] Então aí começaram as perguntas, né, e cada professor dava opinião. [...] “então quer dizer que a Verinha está com a razão, então é sim.” Eu tive sim em todas as questões, sabe? [...] A turminha não queria, né. Mas, ganhei todas as questões. A secretária não queria nem bater o que eu escrevi. Falei: “Você não é a secretária da escola? Você tem que bater e distribuir para os professores”. “Pelo amor de Deus, Verinha, não fala isso não”. Falei: “Tem que fazer. Tem que deixar vocês pisarem em cima de mim? Não, se me deram pra fazer eu vou fazer”.³¹²

³¹² Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

Ainda questioneei a professora, depois que terminei a entrevista, se poderia acrescentar estes dados na dissertação. Ela disse que poderia, desde que não citasse nomes ou tentasse descobri-los.

Nesta mesma entrevista, Vera Soares relatou que alguns alunos e alunas da Escola foram a São Paulo para protestar contra o governo militar.

[...] muitas alunas e alunos foram para São Paulo, sabe? E acho que foram presos. Umas chegaram desfiguradas. [...] Mas elas nunca me contaram o que que aconteceu com elas. [...] foram presas e talvez até torturadas, não sei. Porque algumas chegaram [...] desfiguradas, sabe? Pálidas, magras [...] a coisa foi muito brava, *ta!* Mas eu era meio assim, não sei se por eu ser do interior, eu não me metia muito nas coisas não, sabe?³¹³

O controle sobre os estudantes não poderia afrouxar, desde a instituição do Ato Institucional n.5 (AI-5) que, dentre outras ações, procurou evitar a propagação de idéias comunistas, principalmente no meio universitário. Deveria haver vigilância sobre qualquer ação que envolvesse a reunião de estudantes e/ou professores.

Todo este cuidado fica mais nítido a partir de outra circular confidencial enviada à direção da Escola de Educação Física, quase dois anos depois. Neste ofício, pedem-se informações sobre eventos diversos que, porventura, alunos e/ou professores estivessem promovendo. Interessante se torna observar os últimos questionamentos, que mostram uma ambígua preocupação com tais eventos, no sentido de suprir necessidades destas atividades que são objetos do controle e investigação do Ministério da Educação e Cultura.

Of.Circ.AESI/UFMG/036/72 Em 13 de outubro de 1972.
Senhor Diretor,
Com a finalidade de prestar informações solicitadas pelo Ministério da Educação e Cultura, rogo o obséquio de responder os quesitos que seguem abaixo, encaminhando-as, com a possível urgência, a esta Reitoria:

³¹³ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

1. Na sua Unidade é desenvolvida a prática de esportes, com a participação de docentes e discentes?
 2. Há entrosamento entre professores, alunos e funcionários para promoções sociais como bailes, serenatas, concertos, concursos literários, etc.?
 3. Ocorrem excursões de fins-de-semana promovidas pela Unidade, com a participação de professores e alunos?
 4. Sua Unidade promove festas típicas como a junina e confraternização de Natal, como churrasco, “amigo oculto” etc.?
 5. Além destas, quais as outras extra-escolares promovidas pelo conjunto “aluno X professor”?
 6. Que dificuldades são encontradas para a concretização dessas atividades?
 7. Que medidas você sugere para suprir essas dificuldades?
- Antecipo os meus agradecimentos
Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho
Reitor.

Exmo. Sr.
Prof. PEDRO AD-VÍNCULA VEADO FILHO
DD. Diretor da Escola de Educação Física
NESTA

Este ofício possui um carimbo com a palavra “CONFIDENCIAL”. Além disto, na parte de baixo da folha, consta a informação, em manuscrito: “Of. 332/72 de 18.10.72”. Acredito que este ofício contenha as respostas às questões enviadas ao diretor da Escola. Porém, nada posso afirmar, já que não encontrei o referido ofício.

Com tudo isto, notamos que professores e alunos eram constantemente vigiados. Se algum fator fosse contrário à ordem e à disciplina da Escola, como também aos interesses de um bloco de professores que detinham o controle da instituição, os envolvidos poderiam ser alvo de constrangimentos diversos, o que demonstra o quanto este período conturbado da história brasileira influenciou as ações, favoráveis e contrárias, das personagens aqui retratadas.

Embora todos estes problemas estivessem presentes no cotidiano da Escola, a mesma continuava a desenvolver diversas atividades, em vários setores.

4.8 Curso de Dança Moderna: a dança em destaque...

Em 1973, foi realizado o curso de Dança Moderna, ministrado pela professora Maria Helena Pabst de Sá Earp, conhecida como Helenita. Neste curso, a professora iria divulgar seu “método de criação, já aceito e aplaudido inclusive no exterior”³¹⁴.

Para a realização do curso foi pedida a cessão do auditório da sede do Banco de Comércio e Indústria de Minas Gerais, já que o mesmo se localizava no centro da cidade, facilitando o acesso de todos os cursistas³¹⁵. Também foi solicitado o auditório do Instituto de Educação, para o dia 29 de novembro, de 19h às 22h, para a realização de uma demonstração de dança³¹⁶.

Em 22 de novembro de 1973, o diretor Pedro ad-Víncula solicita à diretora da Escola de Escola de Educação Física do Rio de Janeiro³¹⁷, Iná Bustamante Ferraz, a liberação da professora Helenita para ministrar aulas de sua especialidade em Belo Horizonte, pedido motivado pelo “seu magnífico trabalho” e pela impossibilidade de irem todos ao Rio de Janeiro³¹⁸.

Resolvidas estas pendências, ocorreu então, de 26 a 30 de novembro de 1973, o Curso de Dança Moderna, com a expressiva participação de 205 professores e estudantes de Educação Física³¹⁹. Não encontrei documentação onde constasse o conteúdo trabalhado no curso. Fica nítida, porém, a grande satisfação com o sucesso do evento. O documento transcrito a seguir dá uma noção da repercussão do curso.

³¹⁴ OF.Nº 404/73, de 8 de novembro de 1973.

³¹⁵ OF.Nº 404/73, de 8 de novembro de 1973.

³¹⁶ OF.Nº 408/73, de 8 de novembro de 1973.

³¹⁷ Antiga Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.

³¹⁸ OF.Nº 415/73, de 22 de novembro de 1973.

³¹⁹ OF. Nº 434/73, de 6 de dezembro de 1973.

OF. Nº 437/73

Belo Horizonte, 10 de dezembro de 1973

Senhora Professora,

Ao término do Curso de Dança, tão brilhantemente ministrado pela ilustre professora, tenho a satisfação de lhe transmitir o mais caloroso agradecimento e ainda cumprimentá-la pelo excelente resultado da promoção, todo ele devido à sua competência, ao seu tirocínio didático e ao entusiasmo e idealismo.

As magníficas aulas teóricas e práticas e a demonstração coreográfica continuam sendo assunto dos mais elogiosos comentários, tendo os participantes, unanimemente, lamentado apenas não ter sido o curso bem mais longo. Todos confessam ter colhido os mais proveitosos ensinamentos e mais eficiente orientação técnica e didática.

Ao lhe dirigir estes agradecimentos, não posso deixar de mencionar, para ressaltar o nosso reconhecimento, a participação das professoras Celina Correia Batalha, Glória Futuro Marcos Dias, Sônia Geyer Chemale, Iraciara da Silva Fonseca, da nossa estimada colega Vera Soares e dos componentes do grupo de demonstração coreográfica.

A todos, a Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais fica devendo esse valioso serviço.

Reiterando os protestos de meu elevado apreço e distinta consideração, subscrevo-me

Dr. Pedro ad-Víncula Veado Filho

Exma. Sra.

PROF^a. HELENITA SÁ EARP

DD. Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO - GB

Exceto a professora Vera Soares, as professoras citadas e o grupo de demonstração coreográfica vieram na Escola da UFRJ³²⁰. A demonstração, realizada no auditório do Instituto de Educação, foi assistida por uma platéia de mais de mil pessoas³²¹.

³²⁰ OF. Nº 434/73, de 6 de dezembro de 1973.

³²¹ OF. Nº 438/73, de 6 de dezembro de 1973.

Começa hoje curso de dança moderna

Po
fo
a



Hoje é o último dia para quem ainda quer se inscrever no curso de dança moderna promovido pela Escola de Educação Física, com patrocínio do Conselho de Extensão da UFMG. O lançamento oficial do curso foi realizado ontem, no auditório do Banco Comércio e Indústria, contando com a presença de quase 200 pessoas. Hoje começam as aulas práticas, já com os números de inscritos ultrapassando o que se esperava. Até o fim do movimento da secretaria, a direção da Escola acha que o número de inscrições ultrapassará mesmo os 230 reservados, sendo necessário até mesmo limitar as novas inscrições.

Para dar o curso de dança moderna, foi convidada a professora Maria Helena Sá Earp, conhecida como uma das maiores autoridades brasileiras no assunto. A professora Maria Helena mantém este curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas conta com a experiência de observações e intercâmbio intenso com professores e cursos no estrangeiro. Há alguns anos, ela participou de um congresso desportivo em Madri, onde seu trabalho foi muito comentado. Para ajudá-la no curso, ela trouxe duas auxiliares, as professoras Sônia Chemale e Celina Correa Batalha. A professora Sônia Chemale é formada em danças folclóricas adaptadas ao moderno e suas aulas têm despertado uma expectativa muito grande até agora.

A proporção entre as inscrições é de aproximadamente 97% de mulheres e um dos professores explica que isso é compreensível porque a dança sempre interessou mais às moças. Os poucos que se inscreveram, afirmam que o fizeram apenas para conhecer as pesquisas que a professora Maria Helena tem realizado nesse campo. Mas ainda assim, na aula inaugural, os rapazes preferiram discretamente permanecer no fundo do auditório, a uma prudente distância do forte contingente feminino.

As aulas serão dadas a partir de hoje, em dois horários. De manhã, a partir das 10 horas, terminando ao meio dia. Nesse horário serão feitas as demonstrações práticas, com exercícios e demonstrações. À noite, às 19h30m, no auditório do Banco Comércio e Indústria, aulas teóricas, com apresentação de material audio-visual e com explicação dos princípios filosóficos da dança. Na aula inaugural, a professora Maria Helena procurou mostrar aos alunos como a dança e o movimento sempre pertenceram como ponto de destaque de todas as culturas mais importantes da antiguidade, tornando-se em muitos casos, sua maior expressão. O mesmo tende a acontecer com a dança moderna, que procura libertar através de momentos mais livres e fluentes, o homem que ainda insiste numa racionalização de seus meios de ação.

FIGURA 30 – Artigo sobre Curso de Dança Moderna na Escola de Educação Física da UFMG (26 de novembro de 1973)³²²

³²² Arquivo pessoal da Vera Soares. A professora não soube informar em qual jornal este artigo foi publicado.



FIGURA 31 – Encerramento do Curso de Dança Moderna³²³

Este evento foi patrocinado pelo Conselho de Extensão da UFMG. Foi cobrada uma taxa de inscrição dos cursistas, que gerou uma renda de Cr\$6.220,00 (seis mil duzentos e vinte cruzeiros). Debitando-se a este valor algumas despesas, a direção da Escola apurou um saldo de Cr\$3.780,30 (três mil setecentos e oitenta reais e trinta centavos). Com isto, o diretor Pedro ad-Víncula solicita ao Conselho de Extensão que repasse este valor à Escola.

Considerando a participação da Escola na realização do curso e que muitas despesas com material permanente e de consumo, correram por conta desta Unidade, vimos solicitar de V. Exa. Seja a importância do saldo mencionado destinada à Escola de Educação Física, para aquisição de livros ou material de consumo, inclusive desportivo.³²⁴

³²³ A professora Helenita está ao centro, em pé, de cabelos claros. Esta foto faz parte do acervo pessoal da professora Vera Soares. Do seu lado esquerdo, sentada, de camisa branca, está a professora Nella Testa Taranto. Em frente às duas, falando ao microfone, o professor Pedro ad-Víncula Veado Filho.

³²⁴ OF. Nº 450/73, de 12 de dezembro de 1973.

Não pude apurar se a solicitação foi aceita, já que não encontrei fonte que permitisse tal afirmação. É interessante ressaltar o interesse pelo saldo final do curso que, ao invés de ser aplicado em materiais para as aulas de dança, seria utilizado para comprar material desportivo, se fosse o caso.

4.9 Completando o elenco...

Busco, aqui, fazer alguns relatos sobre os professores que se dedicaram ao ensino da dança na Escola de Educação Física. Digo professores porque o ensino da dança não esteve circunscrito às três professoras aqui evidenciadas. O professor Odilon Ferraz Barbosa, citado no item 2.6.1.1 desta pesquisa, também se dedicou, dentre outros conteúdos, ao ensino das danças e brinquedos cantados, na disciplina Recreação.

Marina Guedes Costa e Silva (2006) afirma que o professor Barbosinha, como era conhecido, foi responsável pela disciplina Recreação, juntamente com Geraldo Pinto de Souza, de 1962 até 1970, sendo que Barbosinha tratava das questões práticas da recreação. Em março de 1970, o professor Geraldo Pinto de Souza falece e Barbosinha assume a disciplina juntamente com Nella Testa Taranto. A partir daí, Nella ministrou a parte teórica e Barbosinha se responsabilizou pelas atividades práticas. De acordo com a autora, a partir daí, a disciplina “passa a ter um caráter ainda mais prático, contemplando vivências de atividades prazerosas: jogos, brincadeiras, atividades rítmicas e danças, entre outros”³²⁵. O conteúdo era relacionado ao trabalho com crianças e era dado para turmas mistas.

O professor Odilon Barbosa já se envolvia com práticas de dança na Escola de Educação Física desde a década de 50. Além da sua atuação na jornada de lazer em Januária, em 1958³²⁶, ele ministrou um curso de Recreação na V Jornada Internacional de Educação Física³²⁷, no qual ensinou várias danças folclóricas, muitas delas presentes nas anotações dos diários de classe da disciplina Recreação.

³²⁵ COSTA E SILVA, 2006, p.4649.

³²⁶ Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano II, n.3, novembro de 1958, p.10.

³²⁷ Anais da V Jornada Internacional de Educação Física. Acervo do CEMEF/EEFFTO/UFMG.

Além de brinquedos cantados, brincadeiras, provérbios, ensinou danças folclóricas infantis, nacionais e internacionais, com suas respectivas músicas, partituras (na maioria das vezes) e formas de execução. Entre as danças, podemos citar: Engenho Novo; Recortado Paulista; Lavadeira; Quem te ensinou; Moça da Fazenda; Cana Verde; Pezinho; Seu Vilão; Dança da Rosa Amarela; Valentim; Mata-ti-ta-rei; Maninero (Chile); Hasen Polka (Polca dos Coelhoinhos); Dança das Saias Largas (Áustria); Bumelpeter; Dança dos Lenhadores; Dança do Caçador (Áustria); Emnstaler Polka; Valsa Corrida (Áustria); Polca do Caranguejo (Áustria).

O professor Barbosinha também ministrava cursos de Recreação fora da Escola. Dentre os documentos do acervo do professor Herbert de Almeida Dutra, no Centro de Memória da Educação Física, encontra-se um recorte de jornal sobre o Curso de Recreação Física Orientada, realizado no Colégio Sagrado Coração, em Belo Horizonte.

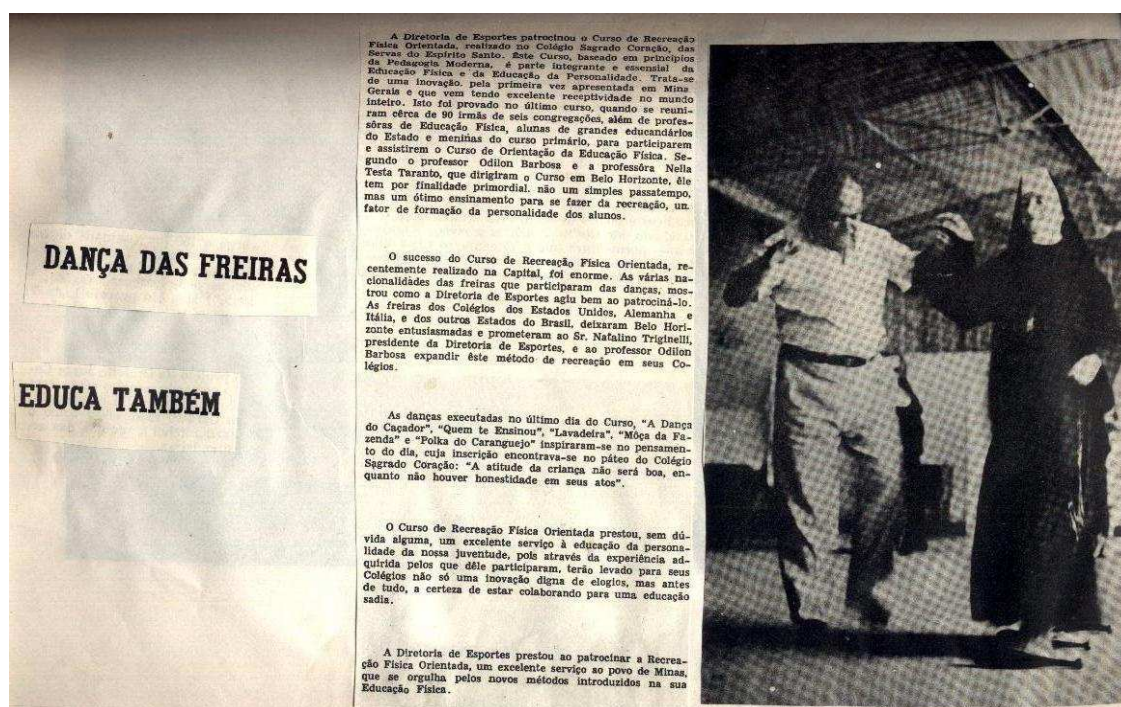


FIGURA 32 – Artigo de jornal: Dança das freiras educa também. s/d.³²⁸

³²⁸ Não há referência sobre o jornal no qual foi publicado este artigo. Também não foi possível apurar a data do mesmo. Na foto do artigo, aparece o professor Barbosinha conduzindo uma das freiras que participou do curso.

Juntamente com a professora Nella Testa Taranto, dentre outros conteúdos, Barbosinha ensinou algumas danças no último dia do curso a cerca de 90 freiras brasileiras e de colégios dos Estados Unidos, Alemanha, Itália, além de professoras de Educação Física e alunas de alguns educandários.

O artigo comenta sobre a boa impressão que o curso atingiu entre as participantes, afirmando, a partir da voz dos professores da Escola, que o mesmo não era “um simples passatempo, mas um ótimo ensinamento para se fazer da recreação, um fator de formação da personalidade da juventude”³²⁹.

Quanto à sua articulação com as duas professoras de dança, há dois depoimentos bem diferentes. Maria Yedda, ao ser questionada sobre o professor, disse que não realizava qualquer trabalho com ele. Vera Soares, ao contrário, comentou que ambos tinham um bom diálogo.

[...] nós conversávamos muito. Inclusive, ele combinou comigo: “Verinha, o que você faz sábado”? Eu nessa época era solteira, né, eu falei: “Nada”. Ele falou: “Verinha, não tem aula sábado e nós temos que ir lá assinar ponto”. Era lá na Gameleira. “Vamos conversar com o diretor e pedir sábado para nós, por nossa conta, irmos fazer umas pesquisas aqui por perto, nas cidades aqui do interior”. Eu falei: “Vamos”. E fomos. Mas o diretor não acatou a nossa idéia, sabe? Infelizmente [...]³³⁰

Ela ainda relatou que ele trabalhava com um “folclore mais infantil”, poema e dança. Apesar da divergência de relatos, os fatos aqui relatados indicam que a dança não estava circunscrita apenas às disciplinas que, a princípio, deveriam desenvolvê-las juntos aos alunos e alunas. É importante reafirmar que, já naquele período, um professor se envolvia com a dança em seu trabalho na Escola. Mesmo que fossem danças simples, numa perspectiva mais utilitarista dentro das práticas de recreação, considero marcante o interesse do professor pelo conteúdo, mesmo antes que a dança fosse incluída oficialmente no currículo da Escola³³¹.

³²⁹ Dança das freiras educa também. Fonte: Arquivo do professor Herbert de Almeida Dutra. CEMEF/EEFFTO/UFMG.

³³⁰ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.

³³¹ Na história da Escola, outro professor passou a atuar com práticas de dança. Gustavo Pereira Côrtes foi contratado, em marco de 1997, como professor substituto da disciplina Dança Folclórica, sendo efetivado no cargo seis meses depois. Atualmente, ministra disciplinas que tratam da dança nos cursos de Educação Física e Artes Cênicas, na UFMG.

4.10 Mudanças a caminho...

Não só o espaço físico se torna outro para professores e alunos da Escola de Educação Física, com a transferência para a nova sede no campus da Pampulha, no final de 1977. A estrutura curricular também passa por alterações. Em 1974, uma comissão formada por cinco professores e um aluno³³² apresentou um relatório que tinha a proposta de ampliação do curso de Educação Física para quatro anos, um a mais do que era ofertado neste período. No relatório, a comissão apresenta vários argumentos, para convencer o Conselho de Graduação da necessidade de se melhorar a qualidade do ensino do curso que, além de melhores instalações, deveria aumentar a oferta de disciplinas, pretendendo melhorar a formação dos futuros professores e professoras que seriam formados na Escola.

Em concordância com os elevados objetivos e acurado planejamento dos órgãos nacionais da educação, entre nós, é convicção quase unânime (e desse pensamento participam também os alunos) de que os três anos de duração atual do Curso são insuficientes para a formação do professor de educação física. Não se trata apenas de se computarem as horas-aula necessárias para o desenvolvimento do programa. Também a formação filosófica, científica, pedagógica e técnica, não está sendo atingida a contento. O estudante conclui o curso médio ainda muito jovem e a permanência tão curta na escola superior não lhe proporciona o amadurecimento, a preparação cultural, a consciência profissional e toda a noção da responsabilidade que lhe pesará sobre os ombros no exercício de sua futura missão de educador.³³³

Além destas colocações, o relatório cita várias leis, pareceres, portarias e outros aportes legais que indicam a possibilidade da ampliação do currículo do curso. Também comenta que todos os cursos de licenciatura da UFMG, nesta época, tinham a duração de quatro anos. Por fim, apresenta oito outras razões de ordem técnica e pedagógica que justificariam a realização do curso em oito semestres letivos. Estas oito razões incluem a ampliação do número de disciplinas, a maior

³³² A comissão era composta pelos professores José Guerra Pinto Coelho (presidente), Herbert de Almeida Dutra, José Pereira da Silva, Pedro Nazareth e Nella Testa Taranto, além do aluno Ricardo Penna Machado.

³³³ Ampliação do Curso de Educação Física para 4 Anos. Relatório. 26 de junho de 1974.

possibilidade para a realização de pesquisas, maior desenvolvimento das aulas práticas, ampliar a carga horária das disciplinas da área biológica, dentre outras. A carga horária total proposta atingiam de 2.880 horas-aula.

No que diz respeito à dança, o ementário proposto não apresenta alteração, sendo ofertada a disciplina *Rítmica I* para as turmas masculinas e *Rítmica I, II, III e IV* para as turmas femininas. Como conteúdos, para as quatro modalidades da disciplina, propõem-se os temas: o ritmo e o universo, tempo e compassos musicais, dinâmica musical e deslocamentos, jogos rítmicos, danças criativas e folclóricas³³⁴. Ou seja, não há qualquer avanço ou acréscimo nesta área.

No dia 14 de novembro de 1974, os professores Pedro Nazareth, coordenador do Colegiado, e Ellos Pires de Carvalho, diretor da Escola, enviam ao reitor da UFMG um ofício no qual contestam o indeferimento da proposta de modificação curricular, encaminhada ao Conselho de Graduação.

Estranhamos, ao tomar conhecimento dos termos do Parecer que serviu de base ao indeferimento, as razões que levaram o referido Conselho de Graduação a decidir-se por essa atitude, uma vez que as considerações colocadas pelo ilustre relator do processo, Acadêmico Reginaldo Teófanos Ferreira de Araújo, jamais se apoiaram no mérito do nosso pedido, mas cingiram-se à discussão da apresentação formal do processo, deixando-se impressionar por enganos havidos nessa apresentação, tais como conversão de carga horária em créditos e senões datilográficos encontrados na “justificativa”. Em momento algum, o Parecer discute o mérito da proposta. Em nenhum lugar encontramos, por exemplo, uma discussão sobre uma carga horária excessiva em determinada disciplina ou área, ou a falta de uma disciplina fundamental na formação do licenciado em Educação Física, ou a inadequação na colocação desta ou daquela nova disciplina, ou da distribuição do conteúdo dos currículos pelos oito períodos do curso. E não poderíamos aceitar, de nenhuma forma, o simples indeferimento de uma proposta sem que lhe tenham sido discutidos os méritos e justificada, em razões de conhecimento, a posição assumida. Pode-se indeferir – mas deve-se dizer porque é indeferido, apresentando razões maiores que a proposta.³³⁵

O relator, em seu parecer, afirmou que houve pressa na confecção do currículo. Também criticou a participação discente, afirmando que esta abertura

³³⁴ Ementário produzido pelo professor Pedro Nazareth, datado de 4 de novembro de 1974.

³³⁵ OF.Nº 417/74, de 14 de novembro de 1974.

poderia criar polêmicas. Todos os questionamentos do parecer foram duramente criticados neste ofício, sendo apresentados argumentos contrários às colocações do relator, muitos deles amparados em leis.

Por fim, solicita-se ao Reitor que interceda juntamente à Coordenação de Ensino e Pesquisa em favor do relatório, sem o que estariam prejudicados, não podendo colocar em execução, em 1975, o currículo desejado.

Ao que parece, o pedido não surtiu efeito, já que o currículo permaneceu inalterado até 1977. Após esta derrota, um novo projeto foi elaborado e enviado ao Conselho de Graduação e à Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG, sendo o mesmo aprovado sem restrições, em 1977.

Após dedicado empenho por parte de todos os colaboradores desta Unidade, conseguimos, finalmente, ver aprovados e publicados o presente currículo e os respectivos programas do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, que ora lhe ofertamos, modesta e carinhosamente.

Longe de nós a pretensão de haveremos conseguido realizar uma obra modelar e definitiva. Currículos são espelhos de uma realidade momentânea, dependendo a sua extensão de fatores intervenientes sociais, políticos, econômicos, que traduzem os rumos da formação ética e científica de um povo. – São por isso mesmo, transformáveis no tempo e no espaço.

[...] Com este desprezioso ensaio de construção de um roteiro didático, sujeito, é claro à apreciação e ajuda valiosa dos experts, esperamos ter contribuído, de algum modo, com o ingente esforço e denodo cívico dos altos órgãos da República, na execução da política nacional da Educação Física e sua implantação dinâmica e rígida na área do ensino universitário.³³⁶

O novo currículo do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFMG traz alguns impactos sobre a dança. O primeiro diz respeito à contratação de uma nova professora³³⁷, já que a carga horária das disciplinas de dança, em 1978, ultrapassaria a carga de 20 horas semanais, extrapolando as obrigações funcionais

³³⁶ OF.Nº 671/77, dezembro de 1977. Enviado pelo diretor Ellos Pires de Carvalho ao diretor Geral do Departamento de Educação Física e Desportos do MEC, Oeny Vasconcellos.

³³⁷ Em 1975, a professora Maria Yedda se aposentou, depois de vinte e três anos como professora de instituição. Iria se afastar um ano antes, mas permaneceu até 1975 para que a professora Vera Soares fizesse um curso de especialização no Rio de Janeiro. Assim que se aposentou, afastou-se completamente da instituição, somente retornando para receber homenagens ou para encontros de professores. Fonte: Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla - Arquivo Audiovisual CEMEF.

da professora Vera Soares. O segundo foi o desdobramento da turma feminina do 1º período naquele ano, com mais de 40 alunas. Também porque, dentre o quadro de professores, não havia uma docente que tivesse a capacidade para assumir tal obrigação, frente à especificidade do conteúdo. Por fim, foi chamada a atenção para o fato de a professora Maria Yedda ter se aposentado e seu cargo não ter sido preenchido até então.³³⁸

Com isto, tornava-se necessária, no ano seguinte, a realização de concurso para preencher a vaga de professora de dança, distribuindo-se com a mesma as aulas das disciplinas a serem ministradas. Neste concurso, a ex-aluna e monitora Marilene Morais, que estava trabalhando com ginástica olímpica no Centro Esportivo Universitário, foi classificada e contratada para dividir as disciplinas de dança no curso. Não encontrei os documentos referentes a este concurso.

Por fim, destaco a mudança curricular, na qual a área da dança passa por mudanças substanciais. Neste novo currículo a disciplina Rítmica, que era ofertada em um módulo aos homens e em quatro ou cinco módulos às mulheres, é substituído por três outras disciplinas: Rítmica Básica (1º semestre), Dança Elementar (2º semestre) e Rítmica Coreográfica (3º semestre, somente para as mulheres). Além desta alteração importante, um ponto merece maior destaque, que é a disposição destas disciplinas nos currículos masculino e feminino. Se antes os homens cursavam apenas um módulo da disciplina Rítmica no primeiro semestre, a partir de 1978 iriam vivenciar práticas de dança nos dois primeiros semestres. A Rítmica Coreográfica foi incluída apenas no currículo feminino.

A Rítmica Básica tinha carga horária de 45 horas para os homens e 60 horas para as mulheres. Já a Dança Elementar possuía a carga horária de 60 horas para ambos os sexos. Considero este fato um avanço na forma como a dança passou a ser vista no curso. De uma prática que vivia na zona de sombras³³⁹, inclusive para as mulheres, passa a figurar como uma disciplina independente, com a devida visibilidade, inclusive – e principalmente – no currículo masculino. Pela primeira vez, para os homens, a dança é ofertada de forma nítida.

³³⁸ Documento enviado pelo professor Pedro ad-Víncula Veado Filho (chefe do Departamento de Educação Física) ao diretor da Escola, Ellos Pires de Carvalho, em 27 de outubro de 1977.

³³⁹ GOELLNER, 2005, p.71.

Tomando como base as discussões e fontes aqui analisadas, acredito que algumas dificuldades permearam esta nova relação dos homens com a dança. Isto, porém, deve ser objeto de outras pesquisas, já que a disciplina passou a ser ofertada em 1978, um ano depois do período a que me propus analisar neste estudo. Fica, aqui, o anúncio de que a dança, em suas várias nuances, seria objeto de novos roteiros na história que aqui se encerra. Alunos e professores; homens e mulheres; todos os personagens que ora deixamos de observar, continuaram escrevendo uma história da dança na Escola de Educação Física da UFMG, experimentando os reflexos de todo este lento e complexo momento que aqui apresentei, por meio do meu olhar.

Esta versão que aqui encerro ainda se abre a várias possibilidades de pesquisa, já que não pretendi esgotar este tema; muito pelo contrário, quis mostrar que a Escola de Educação Física merece um investimento de vários pesquisadores da História da Educação, em temas que saltaram aos meus olhos, no contato com os arquivos e com as vozes das professoras. Adiante, procuro apontar possíveis caminhos a serem abertos ou aprofundados pelos estudiosos da área. Enfim, novas coreografias poderão ser apresentadas neste palco intenso e fascinante.

FECHAM-SE AS CORTINAS, FICAM AS IMPRESSÕES...

Entrelaçar histórias da presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG foi um desafio tão instigante quanto a construção de uma apresentação de dança. A narrativa construída por meio dos vários acontecimentos que marcaram as vidas de vários personagens aqui evidenciados se confunde com um roteiro no qual várias coreografias se juntam, formando um só espetáculo. As histórias se mesclam e se confundem, em meio às particularidades e aos *solos* apresentados. É um enorme palco no qual vários pontos ainda não foram devidamente iluminados, onde vários personagens merecem receber voz, onde várias histórias ainda não foram narradas.

Até aqui, vimos o descortínio de uma versão da história da Escola de Educação Física da UFMG, nos seus primeiros vinte e cinco anos de existência. Conhecer esta história de forma mais detalhada era necessário, frente ao objetivo de mapear com maior nitidez a presença da dança nesta instituição. No recorte estabelecido, procurei perceber em quais espaços a dança se inseriu, tanto em práticas disciplinares como em eventos diversos, dentro e fora do espaço institucional.

Três reformas curriculares deram identidades diferentes à dança na formação de professoras e professores. Períodos de prosperidade e crise imprimiram fôlegos distintos ao elenco aqui apresentado, apesar de a maioria trilhar num sentido comum, buscando notoriedade para a Escola, para a Educação Física em Belo Horizonte, e para suas carreiras pessoais.

Neste cenário, a dança esteve presente, mesmo onde a lei não permitia. Se antes, numa análise superficial e rápida de poucas fontes, poder-se-ia supor que a dança não fazia parte da formação de professoras e, posteriormente, de professores, em certos recortes do período estudado, agora afirmo que sua presença foi marcante e incontestável. Para esta compreensão e certeza, os depoimentos orais foram fundamentais, ajudando a entrelaçar histórias e a desfazer alguns nós da trama.

A finalização deste estudo é apenas uma parte do trabalho de pesquisa que precisa ser empreendido na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia

Ocupacional da UFMG, objetivando a análise de um *corpus* documental rico, disponível e pouco explorado. A pesquisa a que me propus realizar contribuiu com o esclarecimento de alguns fatos, enfatizando as histórias singulares de alguns professores e as práticas de dança presentes nesta instituição.

Durante a pesquisa, percebi que a dança aparecia de forma oblíqua na história da Escola. Baseando-se apenas no currículo da instituição, poderia apontar que a dança esteve presente para as mulheres a partir de 1962, com a disciplina *Danças*, e para os homens a partir de 1977, com a disciplina *Dança Elementar*. Porém, esta pesquisa desestabiliza estes entendimentos. Ficou nítido, por meio das várias fontes mobilizadas, que os nomes atribuídos às disciplinas de um curso não indicaram necessariamente o conteúdo que foi tratado em sala de aula. Nesta pesquisa, pude perceber que professoras e professores, alunas e alunos, transformam, transgridem, reconstroem, vivenciam práticas cotidianas muitas vezes distintas daquelas especificadas nas leis, nas normas curriculares, nas indicações dos programas de ensino.

É interessante destacar que o Decreto-Lei 1.212/39, apesar de ditar o direcionamento das práticas disciplinares dos cursos civis de Educação Física, silenciando a dança em seu interior, foi reformulado constantemente, por meio das práticas de professoras e professores. Em meio às parcialidades que a história imprimiu, pude tirar a dança de uma “zona de sombras” e dar alguma visibilidade à sua presença, numa Escola em que o esporte e a ginástica eram hegemônicos.

A história singular das professoras impactou diretamente a organização do ensino da dança e a apropriação das disciplinas pelas quais foram responsáveis. Suas atuações foram influenciadas não somente pela formação inicial, mas também pela busca de novos conhecimentos e pelo clima no qual estiveram envolvidas naquele período. A dança moderna fez parte de suas formações profissionais, e também era praticado nas cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde Klauss Vianna se formou e desenvolveu suas obras artísticas. A propósito, as filhas de Maria Yedda e Eva Tiomno foram alunas de Klauss Vianna, o que indica que ambas

conheciam e apreciavam o seu trabalho³⁴⁰. Além disto, vale destacar que as duas professoras e Klauss Vianna tiveram contato com a dança moderna, de forma mais efetiva, no Rio de Janeiro. Estes indícios merecem uma pesquisa mais aprofundada que pode revelar novos elementos que esclareceriam a eventual influência que a dança moderna exerceu nas práticas da dança neste período, inclusive na formação da professora Helenita, outra personagem destacada nesta pesquisa e que foi referência em trabalhos com dança moderna durante anos, tanto na ENEFD quanto no meio acadêmico brasileiro.

Ressalto a necessidade de aprofundamento em vários temas apenas levantados nesta pesquisa. Para novos estudos indico a análise dos anais das Jornadas Internacionais de Educação Física; o jornal “Educação Física”, seus vários artigos e a forma com foi apropriado por professores de Educação Física; as pastas com as documentações dos primeiros funcionários da Escola, que podem revelar outras interessantes histórias, como a de Eva Tiomno. Dentre os professores aqui destacados, ressalto a necessidade de uma pesquisa apurada sobre a história do professor Barbosinha, o que poderia trazer grandes contribuições para o entendimento dos temas vinculados à dança e à recreação nesta instituição.

O conjunto de documentos sobre os concursos para provimento das cadeiras de Educação Física em escolas estaduais mineiras, ocorridos na Escola entre o final dos anos 60 e início dos anos 70, merece especial destaque por trazer, em duas caixas repletas provas, planos de ensino e anotações de professores, diversas informações acerca dos conteúdos que eram trabalhados naquele período. As produções construídas pelos candidatos às cadeiras podem nos dar indicações sobre a forma como os conteúdos aprendidos nos cursos de formação em Educação Física eram apropriados e expressos em produções apresentadas às bancas de seleção dos candidatos.

Quanto à história da Escola, deixo abertos vários assuntos que foram aqui apresentados, sem o detalhamento merecido, já que os mesmos não eram foco

³⁴⁰ As professoras relataram, em seus depoimentos, que conheciam o trabalho de dança moderna desenvolvido por Klauss Vianna, o que as levou a matricularem suas filhas em sua escola de dança em Belo Horizonte. Entretanto, as duas professoras não chegaram a dialogar diretamente com o coreógrafo, apesar de terem boas referências do seu trabalho.

principal do estudo. A oposição política às ações da Escola de Educação Física feita por políticos da UDN e por ex-professores da Escola, nas décadas de 50 e 60; os cursos do PREMEM; a complexa relação entre os professores da Escola com diversos órgãos da UFMG, nos casos que se referem ao vestibular separado por sexo e ao enquadramento dos professores ao Quadro Único de Pessoal. Além disto, a realização de novos depoimentos orais com os professores e alunos da Escola pode revelar novas nuances da história da instituição.

Quanto às questões relacionadas às práticas de dança, ainda merece uma investigação apurada a forma como professoras e professores formados na Escola se apropriaram dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas relacionadas à dança. Também se torna interessante investigar os Festivais Universitários de Arte ocorridos em Belo Horizonte, além de outros eventos ocorridos na capital mineira ou outras cidades, onde alunas e professoras de dança da Escola possam ter se apresentado.

Torna-se primordial ouvir a voz dos alunos que tiveram contato com as práticas de dança na Escola, no período recortado. A busca de depoimentos destes personagens que viveram a transição que os obrigou a praticarem dança em seu currículo pode nos levar a visões afirmativas ou distintas, revelando outras questões que as fontes aqui mobilizadas não me permitiram apurar. É importante problematizar o impacto que a prática obrigatória da dança trouxe para a vida profissional destes alunos e a relação deste fato com a representação que vinculava a prática da dança como uma especificidade do sexo feminino. Buscar identificar a aplicação deste conteúdo em suas práticas, como professores de escolas públicas e privadas, após a inserção no trabalho, pode levar a identificar se a dança adquiriu, ou não, importância frente às outras práticas da Educação Física naquele período.

A partir daqui, ficam as indagações sobre possíveis continuidades desta história. Seguindo o caminho traçado por esta pesquisa, ressalto a proposta de investigar a presença da dança nesta instituição a partir de 1978, até os dias atuais. Identificar novas histórias da Escola de Educação Física, em consonância com novas histórias da dança vistas e vividas por personagens diversos.

O contato com fontes diversas, tanto no Centro de Memória da Educação Física (CEMEF) quanto nos arquivos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e

Terapia Ocupacional, também me leva a propor estudos sobre cada conteúdo, cada disciplina, cada personagem, cada evento que fez parte do cotidiano desta instituição. Assim como pude construir uma história da dança nesta instituição, outros pesquisadores podem trazer as suas versões sobre outros elementos constitutivos deste local de formação de professores de Educação Física.

Acredito que esta pesquisa pode ajudar a esclarecer parte do questionamento que apresentei no início deste trabalho, qual seja qual seja a resistência com a prática da dança no meio escolar, principalmente por parte dos homens. Se os alunos desta Escola, durante muitos anos, não praticaram a dança de forma sistemática no curso no qual se formaram professores; se a dança, no meio universitário, era representada como uma prática feminina; se estes homens, já professores, levaram estes conhecimentos e representações para o ensino de Educação Física em sua atuação - essas circunstâncias dificultavam tratar da dança aos alunos com a mesma ênfase, o interesse e a desenvoltura com que desenvolviam atividades ligadas aos esportes, por exemplo. Apesar desta pesquisa trazer esclarecimentos sobre o caso, sua continuidade poderá ampliar o entendimento a respeito, a partir de outros dados, no período que se seguiu ao recorte temporal aqui analisado. Não estou afirmando que todos os professores formados na Escola agiram desta maneira, mas é importante perguntar se a inclusão da dança nas aulas de Educação Física para homens não seria tão difícil quanto a inclusão do futebol e do judô nas aulas para turmas femininas. Outros estudos precisam ser feitos para analisar tal aspecto.

Nesta pesquisa, percebi que, por mais que decretos e normas ditem regras, outras maneiras de organizar uma instituição e/ou uma disciplina podem ser realizadas; que a história da dança, assim como de outros conteúdos, não se reduz ao currículo oficial, prescrito legalmente; que é primordial indagar as fontes, para que as mesmas, à luz da bibliografia, possam produzir informações mais próximas do que teria ocorrido no cotidiano de pessoas e instituições; que as fontes podem estar mais próximas do que imaginamos; que as raízes do que vivemos hoje são mais profundas e amplas do que parecem; que a coreografia da vida é mais complexa e mais fascinante do que imaginamos e percebemos.

As cortinas provisoriamente se fecham, mas a coreografia aqui apresentada não termina, continua nos bastidores, merecendo novos roteiros de pesquisa. Deixo as impressões que marcaram o meu aprendizado de pesquisador, expressas na minha versão de uma história. Procurei entrelaçar um roteiro complexo em vários protagonistas realizaram seus passos e seus solos. Este cenário inconstante, analisado por críticas especializadas, em alguns momentos se iluminou, em outros escureceu, requerendo focos e olhares apurados. Como espectador privilegiado, chamado a apresentar um olhar sobre o assunto, sinto-me satisfeito por contribuir com este estudo, esperando que o mesmo possa levar outros pesquisadores a descortinarem novos temas, enriquecendo ainda mais o entrelaçamento desta história.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Arnaldo Leite de. *A dança moderna em Belo Horizonte (1959-1975)*. In: GOUVÊA, Maria Cristina Soares de & VAGO, Tarcísio Mauro. *Histórias da Educação: histórias de escolarização*. Belo Horizonte: Edições Horta Grande, 2004, p.163-178.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003, 158p.

BRASIL. Decreto-Lei 1.212 de 17 de abril de 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1939.

BRASIL. Decreto nº 63.914, de 26 de dezembro de 1968. Estabelece as normas de funcionamento do Programa Expansão e Melhoria do Ensino Médio. Versão digital. Fonte: www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194725

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.22, n.3, p.87-103, maio, 2001.

CAMPOS, Marcos Antônio Almeida. *A presença da dança no curso de Educação Física da UFMG (1952-1975): primeiras explorações históricas*. Belo Horizonte: UFMG, Monografia, 2004, 78p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de & CATANI, Denice Bárbara (Orgs.) *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998, p. 31-40.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11(5), p.173-191, 1991.

CHAVES, Elisângela. *A escolarização da dança em Minas Gerais (1925-1937)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação, 2002, 152p.

COSTA E SILVA, Marina Guedes. Uma história da Recreação (1952-1970): constituição inicial da disciplina na Escola de Educação Física de Minas Gerais. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: percursos e desafios da pesquisa e do ensino da História da Educação*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p.4639-4650.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de análise. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. (Orgs.) *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARRILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra & MEDRADO, Benedito (Orgs.) *Homens e masculinidades*. São Paulo: Editora 34, 1998, p.31-50.

GERKEN, Maria Aparecida de Souza. *Das aulas aos festivais: a história da escolarização da dança no CEFET/MG*. Belo Horizonte, Faculdade de Educação/UFMG, Dissertação, 1999, 155p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos e desafios: Carruagens de fogo. In: MELO, Victor Andrade de & PERES, Fábio de Faria (Orgs.) *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005, p.65-73.

KANITZ JÚNIOR, Roberto Malcher. *Escola de Educação Física de Minas Gerais (1950-1958): o começo de uma história*. Monografia. Belo Horizonte: UFMG/EEFFTO, 2003, 107p.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. *Teoria & Educação*, n.6, 1992, p.53-67.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, 1995, p.101-132.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 176p.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.15-25.

MATOS, Amanda Tadeu de Almeida. *Escola de Educação Física de Minas Gerais: investigando a formação de professoras para a Educação Física Infantil (1952-1969)*. Belo Horizonte: UFMG/ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2003, 107p. Monografia apresentada à EEFFTO/UFMG como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

MAZO, Janice Zarpellon. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF;UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). *Movimento*, Porto Alegre, v.11, p.143-167, janeiro/abril, 2005.

MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Dissertação, 1996, 221p.

MOREIRA, Antonio Flavio & SILVA, Tomaz Tadeu da .Sociología e teoria crítica do currículo: uma introdução. MOREIRA, Antonio Flavio & SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994, p.7-37.

MUSZKAT, Malvina Ester. Violência de gênero e paternidade. In: ARRILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra & MEDRADO, Benedito (Orgs.) *Homens e masculinidades*. São Paulo: Editora 34, 1998, p.215-233.

NUNES, Cássio Felipe Tajada & NETO, Vicente Molina. O processo de federalização da ESEF/UFRGS sob a perspectiva dos professores: o estudo de um caso. *Movimento*, Porto Alegre, v.11, n.2, p.167-190, maio/agosto, 2005.

PACHECO, Ana Júlia Pinto. *Gênero e dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos: fragmentos de uma história*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação, 1998, 232p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 103p.

REVEL, Jacques (Org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Lucíola Paixão & PARAÍSO, Marlucy Alves. O currículo como campo de luta. *Presença Pedagógica*, v.2, n.7, p.33-39, janeiro/fevereiro, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 5:22, jul/dez. 1990.

SOARES, C. L. Notas sobre a educação no corpo. *Educar*. Curitiba: Editora da UFPR, n.16, p.43-60, 2000.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra. A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Campinas: UNICAMP, Tese, 1994, 265p.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Origem da Escola de Educação Física da UFMG: uma aliança entre Estado e Igreja. In: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes *et al.* (Orgs.) *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996, p.149-159.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. História do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte: um estudo de gênero. In: SOUSA, Eustáquia Salvadora & VAGO, Tarcísio Mauro (Orgs.). *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997, p.25-41.

VAGO, T. M. A escolarização da gymnastica nas escolas normais de Minas Gerais (1883-1918). In: NETO, A. F. (Org.) *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos / UFES, v.2, 1997, p.33-58.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, p.399-422, 2003.

VIANNA, Klauss. A dança. 3.ed. São Paulo: Summus, 2005.

VILLELA, Wilza. "Homem que é homem também pega AIDS?". In: ARRILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra & MEDRADO, Benedito (Orgs.) *Homens e masculinidades*. São Paulo: Editora 34, 1998, p.129-142.

FONTES PESQUISADAS

1 ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (CEMEF) DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UFMG.

1.1 Anais

V Jornada Internacional de Educação Física, 1962.

1.2 Coleção do professor Herbert de Almeida Dutra.

1.3 Livros de Atas

Livro de Atas da Congregação da Escola de Educação Física de Minas Gerais, n.2.

Livro de Atas da Congregação da Escola de Educação Física de Minas Gerais, n.3.

1.4 Jornais

Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

1.5 Acervo de fotografias

1.6 Arquivo audiovisual

2 ARQUIVO DA SEÇÃO DE ENSINO ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UFMG.

2.1 Históricos escolares de alunos da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais e da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais em 1952, 1953 e 1954.

2.2 Pastas arquivadas dos programas de ensino, pontos para prova parciais e provas de segunda época das disciplinas Ginástica Rítmica e Danças, da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física de Minas Gerais, nos anos de 1952, 1953, 1954, 1958, 1965, 1967 e 1969.

2.3 Diários de Classe das disciplinas Danças e Rítmica dos Cursos Superior, Educação Física Infantil e PREMEM, nos anos entre 1967 e 1975 (1º semestre).

3 ARQUIVO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UFMG.

3.1 Ofícios recebidos e enviados pelos órgãos:

Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais.

Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais.

3.2 Pastas de documentos das funcionários da Escola de Educação Física de Minas Gerais: Amita Andrade, Eva Tiomno, Hilda Nelly de Oliveira e Maria Yedda Maurício Ferolla

3.3 Pastas de documentos sobre:

Fusão da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas.

Federalização da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Provas para provimentos de professores de Educação Física da Secretaria de Educação de Minas Gerais.

Enquadramento de professores ao Quadro Único de Pessoal da UFMG.

Construção da sede da Escola de Educação Física da UFMG no Campus da Pampulha.

4 ACERVO PARTICULAR DA PROFESSORA MARIA YEDDA MAURÍCIO FEROLLA.

5 ACERVO PARTICULAR DA PROFESSORA VERA SOARES.

6 INTERNET

6.1 www.grupoaruanda.com.br

6.2 www.grupocorpo.com.br

6.3 www.palaciodasartes.com.br

6.4 www.ufmg.br/ceu.html